

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
NÍVEL MESTRADO**

**ERICK DA SILVA PORTO**

**MILITANTE PIONEIRO? AS RELAÇÕES POLÍTICAS DE UM IMPRESSO  
REGIONAL - CAXIAS DO SUL - RS (1948-1954)**

**São Leopoldo**

**2024**

ERICK DA SILVA PORTO

**MILITANTE PIONEIRO? AS RELAÇÕES POLÍTICAS DE UM IMPRESSO  
REGIONAL - CAXIAS DO SUL - RS (1948-1954)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em História, pelo  
Programa de Pós-Graduação em História da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marluza Marques Harres

São Leopoldo

2024

## FICHA CATALOGRÁFICA

P853m Porto, Erick da Silva.  
Militante pioneiro? : as relações políticas de um impresso regional – Caxias do Sul – RS (1948-1954) / Erick da Silva Porto. – 2024.  
269 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2024.  
“Orientadora: Profa. Dra. Marluza Marques Harres.”

1. Análise de discurso. 2. Caxias do Sul. 3. Imprensa. 4. Integralismo. 5. O Pioneiro. I. Título.

CDU 93/98

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

ERICK DA SILVA PORTO

**MILITANTE PIONEIRO? AS RELAÇÕES POLÍTICAS DE UM IMPRESSO  
REGIONAL - CAXIAS DO SUL - RS (1948-1954)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do título de Mestre em História, pelo  
Programa de Pós-Graduação em História da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marluza Marques Harres

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marluza Marques Harres (Orientadora) - UNISINOS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Ana Paula Korndörfer - UNISINOS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Letícia Sabina Wermeier Krilow - PUCRS

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eliana Gasparini Xerri - UCS

## **Agradecimento à CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, sem o qual, em um país de tão difícil acesso para a população de baixa renda na vida acadêmica, certamente não seria possível.

*À Zionara, à Michele e ao governo que,  
com suas políticas públicas, permitiui-me  
ter um teto, o que comer e como estudar.*

## Agradecimentos

Findo esse processo atribulado de pesquisa em que desemprego, emprego, troca de emprego e nomeação conviveram com pandemia e isolamento e, ainda, no meio do caminho, o aviso de encerramento do Programa de Pós-Graduação no qual ingressei. Chega-se ao momento de agradecer aos que apoiaram essa trajetória acadêmica, profissional e, principalmente, de vida.

A pandemia de Covid-19 trouxe impeditivos para o maior contato com os professores da UNISINOS e, ao agradecer a Profa. Marluza, Maria Cristina, Jairo, Ana Paula e Hernán — com os quais tive contato direto —, agradeço ao PPGH como um todo. Agradeço pelo apoio e por ter sido parte dos últimos momentos da Pós-Graduação em História dessa Universidade. À profe Marluza, para muito além da docência, agradeço muito pelos questionamentos, trocas de ideias e orientações para com a pesquisa e, principalmente, para comigo, enquanto pessoa.

Pesquisas são feitas por indivíduos que passam por momentos bons e ruins, problemas financeiros e dificuldades de ordem pessoal. Com isso, o apoio e a preocupação são extremamente importantes, e isso não me faltou em meio às orientações. Obrigado, Marluza, pela compreensão, mesmo em meio ao turbilhão pessoal e profissional que foram esses anos.

Impensável agradecer à nova casa sem agradecer àquela que me formou e tanto apoiou nessa nova empreitada. Obrigado, professores Eliana Xerri, Anthony, Ramon, Eliane Cardoso, Katani, Cristine, Roberto e Eliana Rela; descobri o amor e o respeito à profissão com vocês e todos os passos dados até aqui, e os que ainda seguirão, terão sempre uma parte importante de cada um. Ainda em relação à UCS, não tenho como não agradecer pela experiência, aprendizado e companheirismo que tive enquanto estagiário e funcionário do IMHC. Muito do que utilizei no trabalho com os acervos, preocupações para com a pesquisa e motivações para seguir esse caminho vieram de Anthony, Angela, Daiana, Cris, Jana e Eduardo: obrigado pela amizade e apoio de todos.

A solidão que costuma acompanhar a pesquisa, em especial na área em que escolhi atuar, felizmente foi quebrada algumas vezes em encontros acadêmicos e, principalmente, nas reuniões com o pessoal do GT-História e Mídias da ANPUH-RS. Leticia, Luis Carlos, Thiago, Thaíze, Mônica e Pâmela acompanharam os erros e acertos das minhas tentativas, e muito do que foi produzido e apresentado contou com a contribuição dos nossos encontros e diálogos.

Se a vida acadêmica trouxe colegas que viraram amigos, muitos amigos acompanharam de perto esse longo — e às vezes desesperador — processo. Devo a eles muito do que sou: Vagner, Mateus, Jean, Ramona, Pâmela, Nicole, Deivid, Alessandra, João,

Raquel, Micaela e Gustavo, obrigado por estarem por perto e serem esse apoio no meio da tempestade.

Michele, representa um porto seguro de calma, com o qual contei em todas as situações que precisei, e sem o qual dificilmente terminaria o que me propus a fazer. Sou muito feliz e grato por tudo que estamos construindo juntos, os passos que damos e pelo apoio que a gente dá um ao outro. Sabemos o quanto foi difícil conquistar o que temos, cada oportunidade que estamos aproveitando e sabemos também que muito disso vem da nossa cumplicidade. Obrigado por tudo e por sempre.

Mãe, essa pesquisa só existe porque você sempre me apoiou, porque sempre se esforçou em compreender o que era importante para mim e pela base que sempre se esforçou em ser. As coisas não foram fáceis para nós, mas, do nosso jeito, conseguimos resolver. Obrigado por fazer de mim a pessoa que eu sou; tenho um orgulho imenso da mulher que tu és.

Obrigado a todos por tudo e aos muitos que, mesmo não citados diretamente, foram pessoas importantes nessa caminhada. Seguimos, sem medo de ser feliz.

*“não admira se, um dia, o historiador do futuro,  
vier buscar em suas páginas a verdadeira  
fisionomia e o verdadeiro caráter do povo que fez  
a grandeza desta região de Caxias do Sul.”*

(Segunda Jornada, *O Pioneiro do Sul*, 04/11/1950, p. 1.)

## **Resumo**

A pesquisa aqui apresentada analisa o jornal *O Pioneiro*, que iniciou sua circulação em Caxias do Sul – RS no ano de 1948, e segue até a atualidade em funcionamento. Partimos da análise discursiva para pensar o periódico e suas relações políticas, tendo como foco a participação de agentes integralistas e do pensamento desse movimento, entre os anos de 1948 e 1954. O integralismo foi uma organização política de dimensões nacionais, mas com forte enraizamento em alguns estados do país, sendo necessário dar atenção aos níveis regionais para compreender a complexidade do maior movimento fascista organizado fora da Europa. Ademais, é importante compreender como o integralismo tentou se adaptar à nova conjuntura nacional a partir de 1945, tentando mudar parte de seus discursos e formas de ação. Entender como essa organização, com forte vinculação a movimentos que haviam sido derrotados na Segunda Guerra Mundial, permaneceu atuante, possibilitará trazer novas leituras acerca das mudanças e continuidades do meio político brasileiro de fins da década de 1940 e início da década de 1950. A proposta de analisar um veículo de comunicação e suas interações com a política permite refletir sobre como, em diferentes momentos, movimentos da extrema direita nacional se utilizaram da imprensa para se manter em atividade, divulgando suas ideias e princípios em um contexto político considerado democrático. Não fossem as transformações pelas quais passava o Brasil nas décadas de 1940 e 1950 e a sua incipiente democracia, possivelmente, jornais como *O Pioneiro* sofreriam com a censura imposta por Vargas em anos anteriores. Dessa forma, a partir do discurso empregado por um jornal, pretendemos aprofundar a leitura sobre a história política de Caxias do Sul e região.

**Palavras-chave:** O Pioneiro, Imprensa, Integralismo, Caxias do Sul, Análise de Discurso.

## **Abstract**

The research presented here analyzes the newspaper "O Pioneiro," which began its circulation in Caxias do Sul – RS in 1948 and continues to operate to the present day. We employ discursive analysis to examine the periodical and its political relationships, focusing on the involvement of Integralist agents and the ideology of this movement between the years 1948 and 1954. Integralism was a political organization with national dimensions but deeply rooted in some states of the country. It is essential to pay attention to regional levels to comprehend the complexity of the largest fascist movement organized outside of Europe. Additionally, it is crucial to understand how Integralism attempted to adapt to the new national context from 1945 onwards, seeking to modify some of its discourses and modes of action. Understanding how this organization, closely linked to movements that had been defeated in World War II, remained active will provide new insights into the changes and continuities in the Brazilian political scene from the late 1940s to the early 1950s. The proposal to analyze a media outlet and its interactions with politics allows for reflection on how, at different times, national far-right movements used the press to stay active, disseminating their ideas and principles in a considered democratic political context. Were it not for the transformations Brazil underwent in the 1940s and 1950s and its nascent democracy, newspapers like "O Pioneiro" would likely have faced censorship imposed by Vargas in previous years. Thus, through the discourse employed by a newspaper, we aim to deepen the understanding of the political history of Caxias do Sul and the surrounding region.

**Key-words:** O Pioneiro, Press, Integralism, Caxias do Sul, Discourse Analysis.

## Lista de Ilustrações

### Figuras

Figura nº 1 - Texto editorial.....	20
Figura nº 2 - Localização dos editoriais de O Pioneiro.....	21
Figuras nº 3, 4, 5 e 6 - Sociabilidade integralista.....	31
Figura nº 7 - Campanha de vacinação integralista.....	34
Figuras nº 8 e nº 9 - Jornal O Bandeirante.....	36
Figura nº 10 - Trecho de pronunciamento de Getúlio Vargas em O Bandeirante.....	40
Figura nº 11 - Luiz Compagnoni, o fundador do jornal.....	49
Figura nº 12 - Mapa do RS com a localização de Caxias do Sul e área aproximada de circulação de O Pioneiro.....	63
Figura nº 13 - Capa da primeira edição de O Pioneiro.....	67
Figura nº 14 - Detalhe das mudanças: troca de nome e circulação para Diário do Pioneiro....	70
Figura nº 15 - Detalhe do aumento de anúncios que acontece a partir da mudança para Diário do Pioneiro.....	71
Figura nº 16 - Comentário Internacional sobre o oriente.....	73
Figura nº 17 - Comentário internacional sobre Joseph Stalin.....	76
Figura nº 18 - Fotografia do casamento de Isidoro Domingos Moretto, responsável pelo Pioneiro.....	81
Figura nº 19 - Convite para a instalação da sede da AIB em Caxias do Sul.....	82
Figura nº 20 - Sede da Gráfica Nordeste LTDA e do jornal Pioneiro.....	84
Figuras nº 21 e 22 - Cotistas do Pioneiro.....	84
Figura nº 23 - “A verdade venceu”, a manutenção do registro do PRP.....	103
Figura nº 24 - Coluna “Mosaicos Políticos”.....	162
Figura nº 25 - A página do Diretório Municipal do PRP.....	165
Figura nº 26 - Publicação “A pedido” em período eleitoral.....	166
Figura nº 27 - Edição Especial Wolfram Metzler.....	187
Figura nº 28- Capa do Pioneiro em que Isidoro Moretto aparece como diretor do jornal, candidato pelo PRP e com a divulgação de seu nome de forma individual à vereança.....	203
Figura nº 29 - Material de campanha de Mário Gardelin pelo PRP utilizando de sua atuação jornalística como legitimação do candidato.....	205
Figura nº 30 - Publicação de capa no dia anterior à eleição de 1954 indicando os candidatos do Partido de Representação Popular.....	205
Figura nº 31 - Proclamação do PRP no Pioneiro dias antes da eleição de 1950 com 11 referências a Plínio Salgado.....	208
Figura nº 32 - Texto de capa assinado por Plínio Salgado.....	210
Figura nº 33 - Espaço dedicado ao texto “O Ver. Stedile ataca a religião católica”, de Mário Gardelin.....	229

## **Fotografias**

Fotografia nº 1 - Time de futebol dos integralistas.....	35
Fotografia nº 2 - Grupo de integralistas nas escadarias da Catedral Diocesana.....	43

## **Quadros**

Quadro 1 - Jornais fundados em Caxias do Sul e região a partir da década de 1940.....	61
---	----

## **Lista de Abreviaturas**

**ACD** - Análise Crítica de Discurso

**AHMJSA** - Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami

**AIB** - Ação Integralista Brasileira

**INIC** - Instituto Nacional de Imigração e Colonização

**IPASE** - Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado

**JK** - Juscelino Kubitschek

**ONHB** - Olimpíada Nacional de História do Brasil

**PCB** - Partido Comunista Brasileiro

**PRP** - Partido de Representação Popular

**PSD** - Partido Social Democrático

**PSP** - Partido Social Progressista

**PTB** - Partido Trabalhista Brasileiro

**RBS** - Rede Brasil Sul de Comunicação

**SJR** - *Sigma Jornaes Reunidos*

**UDN** - União Democrática Nacional

<b>1. Introdução.....</b>	<b>16</b>
<b>2. O Pioneiro.....</b>	<b>26</b>
2.1 - Integralismos.....	27
2.2 - “Homenagem de ‘O Pioneiro’ ao seu fundador: Dr. Luiz Compagnoni” .....	48
2.3 - Fundação e circulação.....	61
2.4 - Função.....	89
<b>3. Os editoriais.....</b>	<b>100</b>
3.1 - Anticomunismo religioso.....	107
3.2 - A Política.....	127
3.2.1 - Mobilizar o eleitorado.....	127
3.2.2 - O Estado.....	136
3.2.3 - O PRP e seus candidatos naturais.....	152
<b>4. O PRP e O Pioneiro.....</b>	<b>161</b>
4.1 - A eleição de 1950: Diretório Municipal do PRP e O Pioneiro.....	163
4.2 - A eleição de Wolfram Metzler.....	186
4.3 - Entre integralistas e perrepistas.....	201
4.3.1 - Plínio Salgado, o Chefe Integralista.....	208
4.3.2 - Mário Gardelin.....	219
<b>5. Considerações finais.....</b>	<b>233</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>239</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>247</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>254</b>
1 - Tabelas do Corpus documental.....	254
2 - Gráficos sobre a presença dos autores no Pioneiro.....	264
3 - Diretores e vice-diretores do Pioneiro.....	268

## 1. Introdução

A atenção dada às relações entre imprensa e política não é recente. Diversos autores se dedicaram a refletir sobre a participação dos jornais nos debates políticos, como Nelson Werneck Sodré (1999), Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2013), Leticia Krilow (2018; 2022) e Vandré Aparecido Teotônio da Silva (2018). Mesmo os autores que pensam o meio jornalístico como um campo separado e à parte da política, ao menos no Brasil, reforçam que é inviável pensar o jornalismo, no país, sem levar em conta suas relações — explícitas ou não — com o meio político (Barbosa, 2007, p. 151).

A ideia de realização dessa pesquisa surgiu a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) defendido no início do ano de 2021. Neste, trabalhamos com os escritos de Luiz Alexandre Compagnoni e materiais de jornais integralistas da década de 1930, período em que Compagnoni chegou a ser diretor do impresso *O Bandeirante*<sup>1</sup>. A preocupação, naquele momento, foi contrastar as mudanças e permanências discursivas, cotejando com artigos escritos entre os anos de 1948 e 1950, já em *O Pioneiro*<sup>2</sup>. Em função da limitação de tempo e do propósito da pesquisa no TCC, muitas questões ficaram em aberto, instigando a continuidade dos estudos. A presente proposta de pesquisa deu continuidade ao estudo do tema, aprofundando o exame e a análise do jornal *O Pioneiro*.

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi a maior organização fascista da América Latina, o primeiro movimento de massas brasileiro e tomou forma a partir da pretensão de criar um movimento nacional inspirado nas especificidades da cultura brasileira e que combatesse o comunismo que se espalhava por todo o mundo a partir da União Soviética desde a Revolução de 1917. Entender a dimensão que a AIB teve, a proposta de criar uma sociedade tipicamente fascista e como o autoritarismo dos anos 1920 e 1930 tomou forma no Brasil, principalmente após os impactos da crise de 1929, são necessidades para a compreensão da História brasileira posterior. Plínio Salgado, o Chefe Integralista, seguido de perto por Miguel Reale e por Gustavo Barroso, desenvolveu uma ideologia que deu corpo aos movimentos da extrema direita nacional que estavam até então dispersos. Em contato com os modernistas das primeiras décadas do século XX, instituiu uma forma de ação política que primava pelas características interioranas do povo brasileiro e negavam — pelo menos

---

<sup>1</sup> Jornal pertencente ao conglomerado *Sigma Jornaes Reunidos*, espécie de rede de imprensa integralista (Oliveira, 2009), que circulou em Caxias do Sul entre os anos de 1935 e 1937.

<sup>2</sup> PORTO, Erick da Silva. "**Quer acender uma vela a Deus e outra ao diabo**": as (não) mudanças discursivas do integralista Luiz A. Compagnoni - Jornal Pioneiro 1948-1950. 2021. 61 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em História, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021.

discursivamente — qualquer influência estrangeira que chegasse ao litoral e tendesse invadir o sertão.

A letra *Sigma* ( $\Sigma$ ), símbolo do movimento, criava a ideia de soma de uma sociedade que negava todo e qualquer conflito: não existiam classes, diferenças entre as pessoas e nem partidos políticos; todos deveriam viver em uma harmonia que levasse ao desenvolvimento total da sociedade brasileira guiada idealmente pelo integralismo. Com rituais que envolviam todos os aspectos da vida dos militantes – fardas, crenças e modos de comportamento –, os integralistas criavam uma sociedade à parte da comum. A sociabilidade proporcionada aos que pertenciam às fileiras do movimento permitia aos integralistas uma vivência do que seria o governo tocado pela AIB antes mesmo de ela ser imposta ao restante da população. Posteriormente assumindo a forma de partido político, não alcançou o poder e fez coro ao golpe que levou ao Estado Novo de Getúlio Vargas. Os ares que anunciavam o fim da Segunda Guerra Mundial trouxeram mudanças à política brasileira e a AIB — fechada por Vargas em 1938 — também teve que se adaptar às transformações para voltar ao palco político nacional.

Tanto enquanto atuava a partir da AIB quanto posteriormente, o integralismo teve um rápido espalhamento e um profundo enraizamento político no Rio Grande do Sul, especialmente nas regiões de colonização italiana e alemã, seja por ser uma forma de inserção no processo político brasileiro sem carregarem a pecha de não serem nacionais, seja por permitirem uma aproximação dos fascismos europeus em terras brasileiras (Brandalise, 1997, p. 18-20), o que reforça a necessidade do aprofundamento das pesquisas em relação a Caxias do Sul. Estas relações com a região, bem como as transformações do movimento que culminaram na fundação do Partido de Representação Popular (PRP), serão melhor desenvolvidas no andamento da pesquisa e estarão no âmago das discussões que propomos a partir do jornal *O Pioneiro*.

Neste trabalho, a imprensa não é vista como um simples instrumento para o capital financeiro defender suas pautas, assim como também não é mera extensão da arena política. Leticia Krilow (2018, p. 47) propõe que o jornalismo da década de 1950 “se caracteriza por, apesar de tomar posições sobre questões políticas, não se inserir no debate público como órgão de partido, mas a partir de seu compromisso institucional com bandeiras e/ou doutrinas”. O período era de uma tentativa, por inspiração da imprensa estadunidense, de se definir como espaço neutro de divulgação de notícias. Como apresentado por Marialva Barbosa (2007, p. 150), “A mítica da objetividade — imposta pelos padrões redacionais e editoriais — é fundamental para dar ao campo lugar autônomo e reconhecido, construindo o

jornalismo como a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor”. Neste sentido, propomos refletir sobre como essa ideia de neutralidade se relaciona com outras forças que não se propunham a ser neutras, como a relação, que será analisada durante a pesquisa, do jornal com o PRP. Mesmo que a neutralidade seja pauta do dia nos editoriais do impresso, não podemos ignorar o fato de que parte de seus autores e fundadores tinham ligações políticas bem definidas e de longa data, nem que o impresso, mesmo que por curto tempo, teve uma página dedicada ao Diretório Municipal do Partido de Representação Popular, o que será abordado nos capítulos dessa dissertação.

Além da já citada ligação dos impressos com a questão política de forma geral no Brasil, o fato de a AIB ter organizado, ainda em seu período de maior expansão na década de 1930, uma rede de imprensa hierarquizada e que visava divulgar as ideias para não membros do partido, enquanto também servia de doutrinação dos já partícipes (Oliveira, 2009; Christofolletti, 2010; 2021), nos leva a questionar se esse *background* seria abandonado nesse novo contexto do integralismo que iremos analisar. Parte importante dos militantes e filiados no PRP haviam sido membros da AIB; alguns inclusive participaram da produção desta imprensa integralista, reforçando a necessidade de pensar e analisar essa produção jornalística e suas possíveis ligações com o partido.

As décadas de 1940 e 1950 tiveram jornais, revistas, programas de rádio e outros materiais que se diziam abertamente integralistas - a maior parte dos estudos sobre o perrepsismo se utiliza destes materiais em suas pesquisas; nossa proposta, no entanto, leva em conta uma possível contribuição na divulgação do ideário integralista em um impresso regional que não se apresentava como representante do partido. Pensamos que analisar como essa “neutralidade integralista” se portava no contexto democrático pode colocar importantes questões para o estudo dos movimentos de direita nacional.

O recorte temporal que definimos para a pesquisa abarca o intervalo entre 1948 e 1954. Apesar de pequeno, leva em conta diferentes momentos de uma conjuntura e propiciam perceber sensíveis mudanças por parte do próprio jornal a partir dos acontecimentos a nível regional, estadual e nacional. Ao ser fundado, em 1948, o jornal passou a lidar com variadas coberturas. Em 1950, por exemplo, encontramos a primeira eleição nacional ocupando as páginas do impresso. Nesse mesmo pleito, Plínio Salgado é candidato ao Senado pelo Rio Grande do Sul e encontra acolhida nas páginas que analisamos, além de ser o ano de retorno de Getúlio Vargas ao Governo Federal, o que facilita — senão exige — posicionamentos que serão importantes para nosso trabalho, tais como: a abordagem acerca da atuação do Estado, a compreensão sobre a democracia e a forma de pensar a política em si. Já em 1952, acontece o

pleito para os cargos de nível municipal; os posicionamentos em defesa de vereadores e candidatos à prefeitura mobilizam interesses mais restritos ao espaço de circulação do impresso e permite entrever relações partidárias que influenciam na circulação do jornal que analisamos.

O ano de 1954, ainda, traz um PRP que lança, pela primeira vez, um candidato ao Governo Estadual, Wolfram Metzler, tentando se distanciar do binômio Partido Social Democrático (PSD)/Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) reinante no estado. Metzler foi lançado ao cargo de Governador e, a partir dele, conseguimos melhor acompanhar os posicionamentos do jornal em questão. Cabe ressaltar que, embora nosso recorte temporal se limite ao ano de 1954, acontecimentos que estão para além dessa marca são importantes de serem localizados e serão citados no andamento da pesquisa, principalmente em função das balizas temporais não serem utilizadas como margens físicas intransponíveis, o que dificultaria a compreensão do processo histórico que se constituía nesse contexto.

Dado o contexto apresentado, as seguintes questões se colocam para nortear a pesquisa:

- Partindo das pesquisas já feitas sobre a utilização da imprensa integralista, para a divulgação e doutrinação de seus seguidores, é possível que o jornal analisado seja classificado como parte da imprensa integralista nessa nova fase do movimento, agora organizado pelo Partido de Representação Popular?
- Levando em conta que Luiz Alexandre Compagnoni era ligado à AIB desde o período de sua fundação até a sua proibição no Estado Novo, é possível encontrar relações entre o impresso e o integralismo para além das influências ideológicas? Se as fontes permitirem, é possível encontrar informações sobre financiamentos, empréstimos e outras relações entre o periódico e o PRP?
- Existe uma separação entre o que defende o partido nos pleitos eleitorais analisados e o discurso oficial do impresso, ou as fronteiras são mais porosas do que a neutralidade proposta deixa entrever?

Neste ínterim, entendemos como justificada a definição temporal proposta. Acreditamos que as mudanças políticas do contexto da década de 1950, e que serão abordadas por um impresso que tentava se legitimar como agente na região em que circulava, exija que este se posicione e se coloque como agente da sociedade. O trajeto por nós percorrido na pesquisa não será apresentado de forma cronológica; mesmo que os marcos eleitorais ajudem a organizar algumas questões, os capítulos darão conta de recortes amplos, pois diferentes

situações e abordagens se repetem em alguns contextos que, se seguíssemos a cronologia, não seriam percebidos como parte de um projeto maior das publicações.

Para responder às questões que se colocam à pesquisa, temos como foco alguns espaços bem definidos do jornal<sup>3</sup>: ao pensar o posicionamento do impresso como instituição, é importante dar atenção aos textos editoriais. Neles, encontramos pistas de como os envolvidos na produção do *Pioneiro* tentavam se colocar frente à sociedade e de que forma influíam nas discussões que estavam dispostos a fazer em suas páginas. Em períodos eleitorais, também conseguimos perceber algumas tomadas de posição em relação a candidatos e partidos, o que permite aprofundar as reflexões sobre esse encontro da imprensa regional e política.

De mais a mais, é preciso localizar o espaço onde encontramos esses textos, visto que poucos deles são identificados com um título de “editorial”, como na imagem abaixo

**Figura nº 1 - Texto editorial**



**Fonte:** AHMJSA, *O Pioneiro* 11/11/1950, BNDigital, acessado em 15/11/2023.

Os textos que utilizamos para pensar o discurso editorial do *Pioneiro* ficam no canto superior esquerdo da página 3 das edições. Citam diretamente que o material ali impresso é a opinião expressa do jornal e, constantemente, mobilizam a primeira pessoa do plural em seu conteúdo. Nessa última situação, entendemos o uso como uma forma de referência ao “nós, o jornal”, logo, a voz expressa pelo impresso a partir das linhas que analisamos.

---

<sup>3</sup> Em Anexo 1 apresentamos uma tabela com os dados que compõem o nosso *corpus* documental. Apontamos a quantidade de edições que foram analisadas, quantas delas apresentavam texto editorial e, no andamento da dissertação, especificamos melhor a opção que nos levou às opções metodológicas apresentadas.

## Figura nº 2 - Localização dos editoriais de O Pioneiro

«O PIONEIRO DO SUL» CAXIAS DO SUL — Sábado — 3 de Março de 1951 Página 3

### Política de Grupo Economico

Anteriormente abordamos, nestas colunas, a necessidade de uma política regional, para melhor defendermos nossos interesses. Os dez municípios que compõem o antigo grupo de colonização peninsular, sentem-se unidos pela parreira, pela cultura do trigo e pela crescente industrialização que lhes eleva o teor de riqueza. Somos um todo econômico dentro do Rio Grande.

Evidentemente, ninguém de mediana compreensão pode julgar que essa política seja a de um grupo racial, a fim de construir um quisto no R. G. do Sul. Seria pernil tal suposição, quando a fusão de raças tem, aqui, um dos lugares mais propícios; e porque, a formação duma tal atitude, importaria em gravíssimos erros, atentatórios aos destinos da terra brasileira.

Nós, os da região da vinha, necessitamos duma política única e sólida, pois, somente nós sabemos de que medidas necessitamos.

Contamos com uma centena de milhar de votos e vemos, infelizmente, que possuímos apenas um ou outro representante, quando tão poderosamente poderíamos influir no resultado das urnas. E' que, infelizmente, nem todos entenderam ainda que os partidos são destinados ao bem do povo e não o povo ao bem do partido. Nossa região tem-se mostrado tremendamente escassa de compreensão, neste particular.

Devemos convencer-nos que no Rio Grande do Sul há dois blocos econômicos: um, de pequena propriedade e agrícola-industrial e outro, pecuarista e latifundiário. E como a política sofre a pressão da economia, é claro que, não tendo nós nossos representantes, não poderemos obter o que desejamos e o que necessitamos. Unicamente nós sabemos como defender-nos. Para exemplificar, baste examinar a política do Instituto do Vinho, que jamais se fez de acordo com a vontade do povo dessa região.

Com as eleições municipais, que se avizinham, temos uma ocasião propícia para nos unirmos, escolhendo candidatos únicos, a fim de pacificar e congregar os partidos num único desejo: a defesa de nossa zona econômica.

E' imprescindível adotar essa política de paz. E' o momento psicológico. Devemos combater a estúpida mentalidade, que por motivos corriqueiros divide e inimiza os animos. Ou nós nos unimos, e assim mutuamente nos ajudamos ao progredir ou, então, continuamos desconhecidos, como o fomos até agora, do poder publico.

### La paura si chiama Norimberga

DR. WALTER BORDINI

Il mondo ha paura; questa paura è di natura politica e si chiama Norimberga.

Ogni città porta un nome: Età della Pietra... Pericleo Ateneo... Moisés Egipto... che le persone poco colte chiamano Genesimismo... Rinascimento... Secolo del Lumini... Il nostro secolo non sarà chiamato della radio o della bomba atomica, ma Secolo della Paura, che fino a qualche anno fa non aveva forma. C'era, si sa, qualcosa nell'aria; si parlava di cenfio, di deportazione, di Ghettos cheppu Ova, ma era una cosa vaga, appena intrucchiata.

Il politico c'erano solo i Tribunali Supremi in Difesa dello Stato, ma questi d'interessavano di cast grossi, poco si guardavano l'individuo della strada. Poi alcuni uomini alla Paura hanno dato un volto ad un nome: Norimberga!

I padrali hanno paura degli operai e gli operai dei padrali; i cittadini temono la polizia e questa sorveglianza continuamente le loro mense; gli amici non si appressano più con gli amici; si canta solo nei teatri, per danaro. Quando i popoli perdono il canto, perdono la gioia di vivere ed inesorabilmente la libertà. La lotta sindacale dal piano economico si sposta su quello politico e riveste carattere ideologico. Il Paese, persino il Nostro Franc Quotidiano, non è più il profumo della menzogna e la gioia dei feccolati; gli uni lo chiamano pane americano, gli altri pane russo. Alla base di tutti questi tragici equivoci sta un solo stato d'animo: la Paura di Perdere.

Perché lo sconfitta non potrà più appellarsi al diritto delle genti; perché nell'assunto del vincitore non albergheranno più sentimenti di giustizia di serenità di generosità; perché il vinto sarà alla merce del vincitore, come presso i barbari!

Pochi uomini hanno creato un precedente terribile, a cui, per nessunaventura dell'umanità, hanno voluto anche dare una parvenza legale. Si credeva di giustizia e Norimberga alcuni generali tedeschi, invece, si è replicata la morale che fino ad allora aveva retto il mondo civile, che era civile perché rispettava questa morale e perché aveva posto un limite all'arbitraria preda.

Un superstito di Norimberga sta viaggiando verso il Brasile e, se le notizie della stampa sono attendibili, verrà per intrattenere degli strad problemi che per poco non gli costarono una corda attorno al collo. Era un ottimo tecnico e fu accusato di politica estrema. Quest'uomo, che dopo aver fatto i conti in tasca

della Germania all'uscita dal carcere si è visto costretto a mendicare un pezzo di discepolo per le sue lampine, avrà ancora il coraggio di essere un ottimo tecnico?

A pochi anni di distanza dal fatto che turbò le coscienze integre e superiori allo spirito di parte, Norimberga pare dimenticata. L'America lavora per l'Unione dell'Europa Occidentale; la Russia organizza l'Europa Orientale. Ognuna, nel proprio settore d'influenza, ricama linguista promette.

Delle due vincerà quella che saprà meglio convincere i suoi satelliti sulla verità della causa. Non basta; dovrà indovinare anche che, in caso di sconfitta, ci sarà una nuova Norimberga, che questa volta, con molta probabilità, si chiamerebbe San Francisco o Stalingrado. Perché Norimberga non rappresenta un assalto al governatorato ed un invito alla pace, ma semplicemente stimolo alla vittoria e Paura di Perdere. Un'assicurazione del genere sarebbe un'arma a doppio taglio, perché nessuno sa parlare ad è nell'assunto di tutti. Questo è il fatto, che potrebbe anche essere la salvezza.

Dante non avrebbe istituito Norimberga; Dante avrebbe preso tutti i responsabili diretti ed indiretti, senza distinzioni fra vinti e vincitori, e ad ognuno avrebbe affidato la custodia del cimitero di guerra del proprio stato, affinché giornalmente assistesse alla muta sfilata di milioni di morti in lacrime, di volute accendute e di corati atteriti. Croci, Dolere, Paura, Rimorso.

«E'ra domilla anni fa, un classe scrisse»

«Dopo la Pelliccia gli uomini conoscono la Paura e si nascondono nelle asperità dei monti e nelle aspritàzioni del mare. Il Gran sacerdote abbandonerà il Tempio, il Sacerdote apprezzerà le pietre incise e la Sottintelligenza disserterà della Grande Maraglia. La terra andrà gradatamente raffreddandosi. Alcuni professori entreranno fortivamente nei valichi e dal seno della Madre ruberanno la fecondità e la cenere dei morti e dallo viscere apporteranno il fuoco e lo scudo. I giusti e gli onesti, che pur saranno legioni, non potranno e non verranno impedire il saccheggio. Una nube pestifera coprirà il mondo. Molti periranno, anche fra i giusti e gli onesti, vittime della loro impotenza o della loro apatia. Alla Paura seguirà il Rimorso e questa sarà la vittoria che il Figlio dell'Uomo conseguirà sul Nemico.»

26 febbraio 1901

### Luz Ausente

Escreve: Plínio SALGADO

Basta olhar para a sociedade actual, reacionista, fútil e preocupada exclusivamente com as coisas materiais. Essa sociedade standardizada, fútil, nos dá os exploradores e extraiçadores internacionais; dá-nos todos um sentido deprimente de civilização desmoralizadora, em que cada dia é dia, a dignidade da criatura humana.

Escreva de todos os instintos; fútilidade de todos os princípios e exigências da moda, — a sociedade contemporânea vive a vida exclusiva dos impulsos, que são tão impetuosa ao ponto de desconhecem todos os seus deveres, que são as eternas leis do Espírito.

Tal o que suceda nos fins do Império Romano, as preocupações do corpo dominam, hoje, completamente, as preocupações da Alma. E, como era lógico, em vez de lutar com o corpo, ele deprime-se deforma-se, perde a curitiba sagrada que procede das geometrias maravilhosas do Espírito.

O corpo perde o prestígio; torna-se a coisa vulgar, miserável, sem dignidade e sem beleza, artificial nas suas expressões, incapaz de despertar o encanto das épocas de poder e de resolu. Livre do império da consciência, carente de todos os tráfegos, retrocesso e todos os vícios, sob a capa de todos as liberdades.

E, quando se julgou livre, estava escravo. Essa escravidão despertou em coro as vaidades sem freio. As vaidades agudaram os egoísmos. Os egoísmos destruíram todas as estruturas dos deveres morais. E, destruídas as estruturas desses deveres, tivemos uma Humanidade, rebelde, carente aspectos, na sociedade moderna, atingem os níveis inferiores das mais torpes animalidades.

—000—

Uma luta sem tréguas desencadeou-se sobre a Terra. Luta da criança contra pais e avóztes. Luta da mulher á procura de uma ridícula emancipação que a torna mais escrava, mais miserável, mais desabonda do centro de interesses da Espécie e da própria Sociedade. Luta de empregados e patrões. Luta na concorrência comercial desenfreada. Luta dos partidos políticos. Luta de interesses burocráticos, em todos os sectores da actividade social. Luta dos orgulhos e susceptibilidades. Luta dos ódios implacáveis. Luta das desconfinanças reciprocas. Luta das insubordinações e das rebeldias. Luta das insatisfações da matéria.

Essa tremenda batalha, que se surpreende no recesso dos lares, no recesso das estabelecimentos comerciais, no interior dos quartéis, das repartições publicas, das escolas, e que se generaliza desde o armazém da esquina até ao grande "trust", e desde o drama passionai dos arrabaldes, com embuídos e homicídios, até á trépida dos conflitos monstrosos das maronias e leonarias — essa tremenda batalha está se

Fonte: AHMJSA, *O Pioneiro Do Sul* 24/02/1951, BNDigital, acessado em 24/02/2023.

No canto superior esquerdo, sob o título "Política de Grupo Economico", encontramos o editorial de *O Pioneiro do Sul* do dia 24 de fevereiro de 1951, por exemplo.

Além dos textos editoriais, os períodos comemorativos da circulação costumavam trazer materiais interessantes para a compreensão da construção de autoimagem produzida pelo periódico. Algumas colunas comemorativas dos 10 anos de circulação do *Pioneiro* e materiais que foram publicados especialmente em novembro também são parte do *corpus* documental que analisamos. Já que a relação do jornal com o PRP é central na dissertação, dois momentos trouxeram um material importante à análise: durante a eleição de 1950, um caderno do Diretório Municipal do PRP faz parte das edições do *Pioneiro* e, em 1954, com o lançamento de Wolfram Metzler ao governo do estado pelo PRP, uma edição extra do jornal circulou apenas com o programa de governo do político. Além disso, textos de Plínio Salgado

e Mário Gardelin, dois autores presentes no jornal e que eram diretamente relacionados com o integralismo, também serão analisados para responder ao que nos propomos na pesquisa.

A dissertação está apresentada em 4 capítulos, além da presente introdução: o segundo capítulo — *Pioneiro* — apresentará questões basilares para a compreensão do integralismo em suas diferentes formações e conjunturas históricas. Abordaremos, também, questões voltadas à compreensão do periódico que analisamos, aspectos voltados à sua circulação, agentes importantes na sua idealização e execução de sua circulação. Entender o jornal é, também, entender os aspectos do território em que circula, dando, assim, uma atenção às características de Caxias do Sul e região.

No terceiro capítulo — Os editoriais — nos aprofundaremos na leitura e análise dos textos produzidos pelo jornal e que são apresentados como voz oficial do *Pioneiro*. Entender esses posicionamentos, quais os interesses envolvidos e de que forma podemos agrupar as questões presentes permite uma leitura interessante do conjunto de materiais publicados pelo periódico no período que vai de 1948 a 1954.

No nosso quarto capítulo — O PRP e o *Pioneiro* —, parte dos textos publicados nos editoriais para chegar à leitura de outras situações em que as relações com o Partido de Representação Popular e o integralismo são mais evidentes. Tendo contato com essas duas situações, acreditamos ser interessante relacionar os discursos utilizados nos textos de voz oficial do impresso com aqueles em que o partido político é o agente principal.

A construção e análise do objeto busca inspiração na interdisciplinaridade proposta pelos *Annales*, especialmente para articular o uso da imprensa e da análise de discurso para a compreensão do processo histórico que nos propomos a pesquisar. As preocupações que se relacionam com a utilização da imprensa como fonte e/ou objeto para a pesquisa histórica levam em conta a necessidade de “estar atento aos motivos que se levou a registrar e unir em uma totalidade, determinadas partes do passado e outras não. Saber ler nas entrelinhas, procurar pelo não dito” (Garcia Barbosa, 2018, p. 43), ainda mais em nosso caso, quando proposta a leitura e reflexão deste material para a compreensão da política regional.

Ao pensar nessas relações políticas, outra lente de aumento se faz necessária para a leitura de nossa pesquisa: analisamos um impresso que não circulou nos grandes centros urbanos do período analisado, exigindo-nos, neste caso, um cuidado para não procurar em nossas fontes apenas repetições do que circulava nos jornais da grande imprensa do Sudeste do país. Estes seguem sendo referência importante para nós, afinal, os aportes teórico-metodológicos utilizados pelos autores e autoras que estudaram os mesmos e que serão citados nos auxiliam muito na pesquisa; mas, ao mesmo tempo em que os impressos

devem ser pensados a partir do país em que circulam, no caso de um país de dimensões continentais, a preocupação também deve levar em conta os aspectos estaduais e regionais desses mesmos impressos. Pensá-los, tendo como parâmetro apenas os acontecimentos políticos nacionais, impede-nos de atentar para especificidades tão interessantes quanto — senão até mais — dos movimentos políticos regionais do período analisado.

Acreditamos que a análise dos discursos produzidos pelo jornal é importante para a compreensão da pesquisa a que nos propomos, visto que esse período de abertura política, iniciado em 1945, é de intensa disputa pelos significados e rumos que seriam tomados pela sociedade. As significações utilizadas pelos leitores para interpretar o que leem também têm, em certa parte, auxílio dos meios impressos para sua construção. Por isso, entendemos o discurso como uma prática social, constituinte e constituída pela realidade em que circula, ou seja, o discurso é parte da sociedade, e não externo a ela, e funciona como participante do processo social (Fairclough<sup>4</sup>, 2001, p. 11). Além de ser interno à sociedade, o discurso tem, nas relações de poder, um agente central para a definição das significações que serão dadas pelos leitores. De acordo com a Análise Crítica do Discurso (ACD), “O discurso da mídia de massa é interessante porque a natureza ou as relações de poder representadas nela muitas vezes não são claros, e há razões para vê-lo como envolvendo relações ocultas de poder”<sup>5</sup> (Fairclough, 1996, p. 49). Nesse sentido, mesmo que sem analisar a recepção desses discursos utilizados pelo jornal, pensar sua produção auxilia no aprofundamento da compreensão do espaço em que o jornal circulou.

A utilização de Norman Fairclough leva em conta a mobilização de conceitos feita pelo autor, partindo de discussões acerca dos usos e possibilidades de diferentes perspectivas da análise de discurso<sup>6</sup>, sem ignorar as tensões apresentadas na construção de sua metodologia (Cruz, 2019, *passim*). Em função de utilizarmos obras que foram produzidas em diferentes períodos e, neste caso, fazendo uso da teoria do próprio autor para refletir sobre ele mesmo,

---

<sup>4</sup> Infelizmente, das obras publicadas pelo autor, apenas uma foi traduzida para o português. Acreditamos que suas obras seriam de grande valia para as pesquisas, análises e debates sobre a sociedade brasileira e, com pesar, reconhecemos que a não tradução é uma barreira — bastante sólida e pouco permeável, inclusive — ao acesso de suas produções. Tentando atravessar essa barreira e permitir um maior e importante acesso à produção de Fairclough, optamos por traduzir as passagens que serão utilizadas no decorrer da dissertação; sabemos que muito mais seria necessário para permitir o acesso aos escritos e debates do autor, mas o que está em nosso alcance será feito. Logo, os trechos, as citações e as referências feitas, e que não são retiradas de *Discurso e Mudança Social* (2001), serão traduzidas e sinalizadas.

<sup>5</sup> “Mass-media discourse is interesting because the nature of the power relations enacted in it is often not clear, and there are reasons for seeing it as involving *hidden* relations of power.” (Fairclough, 1996, p. 49, tradução nossa).

<sup>6</sup> Em suas obras, encontramos discussões acerca de conceitos de Pêcheux, Foucault, Althusser, Gramsci e Bakhtin, por exemplo, analisando as possibilidades de utilização e as limitações, segundo o autor, dos métodos propostos pelos citados (Fairclough, 2001, *passim*).

contextos diversos, como o da dissolução da União Soviética e da Crise Econômica Mundial de 2008, produzem reflexões diferentes, em algumas situações quase conflitantes, nas obras de Fairclough. Nesse sentido, sem negar suas tensões — afinal, autor algum produz obra com discussões lineares e definidas —, acreditamos que, a partir do método proposto pela ACD e por meio de suas reflexões, a leitura feita do jornal que analisamos será aprimorada e trará, senão respostas, indícios importantes que serão desenvolvidos.

Para Patrick Charaudeau (2011, p. 17), “É a ação política que, idealmente, determina a vida social ao organizá-la tendo em vista a obtenção do bem comum”. Conveniente pensar que o que é entendido por bem comum pode servir a causas bastante variadas e, nesse embate pela sua compreensão, principalmente pela definição dos meios a serem utilizados para alcançá-lo, a imprensa tem espaço importante de poder. Ainda segundo o autor, “O poder comunicativo remete à busca pela dominação legítima — que, sem necessariamente justificar a violência, garante o acesso da instância política ao poder, ou sua manutenção nessa posição —, pois ela se encontra permanentemente ameaçada” (Charaudeau, 2011, p. 19). Portanto, é pensando o espaço privilegiado do discurso no meio político e atentando para o discurso como uma prática social, e não mera ferramenta utilizada por seus atores, que abordaremos o objeto de nossa pesquisa.

As décadas de 1940 e 1950 viram mudanças significativas nas relações entre a sociedade e o poder estatal, mesmo que algumas permanências entre o Estado Novo e o período posterior possam ser apontadas. Para Kenia Pozenato e Loraine Giron (2004, p. 112), “A nova ordem política exigia novo tipo de ação, e a imprensa teve papel decisivo na sua implementação”; a necessidade dos partidos se estabelecerem como nacionais, a reorganização necessária para eleger seus candidatos nos diferentes níveis e as possibilidades trazidas pelos meios de comunicação que se espalhavam com maior facilidade, exigiam formas diferenciadas na relação entre a sociedade e os meios comunicacionais. Para as autoras já citadas, as transformações sociais e econômicas do período, em especial no município de Caxias do Sul, cujo crescimento destoava dos demais da região (Pozenato; Giron, 2004, *passim* cap. 3), exigia, também, uma imprensa diferente, mais aberta e menos apegada aos debates politiqueros entre os grupos que, nos impressos, se faziam presentes. Se e como *O Pioneiro* se adequou aos novos ventos do contexto é parte das discussões que abordaremos.

Assumimos o rumo, portanto, de investigar a interseção entre as discussões sobre a imprensa e a História Política na pesquisa e partimos, assim, das propostas de René Rémond (2003) para os aportes teóricos a ser base para a dissertação. Ampliadas, dessa forma, as discussões, cabe dizer que a política está bem para além dos grandes nomes e datas — mesmo

que ainda apareçam; a pensamos como parte de um intrincado processo que influencia e é influenciado pelas mais variadas questões — nacionais e internacionais, econômicas, jurídicas, etc. — e permeadas pelos mais diversos ambientes da vida social.

Introito feito, por óbvio que a política nacional é um importante dado a ser analisado; não obstante, acreditamos que as especificidades regionais que, em nosso caso, serão pensadas a partir da imprensa e da Análise de Discurso, complexificam ainda mais a compreensão sobre o político, sobre o fazer política, em suma, sobre a política como um todo. Por isso, acreditamos que, ao darmos uma demorada atenção aos aspectos regionais que envolvem a política brasileira, trazemos uma contribuição à historiografia, bem como a toda produção científica que torna múltipla e mais complexa as leituras possíveis dos movimentos de extrema direita da política nacional. As próximas páginas, portanto, seguem a discussão ora proposta.

## 2. O *Pioneiro*

O presente capítulo objetiva ampliar nossa compreensão sobre o jornal que é objeto da pesquisa. A análise que vamos empreender não pensa o discurso como uma questão exclusivamente linguística. Como apontado por analistas do discurso: “Não se trata de reduzir a vida social à linguagem, dizer que tudo é discurso — não é”<sup>7</sup> (Fairclough, 2003, n/p cap. 01). Logo, compreender a fundação do jornal, os sujeitos envolvidos na empreitada, bem como o meio em que o impresso foi fundado é uma necessidade.

Ainda sobre a articulação texto/contexto, Norman Fairclough defende que

A análise de discurso deveria focalizar a estruturação ou os processos 'articulatórios' na construção de textos, e na constituição a longo prazo de 'ordens de discurso' (isto é, configurações totais de práticas discursivas em instituições particulares, ou mesmo em toda uma sociedade). (Fairclough, 2001, p. 27-28).

Nesse caso, a compreensão dos processos que levam à produção dos textos e dos sujeitos que participam dessa produção são marcas importantes para poder melhor compreender os discursos que são empregados em sua circulação. A relação dessas pessoas com movimentos políticos, interesses econômicos e partidários, bem como outras questões, pode ser pensada a partir da intertextualidade, conceito também mobilizado pelo autor, pensando que os textos

são construídos por meio da articulação de outros textos de modos particulares, modos que dependem de circunstâncias sociais e mudam com elas. No nível de ordens de discurso, as relações entre práticas discursivas e limites entre estas em uma instituição ou na sociedade mais ampla são modificadas segundo as direções seguidas pela mudança social. (Fairclough, 2001, p. 28).

Em função disso, uma atenção às relações que envolvem a fundação do jornal e às condições e motivações de sua circulação é o que propomos nas páginas que se seguem. Cabe, entretanto, antes de passarmos à análise do material que encontramos no *Pioneiro*, compreender o que constitui o movimento integralista — ator político central para nossa pesquisa — e como ele passou por transformações até chegar ao contexto de fundação do periódico. Passemos, então, a compreender o que queriam os defensores de *Deus, Pátria e Família*.

---

<sup>7</sup> “This is not a matter of reducing social life to language, saying that everything is discourse – it isn't.” (Fairclough, 2003, n/p cap. 01, tradução nossa).

## 2.1 - Integralismos

A crise do liberalismo em fins da década de 20 e início dos anos 30 do século XX teve profundas repercussões em praticamente todo o globo; diversos eram os questionamentos feitos à democracia que era proposta pelo sistema liberal e, junto deles, diferentes eram os caminhos propostos para a resolução dessa sociedade que se via em colapso. A União Soviética servia como uma espécie de modelo para os movimentos e partidos políticos que viam no capitalismo a falha a ser corrigida, dando, como rumo, o socialismo ou o comunismo para o espectro esquerdo da política mundial. Observando de outro ângulo e propondo caminhos diferentes para a saída da crise, em diferentes países desenvolveram-se movimentos e partidos políticos de direita, sempre se contrapondo aos citados anteriormente e que viam, na Itália fascista, um representante à altura dos desafios contemporâneos.

Não limitada apenas à questão econômica, a crise vivenciada nesse contexto via o liberalismo como fraco e incapaz de resistir aos problemas que apareciam nessa conjuntura. Consideravam, também, que a democracia que era proposta pelos liberais não trazia os ganhos que eram prometidos e levava a uma degeneração da sociedade como um todo (Caldeira Neto, 2011, p. 20-21). O Brasil, mesmo que distante do centro do capitalismo internacional, foi duramente atingido pelas crises do período, e as mesmas respostas propostas na Europa cruzaram o Atlântico e tomaram forma nas especificidades encontradas no país, como nos afirma Carla Brandalise:

Por ser um dos países latino-americanos mais prósperos, sofrera de modo bastante acentuado os efeitos da Grande Depressão. Ao mesmo tempo, o Integralismo possuía força própria em razão de suas tendências tipicamente brasileiras, com forte nacionalismo, não se comportando, portanto, como mero artigo de importação. (Brandalise, 2021, p. 51).

Se em 1922 o Partido Comunista do Brasil (PCB) tinha iniciado sua organização e mobilização, em 1932, após uma fermentação política dentro do Partido Republicano Paulista, com uma importante passagem pelo movimento modernista e do contato com o fascismo, Plínio Salgado funda a Ação Integralista Brasileira (AIB) em um grande evento no Teatro Municipal de São Paulo. Mesmo tendo participado do partido mais característico da primeira

república brasileira<sup>8</sup>, as críticas de Salgado ao sistema de governo implantado no Brasil se tornavam profundas, e o contato com importantes movimentos da direita nacional, inclusive outros movimentos fascistas do período — como a Ação Social Brasileira, a Legião Cearense do Trabalho e o Partido Nacional Sindicalista — permitiu ao sujeito dar início a uma organização que marcou de forma indelével a História do Brasil.

Fruto de um nacionalismo cívico e econômico que propunha retornar às origens do Brasil, mobilizando um anticomunismo que se aprofunda com a Revolução Russa de 1917, com forte influência da ala mais conservadora da Igreja Católica e tendo como proposta a formação de um “estado integral” — daí o nome integralismo —, corporativo e unipartidário, Plínio criticava o liberalismo, que já tinha se mostrado falho, e apresentava a AIB como um movimento de direita que resolveria os problemas que se apresentavam. Ademais, com o processo de industrialização brasileiro, a sociedade se complexificou: os centros urbanos produziam novos estratos econômicos e uma classe média se via sem meios para participar da política nacional, reservada às elites tradicionais. Como apontado por Brandalise (2021, p. 29), “a ameaça de proletarização das classes médias tornara este segmento social especialmente suscetível à propaganda fascista. O fascismo descobrira e utilizara o potencial das camadas médias, sendo o primeiro movimento político a dirigir seu proselitismo nesse sentido”. Sem um partido que a representasse, conseqüentemente, não tinha condições para pleitear suas pautas. O integralismo, nesse sentido, apresentava os problemas de modo claro, possuía respostas para eles, tinha exemplos no exterior para se inspirar e um nicho eleitoral para ocupar.

Esse movimento de massas brasileiro traz números apresentados pelos próprios integrantes que são um pouco questionáveis, pois alguns chegaram a apontar cerca de 1 milhão de filiados na década de 1930. Mesmo que as estimativas estejam exageradas, é

---

<sup>8</sup> Plínio Salgado inicia sua atuação política dentro do Partido Republicano Paulista (não confundir com o PRP pós-1945), partido esse que representava os interesses da elite cafeicultora do estado e que é central para a compreensão do funcionamento do federalismo que passa a vigorar a partir da primeira constituição republicana e que troca a centralização exacerbada do império pela grande soma de poder que dá aos estados e municípios. A relação entre poderes municipais, estaduais e federais se articula primordialmente a partir dos coronéis das elites políticas municipais; estes funcionam como a importante engrenagem que estrutura toda essa primeira república que começa a se institucionalizar e toma forma mais definida a partir da Política dos Governadores de Campos Sales, iniciada em 1898. (Resende, 2022, *passim*). Salgado, mesmo tendo atuado em meio a este partido, logo muda suas perspectivas políticas e se torna um grande crítico às elites que governam a partir dessa lógica federalista da primeira república brasileira. O movimento integralista, como será apresentado, defende um governo unipartidário, hiper centralizado e autoritário, diverso da forma com que vinha se organizando o Brasil após a constituição de 1894. Essa mudança de rumos possivelmente tenha acontecido após um encontro entre Plínio Salgado e Mussolini, acontecido em 1930 e que é apontado por pesquisadores do movimento (Trindade, 1979, p. 119; Gonçalves, Neto, 2020, n/p;).

inegável o alcance expressivo do integralismo no Brasil. Um evento organizado em Blumenau-SC, em 1935, foi retratado por um jornal de Caxias do Sul-RS como tendo

proporções de grande apoteose, o desfile dos camisas-verdes em continência ao Chefe Nacional. Em estatística levantada pelo Núcleo de sob o controle da Chefia Provincial, foi apurado um total de 42.600 homens dos quais 40.000 desfilarão diante do Chefe Nacional, enquanto 600 patrulhavam a cidade.

(...)

(...) 16 trens de 22 vagões abertos; 3 aviões; 4 navios; 250 ônibus; 210 caminhões; 320 automóveis; 5 embarcações fluviais; 600 ciclistas, 100 carretas afora itinerantes a pé.

Foram abatidos 120 bois, 1800 frangos. Consumiram-se 2000 patos, 12.000 kg de pão, 32 sacas de feijão, 300 kg de linguiça, 600 kg de carne seca, 200 kg de cebola, 50 kg de banha, 120 kg de manteiga, 10 sacas de farinha, 50.000 sanduíches, 200 kg de salsicha. 13 enormes caldeirões de cobre de 1 metro de altura por 1,30 de diâmetro foram utilizados no cozimento da feijoada.<sup>9</sup>

É necessário levar em conta o momento de expansão da Ação Integralista Brasileira e considerar o princípio de que, provavelmente, os números fossem majorados como forma de mostrar força e mobilizar mais pessoas a se tornarem parte das fileiras dos *camisas-verdes*<sup>10</sup>. Entretanto, mesmo que os números tenham sido exagerados, é indiscutível que a AIB contou com um número considerável de membros e que conseguiu mobilizar uma massa importante de militantes naquele contexto. Odilon Caldeira Neto (2011, p. 30) aponta que os pesquisadores variam os números entre 500 e 800 mil membros da AIB, o que é digno de nota se pensarmos as condições para se criar um movimento nacional na década de 30 do século XX no Brasil.

Em meio a debates que existem desde a publicação dos primeiros trabalhos sobre o integralismo e sobre a compreensão do movimento como fascista<sup>11</sup>, concordamos com Héglio Trindade (1979, p. 95) quando aponta que o movimento integralista deve ser enquadrado naquilo que nomeamos por “fascismos”, mesmo com a existência de certa contradição entre a inspiração nos modelos fascistas europeus, inclusive citados por Plínio Salgado em sua produção jornalística, e a perspectiva de criar algo novo, que teria inspiração pura nas origens do povo brasileiro. Como afirma esse autor, a “predisposição para o engajamento de Salgado

<sup>9</sup> Congresso de Blumenau, *O Bandeirante*, 26/10/1935, p. 4.

<sup>10</sup> O uso da farda verde fazia parte dos ritos e protocolos a serem seguidos pelos militantes integralistas e serão apresentados na sequência.

<sup>11</sup> Chasin (1978) e Barbosa (2015), por exemplo, são autores que trazem abordagens que permitem o questionamento sobre a viabilidade teórica de pensar o Integralismo como um movimento do tipo fascista, principalmente ao abordar o atraso do capitalismo brasileiro na década de 1930 e ao apontar que os discursos produzidos por Salgado não trazem paralelos para com os fascismos europeus, ao ponto que Vasconcellos (1979) apresenta uma proposta que vê o Integralismo apenas como uma espécie de mimese dos fascismos europeus. Nosso trabalho não se propõe a analisar profundamente a discussão, mas reconhece que, por mais que boa parte dos pesquisadores da área aceite o uso conceitual de “fascismo” para caracterizar o integralismo, os questionamentos feitos pelos autores que se opõem trazem importantes pontos a serem analisados. Oliveira (2010) apresenta um importante apanhado das diferentes fases dos estudos integralistas e como isso se relaciona com as discussões sobre o movimento.

não é somente resultante de um ato de vontade individual, mas se insere no contexto de ascensão das ideias de extrema-direita após a tomada do poder pelos revolucionários de 30.” (Trindade, 1979, p. 96). Sendo assim, para nós, o integralismo da década de 1930 é entendido como um movimento tipicamente fascista que se organizou em solo brasileiro e que passa por transformações nas décadas de 1940 e 1950 em função do processo histórico do país.

Da mesma forma que os demais movimentos fascistas, a AIB é extremamente hierarquizada, tendo, no seu topo, o Chefe Nacional Plínio Salgado, de quem advinha as definições sobre a ideologia integralista, os rumos que seriam tomados pelo movimento nos diversos momentos, a postura exigida de seus militantes e quaisquer outros aspectos que dissessem respeito ao integralismo. Por óbvio, esses posicionamentos não eram passíveis de questionamento; a primeira edição de um dos jornais integralistas a circular em Caxias do Sul apontava: “...a afirmativa espontânea da nossa consagração ao sacrifício pela nossa Pátria; da nossa crença no Integralismo; da nossa obediência disciplinar e imutável em ti, ó glorioso chefe nacional!”<sup>12</sup>. Dessa forma, o Chefe Nacional seria o único a ser saudado com os três *Anauês*<sup>13</sup> e tinha a última palavra nas decisões tomadas pelos integralistas.

Além da hierarquização, a AIB era organizada como um protótipo do que seria o Estado Integral quando imposto à sociedade, com diversos níveis de burocracia e funções, uma força paramilitar organizada, legislações a serem seguidas por cada membro, bem como diversos estatutos que previam rituais os quais abarcavam toda a vida dos militantes. Segundo Héglio Trindade (1979, p. 161-162), é inviável entender o movimento sem ter como centro o comportamento totalitário e burocrático que o organizava. Essa organização complexa e ritualizada servia também como aparelho de sociabilização dos *camisas verdes*<sup>14</sup>, assegurando, assim, o “aprendizado político-ideológico dos militantes, desde o nascimento do futuro integralista até a idade adulta, através de um complexo de rituais e instrumentos de formação intelectual, moral, cívica e física” (Trindade, 1979, p. 188).

---

<sup>12</sup> Apresentando-se, *O Bandeirante*, 19/01/1935, p. 1.

<sup>13</sup> Saudação utilizada pelos integralistas que vem do Tupi e significa “Você é meu parente”, é parte dos rituais estabelecidos para compôr o comportamento dos militantes da AIB e é representativo da hierarquia do movimento, membros mais importantes eram saudados com dois *Anauês*, enquanto apenas Plínio Salgado era saudado com três.

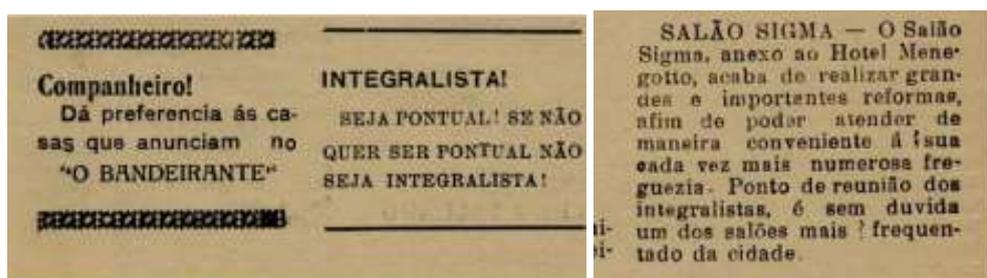
<sup>14</sup> Tal qual o *Anauê*, o uso da farda verde fazia parte dos ritos e protocolos a serem seguidos pelos militantes, desta forma caracterizaria-os nos diversos espaços em que atuassem. Gonçalves e Caldeira Neto (2020, n/p) apontam que “Todo integralista deveria usar os uniformes obrigatoriamente de produção nacional. As camisas verdes eram de brim ou de algodão, a gravata era de tecido preto e liso. Com um gorro verde de duas pontas, o integralista usava calças brancas ou pretas, e na zona rural a cor cáqui era permitida. As mulheres, chamadas de blusas-verdes, usavam a mesma camisa e saia preta ou branca.”. Com o tempo, o termo “camisas verdes” passou a ser utilizado para se referir ao movimento como um todo.

Esses rituais simbólicos do movimento serviam para fortalecer o sentimento de pertencimento, comprometimento e união dos militantes (Caldeira Neto, 2011, p. 33-34). Eles iniciavam com o uso da camisa verde, do *Sigma*<sup>15</sup> estampado nos militantes, passavam pelas saudações e seguiam com os feriados integralistas, que eram celebrados em todos os núcleos pelo Brasil. Além de cumprir rigorosamente o comportamento exigido para pertencer às fileiras do *Sigma*, o integralismo acabava por criar meios de sociabilização que permitia que seus militantes vivessem uma espécie de sociedade própria, no interior da sociedade não participante das rodas da AIB. As figuras abaixo retratam um pouco da construção dessa sociedade exclusiva dos integralistas:

### Figuras nº 3, 4, 5 e 6 - Sociabilidade integralista



Fonte: AHMJSA, *O Bandeirante* 15/05/1937, BNDigital, acessado em 29/05/2023.



Fonte: AHMJSA, *O Bandeirante* 17/06/1937, BNDigital, acessado em 29/05/2023.

<sup>15</sup> A letra grega *Sigma*  $\Sigma$  era utilizada como emblema que representava o movimento; é “um símbolo matemático que indica o projeto de um Estado único e integral e a soma dos números infinitamente pequenos — analogia com os membros da AIB.” (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020, n/p.).



**Fonte:** AHMJS, *O Bandeirante* 26/10/1935, BNDigital, acessado em 27/05/2023.

Como apontado por Yone Grossi e Maria Auxiliadora Faria (2021, p. 71), “As ideias políticas não surgem, nem se difundem, nem aliciam adeptos de modo aleatório. É necessária a criação de construtos de representação de interesses para viabilizar propostas de conquista de poder e assumir vontades coletivas parciais, através da inserção quotidiana dos militantes na luta política.”. O integralismo, dessa forma, usava das vestimentas, cumprimentos, barbearias exclusivas, lugares para se fazer compras, formas de interpretar a religiosidade católica, batizados e casamentos para esclarecer: pertencer ao integralismo envolvia o indivíduo em sua totalidade, como mostram as figuras, e a imprensa produzida por seus militantes teve grande importância nessa construção.

Em um primeiro momento, não propunha formar um partido — afinal, os partidos eram parte da política liberal a ser combatida —, e, por isso, apresentava-se como um movimento que estava acima dos partidos e que tinha como perspectiva um Estado de partido único. A partir de 1936, uma reorganização no movimento o coloca como mais um ente a concorrer nas eleições brasileiras e, em 1937, seu registro partidário foi alcançado. Plínio Salgado, como líder do movimento, apresenta-se como candidato à Presidência da República no pleito de 1937. As propostas feitas pelo movimento não seriam mais impostas pela revolução esperada; seriam, agora, conquistadas a partir do voto. O movimento, que já tinha práticas voltadas à sua divulgação por meio de jornais e revistas, inclusive parte importante da gestação da AIB pode ser acompanhada a partir de colunas assinadas por Plínio Salgado no jornal *A Razão*, de São Paulo, aprofunda suas práticas de divulgação ideológica e partidária com vistas ao possível eleitorado. Passou a produzir formas variadas de informar a sociedade sobre o Integralismo — alguns meios têm como foco o público feminino, outros os jovens, e passa a produzir inclusive jornais que possam ser consumidos por quem não pertencia necessariamente às fileiras do *Sigma*.

O esforço no processo de expansão do eleitorado integralista levava em conta situações específicas do local. O discurso do movimento tinha uma uniformidade que partia de Plínio Salgado, mas os diferentes públicos — agrário, urbano, operário, feminino — eram contemplados e feitas adaptações em função do local por onde circulavam. Mesmo o movimento tendo uma entrada reduzida entre os operários, — principalmente quando se fala nos espaços de direção (Trindade, 1979, p. 135) — em alguns casos, ficou evidente a tentativa de trazer esse público para suas fileiras, como ao apresentar pautas da classe operária e ao escrever colunas voltadas para esse público. Lembramos, todavia, que, mesmo tentando inserir o meio operário em seus discursos, as organizações fascistas seguiam voltadas e mobilizando uma classe média receosa da proletarização, impedindo, dessa forma, uma investida com maiores efeitos na classe trabalhadora urbana.

Nesse contexto, Caxias do Sul era um município que passava por um processo de industrialização, mas ainda mantinha um importante meio rural e pode ser citado como um dos casos em que encontramos as tentativas de aproximar-se deste eleitorado não urbano:

E, tu colono, alma simples e religiosa da nossa terra, tu que transpões (sic) aos domingos a longura de tantos quilômetros para trazeres ao altar da Igreja Catholica a adoração da tua crença, tu que entremeias com a rudeza das tuas mãos calejadas pelo arado a beleza do gesto piedoso das mãos postas em prece, tu que és crente, tu que és piedoso e bom, acolhe O "O BANDEIRANTE". Ele auxiliará a tua fé porque bater-se-á pela moralização da tua terra; pela confraternização da tua gente; pela defesa do teu lar. DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA é o lema integralista e tu como católico debes sentir o dever imperioso de pertencer a uma doutrina que tem por base o respeito e o amor à tua Igreja.<sup>16</sup>

O catolicismo tradicional da região de imigração italiana era constantemente mobilizado na conquista do apoio desses agricultores, ao mesmo tempo em que a tentativa de aproximação dos operários da região se apresentava apontando:

Esta frequente agitação do proletariado nos ensina que não é mais possível esconder a gravidade da situação do Brasil no que se refere à questão social. Esta questão existe, embora vivam a negá-la os burgueses comodistas. (...) Enquanto a liberal democracia protege unicamente o capital e o bolchevismo somente defende o trabalho, o estado integral encarará sob outro prisma a questão social. (...) (...) o Integralismo há de arrancar o trabalhador da miséria em que o lançou a incúria de um regimen (sic) e há de elevar a altura que merece, o principal cooperador da economia e progresso nacionais.<sup>17</sup>

Dessa forma, o integralismo tentava trazer às suas fileiras todos os possíveis eleitores que não vissem possibilidades de participação por meio dos partidos já estabelecidos, estes comandados pelas tradicionais elites estaduais que, mesmo com suas disputas internas, lutava

<sup>16</sup> Apresentando-se, *O Bandeirante*, 19/01/1935, p. 1.

<sup>17</sup> Greves e mais greves, *O Bandeirante*, 26/04/1935, p. 4.

pelo monopólio dos rumos políticos, excluindo esses novos participantes (Cardoso, 2009, p. 51).

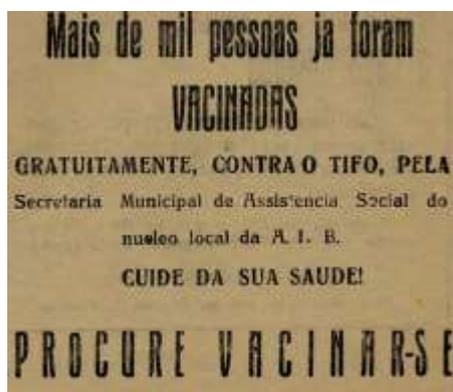
Neste contexto de tentativa de expansão do eleitorado integralista, visto que agora a chegada ao poder seria alcançada através do pleito eleitoral, alguns métodos de espraiamento da ideologia foram desenvolvidos. Falar para um Brasil interiorano, valorizar as coisas da terra que não eram espelhadas na Europa, destacar o discurso católico tradicional, entre outros aspectos, em si, já traziam diferentes perspectivas ao público. Além disso, em um contexto em que apenas alfabetizados eram eleitores, “a recomendação geral da AIB era que cada núcleo integralista deveria organizar uma sala de aula dentro de sua sede, dotada também de uma biblioteca doutrinária. Além das salas de aula dentro dos núcleos, a AIB chegou a fundar algumas escolas e escolas técnicas” (Caldeira Neto, 2011, p. 31). Dessa forma, ser um *camisa-verde* não se limitava aos pleitos eleitorais - crítica constantemente feita pela própria AIB aos partidos que sumiam após as eleições; levar em consideração o nível de alfabetização não dizia respeito, como é previsível, ao mero ato de votar, já que essas aulas

seriam ministradas por universitários integralistas e incluíam o ensino de português, aritmética, história e geografia do Brasil. Nesse sentido, a escola como instituição portadora de valores, crenças e normas servia eficazmente à estratégia da AIB, como agência formal de socialização política.” (Grossi; Faria, 2021, p. 82).

Para além das escolas, a sociabilidade integralista também prezava pelos cuidados com a saúde física dos militantes - atendimentos médicos, vacinação etc. - como apontam os próprios jornais da AIB:

Entre as realizações que distinguem o Movimento Integralista dos demais partidos políticos, sobressai a obra de educação e assistência social que o Integralismo vem efetuando em todo o Brasil. Inúmeras são as escolas, lactários, ambulatórios médicos e etc. fundados e mantidos pelo Sigma em todo o território da Pátria.<sup>18</sup>

### Figura nº 7 - Campanha de vacinação integralista



Fonte: AHMJSA, *O Bandeirante* 15/05/1937, BNDigital, acessado em 28/05/2023.

<sup>18</sup> Fundada uma escola de alfabetização no Núcleo Rural de São João Nepomuceno, *O Bandeirante*, 06/07/1937, p. 4.

Os cuidados com a saúde física não envolviam apenas a vacinação, sendo estimulada também a prática recorrente de esportes. A preocupação era especialmente com a formação de homens — e o gênero aqui é importante — bem preparados para a composição das fileiras do *Sigma*; esses esportes, como parte da sociabilidade dos militantes, também eram praticados em meios integralistas, como se pode ver na fotografia seguinte:

### Fotografia nº 1 - Time de futebol dos integralistas



**Fonte:** Local não identificado. Data não identificada. Autoria: Jacob Kappes, Acervo: AHMJSA, KAP ESP 083.

Com o avanço do processo de alfabetização de seus militantes, feito através da própria leitura de mundo proposta pelo integralismo, cada novo núcleo integralista fundado, em pouco tempo, lançaria um órgão de imprensa que se voltasse à divulgação da ideologia em seus espaços. De acordo com Rodrigo Oliveira (2009), essa rede pode ser entendida como um “conjunto de mecanismos impressos utilizados para a doutrinação do militante e a difusão social do integralismo — no caso os jornais, os livros e as revistas”. Com o tempo, essa campanha de divulgação fez com que se organizasse uma rede de imprensa partidária, a *Sigma Jornaes Reunidos* (SJR), que, apesar da falta de informações, pode-se inferir que servia para unificar os discursos da AIB por todo o território nacional; afinal mesmo que circulando em regiões distantes umas das outras, os jornais “permaneciam com conteúdo similar,

demonstrando o alto controle e preocupação que a chefia do movimento dispensava sobre os periódicos” (Caldeira Neto, 2011, p. 33). Um importante evento organizado pelos integralistas no município de Blumenau-SC, em 1935, e que mobilizou milhares de militantes para a região, contava também com “88 jornais do consórcio *Sigma Jornais-reunidos*”<sup>19</sup> e anunciavam, em 1937, que a AIB “Fundou e edita 5 jornais diários; 1 revista de alta cultura, 1 revista ilustrada, 86 jornais semanários.”<sup>20</sup>, o que permite compreender a SJR como uma vasta rede de imprensa para a divulgação integralista.

O núcleo caxiense da AIB foi fundado em setembro de 1934<sup>21</sup> — cedo, se levarmos em conta que no Rio Grande do Sul a AIB é fundada oficialmente em 1934, em Porto Alegre (Brandalise, 2021, p. 11) —, e, em 19 de janeiro de 1935, já tem seu jornal oficial em circulação sob o nome *O Bandeirante*, mantendo-se até 1937 em atividade.

### Figuras nº 8 e nº 9 - Jornal *O Bandeirante*



Fonte: DELFOS/PUCRS, *O Bandeirante* 19/01/1935 e AHMJSA, *O Bandeirante* 26/10/1935, BNDigital, acessado em 27/05/2023.

Encimado pelo *Deus, Pátria e Família*, tríade que resumia o integralismo e que permaneceu como palavras de ordem durante toda a sua permanência em atividade, no impresso podemos atentar para questões centrais da ideologia do movimento. Em um mundo que estava à beira do colapso em uma disputa entre o materialismo e o espiritualismo, a

<sup>19</sup> Congresso de Blumenau, *O Bandeirante*, 26/10/1935, p. 4.

<sup>20</sup> Folha corrida, *O Bandeirante*, 17/06/1937, p. 4.

<sup>21</sup> A data não é exata, mas em circulação de maio de 1935, *O Bandeirante* afirma que “Em oito meses de atividade a AIB, núcleo Caxias, realizou 50 sessões de difusão doutrinária e patrióticas, 18 excursões de propaganda, instalou aulas gratuitas e Assistência Social aos companheiros necessitados”. *O Bandeirante*, 25/05/1935, p. 4. Antônio Chiarello, falando sobre a vida Natal Chiarello, afirma que o ato de instalação da AIB em Caxias do Sul teria se dado em 16 de setembro de 1934, na sede da Associação dos Empregados no Comércio (Chiarello, 1995, p. 29).

dicotomia entre o bem *versus* o mal era mobilizada pelos integralistas para justificar suas ações: o mal, materialista, era representado no início pelos liberais, que abriram espaço para o outro lado da mesma moeda materialista, os comunistas, que deveriam ser combatidos com todas as forças (Calil, 2005, p. 141-142). Estes eram profundamente individualistas e tinham abandonado qualquer noção de família, moral e religião em busca de maiores lucros. Os espiritualistas, por outro lado, visavam a salvação dessa sociedade e “apenas uma reação das forças nacionais, baseadas em preceitos morais e religiosos, poderia salvar o mundo ocidental dos perigos materialistas” (Oliveira, 2009, p. 109). Dessa forma, os discursos católicos que atacavam os socialistas, comunistas e o liberalismo serviam bem aos interesses dos integralistas, além de abrir um filão de possíveis partidários em um país de maioria Católica Apostólica Romana<sup>22</sup>.

O antimaterialismo proposto — que colocava em um mesmo barco o liberalismo e o comunismo — era citado no jornal *O Bandeirante* como um meio de afastar os operários das duas correntes. Citavam, dessa forma, que o “Comunismo é o filho mais velho da Liberal-Democracia”<sup>23</sup> e que as desigualdades criadas pelo liberalismo que deixou os não burgueses em situação de miséria levou “a multidão faminta a derrubar todas as barreiras: a família, a propriedade, a religião e, finalmente, o poder do Estado”<sup>24</sup>. Os problemas eram apontados e reconhecidos pelos integralistas, mas as advertências também eram claras quando afirmavam “Operários, os Liberais-Democratas são os autores da vossa infelicidade; porém O «Comunismo» não pode vos regenerar porque os erros que fizeram a infelicidade da sociedade liberal do século XIX são os mesmos levados até a última consequência que dirigem a sociedade comunista”<sup>25</sup>. Lembramos aqui que Caxias do Sul passava por um processo de industrialização e que o operariado era crescente. A tentativa, portanto, de afastá-los dos ditos materialistas e aproximá-los dos espiritualistas era o objetivo perseguido e, em função disso, foram recorrentes as publicações em *O Bandeirante* que tentavam apresentar o comunismo aos operários como o mal a ser combatido. Os seguidores do *Sigma* anunciavam: “Operários, somente o ‘Integralismo’ poderá vos salvar”<sup>26</sup>.

Tradicional também em movimentos fascistas de outros países, a originalidade e a pureza ideológica eram recorrentemente citadas pelos integralistas. Mesmo que vez ou outra

<sup>22</sup> Apesar de comporem a imensa maioria dos membros da AIB, não eram apenas os católicos que adentravam às fileiras; nas regiões de colonização alemã, por exemplo, alguns protestantes viraram membros, assim como espíritas. Em *O Bandeirante* encontramos até uma sessão intitulada “Notas espíritas”, mas esta se faz presente em poucas ocasiões, como na edição de 27/04/1935.

<sup>23</sup> Liberal-Democracia e Comunismo, *O Bandeirante*, 13/04/1935, p. 1.

<sup>24</sup> *Idem*.

<sup>25</sup> *Idem*.

<sup>26</sup> *Idem*.

se referissem aos fascismos europeus, defendiam ser intransigentes com ideias que não partiam dos mesmos princípios que os seus, apontavam que ser integralista não era uma junção de ideias que formava uma síntese, e sim que modelavam sua “doutrina às ideias do Integralismo: é o primado do espírito sobre a matéria”<sup>27</sup>. Esse primado espiritualista serviu de norte para todo o integralismo nas suas diferentes encarnações — que logo serão desenvolvidas. Mesmo reconhecendo conquistas do Círculo Operário Caxiense, não deixavam de apontar que:

somos daqueles que acreditam que nunca poderão obter reais vantagens no regime atual. Pois o patrão tem liberdade de fazer o que entende, isto é, poderá pagar bem e poderá pagar mal. Pelo contrário, no integralismo, a justiça social será perfeita, enquadrado-se da notável encíclica do Papa Leão XIII — *Rerum Novarum* — com o estabelecimento de condições higiênicas, salário mínimo e familiar, etc.<sup>28</sup>

A encíclica *Rerum Novarum*, de 1891, tentava afastar o operariado do movimento socialista, que começava a se fazer presente na Europa com intensidade cada vez maior. Em um contexto de desenvolvimento capitalista, pós Revolução Industrial, o que o Sumo Pontífice propôs foi a Doutrina Social Católica, estabelecendo, a partir da Encíclica, o comportamento correto de um bom fiel frente a esta conjuntura de desenvolvimento e aprofundamento do capitalismo internacional. Nesta Encíclica de 1891, a Igreja colocava-se a favor do capitalismo liberal; apenas eram feitas algumas objeções de como ele poderia ser mais efetivo para burgueses e proletários - fato esse que seria relativizado na Encíclica *Quadragesimo Anno*, assinada pelo Papa Pio XI, em 1931. Em um contexto de crise do liberalismo, o capitalismo em si seguiria não sendo um problema, mas o liberalismo teve seus princípios questionados.

Dessa forma, apontar a centralidade da religiosidade católica para a constituição da ideologia integralista se faz mister. Como nos lembra Odilon Caldeira Neto (2011, p. 28), o manifesto de fundação da AIB “é aberto com a expressão ‘Deus dirige o destino dos povos’, que deixa claro o quão é importante a questão religiosa/espiritualista no discurso e imaginário integralista, assim como o caráter messiânico que o movimento fora construindo durante sua trajetória, em especial nas obras de Salgado”. Esse espiritualismo aparece sempre como o responsável por constituir a visão de que os *camisas-verdes* eram compostos por:

uma consciência reta e pura que serve de condenação à imoralidade, à corrupção, ao vício, ao egoísmo. Nós representamos muito mais que a implantação de um regime político. O povo vê em nós o restabelecimento do equilíbrio e da harmonia na vida moral, econômica e cultural desta e das futuras gerações.<sup>29</sup>

<sup>27</sup> A intransigência do Integralismo, *O Bandeirante*, 26/10/1935, p. 2.

<sup>28</sup> Círculo Operário de Caxias, *O Bandeirante*, 26/10/1935, p. 2.

<sup>29</sup> Os homens somos nós, *O Bandeirante*, 15/05/1937, p. 1.

O distanciamento desse espiritualismo e a atenção maior às questões materiais, as quais estavam sendo dadas por essa sociedade que se tornava mais e mais materialista, eram as principais causas dos problemas a serem enfrentados, tanto nas Encíclicas papais, quanto para a ideologia integralista. O movimento Integralista, sem o apoio oficial da hierarquia católica, “obteve declarações de apoio de diversas lideranças católicas, além da adesão de centenas de religiosos em pequenas cidades semi-rurais, especialmente na região colonial italiana.” (Calil, 2005, p. 139) - caso do município de Caxias do Sul, onde o próprio *O Bandeirante* aponta falas de Dom João Becker, arcebispo de Porto Alegre, afirmando que:

Como em países europeus, surgira entre nós a poderosa ideia de integralismo nacional. À semelhança dos poços artesianos que nascem do mesmo lençol d'água oculto no seio da terra. O movimento integralista sobe, irresistível, em altos jactos, do subsolo da consciência nacional, em todos os estados da federação brasileira.<sup>30</sup>

Dessa forma, o discurso empregado pela Igreja Católica dá base para parte considerável dos posicionamentos dos integralistas, seja nas críticas feitas ao liberalismo, no combate aos socialistas e comunistas ou na defesa da moralização dessa sociedade.

As críticas ao liberalismo são expressas em texto de capa n' *O Bandeirante* por Luiz A. Compagnoni, gerente do jornal nesse momento. Consta:

É a época em que os detritos da liberal-democracia exalam seus odores... em que a mocidade sente repugnância pela falsa vida política que impera no Brasil; em que os infelizes, os ingênuos, as cabras, as ovelhas e as vacas entram em partilha e são ludibriadas pelos “leões” que perambulam sob peles de ovelhas...<sup>31</sup>

Utilizando-se de uma fábula onde um leão se alia a outros para a caça e, após obtê-la, trai a todos e fica com o alimento só para si, Compagnoni acusa os liberais de se portarem como o leão que se oferece para auxiliar, para se aliar, e acaba, após a eleição, por ficar com todos os bônus da conquista, expulsando os demais da participação. Os Integralistas, por outro lado, em combate aos leões do liberalismo, assumiam que não pertenciam

nem ao Governo nem à Oposição: estamos pela nossa própria vontade, proscritos da falsa vida política do País. E depois porque haveríamos de nos deixar empolgar pelas paixões que geram os pleitos eleitorais, procurando aliança com este ou aquele, se as eleições passam e o Integralismo fica?<sup>32</sup>

A acusação de que a democracia liberal vivida trazia uma participação política falsa à sociedade será constantemente utilizada pela AIB como justificativa para a derrubada do *status quo*. No início, essa derrubada deveria ser feita pela via revolucionária, posteriormente, passou a ser defendida a partir da conquista eleitoral. Para os *camisas-verdes*, por fim: “Se a liberal democracia não é capaz de solucionar a questão social e dá margem a que estrangeiros

<sup>30</sup> Catolicismo e integralismo, *O Bandeirante*, 19/01/1937 p. 2.

<sup>31</sup> No regime do despistamento!, *O Bandeirante*, 26/10/1935, p. 1.

<sup>32</sup> A intransigência do Integralismo, *O Bandeirante*, 26/10/1935, p. 2.

sem pátria explorem a revolta dos nossos trabalhadores, nós temos certeza de que saberemos remediar essa situação”.

Como já citado, ao aproximar-se do pleito eleitoral de 1937, a AIB muda aos poucos sua forma de atuar politicamente. As críticas ao Estado, aos partidos e à participação na disputa eleitoral são ajustadas, e a AIB se apresenta como mais um partido a concorrer na eleição que aconteceria. É importante notar que parte do que era pregado pela AIB seria facilmente assimilado aos discursos de Getúlio Vargas e vice-versa: o anticomunismo, as críticas ao liberalismo desorganizado, os questionamentos à organização do Estado, a falta de centralização, etc. Certos aspectos estavam presentes nos dois casos, mesmo que tomassem forma diversa.

Esse apoio dos integralistas ao que defendia Vargas, pouco antes da decretação do Estado Novo, já era perceptível: a defesa do “engrandecimento nacional”<sup>33</sup>, que seria atingido com o auxílio de “agremiações com diretrizes definidas”<sup>34</sup> - como o integralismo. Pronunciamentos de Getúlio Vargas eram, inclusive, transcritos no topo da imprensa integralista como demonstrado a seguir:

#### Figura nº 10 - Trecho de pronunciamento de Getúlio Vargas em *O Bandeirante*



Fonte: AHMJS, *O Bandeirante* 15/05/1937, BNDigital, acessado em 15/11/2023.

Indicavam uma pátria "cansada de ver um regimen (sic) tão fraco guiando os destinos de uma nação tão imensa, e, mais do que nunca, nos convencemos da necessidade de um governo forte, de um governo que reconheça as necessidades e os anseios nacionais.”<sup>35</sup> Mesmo tendo apresentado em 1937 Plínio Salgado como candidato à Presidência da República, não se opuseram ao fechamento do regime. O golpe que deu início ao Estado Novo foi apoiado pelos integralistas<sup>36</sup>, como apontado pelo *O Bandeirante*

<sup>33</sup> *O Bandeirante*, 15/05/1937, p. 4.

<sup>34</sup> *Idem*.

<sup>35</sup> Aguardando os acontecimentos, *O Bandeirante*, 15/05/1937, p. 4.

<sup>36</sup> Olímpio Mourão era um dos militares que faziam parte das fileiras integralistas e produziu um documento intitulado “Plano Cohen” que era, a princípio, de uso interno à AIB. O documento, que falava de um plano

o decreto do governo federal extinguindo todos os partidos políticos existentes no país, foi mais um grande passo para a concórdia da família brasileira. Com efeito, os partidos políticos, principalmente após a proclamação da República, nada fizeram de louvável em prol do engrandecimento da Nação.<sup>37</sup>

Provavelmente, em busca de participação na nova fase do governo Vargas, justificaram o apoio à medida apontando que o fechamento dos partidos, mesmo que atingindo também a AIB, era pauta defendida pelos integralistas desde o lançamento de seu Manifesto em 1932. Relembrem, ainda, que, visto não ser o integralismo um partido político e sim ter tomado a forma de um partido apenas em função das necessidades apresentadas pela conjuntura, continuariam funcionando como “centro de estudos e de educação moral, cívica e física, provavelmente mantendo os departamentos em que se divide agora, modificados, como é natural, a fim de poder se adaptar à atual ordem de coisas”<sup>38</sup>.

O discurso antiliberal e, ao mesmo tempo, anticomunista, era semelhante ao que foi empregado por Vargas, e o apoio ao governo aconteceu enquanto as perspectivas de participação no poder existiram. Em 1938, após a percepção de que o espaço prometido aos integralistas não se cumpriria, participaram de duas tentativas de golpe contra Vargas - em março e em maio<sup>39</sup>. O segundo caso tornou definitivo o fechamento do integralismo, e Plínio Salgado se exilou em Portugal, ficando Raymundo Padilha no Brasil como seu porta-voz.

Plínio Salgado pouco se opôs ao governo em terras lusas. Em alguns comunicados aos militantes, indicava que não se opusessem ao governo estabelecido, enquanto mantinha suas atividades do outro lado do Atlântico. Com os encaminhamentos, que iam se definindo no transcorrer da Segunda Grande Guerra, o distanciamento do nazifascismo europeu se mostrava cada vez mais necessário. Nesse contexto, Salgado, que tinha sido um católico conservador desde o início da sua vida no interior do estado de São Paulo, passava a atuar em publicações e conferências que tinham como tema o espiritualismo. Suas atividades em um país de forte influência católica e que trazia claros paralelos com o Brasil também compunham uma estratégia de reposicionamento político - a partir delas era possível “apresentar-se como líder espiritualista e cristão, com sólidos vínculos com a hierarquia católica e uma vasta obra religiosa publicada” (Calil, 2005, p. 193).

---

imaginário arquitetado por comunistas para dar um golpe no país, sem ser apresentado como uma farsa, foi utilizado como justificativa para o golpe que daria início ao Estado Novo varguista.

<sup>37</sup> A Extinção Dos Partidos Políticos No País, *O Bandeirante*, 18/12/1937, p. 1.

<sup>38</sup> A Extinção Dos Partidos Políticos No País, *O Bandeirante*, 18/12/1937, p. 1.

<sup>39</sup> “A insurreição de maio de 1938 ficou conhecida como “Intentona Integralista”, a despeito da participação de diversas lideranças “liberais” em sua articulação e execução. (...) As informações disponíveis conduzem a uma posição intermediária, evidenciando que lideranças integralistas e também “liberais” participaram ativamente no movimento.” (Calil, 2005, p. 178).

Como já apontado, encaramos o discurso em nossa pesquisa como um dos tipos possíveis de prática social, constituído pela sociedade e constituinte desta mesma (Fairclough, 2001, p. 90-91). Nesse sentido, ao mesmo tempo em que mudanças aconteciam no seio do Integralismo, para dessa forma se adaptar ao novo contexto, este também interferia na constituição dos discursos empregados pelos próprios militantes. Esse novo contexto exigia que se afastassem de comportamentos que remetessem aos movimentos fascistas, como no caso do uso dos uniformes, das organizações paramilitares, do juramento de fidelidade ao Chefe integralista e houve até o abandono do uso do *Sigma* no período — este foi substituído pelo sino sobreposto ao mapa brasileiro. Vale apontar, no entanto, que a maior parte do que defendiam ideologicamente os integralistas permaneceu no partido, mesmo que em discurso tentassem relativizar parte da herança da década de 1930 (Porto, 2021, *passim*, cap. 3): Plínio Salgado, não mais Chefe Nacional, seguia com a centralidade que tivera anteriormente; o elitismo, que dava ao integralismo a responsabilidade de guiar a sociedade aos rumos corretos; o moralismo dos costumes; e, principalmente, o anticomunismo tornava-se o centro de combate do partido. Nesse momento, as relações com a Igreja Católica se aprofundaram e o discurso espiritualista, que já era importante na AIB, tornou-se central para as definições políticas com a fundação do PRP. Agora, visto que a democracia não poderia ser criticada, os perrepistas centravam a disputa nas definições do que poderia ser essa democracia, e o espiritualismo cristão era a base para isso.

A historiografia integralista costuma afirmar que, após as tentativas de golpes no início do Estado Novo, com a proibição definitiva do funcionamento das instituições integralistas imposta por Vargas, o uso da vestimenta e o cumprimento dos rituais haviam ficado em suspenso pelo receio da perseguição por parte do Estado brasileiro. Acreditamos ser necessário relativizar um pouco essa leitura, pelo menos a partir das fontes que encontramos em Caxias do Sul. Da mesma forma que os discursos, que mudavam apenas aparentemente ou, quando mudavam, iam se transformando lentamente, a partir de fotografias feitas na região, no início da década de 1940, é possível afirmarmos que até o uso das vestimentas e do *Sigma* não foram abandonados imediatamente, ou, ao menos, em algumas regiões, teve seu uso mantido, como pode ser observado na fotografia abaixo.

## Fotografia nº 2 - Grupo de integralistas nas escadarias da Catedral Diocesana



**Fonte:** Caxias do Sul - RS. Entre 1940-1942. Autoria: Jacob Kappes, Acervo: AHMJA, KAP CIV 018.

A partir dessa nova roupagem - que nem tão nova era -, o espiritualismo seria tomado como garantia do caráter democrático do integralismo, sendo possível propor “um nexo indissolúvel entre “democracia” e “espiritualismo”, por um lado, e entre “materialismo” e “totalitarismo”, por outro” (Calil, 2005, p. 200). Podemos dizer que o integralismo organizado a partir de 1945 se baseou em um espiritualismo, o qual permitiu a constituição de uma perspectiva democrática limitada e excludente, que, ao fim e ao cabo, deixava uma boa parte da ideologia integralista formulada na década de 1930 intocada. Essa “democracia orgânica” - conceito utilizado pelos integralistas neste novo contexto - basicamente permitia que fosse definido como democrático tudo aquilo que correspondesse à democracia pregada pela igreja e que era mobilizada pelo PRP; todas as demais propostas eram taxadas de comunistas, materialistas e, por isso, poderiam e deveriam ser combatidas até que fossem extirpadas da sociedade.

Com a abertura, que se processava em meados dos anos 1940, e a retomada de movimentos que ficaram até então afastados das disputas políticas e eleitorais em função do

fechamento do Estado Novo, o mundo político-partidário voltava a se organizar. Novos partidos iam sendo fundados; Partido Social Democrático (PSD) e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) surgiam com uma profunda influência de Getúlio Vargas — o primeiro, era fruto das elites formadas no interior do Estado varguista dos últimos anos, enquanto o segundo respondia principalmente à classe trabalhadora urbana, que ganhou forma também com o auxílio do próprio Ministério do Trabalho. Outro partido, a União Democrática Nacional (UDN), em sentido contrário, era profundamente antivarguista. Definia-se a partir da junção de oposições variadas que haviam sido deslocadas ou afastadas do poder em diferentes momentos após 1930. Essa era a tríade partidária principal, mas havia outros partidos e movimentos, os quais poderiam servir como agentes importantes na balança do poder, que, agora, passava a depender de um crescimento do público eleitoral possível.

Nessa reorganização partidária e eleitoral, o caso do Rio Grande do Sul deve ser pensado com suas especificidades: diferentemente de boa parte do país, a UDN não teve grandes feitos eleitorais no estado. Maria Izabel Noll e Hélió Trindade (2004, p. 81) apontam que “O caráter marginal da UDN, que ocupa no Rio Grande do Sul o 10º lugar nas eleições de 1947, se explica, em parte, pelo fato do liberalismo regional concentrar-se, tradicionalmente, no Partido Libertador, inclusive atraindo intelectuais urbanos, de tradição católica”. Dessa forma, a divisão entre duas forças políticas majoritárias do Rio Grande do Sul era mantida entre o PTB e o PSD; não era uma disputa entre varguistas e não-varguistas, mas sim entre PTB e anti-PTB. Cedo, o PTB ganhou impulso regional e passou por um crescimento vertiginoso, o que levou, inicialmente, o PSD a rivalizar e disputar o apoio dos getulistas, mas acabou consolidando um quadro de oposição entre as duas forças tradicionalmente getulistas, criando uma lógica partidária estadual um tanto diferente do funcionamento dos mesmos partidos em nível nacional (Bodea, 1992, *passim*).

O momento era de abertura; mudanças estavam sendo propostas para a organização da sociedade e, visto que democracia não é um conceito que traz em si a definição completa de seu funcionamento, muitas eram as disputas acerca dos rumos a serem tomados. Nesse contexto, como já citado, foi fundado também o Partido de Representação Popular, coordenado à distância por Plínio Salgado, herdando parte importante da ideologia integralista e tentando mobilizar os militantes para integrarem a nova agremiação.

A tendência à polarização, já tradicional no estado, permitiu ao PRP se tornar um importante agente nesse contexto; afinal, seu apoio poderia levar à vitória uma candidatura, principalmente se levarmos em conta a construção desse integralismo como um movimento que dava espaço a agentes esquecidos, até pouco tempo atrás, da política. Cardoso (2009, p.

2) defende que “o partido conseguiu implantar sua estrutura partidária em vários municípios e conquistar uma base eleitoral que manteve uma considerável constância a ponto de garantir ao PRP uma posição de ‘fiel de balança’ em pleitos eleitorais em âmbito estadual e municipal”. A inserção da AIB e agora do PRP nessas áreas de imigração alemã e italiana também deve ser levada em conta para se entender o impacto do Integralismo na reestruturação das disputas eleitorais no Rio Grande do Sul.

Em 1946, vemos Salgado retornar do exílio e ser eleito Presidente do PRP com amplos poderes partidários, principalmente a partir da II Convenção do Partido (Calil, 2005, p. 314; Cardoso, 2009, p. 93). O Chefe Integralista da década de 1930 tentou se distanciar no início da rearticulação do movimento e recorrentemente afirmava que o PRP não era um partido integralista - nos primeiros momentos, os cargos importantes do partido ficaram nas mãos de não militantes do movimento; em pouco tempo, no entanto, estes vão sendo afastados, o partido tem seu estatuto reformado e vê os poderes serem centralizados nas mãos de Plínio Salgado. Segundo Gilberto Calil (2005, p. 227), assumir a presidência do PRP tinha se tornado uma necessidade para que não se perdesse o controle da militância.

Essa centralização exacerbada do PRP não é exclusividade dos integralistas. Gilberto Calil (2005, *passim* cap. 1) defende que o PRP não era uma organização exótica à política dos anos 40, 50 e 60 e vê, em outros partidos, marcas do autoritarismo do Estado Novo. Ainda segundo o autor, a democracia do período 1945-1964 era apenas uma roupagem substituindo as velhas vestes abandonadas com a queda de Vargas, mas que não mudaria efetivamente o funcionamento do Estado, inclusive permitindo a fundação de um partido que mantinha a ideologia integralista enquanto proibia o PCB de atuar. Para Claudira Cardoso (2009, p. 25), “O sistema concedia maior espaço de atuação aos partidos ligados aos grupos que estavam no poder. Era, portanto, mais restritivo aos partidos de esquerda e mais aberto aos partidos de direita, como o PRP”. Dessa forma, a conjuntura política acabava por facilitar a inserção do partido, bem como permitia um amplo leque de alianças a serem procuradas.

Ainda nesse sentido, mesmo assumindo as disputas econômicas e sociais e a participação de diversos agentes históricos pelos rumos a serem tomados a partir de 1945, Gilberto Calil parte da posição de que, em muitos casos, “foi possível travestir em ‘democráticos’ os mecanismos de controle e centralização oriundos do Estado Novo, viabilizando sua sobrevivência ao processo de democratização” (Calil, 2005, p. 58). Conclui com a leitura de que a conjuntura do pós-guerra, aliada com um anticomunismo que se aprofundava, permitia o estabelecimento da defesa do que chama de uma democracia defensiva, que constantemente se tornava autoritária e excludente (Calil, 2005, p. 95-96). Essa

dita democracia defensiva, com fortes tons autoritários e que permitia a retomada de diversos aspectos da política da AIB na década de 1930, seria amplamente mobilizada pelo PRP<sup>40</sup>.

O retorno de Salgado e a participação de parte da militância da década de 1930, no entanto, tinha barreiras a serem transpostas. O fim da Segunda Guerra Mundial colocava a democracia e o combate aos movimentos nazifascistas na pauta do dia e, dessa forma, era necessário que o Integralismo adaptasse suas pautas, discursos e organização partidária aos novos tempos para que fosse assim aceito. Frente às tentativas de adaptação, diversas foram as situações em que opositores políticos tentaram colar no PRP a imagem de permanência do fascismo. Para Calil (2005, p. 206-207), essa hostilidade, que começou com a tentativa de golpe em 1938, “difundi-se amplamente no contexto das mobilizações pela democratização, a partir de 1942”. O caráter defensivo que o PRP precisou assumir pode ser percebido no *Pioneiro*, o qual recorrentemente apontava que “O Integralismo não é totalitário”<sup>41</sup> e que o movimento é “cristão e nacionalista (...) no seu verdadeiro caráter de afirmação espiritualista e anti-totalitário, da mais pura brasilidade”<sup>42</sup>. Mesmo negando a ligação e assegurando não dar atenção às acusações, a recorrência das situações em que respondia processos, apontava denúncias como sendo injustas e justificava sua participação como sendo democrática, levanta dúvidas sobre o real impacto das acusações que eram feitas, além de permitir uma melhor compreensão do posicionamento defensivo dos integralistas nesse primeiro momento.

Nas palavras de Calil (2005, p. 233), “os laços até então já estabelecidos com os demais partidos e o reconhecimento do PRP por parte destes parecem ter sido fatores decisivos na defesa do PRP”. Dessa forma, mesmo sendo perceptíveis as acusações de fascistas e o combate de diferentes movimentos à reorganização do integralismo, o contexto da Guerra Fria<sup>43</sup>, que se iniciava, trazia bons ares ao partido que se apresentava como

<sup>40</sup> Pontuamos aqui uma discussão feita em um artigo escrito por Gomes e Ferreira (2018), em que defendem que o processo histórico iniciado em 1945 passa por uma construção de uma democracia representativa que será interrompida com o golpe de 1964 e que, dessa forma, atentar apenas para as permanências do Estado Novo nesse novo contexto acaba por não compreender a complexidade dos acontecimentos que vão de 1945 a 1964. Concordamos com a leitura feita pelos autores; segundo estes, “o período republicano que se estende de 1945 até 1964 possui grandes tensões, assinalando continuidades com o processo político anterior, mas igualmente descontinuidades relevantes. Ou seja, se o sistema partidário e as práticas eleitorais do pós-45 mantêm vínculos com a dinâmica política do Estado Novo e da Primeira República, também demarcam transformações muito importantes, mas pouco assinaladas, na história política do Brasil. Nesse sentido, a despeito de suas ambiguidades, pode-se dizer que, nesse período, o Brasil estava construindo uma experiência de democracia representativa” (Gomes; Ferreira, 2018, p. 254). Em nossa pesquisa, portanto, não temos a intenção de ignorar ou não reconhecer os avanços, disputas e debates que iam se construindo nessa tentativa de abertura iniciada após a queda de Vargas, mas damos maior atenção às permanências, porque são justamente elas que permitem o retorno sem maiores empecilhos do integralismo para a vida política brasileira, bem como são suas contradições que facilitam as adaptações discursivas e doutrinárias entre a AIB e o PRP.

<sup>41</sup> “O Integralismo não é totalitário”, *O Pioneiro*, 13/08/1949, p. 3.

<sup>42</sup> A verdade venceu!, *O Pioneiro*, 13/08/1949, p. 3.

<sup>43</sup> Entender alguns aspectos básicos do que foi a Guerra Fria é importante para localizar as disputas que aconteciam em nível global e também para perceber como elas são relevantes para uma melhor compreensão da

profundamente anticomunista e católico. O integralismo era apenas mais um partido que se organizava nessas bases, não mais visto como uma organização exógena ao sistema político que mantinha fortes permanências do que tinha sido o Estado Novo varguista. Situação diversa, entretanto, passou o PCB, que em pouco tempo teve a cassação de seu registro declarada e viu-se obrigado a voltar à ilegalidade.

Feito esse sobrevoo ao Integralismo, abordando suas diferentes fases e adaptações às conjunturas políticas que se sucederam, apontamos para o fato de que algumas permanências são evidentes. Mesmo que o contexto seja diverso — como as diferenças entre a década de 1930 da fundação da AIB e a reabertura de 1945 —, a centralidade de Plínio Salgado no movimento, a aproximação com a ala mais conservadora da Igreja Católica e o anticomunismo exacerbado estão entre as marcas mais inequívocas do movimento desde sua criação. As mudanças ocorreram em função da necessidade dos novos tempos, justamente para que permanecessem em atividade. Por isso, não foram muito além de mudanças discursivas e imagéticas - o núcleo duro da ideologia integralista continuava intacto e em funcionamento.

Para além das questões ideológicas, acreditamos que algumas estratégias para a divulgação e conquista de novos militantes não seriam simplesmente abandonadas nesse novo partido. Rodrigo Oliveira (2009, p. 106), ao analisar a AIB na década de 1930, aponta para a centralidade que a imprensa teria na estruturação do movimento e exprime que “dentro de toda a estrutura interna do movimento, a imprensa será um dos principais mecanismos de cooptação social e também de propaganda política”. Como vamos mostrar, a importância da

---

pesquisa que apresentamos. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, as duas principais potências atuantes e vencedoras — URSS e EUA — dividiram o mundo em duas áreas de influência frontalmente opostas. Os estadunidenses, representantes do capitalismo nessa nova divisão, tinham uma vasta área de atuação e serviam como exemplo para diversos países que se inspiravam nos ideais deste “ocidente” que tomava forma. Os soviéticos, com uma menor parte nesta divisão desigual, eram os representantes do comunismo que se espria desde a Revolução Bolchevique de 1917 na Rússia; apesar dos discursos violentos de ataque que partiam de ambos os lados, com maior afinco vindo dos EUA, o consentimento dos dois pólos na divisão e a ciência da capacidade destrutiva que teria um novo conflito global, desta vez munido de armas nucleares, fez com que as potências não ingressassem em um conflito direto e aberto. Nas periferias do sistema global do período, como na América Latina, Vietnã, Coréia e China, no entanto, o conflito se fez presente de forma violenta com a participação indireta de ambos, sempre com a intenção de impedir o espalhamento de seus rivais, Hobsbawm afirma que “Dificilmente houve um ano entre 1948 e 1989 sem um conflito armado bastante sério em alguma parte. Apesar disso, os conflitos eram controlados, ou sufocados, pelo receio de que provocasse uma guerra aberta — isso é, nuclear — entre as superpotências.” (Hobsbawm, 2003, p. 249) . O antagonismo, mais do que armado, era ideológico e mobilizou dois mundos apresentados pelas partes como irreconciliável e, no ocidente influenciado pelos Estados Unidos como um todo, o combate ao comunismo e a mobilização do medo que ele causava foi central para a definição de boa parte da atuação política daquele período. O Brasil, como previsível, também era campo de batalha nesta disputa e os reflexos da Guerra Fria compõem o pano de fundo do que vamos discutir na dissertação. A cassação do registro partidário do PCB em 1947 e também dos eleitos pelo partido a nível nacional, estadual e municipal, enquanto existe a legitimação da atuação dos integralistas, agora no PRP, serve de exemplo para a compreensão de como o conflito bipolar mundial influenciou na política brasileira. Cf. Hobsbawm, 2003; Delgado, 2022.

imprensa se manteve quando da retomada feita a partir do PRP. Gilberto Calil (2005, p. 309) informa que para Salgado era necessária “a estruturação de uma vasta rede nacional, constituída de diversos instrumentos, como jornais semanais, programas radiofônicos, editora, folhetos e revistas”. Partimos dessa premissa para pensar e refletir sobre os vínculos de *O Pioneiro* com o Partido de Representação Popular.

A próxima parte da pesquisa propõe pensar esses sujeitos que fizeram parte da fundação de *O Pioneiro* e de que forma esses agentes, suas ligações políticas e partidárias podem nos ajudar a compreender a inserção e circulação do jornal no município de Caxias do Sul.

## 2.2 - “Homenagem de ‘O Pioneiro’ ao seu fundador: Dr. Luiz Compagnoni”<sup>44</sup>

Na capa da edição comemorativa de um ano de circulação, encontramos a homenagem ao fundador d’*O Pioneiro*. Até essa edição, ninguém tinha sido apontado como o responsável pelo empreendimento jornalístico e pelo esforço de pôr em circulação um jornal periódico nesse período. Para uma melhor compreensão das dificuldades na circulação de um impresso regional nesse contexto, vamos examinar alguns dados. Segundo Kenia Pozenato e Loraine Giron (2004, p. 126-127), 24 jornais circularam entre 1946 e 1964 na região nordeste do estado; destes, mais de 80% não chegaram aos 5 anos em circulação e apenas *O Pioneiro* e o *Correio Riograndense* mantiveram sua atividade por períodos maiores, inclusive seguindo em circulação até a atualidade.

Nas palavras do próprio jornal, em texto de capa,

O PIONEIRO ao comemorar seu aniversário, deseja prestar uma homenagem ao seu fundador e principal animador, Deputado Luiz Compagnoni.

Na verdade, a vitória de O PIONEIRO representa, antes de tudo, uma vitória do vigoroso parlamentar caxiense, velho lutador da imprensa que a par de suas grandes iniciativas na vida política, em benefício da coletividade, consolidou mais o fato concreto que representa hoje o maior semanário gaúcho, patrimônio moral da cidade de Caxias do Sul.<sup>45</sup>

Partindo dessa primeira aparição de Compagnoni como o principal idealizador do impresso, entendemos como necessário colocar o sujeito em seu contexto para compreender qual o tempo e espaço de sua origem. Pontuamos, desde já, que mesmo quando afastado geograficamente de Caxias do Sul, percebemos a participação de Compagnoni em boa parte da circulação do impresso: ora escrevendo à distância, ora sendo referenciado por seus feitos na capital federal. Acreditamos que pensar o impresso que analisamos é também pensar os

<sup>44</sup> Homenagem de ‘O Pioneiro’ ao seu fundador, *O Pioneiro*, 05/11/1949, p. 01.

<sup>45</sup> *Idem*.

rumos tomados por seu fundador, principalmente em suas relações políticas. Essa questão pode corroborar acerca do profundo elo entre o impresso e seu precursor. Cabe referir que, apesar dos poucos estudos relacionarem a origem do jornal e as posições políticas de seu fundador, é apenas após a morte de Compagnoni, no ano de 1981, que o impresso muda sua linha editorial e se distancia, oficialmente, de suas ligações políticas e partidárias.

Figura nº 11 - Luiz Compagnoni, o fundador do jornal



Fonte: AHMJSA, *O Pioneiro* 05/11/1949, BNDigital, acessado em 24/02/2023.

A figura acima traz, à esquerda da imagem, a homenagem feita a Luiz Alexandre Compagnoni no aniversário de um ano de circulação do impresso. Além de citado diretamente, traz junto ao texto uma fotografia dele na capa da edição comemorativa.

Em função do que foi relatado, acreditamos de suma importância dar maior espaço ao sujeito em questão. Como pontuado por Marialva Barbosa (2013, Int., n/p), a comunicação se faz por meio de processo social e este, conseqüentemente, é envolvido principalmente por práticas humanas, tendo os sujeitos envolvidos como atores centrais das discussões. Esse ator

central, segundo o próprio impresso, afinal “principal animador”, será apresentado a partir de agora.

Nascido no ano de 1913, na cidade de Caxias do Sul, e de família com ascendência italiana, Luiz Alexandre Compagnoni fez da zona colonial italiana, no nordeste do estado do Rio Grande do Sul, seu território de influência política e eleitoral. Ivo Compagnoni, irmão de Luiz A. Compagnoni, em entrevista ao banco de memória do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami (AHMJSA), relatou sobre o colégio eleitoral de Luiz Compagnoni: “Era na região de colonização italiana (...) tanto assim que o jornal [*O Pioneiro*] adotou, que eles tiraram do editorial do jornal inicial do Pioneiro em 1948, final de [19]48, onde dizia ‘É um jornal de penetração regional’ que não é só pra Caxias”...<sup>46</sup> Nessa passagem, está dando a entender que a atuação jornalística de Luiz A. Compagnoni levava em conta a situação de sua atuação política. Elvo Marcon, primeiro diretor do *Pioneiro*, lembra do período da fundação do jornal da seguinte forma:

Nesta época começou a surgir em Caxias, por inspiração do falecido deputado [Luiz] Compagnoni, a ideia de se fundar um jornal de maior porte, de maior porte. E ele foi quem tomou a iniciativa de articular todas as *démarches* [procedimentos] necessárias para a edição deste jornal, que veio a ser “O Pioneiro”.<sup>47</sup>

Ou seja, para além do que é apontado pelo próprio periódico em sua circulação, diferentes sujeitos envolvidos com *O Pioneiro* corroboram a importância de Compagnoni na circulação do jornal.

Advogado de formação, atuou nos meios jornalísticos muito antes de fundar *O Pioneiro*. Nos idos da década de 1930, encontramos passos de sua participação política no jornal *O Bandeirante*, que circulou na mesma região que o impresso agora analisado e pertencente ao conglomerado *Sigma Jornaes Reunidos*, já referido na seção anterior. É digno de nota que a circulação desse jornal acontece após a reorganização da AIB com vistas à eleição de 1937, a qual teria Plínio Salgado como candidato à presidência, mas o processo foi interrompido em função do golpe que deu início ao Estado Novo, inclusive com o apoio dos integralistas.

---

<sup>46</sup> COMPAGNONI, Ivo Carlos. **[Entrevista]** Entrevistadores: Sônia Storchi Fries e Roberto Francisco Terrible, Caxias do Sul, 26 mar. 2014. A entrevista de Ivo Compagnoni, utilizada na dissertação, pertence ao Banco de Memória Oral do AHMJSA e visava a ampliação de acervo do arquivo, em sua maior parte versa sobre a história de sua própria vida.

<sup>47</sup> MARCON, Elvo. **[Entrevista]** Entrevistadores: Ana Rita Bertochi e Liliana Alberti Henrichs, Caxias do Sul, 30 jun. 1988. A entrevista de Marcon, da qual utilizaremos parte para o desenvolvimento de nossa pesquisa, pertence ao Banco de Memória Oral do AHMJSA, foi fonte de pesquisa para a exposição "Autofalantes" e também para o caderno "Com a palavra, o jornal", ambos de no ano de 1988. Integra o Projeto "A Voz da memória - o passado preservado na tecnologia digital".

*O Bandeirante* circulou em Caxias do Sul entre os anos de 1935 e 1937<sup>48</sup>, tivemos acesso a edições que apresentam Humberto Bassanesi<sup>49</sup> como diretor, Ibanez Lisboa<sup>50</sup> como secretário e Luiz Alexandre Compagnoni como gerente na maior parte do tempo da existência do jornal. Ainda em julho de 1935, Raul Azevedo<sup>51</sup> é apontado como secretário do jornal; em maio de 1937, Ibanez passa a exercer o cargo de diretor, Natal Chiarello<sup>52</sup> vira secretário e Virgílio Zambenedetti<sup>53</sup> se torna gerente. Após uma falha na continuidade das edições que acessamos, no final de 1937, em sua última edição, Ibanez continuava diretor, enquanto Afonso C. Almeida<sup>54</sup> era apresentado como gerente do impresso. Os cargos de referência, assumidos pelos sujeitos em um jornal oficialmente integralista, permitem a leitura de que estes apresentavam uma distinção em meio ao integralismo na região.

<sup>48</sup> Tivemos acesso a parte considerável das edições que circularam do *Bandeirante*, mas algumas delas seguem não encontradas. Por diferentes acervos acessamos as seguintes edições: 19/01/1935, 26/01/1935, 02/02/1935, 09/02/1935, 16/02/1935, 23/02/1935, 02/03/1935, 16/03/1935, 23/03/1935, 30/03/1935, 06/04/1935, 13/04/1935, 27/04/1935, 04/05/1935, 11/05/1935, 18/05/1935, 25/05/1935, 08/06/1935, 15/06/1935, 22/06/1935, 29/06/1935, 06/07/1935, 13/07/1935, 20/07/1935, 27/07/1935, 03/08/1935, 10/08/1935, 17/08/1935, 24/08/1935, 07/09/1935, 14/09/1935, 28/09/1935, 12/10/1935, 19/10/1935, 26/10/1935, 09/11/1935, 30/11/1935, 14/12/1935, 15/05/1937, 17/07/1937, 24/07/1937, 31/07/1937, 18/12/1937.

<sup>49</sup> Humberto Bassanesi é apontado por Luiz Compagnoni como o primeiro a divulgar o integralismo em Caxias do Sul e teria sido o responsável por apresentar a AIB ao fundador do *Pioneiro*. Foi membro de diversas associações comerciais de Caxias do Sul, participou da comissão de construção do Monumento Nacional ao Imigrante e foi funcionário e sócio da Metalúrgica Abramo Eberle. Bassanesi foi eleito vereador pela AIB em 1935, seria eleito também nas décadas de 1940 e 1950 pelo PRP e assinou alguns textos no *Pioneiro*.

<sup>50</sup> Ibanez era um dos militantes que constantemente participava das bandeiras para o espalhamento do Integralismo na região de Caxias do Sul; vez ou outra noticia-se em jornais suas ações em conjunto com Bassanesi e Compagnoni em busca de novos membros para a AIB. Após a fundação do *Pioneiro*, passaria a ser autor de uma coluna intitulada “Gaúchos e Bombacha”. Como indica o nome, estes eram, em sua maioria, textos voltados a comentários sobre a cultura gaúcha, em que citava autores variados que escreveram sobre o assunto.

<sup>51</sup> Ainda nos faltam informações para melhor localizar o agente para além de sua atuação no jornal integralista que circulou em Caxias do Sul.

<sup>52</sup> Natal Chiarello se filiou à AIB em outubro de 1934 e, segundo biografia produzida por seu irmão, Antonio Chiarello, assumiu os cargos de Chefe de Expediente do Departamento Municipal de Organização Política, Secretário Municipal de Corporações e Serviços Eleitorais e Secretário Municipal de Estudos e Imprensa. Atuante pelo movimento, após uma pausa na circulação de *O Bandeirante*, “O Chefe Municipal da AIB, Ibanez Lisboa, e seu amigo Natal Chiarello – ambos muito jovens – decidem reativá-lo. Enfrentam a descrença e a resistência de líderes mais experientes, mas mantêm o seu projeto. (...) Eles adquirem uma impressora própria, instalam-se na sede partidária e ‘O Bandeirante’ renasce, na segunda fase. Natal redige editoriais, artigos, notícias. Sai, com Ibanez, a angariar anúncios. Ajuda na composição tipográfica, na revisão, na impressão manual, na subscrição e na entrega para os assinantes. (...) Se alguém manusear uma coleção de “O Bandeirante”, em sua segunda fase, poderá ter a certeza de que grande parte do que ali está impresso saiu, anonimamente, da cabeça e das mãos de Natal Chiarello” (Chiarello, 1995, p. 33-34). Após a fundação de *O Pioneiro*, alguns de seus textos eram enviados por seu filho e foram publicados mesmo após a sua morte; esses textos traçavam perfis de pessoas vistas como ilustres pelo escritor, como Miguel Pereira, e comentários sobre outros pensadores brasileiros, como Farias Brito, Alberto Torres, Euclides da Cunha e Menotti Del Picchia, estes últimos constantemente presentes nos escritos dos integralistas desde o período de fundação da AIB. A obra produzida por seu filho afirma que Natal Chiarello havia se afastado do integralismo em função das tentativas de golpes em 1938, mas nos falta material para analisar a questão. Na obra é citado um diário produzido nestes anos, mas a família não disponibilizou o material à pesquisa.

<sup>53</sup> Virgílio Zambenedetti apareceu no *Pioneiro* como repórter em uma oportunidade em 1949 e em 1950 seria eleito secretário geral do PRP caxiense. No ano de 1953 se associaria com outras pessoas para a abertura de uma livraria, seria vice-presidente de um clube de fotografia e se tornaria contador de um posto na mesma cidade.

<sup>54</sup> Ainda nos faltam informações para melhor localizar o agente para além de sua atuação no jornal integralista que circulou em Caxias do Sul.

Além de gerente, Luiz Compagnoni assinava diversos textos n' *O Bandeirante*, ora de capa, ora nas segundas páginas. Já na década de 1930, alguns pontos são evidenciados pelo autor, como o anticomunismo, latente de diversas formas, como quando comemorava o aniversário de um ano de seu sobrinho:

Sergio! Si tivesses nascido na Rússia, a estas horas provavelmente estarias entregue ao Estado. Ninguém te cercaria de mimos, de carícias, porque o Estado dar-te-ia, talvez, sustento, mas não te prodigalisaria (sic) nem afagos, nem carícias.  
Si tivesses nascido na Rússia, em vez de tua mãe que te ama, terias um Estado que, impossibilitado de distribuir sentimentos de amor, te numeraria como mais um futuro instrumento para a Máquina, ou como um próximo aluno das Universidades transformadas em escolas de amor livre.  
Si tivesses nascido na Rússia, em vez do leite materno, terias o leite ordenhado dos monstros humanos que matam o filho ainda antes que ele nasce...  
E tudo isso de acordo com a doutrina comunista.<sup>55</sup>

Como já apontado, o integralismo, nos primeiros anos, trazia o comunismo e o liberalismo como perigos iguais a serem combatidos. Na passagem em homenagem ao sobrinho, esse liberalismo não foi poupado e ainda deixa transparecer um traço antissemita, característico da década de 1930.

Nascestes, porém no Brasil. Na terra da liberal-democracia. Na terra da liberdade. Teu pai, que é operário, tem a liberdade de adoecer. O Estado Liberal Democrata o permite. (...)  
O Estado não se mete nessas coisas sem importância. Ele tem outros afazeres mais graves a atender, como o pagamento dos empréstimos aos judeus internacionais.<sup>56</sup>

O mundo que aguardava o sobrinho, ao fim, era aquele do liberalismo decadente, e este abria espaço para o colapso da sociedade, que representava o comunismo encarnado pela Rússia. Compagnoni denunciava uma situação ao mesmo tempo em que assumia, como movimento, a ideia de que “estamos construindo para ti um Estado novo. Um Estado que cuide de ti e de todos os sergios (sic) do nosso Brasil”<sup>57</sup>. Esse salvacionismo será constante entre os integralistas em toda a sua existência.

Como não deixaria de ser, a questão religiosa está também presente em seus artigos. Lembramos que, desde o início, o Integralismo se apresenta como uma ideologia estritamente espiritualista e que o abandono desse espiritualismo é apresentado como o principal causador dos males da sociedade contemporânea. Para Compagnoni, nesse sentido,

Com a liberdade de cátedra, os corifeus do materialismo, os asseclas do comunismo, os gozadores do liberalismo, os defensores da burguesia, as múmias do positivismo, os saudosistas do evolucionismo são admitidos no ensino e de lá podem expandir livremente suas ideias, que solapam os alicerces da família, destroem os fundamentos da Pátria e são uma injúria permanente a Deus — garantidos por um Estado que representa a Nação, e que também os remunera mensalmente.<sup>58</sup>

<sup>55</sup> Meu sobrinho Sergio, *O Bandeirante*, 30/03/1935, p. 02.

<sup>56</sup> *Idem*.

<sup>57</sup> *Idem*.

<sup>58</sup> O ensino na Liberal-Democracia, *O Bandeirante*, 06/04/1935, p. 01.

Dessa forma, a crítica feita à situação do ensino no Brasil traz consigo críticas ao Estado e, principalmente, às ideias materialistas, que estariam infectando a sociedade e se contrapondo a Deus com o apoio do Estado liberal. Finaliza afirmando que em "última análise, não pode existir moral perfeita se ela não estiver baseada em fatores de ordem sobrenatural. O estado liberal-democrata é, deste modo e disfarçadamente, ateu". Lembramos aqui que *O Bandeirante* circulava em uma região composta em grande parte por imigrantes e descendentes de imigrantes italianos marcadamente religiosos. Consequentemente, trazer a questão religiosa ao centro do debate, certamente, teria grande impacto para leitores de Caxias do Sul e arredores.

Além de se fazer presente nos artigos assinados, as ligações de Compagnoni com a religiosidade católica aparecem também em outras circunstâncias, como quando “sob a presidência de Luiz A. Compagnoni”<sup>59</sup> foi fundado o “núcleo feminino” do Centro Católico da Juventude, uma instituição que fazia trabalhos sociais variados, desde a busca de doações aos necessitados até costura de roupas para o inverno.

Bem relacionado com a Igreja Católica e diretor de um periódico integralista, conseguimos ver Luiz A. Compagnoni como um influente militante desse movimento. Assim, recorrente são as notícias sobre sua participação em eventos da AIB, como quando “Realizou-se grande sessão de propaganda integralista em S. Leopoldo, falando o academico Luiz Compagnoni e o chefe municipal Dr. Ney Camara”<sup>60</sup>. Era constante a ação do sujeito nas bandeiras integralistas, como na ocasião em que “excursionou a Ana Rech, distrito vizinho, uma bandeira de 20 camisas-verdes, que desenvolveu intensa propaganda doutrinária, tendo proferido discursos os srs. H. Bassanesi, Luiz A. Compagnoni, Ibanez Lisboa”<sup>61</sup>. Essas bandeiras teriam a função de divulgar a doutrina e motivar a fundação de novos centros da AIB pela região. Logo, a liderança de Compagnoni não pode ser ignorada.

Ademais, parte importante da divulgação do Integralismo também levava em conta as escolas montadas pela AIB, que tinham como função a alfabetização e educação básica dos militantes. Esse fato era mobilizado quando apontavam que o movimento não era apenas mais um partido político existente em período eleitoral. Insistiam nessa função de formar a elite intelectual do país, propondo “um perfeito aparelhamento de educação e cultura, que as tornem capazes de resolver os mais delicados problemas da realidade brasileira”<sup>62</sup>, *O Bandeirante* anunciava:

---

<sup>59</sup> Centro Católico da Juventude, *O Bandeirante*, 27/04/1935, p. 04.

<sup>60</sup> A Marcha do Integralismo no Rio Grande do Sul, *O Bandeirante*, 24/07/1937, p. 01.

<sup>61</sup> O Nosso Movimento, *O Bandeirante*, 24/07/1937, p. 01.

<sup>62</sup> O que o integralismo realizará, *O Bandeirante*, 26/01/1935, p. 4.

Está funcionando há mais de um mês, na sede do Núcleo Integralista, a escola gratuita para operários José Luiz Schröder.

Com regular número de alunos, o Sr. Luiz Compagnoni, professor da Escola, ministra diariamente, das 7 às 8 da noite, aulas gratuitas de matérias mais necessárias aos operários.

A AIB vem desta forma cumprindo um dos pontos básicos de sua doutrina, cultuando, ao mesmo tempo, a memória de seus mártires.<sup>63</sup>

Essa perspectiva elitista da sociedade, criticando a falta de educação e cultura das massas e exigindo uma maior atenção à construção de uma elite melhor preparada para atuar nos rumos da nação, é apontada por Décio Saes (1991, p. 463) como típica da classe média - o principal contingente visado pela AIB e, posteriormente, pelo PRP.

A pesquisa feita por Carla Brandalise sobre o integralismo no sul do Brasil, com maior foco nas regiões de colonização italiana e alemã, traz dados que nos ajudam a perceber a relevância de Compagnoni para o movimento. Entrevistas feitas citam o sujeito como um importante mobilizador político. Segundo um dos integralistas do período, “As idéias nos empolgavam, a linguagem era diferente, falava-se em modernidade, civismo... Em Garibaldi, o movimento não estava organizado, eu e o Compagnoni fomos lá fazer propaganda, depois da missa distribuimos folhetos” (Ártico<sup>64</sup> *apud* Brandalise, 1997, p. 28). Ainda segundo a autora, Compagnoni exerceu, em Caxias do Sul, o cargo de Secretário Municipal de Educação Moral e Cívica da AIB (Brandalise, 2004, p. 331) e, em 1935, ainda, seria referido como Comandante da Milícia Municipal integralista<sup>65</sup>.

Ao fim desse primeiro exame da atuação política de Compagnoni, acreditamos, portanto, que é inviável pensar quem é esse fundador do *Pioneiro* em fins da década de 1940 e, conseqüentemente, o que seria esse jornal e como ele se posicionaria, sem compreendê-lo como um importante integralista do estado do Rio Grande do Sul. Em relação ao *O Pioneiro*, Compagnoni nunca esteve nomeado como alguém que tivesse cargo de diretor, redator ou qualquer outro cargo - como havia acontecido n’*O Bandeirante* em 1930 —, mas era citado como diretor da “Gráfica Nordeste Limitada, proprietária desse jornal [*O Pioneiro*]”<sup>66</sup> e era quem mobilizava os cotistas em busca de valores para os planos futuros para o jornal.

A decretação do Estado Novo varguista põe fim também ao impresso regional da AIB que circulava no município; inclusive, em sua última edição, circulou com textos sobre o apoio do movimento ao fechamento proposto por Vargas. O irmão de Luiz Alexandre, em entrevista ao AHMJS, apontou que o Estado Novo, além de fechar a AIB, trouxe impactos

<sup>63</sup> O que o integralismo realizará, *O Bandeirante*, 26/01/1935, p. 4.

<sup>64</sup> Osvaldo ou Oswaldo Ártico é apresentado em *O Bandeirante* como bibliotecário da AIB, 11/04/1935, p. 4.

<sup>65</sup> Secretaria Municipal de Milícia, *O Bandeirante*, 19/01/1935, p. 02.

<sup>66</sup> Aumento de capital da Gráfica Nordeste Ltda., *O Pioneiro*, 16/07/1949, p. 01.

evidentes e diretos na vida familiar dos Compagnon; nas suas palavras: “a atividade dele [Luiz Compagnoni], ele foi desde bastante cedo, através do Movimento Integralista Brasileiro, integralismo, ele foi preso por motivo político, ainda jovem, por motivos de política, eu acho que o integralismo tinha sido fechado”<sup>67</sup>. Luiz Compagnoni, em 1957, afirmaria: “Depois de 25 anos de lutas, de sacrifícios, de prisões, de incompreensões, minha consciência está tranqüila”<sup>68</sup>.

As permanências no discurso de Compagnoni já foram analisadas em outro trabalho, atentando para os discursos empregados pelo autor nas poucas edições de *O Bandeirante* que tivemos acesso anteriormente e para os artigos assinados pelo mesmo nos primeiros anos de circulação do *Pioneiro*. Aspectos do pensamento integralista da década de 1930, mesmo que articulados de forma relativamente diferentes e com algumas mudanças exigidas pelo novo contexto pós-1945, em sua grande maioria, permaneceram (Porto, 2021, p. 57). Não se limitando apenas aos discursos, Luiz Compagnoni foi eleito deputado à Assembleia Constituinte do Rio Grande do Sul pelo Partido de Representação Popular em 1947. Foi também candidato a deputado federal no ano de 1950, obtendo vaga de suplência e ocupando a cadeira por alguns períodos, quando da licença de Alberto Hoffman. Em 1954 foi eleito deputado federal pelo mesmo estado e, em 1958, obtendo apenas a suplência, deixa a Câmara Federal. Em todo o período de candidatura, Compagnoni foi representante do mesmo partido, partido este que “constitui-se no instrumento de intervenção política dos integralistas durante todo o chamado período democrático” (Christofoletti, 2021, p. 32).

A atuação política dos integralistas, portanto, é inegável mesmo que após o fechamento imposto por Vargas a partir de 1938 e Compagnoni é um agente que nos permite acompanhar essa participação. Em meio às alianças e articulações deste processo de abertura democrática, mesmo com as crises constantes entre 1945 e 1964, Plínio Salgado teve um papel central para a inserção dos integralistas no processo partidário retomado após o Estado Novo e sua atuação servia como um meio de legitimar a posição do PRP nas eleições que se sucediam. No pleito eleitoral de 1945, os perrepistas fecharam apoio ao candidato do PSD, Eurico Gaspar Dutra; nas eleições estaduais de 1947, “Walter Jobim foi eleito governador na aliança firmada entre o PSD, PRP e PCB” (Cardoso, 2009, p. 193); no pleito presidencial de 1950, este contando com o retorno de Vargas, o Partido de Representação Popular apoiou o

<sup>67</sup> COMPAGNONI, Ivo Carlos. [Entrevista] Entrevistadores: Sônia Storchi Fries e Roberto Francisco Terrible, Caxias do Sul, 26 mar. 2014.

<sup>68</sup> COMPAGNONI, Luiz. Por que me tornei e continuo integralista. In: LOUREIRO JÚNIOR, et al (org.). **Enciclopédia do Integralismo**: V - Estudos e Depoimentos. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d. p. 72-88. (DELFO - Acervo Bibliográfico, divisão 2 - Livros de integralistas e Estudos Sobre o Integralismo, subdivisão 2.3 - Enciclopédia do Integralismo Brasileiro).

Brigadeiro Eduardo Gomes, candidato pela coligação UDN/PL/PRP, ao mesmo tempo em que apoiava a candidatura de Cylon Rosa para o Governo do Estado e lançava Plínio Salgado ao Senado pelo estado por meio da coligação PSD/UDN/PRP.

O ano de 1954 traz a única experiência de candidatura independente do partido ao governo do estado, rendendo menos de 10% de votos a Wolfram Metzler, que termina a eleição em terceiro lugar. O pleito de 1958 traz “a aliança eleitoral efetivada pelo PRP com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), a qual elegeu Leonel Brizola, governador do Estado” (Cardoso, 2009, p. 241). Isto é, pelo menos em nível regional o PRP apresenta uma heterogeneidade nas direções assumidas em suas alianças partidárias, desde alianças com os maiores partidos conservadores a nível nacional até o apoio a um importante membro do PTB que ascendia na organização do partido. Esse rápido sobrevoo feito sobre as alianças partidárias nos pleitos que abarcam nosso recorte temporal serve para mostrar que, mesmo mantendo uma linha ideológica definida e se remetendo, sempre que possível, à herança integralista da década de 1930, os perrepistas se inseriram neste novo contexto político que se estruturava a partir de alianças, as quais nem sempre estavam de acordo com a pureza ideológica pregada por seus militantes e ideólogos.

Ademais, se o contexto inaugurado em 1945 poderia trazer problemas aos movimentos que tivessem se aproximado de pautas que eram defendidas pelo Eixo na Segunda Guerra Mundial recém-encerrada, a aproximação com as demais forças políticas, independentemente de suas ideologias, ajudava a legitimar o espaço de atuação do integralismo na república que se iniciava. Essa legitimação da participação do PRP na política nacional não era uma busca exclusiva do partido e de seus militantes, apoiava-se no “fato de que os principais agentes políticos e sociais reconheciam no PRP um interlocutor legítimo, e através dos diversos partidos, estabeleceram com ele inúmeras alianças eleitorais” (Calil, 2005, p. 15).

Como exemplo dessas alianças, no pleito nacional de 1954, Salgado, diferentemente da UDN e de forças conservadoras aliadas ao projeto udenista, reconheceu a legitimidade da candidatura de Juscelino Kubitschek (JK) — mesmo que com discordâncias políticas e ideológicas — e manteve sua própria candidatura, após entendimento com JK, para dividir os votos conservadores, que poderiam migrar para Juarez Távora (Gonçalves; Caldeira Neto, 2020, cap. 2, n/p). Ainda, conforme Leandro Gonçalves e Odilon Caldeira Neto (2020, cap. 2, n/p), após a vitória eleitoral de JK, as direções do Instituto Nacional de Imigração e Colonização e do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado (IPASE) ficariam a cargo dos integralistas. Luiz Alexandre Compagnoni, nos últimos meses do governo Kubitschek, foi justamente presidente do IPASE, o que nos leva a inferir com certa

segurança a permanência do reconhecimento do fundador do *Pioneiro* frente ao movimento integralista, também enquanto membro do PRP. Ivo Compagnoni recorda, em entrevista ao AHMJSA, que

ele [Luiz Alexandre Compagnoni] foi um dos vice-líderes na Câmara da minoria, então ele participava daquelas reuniões, inclusive quando era pra assumir a presidência o Juscelino, houve tentativa de não deixar ele assumir. Então havia reuniões e mais reuniões com o Tancredo Neves e outros etc., etc., e meu irmão participava.<sup>69</sup>

Destacou ainda: “Ele recebeu esse Instituto do IPASE, mas ele pertenceu, foi Procurador do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, INIC, que eu fui o Secretário do Presidente lá pelas tantas, fui pro Rio então em dezembro de [19]57)”<sup>70</sup>.

Ainda pensando na importância do sujeito frente ao movimento em nível regional e nacional, Rodrigo Christofolletti aprofundou seus estudos sobre o retorno feito pelos integralistas, na segunda metade da década de 1950, aos ritos e memórias do período de maior expansão do movimento - este considerado, em termos da sua fundação oficial em 1932, até seu fechamento com o Estado Novo. Os 25 anos do movimento trouxeram eventos importantes para o integralismo: com o pós-eleição de 1955 e a candidatura de Plínio Salgado à Presidência da República, as lideranças tentavam mobilizar novamente os militantes clássicos da década de 1930, que se distanciavam do PRP em função da perda de identidade pela qual o partido passava. Para o autor,

na segunda metade da década de 1950, a perspectiva perrepista passou a incluir uma postura doutrinária e propagandística mais agressiva. (...) A propaganda e a simbologia do PRP visavam publicizar para consolidar. Num cenário muito menos receptivo que o desejado pelos perrepistas, a reconvocação dos militantes tornou-se questão de ordem. (Christofolletti, 2021, p. 35).

Nesse sentido, se o partido tentava retomar seus militantes clássicos com a retomada dos ritos da década de 1930, os militantes que no partido permanecem, ao menos não discordam do discurso integralista que se propunha originário, além de não terem problemas ao serem vinculados ao ideário tão próprio do movimento. O Congresso Nacional Integralista de 1957, que aconteceu no município de Vitória-ES - cidade que sediou eventos importantes para a AIB - foi um ponto de virada do integralismo para o novo contexto.

O evento, organizado com toda a pompa e circunstância, definiu importantes rumos para o PRP, conseqüentemente com personalidades importantes para o partido. Além de Plínio Salgado e outros cargos importantes da hierarquia partidária, a mesa que presidiu o evento contou com a presença do “Dep. Estadual Luis Compagnoni, sublíder da maioria na Câmara

<sup>69</sup> COMPAGNONI, Ivo Carlos. [Entrevista] Entrevistadores: Sônia Storchi Fries e Roberto Francisco Terrible, Caxias do Sul, 26 mar. 2014.

<sup>70</sup> *Idem*.

Federal” (Christofoletti, 2021, p. 37). Apesar das incorreções em relação à grafia de seu nome e cargo, o mesmo não era mais deputado estadual desde 1951; acreditamos que o fato de estar presente em um dos momentos mais importantes do integralismo nesse novo momento nos permite inferir a relevância do sujeito para o partido.

Outro fato relacionado aos 25 anos do lançamento da AIB diz respeito à publicação dos 12 volumes da *Enciclopédia Integralista* entre os anos de 1957 e 1961; Rodrigo Christofoletti entende-a como

uma sofisticada estratégia de rememoração dos feitos integralistas. (...) um lugar de memórias integralistas, justamente por ter buscado reavivar as auto memórias do movimento, recriando, rememorando, ressignificando chagas que se mostravam doloridas para seus membros, fator que desencadeou uma reconfiguração no imaginário de seus integrantes. (Christofoletti, 2021, p. 87).

O conjunto das obras que compunham a *Enciclopédia*, portanto, traçava os rumos desse integralismo que tentava se reorganizar. Além disso, explicava o ideário do movimento e contava sua história oficial, com o crivo dos importantes sujeitos ainda presentes no PRP, em especial o Chefe Nacional do entre-guerras, Plínio Salgado, “cujos elementos direcionaram uma postura de intervenção implícita do chefe com relação à publicação” (Christofoletti, 2021, p. 90).

A ligação da voz oficial do movimento integralista e dos autores que se fazem presentes nas obras são evidentes. A referência aos estudos de Rodrigo Christofoletti (2010; 2021) se faz necessária para auxiliar na compreensão da atuação de Luiz A. Campagnoni, tema tratado neste subcapítulo. Se a *Enciclopédia* era a voz oficial do integralismo no período, os presentes em suas páginas não podem ser vistos como sujeitos sem importância no seio do movimento, mesmo que entre eles algumas tensões e contradições sejam percebidas. Luiz A. Campagnoni aparece no 5º volume publicado da *Enciclopédia*, com texto publicado na quinta edição do conjunto sob o título *Por que me tornei e continuo integralista*.

No texto, Campagnoni destaca a mobilização inicial feita por Humberto Bassanesi, em Caxias do Sul, para a fundação do núcleo integralista, e aponta o fato de as ideias integralistas terem começado a ser difundidas pelos diversos grupos católicos da região. Reforça que o comunismo estava em plena expansão naquele momento. Aponta, ainda, que, após o fechamento da AIB em 1938, “começaram a pontificar, na cidade, elementos comunistas, cripto-comunistas e pansexualistas freudianos, ridicularizando os integralistas e tudo o que estes haviam ensinado e praticado”<sup>71</sup> e que isso era “em última instância, a luta entre o

---

<sup>71</sup> COMPAGNONI, Luiz. Por que me tornei e continuo integralista. In: LOUREIRO JÚNIOR, *et al* (org.). **Enciclopédia do Integralismo**: V - Estudos e Depoimentos. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d. p.

Espiritualismo e o Materialismo”<sup>72</sup>. Cabe lembrar que essa distorção da realidade, em que o mundo aparece resumido no combate espiritualismo *versus* materialismo, já era utilizada na fundação da AIB em 1932, mas, com o retorno do integralismo no PRP e a tentativa de reescrever o que era sua ideologia para poder circular em período democrático, sua utilização é retomada.

A atualização que os integralistas tentam fazer de sua atuação passa por diversos aspectos, e Compagnoni faz parte dessa tentativa, inclusive, por meio do texto na *Enciclopédia*. Para Compagnoni, em 1935, Plínio Salgado “depois de combater as loucuras do Hitlerismo (numa época em que os políticos liberais o endeusavam), traçava, de maneira magistral, os limites “entre o Reino de Cristo e o reino de Cezar”<sup>73</sup> e a partir disso afirmava que “o Integralismo era e é a aplicação dos ensinamentos do Evangelho, não só à Política, mas a toda a vida social e humana. Era e é o Cristianismo aplicado a todo o convívio humano, nacional e universal.”<sup>74</sup>. Dessa forma, tentava afastar o pensamento integralista do nazismo alemão<sup>75</sup> e, com isso, justificar o aspecto democrático do movimento. Recorrente são as situações em que os integralistas se apresentaram como os primeiros a criticarem e combaterem os movimentos nazifascistas europeus, o que é profundamente questionável a partir das fontes do período. Para Gilberto Calil,

A defesa de princípios “espiritualistas” era apresentada como garantia maior do alegado “caráter democrático” do integralismo, embora suas postulações “espiritualistas” dos anos 30 não conduzissem à defesa de posições democráticas nem implicassem na rejeição do fascismo. O livro *O conceito cristão de democracia* sistematizou esta tese, propondo um nexos indissolúvel entre “democracia” e “espiritualismo”, por um lado, e entre “materialismo” e “totalitarismo”, por outro. (Calil, 2005, p. 200).

O que importava, ao fim, nessas adaptações que eram feitas para legitimar o PRP, era apresentar o movimento como cristão. É a partir disso que Compagnoni afirma que “Plínio Salgado sempre ensinou e lutou e sofreu, desde 1932: uma Democracia baseada nos ensinamentos de Cristo: A Democracia Cristã!”<sup>76</sup>. Essa “democracia cristã” que era proposta

---

72-88. (DELFOS - Acervo Bibliográfico, divisão 2 - Livros de integralistas e Estudos Sobre o Integralismo, subdivisão 2.3 - Enciclopédia do Integralismo Brasileiro).

<sup>72</sup> *Idem.*

<sup>73</sup> *Idem.*

<sup>74</sup> COMPAGNONI, Luiz. Por que me tornei e continuo integralista. In: LOUREIRO JÚNIOR, *et al* (org.). **Enciclopédia do Integralismo**: V - Estudos e Depoimentos. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d. p. 72-88. (DELFOS - Acervo Bibliográfico, divisão 2 - Livros de integralistas e Estudos Sobre o Integralismo, subdivisão 2.3 - Enciclopédia do Integralismo Brasileiro).

<sup>75</sup> Calil (2005), Gonçalves (2012) e Gonçalves; Caldeira Neto (2021), dentre outros autores, já apresentaram estudos que mostram ligações evidentes e inclusive negociações feitas entre os integralistas e organizações nazistas, tanto no Brasil quanto na Europa.

<sup>76</sup> COMPAGNONI, Luiz. Por que me tornei e continuo integralista. In: LOUREIRO JÚNIOR, *et al* (org.). **Enciclopédia do Integralismo**: V - Estudos e Depoimentos. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d. p.

permitia ao movimento uma perspectiva um tanto excludente e autoritária do que entendia como democrática.

Ainda sobre a inserção de Compagnoni nos espaços de decisão partidária, na pesquisa feita por Claudira Cardoso acerca dos dirigentes partidários do PRP, ele aparece com destaque nas funções que exerce. Segundo Cardoso (2009, p. 76), a convenção organizada em 1945, portanto nos primeiros passos de retomada partidária no estado e que definiu a direção estadual, apresentou Luiz Alexandre Compagnoni como 1º vice-presidente, tendo este e os demais dirigentes “em comum o militantismo na AIB”. Ela trata a convenção “como o retorno do partido no processo político regional, buscando visibilidade e o recrutamento de antigos e novos adeptos ao novo partido” (Cardoso, 2009, p. 76). A ligação partidária dessa liderança e sua influência interna nos rumos a serem seguidos pelo partido, destarte, é evidente por diferentes caminhos e pesquisas já feitas.

Atentando para a relação partidária e o envolvimento jornalístico de Compagnoni, é necessário não ignorar o jornal *A Marcha*, o mais representativo impresso perrepista entre os anos de 1950 e 1960. Rodrigo Oliveira (2009) realizou um estudo aprofundado nos variados formatos da imprensa integralista nos primeiros anos de atuação do movimento. Parte dos aprendizados em relação à publicidade do movimento, da imprensa oficial, que servia como meio de divulgação de seus ideais, não pode ser esquecido quando se analisa o período da nova formação do integralismo a partir da década de 1940. Acreditamos, dessa forma, que alguns paralelos podem e devem ser feitos. No caso de *A Marcha*, as dificuldades financeiras interferiram profundamente na circulação do impresso; ao fim de 1962 o periódico sofre uma pausa em sua circulação e, seu retorno, após mais de um ano de pausa, traz nova diretoria e redatoria. Christofolletti (2021, p. 79), em sua pesquisa, levanta que dentre os assinantes dos textos, mais uma vez encontramos Luiz Alexandre Compagnoni.

Frisamos que a intenção não é fazer uma pesquisa biográfica, mas pensar nas relações políticas do agente, tal como descrevemos até o momento. Na pesquisa atual, por fim, temos por objeto o jornal *O Pioneiro*. Acreditamos que, se a comunicação se faz por meio da ação humana (Barbosa, 2013, int., n/p), apontar as relações em diferentes momentos do fundador do impresso com os movimentos e partidos políticos, dos quais fez parte, auxiliam ou pelo menos deixam pontos a serem esclarecidos no andar da pesquisa. Não queremos dizer, com isso, que o impresso seja uma produção que passe em sua completude pelo aval de Luiz A. Compagnoni. Cabe ressaltar que o mesmo, inclusive, passa parte do recorte temporal que

---

72-88. (DELFO - Acervo Bibliográfico, divisão 2 - Livros de integralistas e Estudos Sobre o Integralismo, subdivisão 2.3 - Enciclopédia do Integralismo Brasileiro).

analisamos morando na capital federal. No entanto, acreditamos que ignorar as evidentes relações de Compagnoni com o integralismo, o reconhecimento do mesmo na alta cúpula partidária — mesmo que por fontes indiretas — e a sua constante aparição, por meio de referências diretas e indiretas, artigos escritos para o próprio *O Pioneiro* ou transcritos de outros jornais, impediria que olhássemos para passagens que podem trazer, senão respostas, perguntas que direcionam a pesquisa para rumos importantes na compreensão do período analisado. Como apontado pelo próprio Compagnoni, ao se referir ao integralismo e a si mesmo na *Enciclopédia Integralista*, “o período que se inicia em 1946 até os dias presentes nada mais é do que a continuidade perfeita dos períodos anteriores”<sup>77</sup>. Seria, portanto, *O Pioneiro* parte dessa continuidade?

### 2.3 - Fundação e circulação

Neste subcapítulo, a atenção aos primeiros momentos de circulação do impresso se faz necessária, afinal, não se pode compreender um jornal sem que este seja visto em seu habitat de fundação. Isso não significa dizer que um impresso não possa mudar seus posicionamentos, acontecimento este com certa frequência e que, inclusive, se faz presente durante o longo período de circulação de *O Pioneiro*.

Esclarecer o lugar e tempo de produção dos discursos analisados permitirá uma melhor compreensão dos mesmos, pois “há muito, acertamos que o passado não nos lega testemunhos neutros e objetivos e que todo documento é suporte de prática social, e por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na intencionalidade histórica que o constitui” (Cruz; Peixoto, 2007, p. 258).

Em uma região onde tantos jornais foram fundados, poucos circularam por mais de um ano e menos ainda — dois, para ser mais exato — mantiveram-se até a atualidade; o quadro seguinte demonstra isso:

**Quadro 1 - Jornais fundados em Caxias do Sul e região a partir da década de 1940**

Título	Local	Início	Término
--------	-------	--------	---------

<sup>77</sup> COMPAGNONI, Luiz. Por que me tornei e continuo integralista. In: LOUREIRO JÚNIOR, et al (org.). **Enciclopédia do Integralismo**: V - Estudos e Depoimentos. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, s/d. p. 72-88. (DELFO - Acervo Bibliográfico, divisão 2 - Livros de integralistas e Estudos Sobre o Integralismo, subdivisão 2.3 - Enciclopédia do Integralismo Brasileiro).

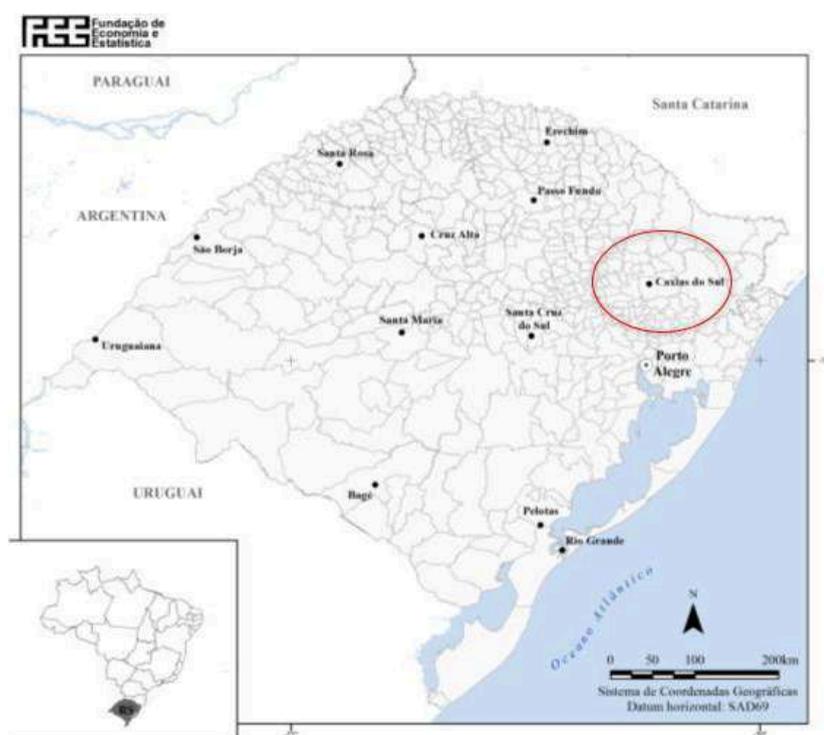
Jornal de Bento	Bento Gonçalves	1950	1950
O Nordeste	Bento Gonçalves	1950	Desconhecido
Gazeta da Serra	Bento Gonçalves	1953	1963
Jornal do Povo	Bento Gonçalves	1953	1953
Capital do Vinho	Bento Gonçalves	1956	Desconhecido
BG Notícias	Bento Gonçalves	1965	1967
Voz do Povo	Caxias do Sul	1945	1954
O Pioneiro	Caxias do Sul	1948	Ainda em circulação
O Debate Esportivo	Caxias do Sul	1949	1949
Diário do Nordeste	Caxias do Sul	1951	1954
Correio Riograndense	Caxias do Sul	1952	Ainda em circulação
Vida Esportiva	Caxias do Sul	1954	1955
Jornal da Mocidade	Caxias do Sul	1957	1957
Caxias Magazine	Caxias do Sul	1958	1970
Panorama	Caxias do Sul	1958	1962
Alvorada	Caxias do Sul	1959	Desconhecido
Brasilino	Caxias do Sul	1963	1964
A Vanguarda	Caxias do Sul	1964	1964
Auroral Jornal	Caxias do Sul	1965	1965
Assessor	Caxias do Sul	1965	1970
A Voz do Prata	Nova Prata	1966	1957
O Pratense	Nova Prata	1957	1958
A voz do Prata	Nova Prata	1958	1960
Destaque	Veranópolis	1961	1963

**Fonte:** Quadro adaptado pelo autor, (POZENATO; GIRON, 2004, p. 126-127).

Nesse sentido, refletir sobre os motivos que podem ter permitido e auxiliado para que *O Pioneiro* circulasse por um tempo maior do que os demais, inclusive atentando para a sua permanência até a atualidade<sup>78</sup>, pode nos ajudar a compreender as relações sociais do período.

Entender a composição social de Caxias do Sul na década de 1950 é importante para compreender o espaço de circulação do impresso. Como nos indicam Eni Samara e Ismênia Tupy (2007, p. 121-122), para que seja possível “identificar com precisão a simbologia contida em um texto escrito implica, em um primeiro momento, estabelecer o contexto histórico do documento”. Sabemos que o jornal não circulava apenas na cidade em que foi fundado e que, constantemente, são feitas referências à sua presença em outras cidades da região e, às vezes, sobre situações específicas em que o impresso se fez presente em outros estados. Entretanto, acreditamos que o público alvo do jornal era, claramente, aquele da cidade de Caxias do Sul.

**Figura nº 12 - Mapa do RS com a localização de Caxias do Sul e área aproximada de circulação de *O Pioneiro***



<sup>78</sup> Atualmente o Pioneiro circula em 64 municípios do nordeste do Rio Grande do Sul, trazendo uma perspectiva local acerca da política, economia, esportes, tempo e polícia com uma forte identificação com a comunidade da região. Circula diariamente, tem atualizações *online* durante o dia e, desde 1993, integra a rede de jornais do Grupo RBS. Em 2018, passa a compor uma redação integrada que converge as equipes e conteúdo da RBS TV Caxias, da Gaúcha Serra, da Atlântida Serra e do Pioneiro (RBS, Grupo. **Pioneiro**. Disponível em: <https://www.gruporbs.com.br/nossas-marcas>. Acesso em: 02 mar. 2023).

**Fonte:** Mapa adaptado pelo autor e retirado de: HEUSER, Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel. **Divisão Geopolítica do Estado do Rio Grande do Sul.** Disponível em: <https://arquivofee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/estado/divisao-geopolitica-do-rs/>. Acesso em: 21 set. 2023.

Acima, apresentamos figura com o mapa do estado do Rio Grande do Sul com a identificação das principais cidades e, no círculo em vermelho, a área aproximada onde circulava *O Pioneiro* no período que analisamos. Lembramos que o próprio jornal citava cidades que não ficavam restritas ao estado sulino numa clara tentativa de majorar a sua influência. Cabe referir que o mapa apresentado acima é mais recente, novos municípios já foram fundados e as populações são diferentes do que eram quando da nossa análise.

Para José D’Assunção Barros (2023, p. 74), “o estudo da produção de um jornal é tão importante — para a análise historiográfica de fontes impressas — quanto o exame do público leitor que o jornal atingia ou pretendia atingir”. Partindo dessa premissa, atentamos para a constituição da população caxiense no período que analisamos; para isso, temos como base os dados apresentados pelo *VI Recenseamento Geral do Brasil - 1950* (Brasil, 1955). Caxias do Sul contava, então, com 58.594 habitantes em sua população; a título de comparação, Porto Alegre, a capital do estado, no mesmo censo, aparece com 394.151 habitantes. Da população caxiense presente, 28.955 habitavam a região que o censo nomeava como quadro urbano; 6.848 no quadro suburbano e o restante, 22.791, no quadro rural. Chama atenção a proximidade dos dados entre a população rural e urbana, o que nos será útil para pensar a atenção dada pelo impresso aos agricultores da região.

Sobre a questão religiosa, outro ponto importante para a análise que será feita do jornal é que, do total da população recenseada, aproximadamente 95,7% se identifica como “Católica Romana” (Brasil, 1955, p. 76). Além dos 56.049 católicos, encontramos 1.676 se identificando como protestantes e 667 como espíritas. A alta porcentagem relacionada ao catolicismo será importante para a interpretação que faremos em nossas análises, pois o tom religioso é uma constante nas abordagens feitas pelo jornal e, tendo esses números em consideração, a abordagem se relaciona diretamente com o possível público leitor. Patrick Charaudeau (2011, p. 26) defende que “é a partir da segunda metade do século XX, o da mediatização, que começa a ser abolida a fronteira entre o público e o privado. As instâncias política e civil são tomadas pelos mesmos interesses, não se sabendo mais, verdadeiramente, onde se encontra o poder real”; dessa forma, com o rompimento dessas barreiras, acreditamos que cada vez mais o discurso político seria sopesado com a religião para a defesa de pautas específicas, mais ainda em uma região de imensa maioria católica.

Ao analisar um impresso, o grau de alfabetização da população é ponto também

importante. Segundo o recenseamento da população, dos 49.599 habitantes com 5 anos ou mais, 36.357 sabiam ler e escrever (Brasil, 1955, p. 72); ou seja, a partir dos 5 anos de idade<sup>79</sup>, aproximadamente 73,3% da população tinha condições mínimas de leitura no espaço de circulação de *O Pioneiro*.

A análise sobre a recepção e leitura dos materiais publicados encontra uma dificuldade; o jornal que utilizamos em nossa pesquisa não publicava a tiragem das edições e, até o momento, os dados que encontramos são esparsos e permitem algumas deduções: sobre o início de circulação, temos uma tiragem inicial de 1000 exemplares (Lopes, 2023, n/p); com menos de 1 mês em circulação, já apontava o sucesso com “mais de dois milhares de assinantes, em tão curto prazo”<sup>80</sup> e ainda citava o crescimento exponencial de sua circulação, estando “presentemente em 82 localidades, dentro e fora do nosso estado”<sup>81</sup>. Em novembro de 1949, já citava que a expansão levava o jornal a estar presente em “165 cidades e vilas dentro e fora do R.G.S”<sup>82</sup>. Em 1951, apontava que estava rumando para o norte, onde cidades do Paraná e Rio Grande do Norte<sup>83</sup> tinham *O Pioneiro* em circulação. Ainda em 1951, a direção inicia uma campanha em busca dos 30.000 assinantes, pedindo que “cada assinante de ‘O Pioneiro do Sul’ consiga, entre seus vizinhos e amigos, 5 novos assinantes, para alcançarmos o belo número de 30.000 assinaturas em todo o território nacional!”<sup>84</sup>.

Ou seja, pelos dados apresentados pelo próprio *Pioneiro*, em 1951 o jornal contava com aproximadamente 5 mil assinantes. Se tivermos em conta que, para além das assinaturas, o impresso poderia ser adquirido em edições individuais, podemos inferir um crescimento considerável na circulação do jornal nestes primeiros anos, visto que teoricamente iniciou com uma tiragem de 1000 exemplares e, em pouco mais de dois anos, já teria alcançado mais de 5000 em uma mesma edição. Para além da possível tiragem — lembrando que esta nunca foi expressa no jornal, portanto apenas inferida por nós —, o impresso teria passado a circular em diferentes cidades e estados, expandindo consideravelmente sua área de abrangência.

O impresso foi fundado no ano de 1948 e passa por algumas variações de organização em sua estrutura, mudanças em seu nome<sup>85</sup> e uma considerável quantidade de autores que se

<sup>79</sup> Sabemos que o não refinamento dos dados apresentados pelo censo atrapalha um pouco a análise, uma criança de 5 anos da década de 1950 provavelmente não era uma leitora do periódico, entretanto, os dados servem como uma base para refletir sobre a possibilidade de recepção do impresso no município.

<sup>80</sup> A nossa posição, *O Pioneiro*, 02/12/1948, p. 3, Editorial.

<sup>81</sup> “O Pioneiro” circula em 82 localidades, *O Pioneiro*, 12/02/1949, p. 3, Editorial.

<sup>82</sup> O Pioneiro, *O Pioneiro*, 19/11/1949, p. 5.

<sup>83</sup> O Pioneiro marcha para o norte, *O Pioneiro do Sul*, 24/03/1951, p. 11.

<sup>84</sup> 30.000 assinantes, *O Pioneiro do Sul*, 07/04/1951, p. 3, Editorial.

<sup>85</sup> “O jornal foi fundado como “O Pioneiro” em 1948, utilizou “O Pioneiro do Sul” a partir de 29 de julho de 1950, “Diário do Pioneiro” em 28 de abril de 1951 e se tornando “Pioneiro”, a partir de 12 de abril de 1952.” (Porto, 2021, p. 29).

fazem presentes em suas páginas (Anexo 2)<sup>86</sup>. Do início de sua circulação, em 04 de novembro de 1948, até a edição do dia 21 de abril de 1951, o impresso trazia edições semanais com uma média de 12 páginas por edição.

---

<sup>86</sup> O levantamento feito sobre os autores e que é apresentado em anexo compreende os que aparecem principalmente nas páginas 3 das edições, próximo aos editoriais, o que será melhor desenvolvido em capítulo que se volte a estas questões.

Figura nº 13 - Capa da primeira edição de *O Pioneiro*

# O PIONEIRO

Diretor-Responsável: ELYO JANHE MARCON  
 Diretor-Geral: OVALD XAVIER DOS SANTOS  
 Proprietária e Editora: GRAFICA SOMMERSTEDT LTDA.

CAXIAS DO SUL — R. G. 34 344  
 QUINTA-FEIRA — 4 DE NOVEMBRO DE 1948

ANO 1 — Nº 1  
 Número de venda: Cr\$ 0,30 — Assinatura anual: Cr\$ 25,00  
 Rua Dr. Mathias, 1922 — Fone. 133 — CAXIAS DO SUL

## HOMENAGEM

«O PIONEIRO», em sua primeira edição, deseja prestar uma sincera homenagem aos titulares dos poderes Religioso e Judiciário e aos dignos Representantes do povo de Caxias do Sul.

— A S. Excia. Revma. D. José Barão, estimado bispo diocesano que com tanto zelo e dedicação vem conduzindo o seu rebanho de fiéis pelo caminho da Verdade;

— A S. Excia. Dr. Eduardo Reis Caravantes, muito digno juiz de Direito da Comarca de Caxias do Sul, figura impoluda da magistratura rio-grandense, honra da toga e segurança da Justiça;

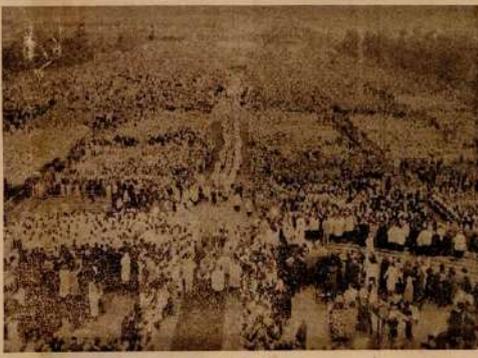
— Ao Sr. Luciano Corsetti, muito digno prefeito do município, escolhido pela vontade do povo, em pleito livre e honesto;

— Ao Sr. Angelo R. Costamilan, muito digno Vice-Prefeito do município, eleito na legenda do Partido de Representação Popular;

— A colenda e operosa Câmara de Vereadores, incansável no estudo dos problemas municipais e permanente defensora dos interesses do povo que tão bem representa.

«O PIONEIRO» rende o tributo de sua admiração e apreço, colocando nas suas colunas à inteira disposição das autoridades, para tudo o que possa contribuir para o engrandecimento moral e material de Caxias do Sul.

## TRIUNFO EUCARISTICO



A comemorado homenagem da povo gaúcho a Jesus-Hostia, ultrapassou o todo quando se pôde inaugurar com beleza e grandiosidade. Ao alto uma nova paróquia da mesma entidade, calculada em mais de 300.000 pessoas, reunida no Campo da Exposição, em Porto Alegre, onde foi realizado o altar monumental do V Congresso Eucarístico Nacional.



Sr. Eduardo Reis CARAVANTES  
Juiz de Direito



DR. EDUARDO REIS CARAVANTES  
Juiz de Direito



SR. LUCIANO CORSETTI  
Prefeito Municipal



Sr. ANGELO COSTAMILAN  
Vice-Prefeito

**O gen. Flicza de Castro é o novo chefe do Estado Maior do Exército**

RIO, 2 (Via Aérea) — O ministro da Guerra, generalíssimo, despatchou como o presidente Dutra, submetendo à sua assinatura o decreto de nomeação do general Milton de Almeida das Flores de chefe do Estado Maior do Exército. O general Charobert Pereira da Costa indicou para segundo porta-voz o general Fluz de Castro.

**Pavimentação da Cidade**

Segundo afirma nossa reportagem, a pavimentação do Exército, atualizada mediante a pavimentação da cidade.

De fato, duas secretarias da municipalidade, vizos de residentes locais, mencionaram, como é o caso de sua filial, o Município, que, tal se que se recebe, tem sido cobrada a pavimentação em todo.

Adicionalmente, que trata-se de uma de dimensão importante no que faz ao movimento tem sido beneficiada pela pavimentação em pavimentação, que, inclusive, as ruas de vital importância para o comércio.

Sabe-se que o orçamento agora adotado quando a distribuição do orçamento tem sido rubricado orientado para a Câmara de Vereadores, que não obstante, em sua última reunião e embelezadora do plano que o Sr. Prefeito Municipal pretende aplicar para o Estado, tem sido cobrada a pavimentação da cidade.

De fato, duas secretarias da municipalidade, vizos de residentes locais, mencionaram, como é o caso de sua filial, o Município, que, tal se que se recebe, tem sido cobrada a pavimentação em todo.

Adicionalmente, que trata-se de uma de dimensão importante no que faz ao movimento tem sido beneficiada pela pavimentação em pavimentação, que, inclusive, as ruas de vital importância para o comércio.

Sabe-se que o orçamento agora adotado quando a distribuição do orçamento tem sido rubricado orientado para a Câmara de Vereadores, que não obstante, em sua última reunião e embelezadora do plano que o Sr. Prefeito Municipal pretende aplicar para o Estado, tem sido cobrada a pavimentação da cidade.

**Uma nota**

«O PIONEIRO», em seu primeiro número, apesar da melhor boa vontade de seus responsáveis, revela, ainda uma série de deficiências técnicas, a serem corrigidas, gradativamente, em próximas edições.

Em todo empreendimento inicial destas naturezas, sobrevém sempre contingências momentaneamente insuperáveis, em que pesem embora as previsões feitas e o aparelhamento técnico moderno e eficiente de que dispomos.

Confiamos, porém, seja este semáforo recebido pelos leitores com a mesma boa vontade, compreensão e simpatia com que nós lho entregamos.

A DIREÇÃO



UMA VISTA da Câmara de Vereadores, em sessão, da esquerda para a direita, os sr. João de D. Moreira, do P. R. P., Augusto Damasceno, Agostinho Balduino, do P. S. D., Demétrio Lino, do P. L., Cleonice Zappi, do P. T. R., Constantino Bunge, Humberto Bassacchi, Germano Foual e Francisco Antônio, todos do P. R. P.; ao fundo os sr. Rubem Bento Alves, do P. T. R., Perry Palombari, do P. S. D. e o sr. Mario Costa, funcionário da Câmara.

Fonte: AHMJSA, *O Pioneiro* 04/12/1948, BNDigital, acessado em 24/02/2023.

Na figura 13, vemos a primeira página da primeira edição de *O Pioneiro* a circular. Traz impressas fotografias em boa parte das páginas e o texto em destaque, no canto superior esquerdo, apresenta importantes questões que permearão as edições futuras. Esse texto faz uma espécie de apresentação do jornal e homenageia os “titulares dos poderes Religioso e Judiciário e aos dignos Representantes do povo de Caxias do Sul”<sup>87</sup>. Cita, ainda, nominalmente, o bispo diocesano da cidade, o juiz de direito da comarca, o prefeito e

<sup>87</sup> Homenagem, *O Pioneiro*, 04/11/1948, p. 1.

vice-prefeito e a câmara de vereadores do município e conclui afirmando que coloca-se “à inteira disposição das autoridades, para tudo o que possa contribuir para o engrandecimento moral e material de Caxias do Sul”<sup>88</sup>. Ou seja, desde o início da circulação de *O Pioneiro*, o público alvo fica demarcado, e a tentativa de aproximação aos poderes políticos e religiosos é evidente, visto que os homenageados e o espaço reservado do jornal dizem respeito às autoridades. Para nós, portanto, além de o impresso reservar seus espaços a estes sujeitos de reconhecida autoridade no município, sua circulação tinha como função servir como “tradutora do pensamento das elites”<sup>89</sup>.

Chamamos atenção para o fato de que, ao nominalmente citar o prefeito e vice-prefeito, Luciano Corsetti não tem seu partido especificado, apenas cita-o como “muito digno prefeito de município, escolhido pela vontade do povo, em pleito livre e honesto”<sup>90</sup>, enquanto Angelo Costamilan é referido como “digno Vice-Prefeito do município, eleito na legenda do Partido de Representação Popular”<sup>91</sup>. Lembramos que Corsetti foi eleito sob a legenda do PTB e que a não citação de um partido e a citação expressa de outro levanta questionamentos sobre as motivações do feito, além do mais, “Se a linguagem implica silêncio, este, por sua vez, é o não-dito visto do interior da linguagem. Não é o nada, não é o vazio sem história. É o silêncio significante.” (Orlandi, 2007, p. 23). Voltaremos a essa questão quando tratarmos dos editoriais.

Nesta primeira edição, é possível notar a importância dada à religiosidade, além de citar Dom José Baréa, “estimado bispo diocesano, que com tanto zelo e dedicação vem conduzindo seu rebanho de fiéis pelo caminho da Verdade”<sup>92</sup>, traz fotografias na capa e comentários sobre o V Congresso Eucarístico Nacional, acontecido em Porto Alegre. Na página 4, ainda, traz as colunas “A Palavra de Deus”, “A Religião no Mundo” e “Na Catedral”, citando horários de missas, comentários sobre a relação de outros países com a religião católica e com trechos e comentários sobre a Bíblia.

Outro espaço que aparece desde o primeiro dia de circulação e que se mantém por um longo período é o que diz respeito aos agricultores. A página demarcada como “Vida Agrícola” traz artigos sobre pragas e cuidados a se ter com as parreiras<sup>93</sup>, comentários sobre a situação no campo e constantes artigos assinados por Adolfo Randazzo<sup>94</sup>, como o “O que todo

<sup>88</sup> Homenagem, *O Pioneiro*, 04/11/1948, p. 1.

<sup>89</sup> Aos nossos leitores, *O Pioneiro*, 04/11/1948, p. 3, Editorial.

<sup>90</sup> *Idem*.

<sup>91</sup> *Idem*.

<sup>92</sup> Homenagem, *O Pioneiro*, 04/11/1948, p. 1.

<sup>93</sup> No parreiral, *O Pioneiro*, 04/11/1948, p. 5.

<sup>94</sup> Adolfo Randazzo era um engenheiro agrônomo italiano que, após chegar em Caxias do Sul, torna-se fundador e diretor do *Il Giornale dell'Agricoltore*, um impresso que se propunha a levar os conhecimentos necessários à

agricultor deve saber”, presente na edição de novembro de 1948. Comentários sobre aspectos de outros municípios da região como Flores de Cunha, Bento Gonçalves e Farroupilha são também constantes, além de um caderno voltado às mulheres, uma página operária e de esportes que aparecem nessa primeira edição e que se farão presentes, passando por modificações pontuais com o passar do tempo.

De acordo com Antoine Prost (2003, p. 309-310), as perguntas a serem feitas por historiadores e historiadoras, mesmo quando em uso da linguística para a pesquisa, são profundamente diferentes daquelas feitas pelos próprios linguistas; a interdisciplinaridade nos permite abordar nossas fontes, atentar para seus discursos e significados — nem sempre aparentes, por isso a necessidade do aprofundamento — com o auxílio dos métodos propostos pela ciência próxima. Em função disso, esclarecemos que nosso *corpus* é concebido, definido e analisado a partir das perspectivas históricas, fazendo perguntas que levam em conta os aspectos que dizem respeito à ciência histórica e que terão, na linguística, apoio para a melhor compreensão do período e objeto que analisamos.

O recorte temporal feito na contextualização anterior, até a edição de 21 de abril de 1951, deve-se ao fato de que, a partir do dia 28 do mesmo mês, algumas mudanças aconteceram na impressão do jornal. Em reunião com a “Diretoria da Gráfica Nordeste Ltda., o Conselho Fiscal e os principais quotistas, ficou assentado o lançamento, no mais breve tempo possível, de um diário vespertino, que se chamará DIARIO DO PIONEIRO (sic).”<sup>95</sup> e concluíram com o anúncio de que “A Gráfica Nordeste Ltda., portanto, tem o prazer de comunicar aos seus leitores que lançará o PRIMEIRO JORNAL DIARIO EM CAXIAS DO SUL (sic)”<sup>96</sup>. Dias depois começaria, segundo seu editorial, “a circular o primeiro jornal diário de Caxias do Sul: ‘DIARIO DO PIONEIRO’ (sic)”<sup>97</sup>; além da variação no nome, a circulação passa por mudanças drásticas.

---

melhoria da produção agrícola da região e que circulou entre 1934 e 1940. Para além de se propor representante do meio agrícola regional, o impresso serviu como um importante foco de divulgação do fascismo na região de colonização italiana na Serra Gaúcha, servindo como um dos principais focos de espalhamento da ideologia fascista para os colonos (MARMENTINI, 2014). Ionne Randazzo também foi uma escritora constante no *Pioneiro*.

<sup>95</sup> Diário do Pioneiro, *O Pioneiro do Sul*, 03/03/1951, p. 12.

<sup>96</sup> *Idem*.

<sup>97</sup> Diário do Pioneiro, *Diário do Pioneiro*, 28/04/1951, p. 03.

**Figura nº 14 - Detalhe das mudanças: troca de nome e circulação para *Diário do Pioneiro***



Fonte: AHMJSA, *Diário do Pioneiro* 28/04/1951, BNDigital, acessado em 24/02/2023.

Na figura 14, vemos a mudança no nome do impresso, o qual passa a adotar *Diário do Pioneiro*. Essa primeira edição circulou com 32 páginas, divididas em 2 seções; entretanto, nas demais — mesmo que sob o nome *Diário do Pioneiro* — circularam normalmente 2 ou 3 edições durante a semana, os dias não eram definidos e variavam, com uma edição fixa no sábado. As que circulavam no intervalo de segunda a sexta-feira traziam 4 páginas, dando amplo espaço para os esportes e anúncios. Na página 03, onde encontrávamos os editoriais, as modificações são vastas e os editoriais acabam por não se fazer mais presentes, nem em outros espaços ou páginas nas edições que circularam durante a semana.

Em função das mudanças, no período em que se propôs diário<sup>98</sup>, optamos por analisar apenas as edições de sábado; estas traziam, em média, 10 páginas, versavam sobre assuntos mais variados e mantinham, relativamente, a página 3 com a estrutura que pesquisamos no período anterior. A opção se justifica também em função de que trabalhar períodos com edições semanais, outros com edições diárias, metodologicamente traria problemas para a pesquisa.

<sup>98</sup> Utilizamos a expressão “propôs” visto que o jornal não circulou diariamente em nenhum momento durante o recorte de nossa pesquisa. Como apontado por Mário Gardelin, importante autor e diretor do impresso em diferentes momentos de sua circulação, “Foi uma grande e bela iniciativa, e o próprio ‘Pioneiro’ saiu diário uma temporada... sem estrutura, sem redatores, sem nada e o peso caiu sobre mim. Você agüenta (sic) 20 dias se tem poder criador, depois não aguenta mais. Ah! chegou uma hora... Se tu reparares o ‘Diário do Pioneiro’, chega numa altura, não dava mais, cortamos. Não demos satisfação, continuamos a sair como semanário, porém o registro era ‘Diário do Pioneiro’, era preciso alterar... saiu uns 60 dias assim. O que nos valeu a gozação da Rádio Nacional, a de que era o único diário do Brasil que saía uma vez por semana.” (Gardelin *apud* Henrichs, 1988, p. 27-28).

Figura nº 15 - Detalhe do aumento de anúncios que acontece a partir da mudança para Diário do Pioneiro

Fig. 2 CAXIAS DO SUL — 9 de Maio de 1951 «DIÁRIO DO PIONEIRO»

**QUIROMANTE E CIÊNCIAS OCULTAS PELA PROFESSORA**

**Margaret**

Acha-se hospedada no Hotel Menegotto, Ap. 20 — Atende das 9 às 11.30 e 14.30 às 17 horas. — Aceita chamados a domicílio.

**O CASO CRIADO PELO S. PAULO-BANGU, NA SUECIA**

STOCKOLMO, 9 (D. P.) — Os clubes suecos que haviam programado jogos com o combinado brasileiro do São Paulo-Bangu, em denúncia a ser apresentada à FIFA, exigirão por parte do São Paulo, uma indenização de dez mil dólares, por haver o combinado patricio rompido os compromissos assumidos em Stockolmo. — Os denunciantes não citam o Bangu, a quem cabe a maior culpa. — O principal fato desta restrição na denúncia é motivada pela falta de publicidade, da co-participação do clube carioca no Clube do São Paulo F. C.

STOCKOLMO, 9 (D. P.) — A banda de música brasileira do São Paulo-Bangu, em denúncia a ser apresentada à FIFA, exigirão por parte do São Paulo, uma indenização de dez mil dólares, por haver o combinado patricio rompido os compromissos assumidos em Stockolmo. — Os denunciantes não citam o Bangu, a quem cabe a maior culpa. — O principal fato desta restrição na denúncia é motivada pela falta de publicidade, da co-participação do clube carioca no Clube do São Paulo F. C.

**FESTIVA RECEPCÃO TERA O FLAMENGO**

STOCKOLMO, 9 (D. P.) — Informam da capital sueca, estar sendo preparada uma festiva recepção ao quadro do Flamengo, que chegará em Stockolmo no próximo dia 12 do corrente. — Uma banda de música, receberá a missão do rubro-negro carioca, com samba brasileiro no seu desembarque. — O embaixador Braga, também estará presente, no aeroporto local.

**COM MAIS UMA VITÓRIA, A PORTUGUESA DESPELHA-SE DA TURQUIA**

ANKARA, 9 (D. P.) — A Portuguesa de Desportos que tão brilhantemente está representando o futebol brasileiro, em erames da Turquia, jogou contra um combinado de Ankara. Este jogo, foi vencido pelos bra-

sileiros pelo escore de 3x1. Os tentos da Portuguesa foram de autoria de Pinga. Despediu-se assim, a visita em gramados turcos, sendo essa a 5ª vitória conquistada pelos pupilos de Brandão.

**AS EQUIPES DE BASQUETE DO GLOBE TROTTERS E ALL STAR, EXIBIR-SE-ÃO EM B. HORIZONTE E S. PAULO**

RIO, 9 (D. P.) — Os cestobolistas americanos que com grande sucesso encerraram na noite de ontem uma memorável campanha no Estádio Municipal do Rio de Janeiro, seguirão amanhã para Minas, onde farão duas exibições em Belo Horizonte nas noites de 10 e 11 do corrente.

Em São Paulo, os Yankees marcaram mais 5 exibições sendo 3 na Capital, uma em Campinas e outra em Sorocaba. — A vitória dos famosos cestobolistas na Paulicéia, dar-se-á no próximo dia 12.

**ASSEGURADA A PRESENÇA DO ESTRELA VERMELHA, NO TORNEIO DOS CAMPEÕES**

RIO, 9 (D. P.) — A C.

B. D., foi informada pelo sr. Orlino Barassi, encarregado dos assuntos com referência ao Torneio dos Campeões a ser realizado brevemente em nosso País junto aos participantes europeus, estar assegurada a presença do Estrela Vermelha, campeão da Iugoslávia, no referido certame.

**NOVAS SECCOES ESPORTIVAS**

O Diário do PIONEIRO, muito em breve lançará novas e interessantes seções esportivas, entre as quais uma especial-esportiva, com biografias de nossos principais atletas e outra versando sobre curiosidades esportivas, focalizando fatos interessantes do esporte do passado.

Para estas seções, seções, estamos reunindo interessante matéria, que certamente encontrará franca aceitação por parte dos nossos leitores.

**NOS ANAIS DO XADREZ**

O Caxias Xadrez Clube chegou em 20 de abril pretérito, sua nova Diretoria, incumbida a reger esta prestigiosa entidade esportiva no período de 1951. Seus novos mestres são os seguintes:

Presidente — Hildo Baldi; 1º Vice — Dr. Arlindo Ferrari; 2º — Mário

Comandante: 1º Secretário — Prof. Osvaldo Dória; 2º Secretário — Dr. Roberto Torelly; 1º Tesoureiro — Eugenio Pado; 2º Tesoureiro — Edmundo Biasini; Diretor de Torneios — José Patrocinio Zanotta; Suplente do D. D. T. — Nilo Corte; Diretor Social — Fulvio Barbosa; Orador — Dr. Paulo P. de Carvalho.

Está sendo realizado na sede do Caxias Xadrez Clube, o campeonato popular citadino de xadrez, que conta com a participação de 32 exadristas. O desenvolvimento deste certame está tomando dia a dia perspectivas interessantes.

Vencendo no Cai por 4 partidas a uma, e ao Rio Branco Tennis Club de Novo Hamburgo, que anteriormente havia vencido a S. Leopoldo Tennis Club por três partidas a duas, o Caxias Tennis Club adjudicou ao fim troféu oferecido pelo industrial sr. Carlos Oederich.

Genitais sem par foram comiladas as visitantes durante a permanência de suas delegações nesta captiva cidade.

Foi oferecido um grande churrasco no domingo ao meio dia e sábado a noite um baile de gala.

**ANUNCIOS ECONOMICOS**

VENDE-SE ou troca-se por automovel pequeno, uma camionete Renault Furgo, completamente nova. Preço de ocasião. Tratar rua Bento Gonçalves, 2126, neste. E 243

**MECANICOS** Presta-se um sentimento de 2 assistentes a de 2 mecânicos, na Auto Oficina Fontebasso Ltda, sítio A rua Paço Junco, 430. E 243

**PRECISA-SE** de um rapaz para trabalhar em representações — Tratar fone, 902 — Nesta. E 243

**EXPERIENTE** — Viagem para qualquer parte do mundo comprando sua passagem em Caxias do Sul — Bello & Cia. — Edifício Balmim — Fone 902. E 200

**ADUBO TREVÓ**

BELLO & CIA — Rua Alfredo Chaves, 701 — Fone 902 — Caxias.

**LIVROS** de Pinho Salgado — à venda na Livraria Calceagotto — Praça Ruy Barbosa — Nesta cidade. E 192

**VENDA**, alugue ou compre casa; consiga empregado para seu escritório; troque seu terreno por automovel ou vice-versa gastando apenas Cr\$ 3,00. Este é o preço de um anúncio econômico no Diário do Pioneiro.

# INDICADOR PROFISSIONAL

**Dr. José C. Belardinelli**  
CIRURGIA E CLINICA  
ESP. MOLESTIAS TUMORIAES — CIRURGIA DA TUBERCULOSE  
Clínica de Especialização em São Paulo  
Cura: Rua Dr. Bernardino, 818 — Tel. 181  
Res: Rua Venâncio Mar. Paul. n. 902 — Tel. 854  
CAXIAS DO SUL

**INSTITUTO DE RADIOLOGIA "Caxias do Sul"**  
Dr. JAYME DE CARLI — Dr. JORGE SEHBE  
Radiografias em geral — Radiografias dentárias — Abregrafias.  
A MAIOR E MAIS MODERNA UNIDADE RADIOLOGICA DO SUL DO PAIS.  
Avenida João de Castilho, n. 1906 (Alto da Droga Americana).

**Dr. Jorge Sehbe**  
Especializado em Doenças Pulmonares (Pneumonias, Tuberculose)  
CLINICA GERAL e Vias Respiratórias — RADIOLOGIA  
Consultório: Av. João de Castilho, 1907 — Frente a Casa Econômica Federal — Fone, 835.  
Residência: Vilacondes de Pinóia, 808 — Fone, 834 — CAXIAS DO SUL

**Produtos**  
Hina Balmim  
Laynith Arden  
Max Jacson  
Dorothy Gray  
COMPLEMENTO DE BELEZA PARA MULHER ELEGANTE  
DISTRIBUIDORES: DECARI, CECCONELLO & C.

**Dr. Carlos Spinato**  
Cirurgia — Doenças de Senhoras — Clínica Geral  
Consultório: Av. João de Castilho, 1973 — Fone, 816 (Alto da Livraria Mendonça)  
Residência: Dr. Montauri, 819 — Fone, 808.  
CAXIAS DO SUL

**Dr. Ataliba Finger**  
Aparelho Circulatorio Coração  
CLINICA GERAL  
Eletro-Cardiografia — Cirurgia — Doenças de Senhoras  
Residência: Rua Marques do Herval, 554 — Fone, 332  
Consultório: Rua Marques do Herval, 671 — Fone, 332  
ELETROTHERAPIA-MEDICA

**Dr. Amílcar Torres Lauda**  
CLINICA GERAL  
Aparelho Respiratório — Aparelho Digestivo  
Consultas: a partir do dia 5 de maio à rua Simbuca n.º 1526

**Dr. A. Bortoluzzi**  
Formado pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro.  
Olhos, Ouvidos, Nariz e Garganta  
Curso na Escola Facultade de Medicina  
Curso de Traqueia, O.E. N.º 8  
Consultório: Av. João de Castilho n.º 2261 (Alto da Hospital Del Meo) — Fone, 181  
Residência: Rua Borges de Medeiros, 808 — Fone, 132

**Dr. Armando Galvão Santos**  
Doenças de Crianças — Clínica Geral — Eletrocardiograma Médico — RAIOS X  
120% de atendimento sobre a tabela em vigor na cidade e 30% para operários e famílias.  
Clínica Ultra Curta — Eletro-Cardiograma — Raio Ultra Violeta — Infra Vermelho  
TELEFONE: 791 — CAXIAS DO SUL

**Rodolfo Locatelli**  
DENTISTA  
Consultório: Rua Os 18 de Faria, 1188  
Pontas móveis de Tecnom e Villium — Chapa, etc.  
Além gratuitamente a extração de dentões pelo Orlado Sarda Teresinha e Abrigo de Menores

**Oliva Cordeiro Ltda**  
Linha de Óculos de Alta Qualidade  
Linha de Óculos de Alta Qualidade  
Linha de Óculos de Alta Qualidade

**Dr. Mario Rocha Netto**  
Formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre  
Doenças da Pele — Doenças de Crianças  
Consultas: das 8 às 12:00 e das 15:30 às 18:00 horas.  
Consultório: Rua Simbuca 1005 — Fone, 485, 511 e 711  
CONSULTAS COM HIGRA MARGADA — Das 13:30 às 15:00 horas — Residência: Rua Venâncio Aires 997, esquina 18 do Pórtico — Fone, 965 ou 850.

**Dr. Bruno Serafini**  
Formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre  
CIRURGIA E CLINICA GERAL  
Consultório: Av. João de Castilho, 2261 — Fone, 544  
Residência: Simbuca, 1401 — Fone, 445

**BENJAMIN CHAULET**  
DENTISTA  
Clínica dentária geral. — Raio X. — Aplicações de Diatermia. — Especialista em dentes e dentaduras. Extração de dentes e nervos sem a mínima dor. Serviço rápido e garantido.  
Consultório: Av. J. de Castilho, 1907 — Le. andar. CAXIAS DO SUL

**Não Perca**  
a oportunidade de anunciar muito pagando muito menos. Procure a loja do Pioneiro do Sul e faça um Anuncio Econômico. Grandes jornais como o "Jornal do Brasil", do Rio de Janeiro, e o "Diário Popular" de São Paulo, publicam exclusivamente anúncios econômicos, sendo preferidos pelos anunciantes.

**SOC. MEDICO-HOSPITAL DR. DEL MESE LTD**  
DR. BRUNO SERAFINI: Cirurgia e Clínica geral e Doenças de Crianças.  
DR. A. SANTONI: Cirurgia, Clínica geral, Doenças de Crianças.  
DR. J. FERREI: Clínica geral, Doenças pulmonares.  
DR. FACCHOLI: Radiologia.  
DR. ROSSIGNOLI: Olhos, Ouvidos, Nariz e Garganta.  
DR. TORELLI: Laboratório, Análises Clínicas.  
CAXIAS DO SUL — TELEFONE 773

**Dr. Roberto Torelly**  
Médico formado pela Universidade de F. Alegre  
LABORATORIO DE ANALISES CLINICAS  
METABOLISMO BASICO  
HOSPITAL DEL MESE — FONE, 772  
Residência: Av. J. de Castilho n. 1421 — Fone, 544

**ESCRITORIO JURIDICO — CONTABIL**  
Direção do DR. JOSE CARLOS PAZ DE CAMARGO  
Escritório — C.R.C.I.S. 4.222  
Serviços especializados de contabilidade. — Assistência técnica. — Organização de Cooperativas, sociedades comerciais e civis. — Perícia judicial e extrajudicial. — Consultoria econômica. — Assessoria e Consultoria de sociedades comerciais ou civis.  
Rua Fátima Bandeira, 837 — Fone 87-86 — Fone: 4848 PORTO ALEGRE

Fonte: AHMJSA, Diário do Pioneiro 09/05/1951, BNDigital, acessado em 24/06/2023.

Na figura, nota-se exemplo do aumento considerável dos anúncios a partir da circulação que se pretendia diária do jornal O Pioneiro. O número de páginas do jornal, nesse

período, diminuiu, ao mesmo tempo em que o espaço dedicado à publicidade paga teve um aumento drástico.

A partir da edição do dia 12 de abril de 1952, outra mudança acontece no periódico: o impresso, que trazia o nome *Diário do Pioneiro*, o qual nunca foi diário e que, já há algum tempo circulava semanalmente, passa a se chamar apenas *Pioneiro*<sup>99</sup>. A quantidade de páginas segue com média de 10 por edição, e a organização interna das colunas pouco difere. Em novembro de 1956, ainda, apresentam que o jornal “torna-se bi-semanário. É mais um esforço da direção do PIONEIRO no sentido de proporcionar aos nossos leitores um noticiário mais completo e atual sobre acontecimentos da cidade.”<sup>100</sup>, o que dura apenas 5 edições e, após, retorna à circulação semanal. Notamos, dessa forma, que o processo de manutenção e estabilização do *Pioneiro* passou por diversas experiências, umas mais duradouras e outras menos, mas que, ao fim, permitiu a circulação por um período alargado de tempo, chegando até a atualidade.

As edições que analisamos — com uma média de 10 páginas — apresentam uma estrutura relativamente pouco variável. A primeira edição a circular em 1948 traz que as seções permanentes são as seguintes:

Vida agrícola, Página Operária, <<O PIONEIRO>> nos Esportes, A Mulher e o Lar, Mosáicos Políticos, Pela Saúde Infantil, Dizem os Outros... A Colônia e seus Problemas, Noticiário dos Municípios, Nacional e Internacional, Mundo Estudantil, Arte e Cultura, Rádio, Teatro, Cinema, Interesses Econômicos, Curiosidades, Inquéritos <<O PIONEIRO>> Social, Reminiscências, Reportagens, Humorismo, Diversas e Vida Religiosa.<sup>101</sup>

A proposta, bastante audaciosa para um impresso de circulação regional, não manteve todas as seções durante o período de nossa pesquisa. As seções voltadas para o meio rural, religioso, esportes, social e internacional, por exemplo, se mantiveram por mais tempo, mesmo que algumas vezes trocassem de nome ou de localização no jornal. As demais são mais variáveis

<sup>99</sup> Utilizaremos na dissertação, como será percebido, *Pioneiro* e *O Pioneiro* como sinônimos para facilitar a leitura e fluidez do texto, as referências em notas de rodapé serão feitas seguindo a nomenclatura utilizada na edição transcrita para facilitar a consulta aos materiais. Apontamos, também, que as mudanças recorrentes se deram não apenas em função de marcar mudanças que o impresso passaria — como quando adotou o nome *Diário do Pioneiro* demarcando a nova circulação — mas também em função de outros jornais por outros pontos do país que já adotavam o título. O próprio jornal sinaliza que “Comunicamos aos nossos distintos leitores e assinantes que em virtude de existirem outros periódicos com o nome de “PIONEIRO”, alteramos o título do nosso semanário para ‘O PIONEIRO DO SUL.’” (Aviso aos nossos leitores e assinantes, *O Pioneiro do Sul*, 29/07/1950, p. 01). No ano seguinte, ainda se referindo à situação dos nomes, noticiaria que “Nosso jornal foi processado pela direção da ARCESP (Associação de Representantes Comerciais do Estado de São Paulo), que possui uma revista de circulação interna chamada PIONEIRO. O caso vem de longa data. Houve troca de cartas, e tentativas de conciliação, inclusive a mudança de nome de nosso semanário que passou a chamar-se PIONEIRO DO SUL. A intransigência e deselegância jornalística daquela entidade, caso sem precedentes na imprensa brasileira, forçou-nos a ir a juízo.” (“O Pioneiro” processado, *O Pioneiro do Sul*, 31/03/1951, p. 01).

<sup>100</sup> Uma experiência, *Pioneiro*, 07/11/1956, p. 03.

<sup>101</sup> Faça uma assinatura de O PIONEIRO, *O Pioneiro*, 04/11/1948, p. 07.

e, para nossa pesquisa, importante demarcar que o jornal não teve um espaço definido para tratar das questões políticas, sejam municipais, regionais ou nacionais<sup>102</sup>.

Um comentário importante a ser feito diz respeito em específico aos assuntos internacionais, visto que os demais traziam maior foco nos acontecimentos regionais e estaduais. Na maioria das edições, o “Comentário internacional” não era assinado e nem trazia referências acerca das informações; não especificam se os textos vinham de alguma agência estrangeira ou quem era responsável pelos materiais. Mesmo assim, chama atenção o fato de que a maior parte dos materiais era utilizado para discursos e propagandas anticomunistas, aparecendo constantemente, em capas e textos, chamadas e fotografias sobre a União Soviética, Joseph Stalin e a China. O conflito “Ocidente *versus* Oriente” é uma constante nos materiais internacionais, tendo o oriente, a China, a União Soviética, os seguidores de Lênin e Stalin como o mal do mundo a ser combatido, em contraposição ao ocidente, cristão, estadunidense, que estaria em constante risco de ataque do comunismo que avançava de leste para oeste.

**Figura nº 16 - Comentário Internacional sobre o oriente**



Fonte: AHMJSJ, *O Pioneiro* 18/11/1948, BNDigital, acessado em 06/02/2023.

<sup>102</sup> Em alguns momentos encontramos no periódico colunas que se pretendiam tratar de política; estas, no entanto, não foram objeto de análise em função de se resumirem a aspas curtas que não apresentavam comentários, análises ou discussões, apenas marcava acontecimentos pontuais e descontextualizados.

A figura 16 traz um exemplo de comentário internacional<sup>103</sup> reproduzido pelo *Pioneiro*. Desde seu título deixa claro que o oriente traz um problema a toda a sociedade e que “O Mundo Ocidental está perdendo uma das mais importantes batalhas nesta luta contra o comunismo internacional”<sup>104</sup>, ainda afirma que, sem o apoio urgente dos EUA, a Manchúria seria logo tomada pelos bolchevistas que fariam a “inauguração de um sangrento Estado totalitário no país que Sun Yat Sen ensinou a amar a liberdade, a menos que os Estados Unidos se disponham a auxiliá-los imediatamente com ampla quantidade de munições e numerosos aparelhos de caça e bombardeio”<sup>105</sup>. O texto não assinado pede, ainda, a atenção aos leitores:

E se o leitor ainda não percebeu a relevância da bolchevização da China, recorde-se de sua população, cerca de 400 milhões de habitantes, e da população, da Rússia, de cerca de 150 milhões. Quinhentos e cinquenta (sic) milhões de homens sujeitos a trabalho escravo podem futuramente e com êxito desafiar um mundo já devidamente quintacolunizado.<sup>106</sup>

Seja sobre os riscos que a Rússia representa para a Europa e a importância do pacto dos países ocidentais para se proteger desta<sup>107</sup>, ou sobre a situação da Berlim dividida do pós-Segunda Guerra<sup>108</sup>, ou sobre a política interna dos Estados Unidos, a discussão gira sempre em torno dos mesmos pontos: a necessidade de alcançar a “vitória ocidental nesta luta contra o bolchevismo totalitário”<sup>109</sup>. Dessa forma, recorrentemente os acontecimentos internacionais são mobilizados pelo *Pioneiro* como forma de avisar aos leitores sobre os perigos que o materialismo/comunismo/socialismo trazem à sociedade.

Além da maior possibilidade de comunicação trazida pelas capas, pelo simples fato de poderem ser expostas em bancas e servirem como chamariz ao público leitor, é inevitável um esforço maior de exame em relação às primeiras páginas, mesmo que não sejam necessariamente o centro da análise. Como afirma Barros (2023, p. 130), estas, afinal, são “sempre muito reveladoras do que pensam os editores do jornal acerca das expectativas dos leitores que esperam alcançar, e também denunciadora dos projetos de agir sobre a sociedade

---

<sup>103</sup> No tabuleiro de xadrez em que se tornou o mundo durante a Guerra Fria (Cf. nota 43), a China foi um dos territórios onde a disputa entre as duas potências aconteceu indiretamente. Mesmo que os chineses passassem a se opôr à URSS, foram um dos países utilizados como exemplos dos comunistas que deveriam ser combatidos. A Revolução Chinesa foi autóctone, com ideário característico e, em muitas situações, conflitantes com a URSS, inclusive acusando os soviéticos de não serem duros o quanto era necessário com o capitalismo que avançava. Em função disso, não teve grande apoio da superpotência que estava em campo contrário aos EUA no período (Cf. Hobsbawm, 1995).

<sup>104</sup> Perigo no Extremo Oriente, *O Pioneiro*, 18/11/1948, p. 07.

<sup>105</sup> *Idem*.

<sup>106</sup> *Idem*.

<sup>107</sup> Ainda o pacto do atlântico, *O Pioneiro*, 02/04/1949, p. 02.

<sup>108</sup> Porque transige a Rússia em Berlim, *O Pioneiro*, 21/05/1949, p. 01.

<sup>109</sup> Dois pontos de vista do Sen. Vandenberg, *O Pioneiro*, 13/08/1949, p. 02.

que estes mesmos editores desejam impor”. O que pode ser observado no exemplo reproduzido abaixo:



A figura 17 é outro desses elementos em que o internacional é mobilizado para compor imagens e discursos que serão utilizados regionalmente. Chamamos atenção para a valorização do assunto e do personagem Stalin que é criado pelo jornal. É evidente que o simples fato de estar presente na capa do impresso traz um certo grau de importância ao assunto; além disso, Barros (2023, p. 112) alerta que “o acompanhamento de fotos, ou não, também agrega significados e relevâncias importantes para determinada matéria”. Nesse caso, tratamos de um assunto que traz consigo quatro diferentes fotos de um mesmo sujeito, em um contexto em que a utilização de fotos nos jornais ainda não era tão generalizada quanto viria a ser posteriormente.

Além das quatro fotografias de Stalin que aparecem na capa, ele é apresentado como alguém que “dinamitava bancos”, que tinha a “crueldade extremada como sua maior virtude”, alguém que tinha liquidado os seminários russos e perguntava retoricamente “De generalíssimo, para onde irá, camarada? Dominador do Universo é, sem dúvida o passo final duma carreira, que, diga-se de passagem, é alta, especialmente se todas as ossadas que deixou, abrindo caminho, estivessem sustentando-o”<sup>110</sup>. Ao fim, *O Pioneiro* advertia: “Cuidado, porque o Ocidente está acordado. E o último degrau de tua ascensão pode ser o túmulo de teu regime, de tua filosofia e de tua vida”<sup>111</sup>. Essa tensão constante de perigo iminente, que avança e já está instalado no Brasil e que deve ser combatido pelo ocidente, constituiu o que defendia a AIB, e segue também presente no PRP.

Esse perigo podia estar diretamente relacionado com questões religiosas, por exemplo; aparecia inclusive nos editoriais, como quando afirmam que “o comunismo criminoso, cruel e desapiadado aí está, a olhos vistos, agindo na velha e civilizada Hungria”<sup>112</sup> e alertavam para o fato de que

Um dia nascerá desse sacrifício, do sangue generoso que derramaram, a Hungria livre e secularmente católica.

Aí está, para os cegos que nos cercam, para os que pregam as delícias do paraíso soviético, o exemplo frisante da Hungria, de como agem os falsos profetas do século XX.

Do sacrifício do nobre povo magiar tiremos uma advertência: Estejamos em guarda contra a técnica maquiavélica do comunismo, alertas frente a sua doutrinação envolvente.<sup>113</sup>

A Polônia também é citada pelo *Pioneiro*:

o povo polonês jamais sucumbirá ao peso das botas moscovitas. Sob a capa da dominação estrangeira, conserva sempre ardente o fogo sagrado de seus lares.

<sup>110</sup> E agora, Generalíssimo Stalin?, *Pioneiro*, 12/04/1952, p. 01.

<sup>111</sup> *Idem*.

<sup>112</sup> As garras do comunismo, *Pioneiro*, 08/12/1956, p. 03.

<sup>113</sup> *Idem*.

Cristã, católica, humana, a Polônia aguarda apenas o dia em que a aurora da liberdade voltar a ocupar aquilo que por direito e justiça seu povo merece.<sup>114</sup>

Ou seja, em um jornal que se propõe regional e que fala com a população caxiense, majoritariamente descendente da imigração italiana e profundamente católica, sempre que for possível, os acontecimentos internacionais se farão presentes como forma de reforçar o discurso anticomunista que traz o “materialismo” como o principal mal a ser combatido.

Norman Fairclough destaca que diferentes práticas sociais, como a política e o ato de governar — e adicionamos aqui a leitura que pode ser feita sobre os acontecimentos internacionais —, são recontextualizadas no texto e influenciam crucialmente na vida cotidiana, “onde contribui para a formação de como vivemos e os significados que damos às nossas vidas.”<sup>115</sup> (Fairclough, 2003, n/p). Além disso, Charaudeau (2011, p. 284) traz a perspectiva de que as mídias constroem um mundo fragmentado que constantemente varia entre o local e o global - este segundo caso normalmente em busca da construção de uma transcendência identitária. Essas concepções ajudam a pensar o caso em estudo, visto que é recorrente no *Pioneiro* referências a outros países, e estes são normalmente referenciados como uma forma de pensar relações no Brasil.

O levantamento que fizemos acerca dos responsáveis pela circulação do *Pioneiro* permite visualizar uma considerável rotatividade dos diretores do impresso. Elvo Janir Marcon<sup>116</sup> era o diretor responsável, e Onil Xavier dos Santos<sup>117</sup> o diretor gerente na edição de lançamento; com a saída de Marcon para assumir cargo na Rádio Caxias do Sul, a partir de 28

<sup>114</sup> Uma mensagem, *Pioneiro*, 13/03/1954, p. 03.

<sup>115</sup> What are usually referred to as 'the mass media' are, one might argue, a part of the apparatus of governance – a media genre such as television news recontextualizes and transforms other social practices, such as politics and government, and is in turn recontextualized in the texts and interactions of different practices, including, crucially, everyday life, where it contributes to the shaping of how we live, and the meanings we give to our lives. (Fairclough, 2003, n/p, tradução nossa).

<sup>116</sup> Chegou em Caxias do Sul e atuou em instituição bancária até o ano de 1946, período em que passou a dirigir *O Momento*, jornal que teve a orientação política comprada pelo Bispado de Caxias do Sul para combater o temido avanço do Partido Comunista Brasileiro na cidade. Foi contabilista, atuou com questões tributárias. Segundo entrevista de Marcon “Foi nesta época que eu me tornei um fã do Partido de Representação Popular, não tanto pela orientação política que ele propugnava, mas principalmente e, fundamentalmente, pela adesão literária que eu passei a ter pelo principal líder do partido que era o Plínio Salgado. (...) enquanto o Plínio Salgado estava no exílio eu li todas as obras dele, e me tornei um apaixonado (...). Nesta época, então, para propugnar uma maior difusão do Partido de Representação Popular, fundei em Caxias junto com o Josué Fávero, (...) fundamos juntos a *Folha do Nordeste*, que foi um jornal de vida efêmera, durou uns oito, dez meses e tinha um caráter político” (Marcon *apud* Henrichs, 1988, p. 39-40). Em 1949, deixou a direção do *Pioneiro* para ser o redator-chefe da *Rádio Caxias do Sul*.

<sup>117</sup> Onil Xavier dos Santos era farmacêutico em Caxias do Sul, foi eleito à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, em 1954, pelo PRP, após ter sido candidato a vereador, também pelo PRP, de Caxias do Sul em 1951. Representava *O Pioneiro* em diversos eventos no município, como competições esportivas, apresentações escolares e demais eventos sociais; participou da direção do Grêmio Esportivo Fluminense de Caxias do Sul, foi membro da Comissão de Propaganda da Festa da Uva de 1950 e em setembro do mesmo ano é citado como “Chefe de Organização da Columbia Capitalização” (Mais dois contemplados pela Columbia Capitalização S. A., *Pioneiro do Sul*, 23/09/1950, p. 01, não assinado).

de maio de 1949, Isidoro Domingos Moretto<sup>118</sup> assume o posto de diretor responsável. Moretto permanece como responsável até março de 1951, tendo sido acompanhado por Onil, nesse período, que permaneceu gerente por um tempo substituindo Elvo Janir. Após sua saída e um período com apenas Domingos Moretto responsável pelo impresso, Mário Gardelin<sup>119</sup> assumiu como redator chefe, depois diretor e redator a partir de 09 de setembro de 1950.

Após a saída de Moretto, Gardelin assume a direção do jornal individualmente, tendo Pancrácio Scopel<sup>120</sup> assumido o cargo de diretor responsável por um curto período com a saída de Gardelin, em novembro de 1952, e passando o cargo para Amílcar Rossi<sup>121</sup>, já em janeiro de 1953. Mário Gardelin retoma o posto em 20 de março de 1953, passando-o, a partir de 20 de novembro de 1954, a Amílcar Rossi, que foi diretor responsável até o ano de 1958. Rossi tem Arisson Pinto<sup>122</sup> como redator chefe entre fevereiro de 1955 e outubro de 1956, enquanto J. Bicca Larre<sup>123</sup> foi seu secretário de redação entre 21 de junho de 1958 e 18 de outubro do mesmo ano; o restante do período em que Amílcar Rossi foi responsável pelo impresso, exerceu-o, segundo o jornal, sozinho.<sup>124</sup>

Os nomes levantados não servem para mera identificação de quem tinha responsabilidades sobre o jornal, ainda que isso não seja desimportante. O diretor responsável de um jornal tem poder para definir o que será ou não publicado, além de dar as orientações de como será feita a publicação. Como apontado por Norman Fairclough, os agentes sociais

são socialmente constrangidos, mas suas ações também não são totalmente socialmente determinadas. Os agentes têm seus próprios 'poderes causais' que não são redutíveis aos poderes causais das estruturas e práticas sociais. (...) Os agentes sociais texturizam textos, estabelecem relações entre os elementos dos textos. (Fairclough, 2003, cap. 2).<sup>125</sup>

<sup>118</sup> Isidoro Domingos Moretto foi um importante integralista da região de Caxias do Sul, atuante na década de 1930 e que, com a fundação do *Pioneiro*, assume posição de destaque por um longo período no jornal, bem como na Gráfica Nordeste, detentora do *Pioneiro*. Maiores detalhes serão apresentados no decorrer da dissertação.

<sup>119</sup> Mário Gardelin, assim como Moretto, teve um longo período de atuação pelo *Pioneiro*, mas sua ação não ficava limitada ao jornal. Foi escritor, vereador, autor nos meios esportivos da cidade e da região e professor de História na Universidade de Caxias do Sul por um longo período, sendo nome muito citado quando se fala na produção histórica sobre o município e a imigração italiana.

<sup>120</sup> Ainda nos faltam informações para melhor localizar o agente para além de sua atuação como diretor do jornal *O Pioneiro*.

<sup>121</sup> Amílcar Rossi, até agora, foi identificado como um dos secretários do Diretório Municipal do PRP. Ainda nos faltam informações para melhor localizar o agente para além de sua atuação como diretor do jornal *O Pioneiro*.

<sup>122</sup> Ainda nos faltam informações para melhor localizar o agente para além de sua atuação como diretor do jornal *O Pioneiro*.

<sup>123</sup> Ainda nos faltam informações para melhor localizar o agente para além de sua atuação como diretor do jornal *O Pioneiro*.

<sup>124</sup> Em anexo (Anexo 2), uma tabela que produzimos para facilitar a leitura e conferência dos sujeitos que exerceram os cargos referidos nos diferentes tempos de nossa pesquisa. Apesar da variação na nomenclatura das funções - eram referidos como "diretor", "redator", "redator-chefe", "gerente" e outras -, dividimos as funções apenas em "diretor" e "vice-diretor" para facilitar a compreensão. Contextualizações destes sujeitos e suas relações para além das funções exercidas no *Pioneiro* serão feitas neste capítulo.

<sup>125</sup> "Social agents are not 'free' agents, they are socially constrained, but nor are their actions totally socially determined. Agents have their own 'causal powers' which are not reducible to the causal powers of social

Nesse sentido, em se tratando do jornal que analisamos, mesmo acreditando numa relativa liberdade dos diferentes autores dentro das edições do *Pioneiro*, é necessário levar em conta a ação que alguns atores, principalmente aqueles com cargos de autoridade no jornal, tinham sobre o que era escrito. Isso é importante de ser considerado, pois pode vir a mudar o que é publicado no jornal, os tons que são dados ao que é retratado. Como afirma Fairclough:

O poder é conceituado tanto em termos de assimetrias entre participantes de eventos discursivos, quanto em termos de capacidade desigual de controlar como os textos são produzidos, distribuídos e consumidos (e, portanto, as formas dos textos) em contextos socioculturais particulares (Fairclough, 1995, p. 1-2, tradução nossa)<sup>126</sup>.

Por consequência, devemos atentar para a desigualdade de condições na possibilidade de influenciar, permitir ou retirar coisas que seriam publicadas; os editores e redatores, ao fim e ao cabo, são exemplos desta capacidade de controlar a produção do que será publicado.

Partimos da ideia de que, além de demarcar o contexto em que o jornal foi produzido, para a compreensão dos signos que são utilizados em forma textual nos impressos é necessária uma acuidade aos autores que produzem esses textos (Samara; Tupy, 2007, 121-122). O que gostaríamos de apontar do levantamento apresentado dos nomes que aparecem nessas funções é o seguinte: Onil Xavier dos Santos e Mário Gardelin eram membros do PRP, tendo sido inclusive candidatos pelo partido; Amilcar Rossi é citado como “Secretário Municipal de Finanças do Partido de Representação Popular”<sup>127</sup>; e Isidoro Domingos Moretto, além de membro do PRP, eleito vereador pelo partido e presidente da Câmara de Vereadores nas legislaturas de 1948-1951 e 1952<sup>128</sup>-1955, tinha sido, na década de 1930, um importante membro da Ação Integralista Brasileira no município de Caxias do Sul. Lembrando que a hipótese que motivou o trabalho leva em conta o viés político do jornal; mesmo que este se pretenda sem ligações partidárias, observar e pontuar a permanência de alguns desses sujeitos no controle do que seria publicado, destarte, não é mero detalhe.

---

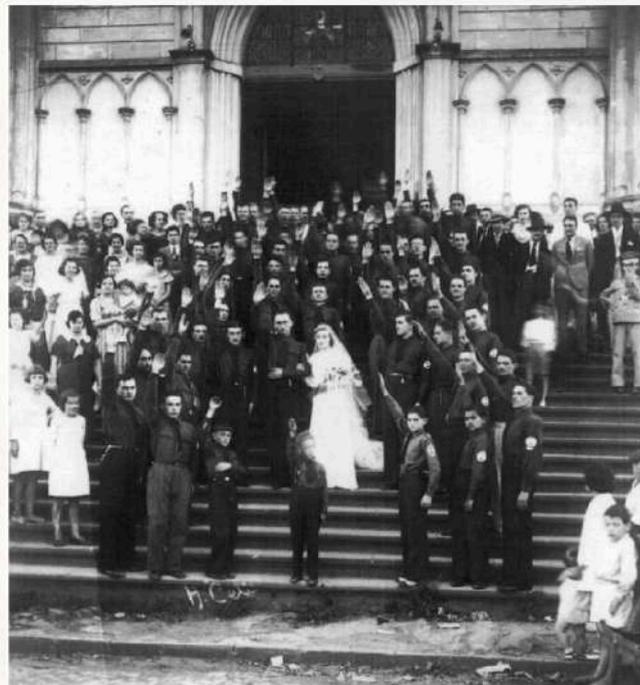
structures and practices (...). Social agents texture texts, they set up relations between elements of texts” (Fairclough, 2003, cap. 2, tradução nossa).

<sup>126</sup> “Power is conceptualized both in terms of asymmetries between participants in discourse events, and in terms of unequal capacity to control how texts are produced, distributed and consumed (and hence the shapes of texts) in particular sociocultural contexts.” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 1-2)

<sup>127</sup> Amilcar Rossi, *O Pioneiro*, 04/11/1948, p. 16.

<sup>128</sup> Sociais, *Pioneiro*, 30/08/1952, p. 04.

**Figura nº 18 - Fotografia do casamento de Isidoro Domingos Moretto, responsável pelo *Pioneiro***



**Fonte:** Olimpíada Nacional de História do Brasil (ONHB), 2010.

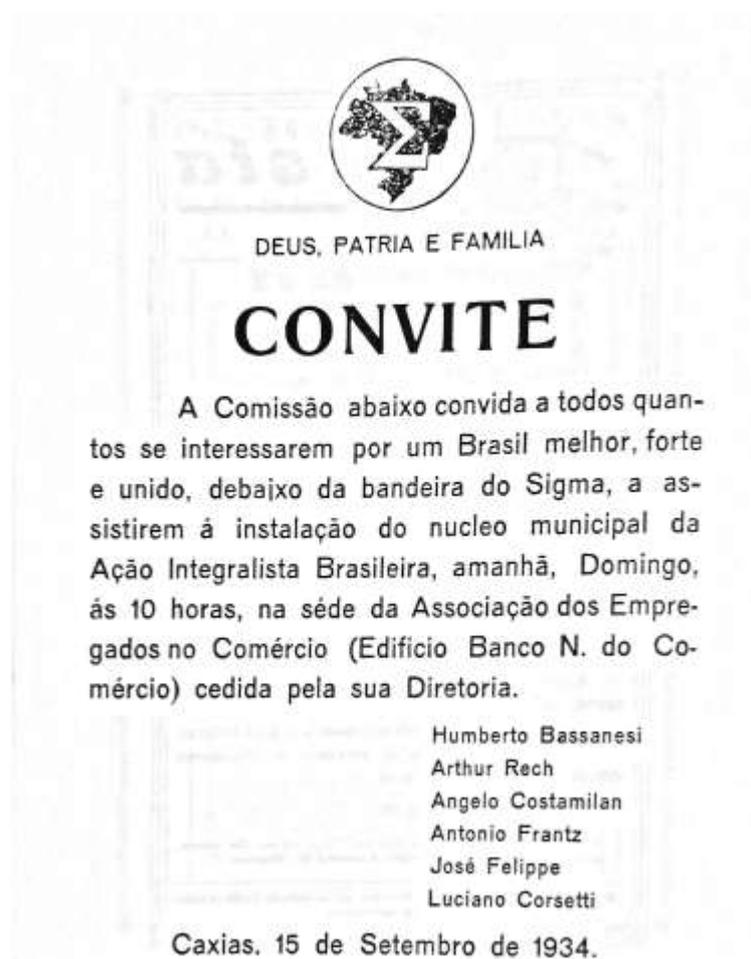
A figura 18 traz uma fotografia do casamento de Isidoro Domingos Moretto e Paulina Soldatelli Moretto no ano de 1934, em Caxias do Sul. Importante atentar que a festividade foi organizada seguindo os ritos da AIB, com o fardamento oficial dos *camisas-verdes*, o *sigma* estampado nos braços e com os militantes fazendo a saudação integralista<sup>129</sup>. A fotografia que utilizamos traz outro ponto que merece atenção: a data do casamento possibilita uma reflexão sobre a rápida organização do movimento em Caxias.

Brandalise (2021, p. 136) aponta que “Em meados do segundo semestre de 1934, um grupo de jovens locais empreende os primeiros contatos com a liderança da AIB sediada na capital porto-alegrense”; esse contato seria o primeiro passo para a fundação do movimento integralista no município de Caxias do Sul. A AIB seria fundada oficialmente no ato de instalação que aconteceria no dia 16 de setembro de 1934, na sede da Associação dos

<sup>129</sup> A fotografia em questão foi encontrada na edição de 2010 da Olimpíada Nacional de História do Brasil, porém com referência incompleta. Optamos por utilizá-la em função de termos encontrado, no livro de memórias de Paulina Soldatelli Moretto a seguinte citação: “Nos dirigimos para a Catedral Santa Teresa. O Moretto fazia parte do partido integralista, movimento político dirigido e idealizado por Plínio Salgado, homem muito culto, então, todos os integralistas de Caxias foram assistir o casamento. Estavam colocados desde o primeiro degrau da escadaria da igreja até o altar, em duas fileiras, de braços levantados, e nós passamos no meio deles até o altar. Eles usavam camisa verde com gravata preta e calça preta, além de um distintivo na manga da camisa. O Moretto também casou de camisa verde.” (Moretto, 2003, p. 46).

Empregados no Comércio, e em 1º de outubro de 1934 organizaram uma sessão pública no Cine-Teatro Central (Chiarello, 1995, p. 29). Ao atentarmos para a provável datação da fotografia, melhor localizada com os escritos de Paulina Moretto, em que informa que o casamento “Foi no dia 24 de novembro de 1934” (Moretto, 2003, p. 46), podemos depreender o avançado nível de organização da AIB nessa região, visto que já no semestre de início contava com uma considerável quantidade de militantes organizados e fardados. Além da organização recente e rápida, nos é possível inferir também sobre a importância de Isidoro Moretto frente à AIB. Sua esposa comenta que seu casamento “era o primeiro casamento integralista realizado em Caxias, e o segundo no estado do Rio Grande do Sul, por isso foi muito comentado”<sup>130</sup> (Moretto, 2003, p. 46-47).

### Figura nº 19 - Convite para a instalação da sede da AIB em Caxias do Sul



Fonte: Chiarello, 1995, p. 118.

<sup>130</sup> Do casamento de Paulina e Isidoro Moretto nasceu Nei Paulo Moretto, em 1936, que viria a suceder Dom Benedito Zorzi como o 3º Bispo Diocesano de Caxias do Sul em 1983, onde atuaria por décadas. Foi vice-presidente do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Caxias do Sul e exerceu cargos importantes na CNBB Regional Sul III, além de ter introduzido a causa de beatificação do padre João Schiavo, confirmada em 2017. Dom Paulo Moretto faleceu em abril de 2023.

Ainda em se tratando da estrutura e funcionamento de *O Pioneiro*, até o dia 24 de novembro de 1951 encontramos a Gráfica Nordeste LTDA como proprietária e editora do impresso, apresentada junto ao título do jornal e nome de seus responsáveis. A partir dessa data, a propriedade não é mais evidenciada nas edições, o que poderia indicar uma mudança no controle do *Pioneiro*. Entretanto, algumas edições após, encontramos uma pequena nota que traz felicitações para o ano de 1953 e agradecimentos pela gratificação concedida, e é assinada pelos “funcionários da Gráfica Nordeste LTDA., proprietária do PIONEIRO”<sup>131</sup>. Ou seja, mesmo que a mudança tenha acontecido no que era impresso em sua capa, a propriedade seguia intocada.

Em 1956, novamente, a Gráfica Nordeste volta a ser referida como editora e, em muitas situações, como proprietária do jornal. A gráfica, segundo o jornal, existia porque “Cincoenta e quatro quotistas formaram o capital suficiente que possibilitou a organização inicial da Gráfica Nordeste Ltda”<sup>132</sup>. Visto que até o período em que analisamos é inviável pensar na existência e no funcionamento do jornal sem levar em conta a fundação da Gráfica Nordeste, acreditamos ser importante mapear um pouco das relações que envolveram sua fundação.

---

<sup>131</sup> *Pioneiro, Diário do Pioneiro*, 29/12/1951, p. 01.

<sup>132</sup> No limiar do primeiro decênio do <<PIONEIRO>> (sic) o presente rememora as lutas do passado, *Pioneiro*, 19/10/1957, p. 07.

**Figura nº 20 - Sede da Gráfica Nordeste LTDA e do jornal *Pioneiro***



**Fonte:** AHMJS, *Diário do Pioneiro* 28/04/1951. BNDigital, acessado em 24/02/2023.

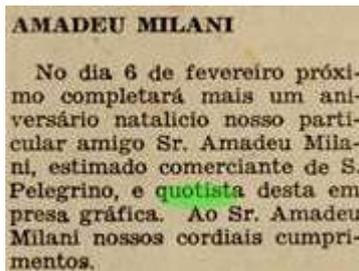
A figura 20 traz uma fotografia publicada na edição de 28 de abril de 1951. Nesta, é possível notar que, não só a Gráfica Nordeste havia sido fundada para a publicação do jornal *O Pioneiro*, como na placa de sinalização da empresa o jornal tem maior destaque<sup>133</sup>.

O levantamento que apresentaremos acerca dos sócios, quotistas e importantes sujeitos para a Gráfica Nordeste foi feito a partir do próprio jornal. A leitura extensiva (Elmir, 2012, p. 74) do impresso nos permitiu notar que era recorrente citarem esses sujeitos próximos às suas datas de aniversário.

**Figuras nº 21 e 22 - Cotistas do *Pioneiro***

Dia 20 — Sr. Ernesto Germani, industrialista, residente na capital do Estado e nosso quotista.

<sup>133</sup> No site do *Pioneiro*, a mesma fotografia é apresentada com a seguinte descrição: “A primeira sede do jornal, na Rua Dr. Montauray, 1.022, próximo ao Colégio São José. Entre outros, vemos Onil Xavier dos Santos, a esposa Natalina Clamer dos Santos, o vereador e ex-diretor Isidoro Moretto, o padre Ernesto Brandalise e o deputado estadual Luiz Compagnoni, idealizador do *Pioneiro* em 1947” (LOPES, 2023).



**Fonte:** AHMISA, *O Pioneiro* 19/02/1949 e *Diário do Pioneiro* 26/01/1952. BNDigital, acessados em 24/02/2023.

As figuras 21 e 22 são exemplos das citações aos quotistas do impresso. Os dados que levantamos não dão conta de todos os participantes da empresa, sequer sabemos sobre sua quantidade, visto que os 58 citados se referem apenas à abertura da gráfica. No entanto, acreditamos que os poucos que conseguimos identificar apontam caminhos interessantes para compreender a organização do impresso e quem estava disposto a auxiliar financeiramente em sua manutenção.

Após uma viagem “à paulicéia [para] tratar de interesses ligados ao comércio e à indústria caxienses”<sup>134</sup>, Amílcar Rossi — o já citado diretor do *Pioneiro* durante boa parte do período que pesquisamos — e Afonso Almeida — candidato a Deputado Estadual pelo PRP na eleição de 1950 — são apontados como quotistas da Gráfica Nordeste Ltda. Isidoro Moretto, diretor até 1951, próximo à data de seu aniversário no ano de 1952 — ou seja, após sua saída da direção do jornal — é referido como “diretor da Gráfica Nordeste Ltda., proprietária de nosso jornal”<sup>135</sup>. Humberto Bassanesi, que é apontado por Compagnoni como o primeiro integralista da cidade e que havia sido diretor do jornal *O Bandeirante*, abertamente integralista na década de 1930, foi eleito duas vezes vereador pelo PRP e é apresentado como o “digníssimo Presidente da Câmara Municipal, Sócio e um dos dirigentes da MAESA”<sup>136</sup>, e quotista da Gráfica Nordeste Ltda”<sup>137</sup>. José Dallabilia é referido como um homem que, “Além de pertencer aos quadros da MAESA (...) fazia parte da Carrocerias Nicola S. A.”<sup>138</sup> e da Gráfica Nordeste Ltda., editora deste jornal, de que Dallabilia era grande amigo e, até,

<sup>134</sup> Viajaram pela <<Cruzeiro do Sul>>, *O Pioneiro*, 27/01/1949, p. 02.

<sup>135</sup> Sra. Paulina Moretto, *Pioneiro*, 31/05/1952, p. 10.

<sup>136</sup> A MAESA era a Metalúrgica Abramo Eberle S.A., conhecida apenas por Eberle. Foi uma importante indústria da região e se confunde constantemente com a memória da própria cidade, principalmente em função de seu desenvolvimento e crescimento ter sido um importante propulsor do desenvolvimento da própria cidade.

<sup>137</sup> Sociais, *Pioneiro*, 06/10/1956, p. 04.

<sup>138</sup> Assim como no caso da Eberle, citada anteriormente, a Nicola S.A. também foi uma importante indústria para o desenvolvimento regional. Após alguns anos em funcionamento, teve uma mudança em seu nome e passou a se chamar Marcopolo S.A., indústria multinacional que segue em funcionamento até a atualidade.

colaborador, na parte fotográfica”<sup>139</sup>. Quando da sua morte, é lembrado como “membro antigo do Partido de Representação Popular e militou na extinta Ação Integralista Brasileira”<sup>140</sup> e recebe homenagens de Luiz Alexandre Compagnoni, que, não estando no município por ter sido eleito Deputado Federal pelo PRP em 1955, envia as seguintes palavras por telegrama ao *Pioneiro*: “Durante mais de vinte anos lutamos juntos pelos ideais de Deus da Pátria e da Família, dos quais foi soldado fiel e valente até o fim. Que Deus o tenha na sua glória. Sentidos pêsames a sua família - Luiz Compagnoni”<sup>141</sup>.

Outras pessoas ligadas à indústria caxiense também são citadas, como é o caso do “Sr. Gino Triches, diretor da Metalúrgica Triches e sócio da Gráfica Nordeste Ltda”<sup>142</sup>, José Venzon Eberle que, “Além de dirigir a grande empresa [MAESA], onde se destacou pelos [palavra incompreensível] méritos de administrador, participava ainda de diversas organizações, entre as quais também da Gráfica Nordeste Limitada, Editora deste jornal”<sup>143</sup>. Outros nomes citados: “sr. Oscar Viero, quotista da Gráfica Nordeste e elemento destacado do parque industrial caxiense”<sup>144</sup>; “Américo Garbin, diretor-gerente de Vendas, na MAESA, e quotista da Gráfica Nordeste Ltda.”<sup>145</sup>; “sr. Silvio da Ré, industrialista em nossa cidade e estimado quotista da Gráfica Nordeste Ltda”<sup>146</sup>; “Sr. Ottone Bassanesi, da Indústria Caxiense de Molduras Ltda. e sócio-quotista da Gráfica Nordeste Ltda., proprietária do PIONEIRO”<sup>147</sup>; “Sr. Ernesto Germani”<sup>148</sup>, também industrialista e morador da capital do estado. Todos eram apresentados como cotistas do jornal *O Pioneiro*.

Além dos industrialistas da região, outros profissionais são citados como partícipes da Gráfica detentora do *Pioneiro*, entre eles: “Amadeu Milani, conhecido comerciante desta cidade e pessoa vastamente relacionada em todo o município. (...) é sócio-fundador da Gráfica Nordeste Ltda., empresa proprietária de PIONEIRO, a quem tem emprestado todo o seu apoio e colaboração”<sup>149</sup>; “Normélio Webber (...) quotista da Gráfica Nordeste Ltda. e figura do alto comércio local”<sup>150</sup>; “DONATO ROSSI, acionista da Gráfica Nordeste Ltda. e proprietário do

<sup>139</sup> Morreu José Dallabilia!, *Pioneiro*, 02/04/1955, p. 12.

<sup>140</sup> Morreu José Dallabilia!, *Pioneiro*, 02/04/1955, p. 12.

<sup>141</sup> O falecimento de J. Dallabilia, *Pioneiro*, 07/05/1955, p. 10.

<sup>142</sup> Pioneiro Social( sic), *Pioneiro*, 14/06/1952, p. 04.

<sup>143</sup> Faleceu o Dr. José Venzon Eberle — Diretor Presidente da MAESA, *O Pioneiro*, 06/06/1953, p. 01.

<sup>144</sup> Sociais, *Pioneiro*, 24/12/1955, p. 10.

<sup>145</sup> Sociais, *Pioneiro*, 07/07/1956, p. 15.

<sup>146</sup> Sociais, *Pioneiro*, 01/09/1956, p. 13.

<sup>147</sup> Ottone Bassanesi, *Pioneiro*, 06/10/1956, p. 05.

<sup>148</sup> Pioneiro Social, *O Pioneiro*, 19/02/1949, p. 06.

<sup>149</sup> Amadeu Milani, *Pioneiro*, 12/02/1955, p. 01.

<sup>150</sup> Sociais, *Pioneiro*, 19/11/1955, p. 02.

Circuito de Cinemas Rossi”<sup>151</sup>. Outras pessoas são citadas como “vastamente relacionadas” na região, como Erico Raabe<sup>152</sup>, Mario Rocha Netto<sup>153</sup> e Idalino Coltro<sup>154</sup>.

Em síntese, os nomes, cargos e as funções referidas acerca dos financiadores e quotistas de *O Pioneiro* nos permitem compreender o jornal como um órgão que representava — pelo menos a ponto de financeiramente darem base para o funcionamento deste — as perspectivas políticas e econômicas dos industriais e comerciantes caxienses, mantendo uma intensa participação da classe média. Gilberto Calil conceitua esse grupo social intermediário como uma nova pequena burguesia, diferente daquela de transição do feudalismo ao capitalismo. Afirma que as condições desses trabalhadores “praticamente isolados em seu pequeno estabelecimento comercial, sua pequena propriedade rural ou sua manufatura e impelidos a uma vigorosa competição entre si, estabelece uma dificuldade particular à sua constituição como classe social” (Calil, 2005, p. 241). Essa dificuldade, em termos de configuração social, faz com que essa classe média tenha que constantemente se aliar ora à burguesia ora ao proletariado, constituindo aquilo que Décio Saes (1991, p. 452) nomeia por “basculagem”, pois muda os rumos de sua atuação política a depender da conjuntura política apresentada.

A relação dessa classe intermediária para com o integralismo e, em nosso caso pensando o PRP e *O Pioneiro*, é citada por Calil (2005, p. 253-254), que aponta a relevância de o integralismo mobilizar esse grupo em vista da necessidade de afastá-lo da classe operária e colocá-lo em defesa da ordem burguesa vigente no período. O grupo em questão era crescente no período em que pesquisamos. Caxias do Sul era um dos casos onde o processo de urbanização levava ao ascenso dessa classe intermediária, o que pode ser visto inclusive com os resultados eleitorais, onde há um predomínio dos votos no PRP da pequena burguesia. Situação parecida foi constatada por Calil (2005, p. 262) quando analisou os meios urbanos paulistas e mineiros, em relação aos pequenos proprietários rurais do sul do país.

Cabe reforçar que os quotistas que conseguimos identificar são em grande parte membros do PRP, alguns são integralistas desde a formação inicial da AIB e tiveram importante influência nas publicações, afinal alguns, além de quotistas, tiveram cargos de direção no impresso. Elvo Janir Marcon, uma destas pessoas atuantes na gestão do *Pioneiro* e que assume em entrevista ter sido próximo ao PRP, mesmo que não tenha se filiado, afirma que

---

<sup>151</sup> Sociais, *Pioneiro*, 10/11/1956, p. 04.

<sup>152</sup> Sociais, *Pioneiro*, 01/09/1956, p. 13.

<sup>153</sup> Homenageado o Dr. Theodosio Rocha Neto, *Pioneiro*, 08/09/1956, p. 13.

<sup>154</sup> Sra. Elsa Motta Coltro, *Pioneiro*, 10/08/1957, p. 14.

O *Pioneiro*, na verdade, foi um jornal organizado com objetivos políticos e dentro de uma orientação partidária do Partido de Representação Popular, mas por conveniência comercial e até por conveniência jornalística e para evitar que ele fosse apenas um jornal representativo de uma determinada facção política, procurou-se dar a ele uma feição de independência. Embora todos os seus integrantes, os sócios que participaram da iniciativa, os que emprestaram o dinheiro, a participação material, para a instalação do jornal fossem todos elementos ligados ao Partido de Representação Popular. (Marcon *apud* Henrichs, 1988, p. 40).

Ainda, mesmo que não ligados ao partido, outras pessoas são ligadas a grandes indústrias da região, como é o caso da Metalúrgica Abramo Eberle e da Metalúrgica Triches, além de comerciantes, empresários locais e pessoas que traziam consigo importantes relações na sociedade caxiense. No site do próprio jornal, ao relembrar seus primeiros momentos de circulação, aponta que antes mesmo da fundação do *Pioneiro*, as reuniões já eram feitas para a organização do jornal:

incluíram a participação de caxienses como Alfredo Germani, José Eberle, Mário Rocha Netto, Isidoro Moretto, Onil Xavier dos Santos, Normélio Webber, Josué Fávaro, entre outros. O grupo, juntamente com o deputado estadual Luiz Compagnoni, foi responsável por vender a ideia do novo jornal aos futuros acionistas, sendo que diretores e funcionários da Metalúrgica Abramo Eberle viriam a formar boa parte dos investidores. (Lopes, 2023, n/p).

Desatacamos, nesse sentido, que para Héglio Trindade, a AIB era caracterizada como tendo em suas lideranças:

ao nível da direção nacional e regional, é a classe média superior (profissões liberais e oficiais) que controla o aparelho do partido. Quanto aos dirigentes e militantes locais, sua base social está constituída de duas categorias sociais: a maioria dos aderentes provém da classe média inferior (pequenos proprietários, empregados e funcionários) com uma relativa afluência das camadas populares, constituídas por trabalhadores (a maioria em pequenas e médias indústrias), de agricultores ou trabalhadores rurais (em geral de zonas de pequenas propriedades) e de alguns artesãos. (Trindade, 1979, p. 136-137).

Gilberto Calil, ao estudar a inserção do PRP no contexto pós-1945, defende que o partido:

é claramente voltado para a pequena burguesia, visando disputá-la e arrematar as maiores parcelas possíveis destes setores no partido. (...) são recorrentes as mensagens dirigidas diretamente a estes setores, visando sensibilizá-los para a mensagem do partido, alertá-los do “perigo comunista” e concitá-los à defesa dos seus interesses. (Calil, 2005, p. 271-272).

Ou seja, de acordo com os autores, mesmo que houvesse participação das classes mais baixas dentro do PRP e, anteriormente da AIB, o discurso do partido e suas lideranças estavam ligados às classes médias e pequena burguesia, o que também é percebido a partir do levantamento dos financiadores de *O Pioneiro*, seja em função de suas ligações político-partidárias diretas, seja em função de suas posições sociais e econômicas. Importante lembrar que, segundo Claudira Cardoso, o desenvolvimento econômico da zona colonial levou à emergência de novos setores que não se viam representados e nem convidados à

participação da política junto das oligarquias tradicionais do estado e que, “a partir dessa condição de excluídos do sistema partidário vigente que os setores médios vislumbraram no integralismo uma nova perspectiva de participação na política gaúcha” (Cardoso, 2009, p. 36). Mesmo com a histórica dificuldade de identificar o que seriam esses grupos intermediários que não estão diretamente ligados à burguesia e nem ao proletariado, acreditamos que tenhamos conseguido esclarecer como entendemos esses agentes envolvidos no *Pioneiro* e como isso também se relacionava diretamente com o público alvo da atuação política do PRP.<sup>155</sup>

Antes de encerrar o subcapítulo, cremos ser importante atentar aos autores que participam do impresso, lembrando que situações mais específicas e representativas serão desenvolvidas posteriormente. Os signatários dos textos, artigos e reportagens são variados; nomes como os de Luiz Alexandre Compagnoni, Mário Gardelin, Velho Laranjeira e Geraldo Lindgren se repetem em diferentes anos com uma consistência notável; outros como Josué Fávaro, Osvaldo S. Reis e Nestor Pereira também aparecem em anos diferentes, mas em menor quantidade. Outros ainda, como Arison Pinto, Ivo Compagnoni e José Carlos Dias se fazem presentes apenas de forma isolada<sup>156</sup>.

Compreendida a fundação do impresso, suas condições de circulação e questões materiais que envolveram o jornal, atentaremos na próxima seção às funções assumidas pelo *Pioneiro* em sua circulação.

#### 2.4 - Função

Este subcapítulo atentará para a função que o próprio jornal apresenta como sendo sua. Optamos por fazer esse recorte dentro das festividades do próprio impresso; acreditamos, nesse sentido, que as datas próximas aos aniversários de lançamento do jornal apresentem posicionamentos, retrospectivas e reflexões sobre as responsabilidades, possibilidades, funções e ações tomadas pelo jornal nos anos que se passaram. Esta parte da pesquisa, portanto, analisa os discursos autorreferenciais de *O Pioneiro* nos períodos próximos aos seus aniversários.

---

<sup>155</sup> É evidente que a discussão sobre a tal classe intermediária é mais complexa do que apresentamos, ainda mais levando em conta as especificidades brasileiras, um país de capitalismo periférico e que apresenta condições diversas do que é normalmente levado em conta na definição desse grupo social. Reconhecemos, no entanto, que mesmo frente à necessidade de se aprofundar a leitura sobre esse importante grupo na composição social, para nossa proposta de pesquisa, as definições e leituras que foram apresentadas dão conta para a compreensão do que foi *O Pioneiro*, sua atuação político-partidária, bem como dos interesses e agentes envolvidos em sua produção, circulação e manutenção.

<sup>156</sup> Cf. Anexo 1.

Alguns destes momentos voltados para a recordação e feitos do impresso, bem como de afirmação de suas funções, deram atenção às campanhas feitas nas páginas, como quando lembraram das “iniciativas de ‘O PIONEIRO’: Galeria dos Pioneiros; Plano de Adubação; Monumento ao Imigrante; Contra o Imposto de 3%, cobrado dos triticultores. Sem contar com outras campanhas, de igual valor também encampadas, secundadas por este semanário”<sup>157</sup>. Este e outros casos que trazem as pautas defendidas e encampadas pelo jornal, como a questão das estradas rurais<sup>158</sup> e da eletrificação regional<sup>159</sup>, podem ser pensadas como atitudes que legitimam aquilo que Letícia Krilow (2022) nomeia por função de auxiliar da coisa pública. A partir de suas páginas, o impresso tenciona discussões e opiniões que são propostas aos poderes públicos, rumos que deveriam ser tomados, ações que são necessárias para a sociedade e que o jornal assume pautar e fazer aparecer. Acreditamos que um posterior levantamento das pautas encampadas pelo impresso possa trazer importantes reflexões sobre a participação do impresso frente à sociedade. Entretanto, como nos propomos a analisar a função assumida pelo jornal, nos demoraremos na atenção ao que Krilow se refere como discurso autorreferencial, sendo estas “narrativas jornalísticas que cobrem assuntos que dizem respeito aos jornalistas e ao jornal, ou seja, onde os jornais ou jornalistas são tomados como os sujeitos principais” (Krilow, 2022, p. 20).

Os materiais que serão o foco nesta parte da pesquisa foram retirados principalmente dos meses de novembro — mês em que aniversaria *O Pioneiro* — entre os anos de 1948 e 1958. No ano de 1957, em função da proximidade do início do décimo ano de circulação do impresso, encontramos uma série de reportagens nomeadas “No limiar do primeiro decênio do ‘Pioneiro’ o presente rememora as lutas do passado” - estas se referem aos atos dos anos passados do jornal; nesse caso, os materiais levantados não se limitaram aos editoriais e nem ficaram fixados em um espaço definido. Passemos, então, às funções assumidas pelo *Pioneiro*.

Marialva Barbosa recorda que a década de 1950 aprofunda percepções e discursos acerca da imprensa, de sua função e espaço a ser ocupado na sociedade, muitas vezes a partir dos próprios jornais, que se fazem presentes desde o início do século XX e que, lentamente, vão autonomizando o espaço de atuação dos jornais e jornalistas (Barbosa, 2007, p. 87). Mesmo se tratando especificamente da imprensa carioca, a pesquisa da referida autora traz

---

<sup>157</sup> O PIONEIRO, o Maior Semanário Gaúcho — suas realizações e causas de seu sucesso, *O Pioneiro*, 05/11/1949, p. 1-16.

<sup>158</sup> As estradas municipais, *O Pioneiro*, 28/05/1949, p. 03.

<sup>159</sup> Ainda a energia elétrica, *O Pioneiro*, 03/12/1949, p. 03.

importantes bases para pensar como as modificações passadas pela imprensa do Sudeste do país possam auxiliar na compreensão de jornais localizados mais distantes do centro nacional.

A questão sobre a neutralidade da imprensa é um dos pontos que permeia o impresso que analisamos e que é trazido por Barbosa (2007; 2013) em suas discussões. Surgida anteriormente, já na virada para o século XX, a questão ganha maior fôlego em meados do século e será cada vez mais utilizada como legitimadora do espaço social no qual a imprensa tentava se inserir. Ser um agente mobilizador das discussões, com opiniões sobre os rumos a serem tomados nos mais diversos âmbitos da sociedade, exigiria que estes jornais delimitassem seu espaço de atuação como separado de outros. *O Pioneiro*, nesse contexto, defendeu seu trabalho como sendo um “Jornalismo ativo, vibrante, imparcial, visando o bem da coletividade — enfrentando, muitas vezes, dificuldades, incompreensões, mas sempre objetivando o bem estar e a felicidade do povo”<sup>160</sup>. Para Barbosa (2007, p. 150), “A mítica da objetividade — imposta pelos padrões redacionais e editoriais — é fundamental para dar ao campo lugar autônomo e reconhecido, construindo o jornalismo como a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor”.

Sendo assim, mesmo que a imprensa do período ainda mantivesse ligações econômicas e, não raro, políticas, que auxiliassem ou até mantivessem sua publicação em circulação, a necessidade de se impor como agente independente estava posta. Em seu editorial na primeira edição, *O Pioneiro* pontua que “não é órgão de imprensa honesto, aquele que negocia, no balcão da publicidade, a moralidade da direção; aquele que subordina sua orientação a conveniências pessoais e interesses da gerência”<sup>161</sup>. O discurso da independência financeira será retomado em diferentes momentos, mesmo que seja perceptível a tentativa de aumentar os anúncios pagos — como durante sua circulação diária. Tema também repetido pelo periódico será a independência partidária, sempre pensada a partir de um pretenso desligamento completo dos interesses políticos partidários - reforçando que o questionamento acerca desse distanciamento partidário é o ponto de partida de nossa pesquisa.

Christiano Carlos Antunes<sup>162</sup> foi um autor recorrente, principalmente em 1957, e em sua coluna assinada falava do orgulho de escrever semanalmente em *O Pioneiro*, em que tentava motivar para que continuasse sendo “sempre justo, imparcial e [que] nas tuas páginas coloridas, continues sempre altivo jornal, alegrando nossas vidas, realizando nosso ideal”<sup>163</sup>, o

<sup>160</sup> O PIONEIRO, o Maior Semanário Gaúcho - suas realizações e causas de seu sucesso, *O Pioneiro*, 05/11/1949, p. 1-16.

<sup>161</sup> Aos nossos leitores, *O Pioneiro*, 04/11/1948, p. 3, Editorial.

<sup>162</sup> Ainda nos faltam informações para melhor localizar o agente para além de sua atuação no jornal *O Pioneiro*.

<sup>163</sup> Espelho de uma cidade - Christiano Carlos Antunes, *O Pioneiro*, 02/11/1957, p. 03.

que nos permite ver ecos desse discurso oficial do impresso inclusive nos autores que o compõe.

A perspectiva de ser capaz de traduzir o mundo para o leitor, apontado por Marialva Barbosa (2007, p. 150) e que é apresentado por Letícia Krilow (2022, p. 101) como “quando os jornais expõem perspectivas sobre a coletividade, como se de alguma forma tivessem interpretado seu pensamento”, também se fez presente de forma recorrente nos discursos autorreferenciais que analisamos. Os textos que rememoravam a trajetória do jornal, ora em editoriais ora em outros espaços, pontuavam que o jornal “trabalhou no sentido de que todos os filhos desta cidade e desta região se sentissem ufanos do seu passado, das realizações do presente e das perspectivas do futuro — na meritória tarefa da criação do bom regionalismo, sem o qual não pode existir o verdadeiro patriotismo”<sup>164</sup>. Sempre lembrando das importantes responsabilidades que davam à imprensa, creditavam-se agentes importantes “na formação da opinião pública, seja pela qualidade que a reveste de tradutora do pensamento das elites, seja pela ação de análise e de crítica, ou mesmo pela sua função meramente informativa”<sup>165</sup>. Portanto, a função pública de intérprete do pensamento coletivo será retomada também nas responsabilidades utilizadas por *O Pioneiro* na construção de seus espaços de atuação; ademais, refletir sobre ao que corresponderia o que nomeiam por “pensamento das elites”, ao mesmo tempo em que se autodenominam intérpretes da sociedade como um todo é inescapável.

Diferentes autores já apontaram a visão do integralismo sobre a necessidade de guiar uma sociedade incapaz de ser autônoma, de ter ideias próprias e de tomar decisões importantes para os rumos dessa sociedade. Em 1957, por exemplo, em meio às discussões sobre o possível aumento do eleitorado com a extensão do voto aos analfabetos, defendiam que “Essa solução, porém, é de todo inaceitável. Porque será o rebaixamento ainda maior do pequeno nível cultural do eleitorado brasileiro. A consequência será, fatalmente, o rebaixamento moral e cultural da representação”<sup>166</sup>. Frente ao baixo número de eleitores com a situação atual, apresentava que

Num país de baixo nível cultural como o nosso, só se poderá aumentar o colégio eleitoral sem se destruir o regime democrático, tirando ao voto o seu caráter universal e outorgando-lhe um sentido profissional, classista, como pretende o Partido de Representação Popular. Fora daí, será confundir o problema, tornar ainda mais ridícula e caricata a já tão apalhaçada (sic) democracia brasileira.<sup>167</sup>

<sup>164</sup> O PIONEIRO, o Maior Semanário Gaúcho - suas realizações e causas de seu sucesso, *O Pioneiro*, 05/11/1949, p. 1-16.

<sup>165</sup> Aos nossos leitores, *O Pioneiro*, 04/11/1948, p. 03.

<sup>166</sup> O voto dos analfabetos, *Pioneiro*, 21/09/1957, p. 03.

<sup>167</sup> O voto dos analfabetos, *Pioneiro*, 21/09/1957, p. 03.

Dessa forma, a imparcialidade citada anteriormente pelo jornal é feita a partir de uma tomada clara de posição contrária aos votos dos analfabetos, não se limitando apenas à crítica, mas mobilizando uma proposta clara para a resolução dos problemas apresentados. Essa proposta era aquela apresentada pelo Partido de Representação Popular e que retomava uma das principais pautas da AIB desde a sua fundação, qual seja a organização corporativa da sociedade. Além disso, o ataque ao sufrágio universal já tinha sido acusado, pela AIB, nos anos 1930, de vir a ser responsável pela desagregação social (Oliveira, 2009, p. 312). O corporativismo, ainda no início da retomada do PRP, tinha sido deixado de lado, afinal era facilmente relacionado com o nazifascismo europeu, o que é modificado com a retomada de muitos preceitos integralistas na segunda metade da década de 1950.

Necessário frisar que essa noção de incapacidade da sociedade em tomar os melhores rumos não era exclusividade da AIB e do PRP. Os discursos udenistas do período, constantemente, acusavam esta incapacidade das massas de ser a responsável pelos rumos errados pelos quais caminhava a sociedade brasileira. Para Jorge Chaloub (2009, p. 50-51), o maior limite enfrentado por este liberalismo que ganhava forma em terras brasileiras era a inserção igualitária dessas massas; Serge Berstein aponta que, mesmo diferentes partidos e movimentos políticos, até os que estão em extremos opostos, podem pertencer a uma mesma cultura política, visto que esta é produzida a partir das “respostas dadas a uma sociedade face aos grandes problemas e às grandes crises da sua história” (Berstein, 1998, p. 355).

Ou seja, mesmo pertencendo a organizações e partidos diferentes, a cultura política do período faz com que alguns discursos sejam adotados por uma parte considerável do meio político. Afinal, ainda que um mesmo país ou região apresente variadas culturas políticas e, com estas, diferentes propostas acerca do que foi o passado, como agir no presente e as expectativas e ações em relação ao futuro, esses espaços também trazem

zonas de abrangência que correspondem à área dos valores partilhados. Se, num dado momento da história, essa área dos valores partilhados se mostra bastante ampla, temos então uma cultura política dominante que faz inflectir pouco ou muito a maior parte das outras culturas políticas contemporâneas. (Berstein, 1998, p. 354).

Boris Fausto, ao analisar o tenentismo das décadas de 1920 e 1930, aponta que o movimento pretendia “institucionalizar a marginalização das classes populares do processo político. Se as massas são atrasadas, se “votam mal”, é preciso cortar-lhes estes direitos para que a ordem possa reinar” (Fausto, 1997, p. 90). Dessa forma, sendo mais próximo dos movimentos comunistas, integralistas ou tenentistas, a cultura política da conjuntura levava os diferentes movimentos a um elitismo, que constantemente via a participação popular como um entrave à realização do que o país necessitava. Essa leitura elitista sobre a sociedade,

presente desde a fundação da AIB na década de 1930, seguia presente nos discursos perrepistas da década de 1940 e 1950.

Essa questão pode ser observada ao pensarmos a relação das lideranças com os demais membros da sociedade, como citado anteriormente, mas também quando lembramos da organização política, partidária e eleitoral do pós-1945, apontada como uma reestruturação feita com peso forte na definição, reorganização e condicionamento do contexto autoritário do Estado Novo que recém se encerrava (Souza, s/d, p. 105-106). Nesse sentido, acreditamos que *O Pioneiro* se insere em uma cultura política claramente definida; seus posicionamentos não podem ser vistos sem levar em conta as relações com outras organizações partidárias — estando de acordo ou em oposição — e também com o próprio funcionamento político e eleitoral a partir de 1946.

Voltando ao integralismo, essa compreensão de uma sociedade ainda criança perpassa os diferentes momentos pelo qual o movimento passou. Para Héglio Trindade, desde a atuação da AIB já era perceptível que a organização do movimento se dava inspirada na estruturação militar, na qual as elites intelectuais detinham o controle e as demais camadas não intelectualizadas constituem a tropa (Trindade, 1979, p. 137). A perspectiva, mesmo que adaptada ao novo contexto, seguirá presente no PRP. A salvação desta sociedade se daria apenas a partir da condução a ser feita por uma elite capaz de compreender a profunda realidade brasileira e que, independentemente dos rumos tomados por parte da população, saberia seguir firmemente os passos necessários para a resolução desses problemas. Como deve ser previsível, essa elite seria representada pelos importantes membros do integralismo e, já que *O Pioneiro* assumia para si a responsabilidade de formar o pensamento da coletividade enquanto era tradutor do pensamento dessas elites, é possível compreendermos o jornal como assumindo o papel de um importante formador desses legítimos guias da sociedade.

Isto posto, se na década de 1930 essa tomada de rédeas não passava necessariamente por eleições democráticas, nas décadas de 1940 e 1950, a eleição seria o caminho a ser percorrido. Dado o contexto, entender-se como tradutora capaz dos pensamentos da elite da sociedade traz um importante dado para compreender a função assumida pelo impresso nesse contexto. Além de traduzir as ideias da elite para essas massas, “o jornal adjudica-se uma função social das mais salientes, porque fazendo a todos partícipes de sua matéria, torna-se um modelador de idéias, aferidor de opiniões e orientador da consciência coletiva”<sup>168</sup>.

---

<sup>168</sup> Aos nossos leitores, *O Pioneiro*, 04/11/1948, p. 03.

As disputas acerca dos rumos da democracia que estava em construção na sociedade tomavam variados formatos e o elitismo, que abordamos anteriormente, é importante para essa definição. O papel de guia que deveria ser tomado por uma elite capaz era defendido por diferentes jornais. Leticia Krilow, ao analisar as funções assumidas pela grande imprensa na capital federal, identifica no jornal *O Globo* a perspectiva proposta por Oliveira Viana — e que foi importante base para a construção do pensamento integralista — de que o Brasil ainda demandaria de um povo capaz de exercer a democracia, oferecendo, assim, “uma das justificativas para a existência de um Estado autoritário tendo em vista que Brasil ainda estaria em um estágio não plenamente desenvolvido (nos mais distintos sentidos)” (Krilow, 2022, p. 107).

Ainda para a autora, o questionamento à capacidade da população brasileira e a necessidade apresentada de que as elites fossem traduzidas à população e tomassem o controle da situação permitia que se questionasse o próprio regime democrático e o quanto este seria realmente compatível com a realidade brasileira (Krilow, 2022, p. 107). Entretanto, mesmo existindo essa possibilidade de questionar o regime democrático e, conseqüentemente, os espaços para a defesa de medidas de ruptura, em momento algum *O Pioneiro* ecoou discursos golpistas que propusessem impedir a posse dos eleitos, por exemplo. O integralismo que se reorganiza a partir de 1945 não fez coro aos golpistas e, para nós, isso auxiliou na completa inserção e aceitação do PRP nessa nova república brasileira.

Mesmo se legitimando como intérprete de importantes pensadores da elite da sociedade, recorrente também foi a defesa de que o jornal obtém seu reconhecimento, principalmente, em função de ser um espelho da sociedade em que circula. Defendem que seu trabalho no impresso foi capaz de “Transformá-lo num espelho fiel e autêntico de nossa vida social, econômica e religiosa”<sup>169</sup>. Aparentemente contraditório, o impresso se definia como capaz de traduzir uma elite pensante ao mesmo tempo em que era mero reflexo da sociedade em que circulava, o que conseqüentemente o tornaria “seu legítimo porta-voz, o sintonizador de suas tradições, de seus sentimentos, de seus anseios de progresso espiritual e material”<sup>170</sup>.

Ser tradutor para a sociedade e reflexo desta mesma ocupa uma importante dimensão dos discursos autorreferenciais de *O Pioneiro*, e este espaço definido é útil para a legitimação do impresso como importante instituição social. Colocando-se como autônomo em sua produção e desligado de outros interesses que estivessem para além de informar a população,

---

<sup>169</sup> *Idem.*

<sup>170</sup> O PIONEIRO, o Maior Semanário Gaúcho — suas realizações e causas de seu sucesso, *O Pioneiro*, 05/11/1949, p. 1 — 16.

afirmava ter uma “orientação sadia, honesta, criteriosa, em que este jornal assentou as suas bases, transformando-se no espelho fiel e autêntico de nossa vida social, econômica e religiosa”<sup>171</sup>. Além do mais, neste momento de disputas políticas e eleitorais, se dizia aberto aos mais variados posicionamentos, afirmando que “Dentro dos são princípios da democracia, PIONEIRO esteve aberto a todos os partidos legais, pondo a disposição suas páginas para a divulgação de seus ideais”<sup>172</sup>. Dessa forma, mesmo que politicamente tivesse ligação com o PRP, construía a autoimagem do impresso como um agente aberto aos demais partidos — desde que legalmente constituídos, o que excluía os comunistas neste momento — e também como um reflexo daquela sociedade caxiense.

Outro ponto que aparece nesses escritos de autorreferenciação diz respeito ao fato de colocar-se como legítimo representante da população do município de Caxias do Sul e arredores. As pautas levantadas e defendidas pelo impresso e a mobilização feita em suas páginas para influenciar nos rumos dos mais variados segmentos das discussões públicas são sempre apresentadas como tendo sido feitas em nome da sociedade. Segundo o impresso, “Nunca soubemos esconder um tema de real importância à vida administrativa da comuna ou aos superiores interesses da coletividade”<sup>173</sup>; suas críticas são apresentadas como “sempre justas, e as soluções que haveremos de sugerir serão pautadas sempre no interesse coletivo”<sup>174</sup>. O mesmo é feito em relação aos moradores do interior, onde “Passamos a focalizar os assuntos que clamavam por solução imediata, e para nossa satisfação, recebíamos os aplausos da população do interior”<sup>175</sup>.

O fato de nunca especificar quem é esta população, o que representa esta coletividade ou o que significa este interesse coletivo é digno de nota, ainda assim apresenta-se como representante legítimo de toda população. Para Luis Carlos Martins, a “opinião pública” jamais deve ser pensada como dada ou existente de forma prévia; principalmente em se tratando das questões políticas, o autor defende que

devemos estudar a “opinião pública” não como uma coisa objetivamente existente na realidade, mas como uma expressão cuja definição e apropriação constituem elementos básicos das disputas políticas nas sociedades modernas. (...) são tentativas de atribuir à mesma uma definição legítima em determinado momento e, assim, legitimar aqueles que elaboram e sustentam estas definições. (Martins, 2018, p. 67).

---

<sup>171</sup> No limiar do primeiro decênio do ‘Pioneiro’ o presente rememora as lutas do passado, *Pioneiro*, 19/10/1957, Segundo caderno, p. 3.

<sup>172</sup> *Pioneiro*, *Pioneiro*, 06/11/1953, p. 3, Editorial.

<sup>173</sup> Quatro anos de Jornalismo, *Diário do Pioneiro*, 03/11/1951, p. 3, Editorial.

<sup>174</sup> *Idem*.

<sup>175</sup> *Idem*.

Ou seja, assumir a posição de quem fala em nome de uma coletividade, mais do que representar ou não este grupo, serve como meio de legitimar-se frente ao mesmo, afinal, os interesses defendidos, as pautas presentes em suas páginas e os posicionamentos tomados em determinados contextos não seriam apresentados em função dos interesses do próprio jornal, e sim a partir do que pretensamente seria defendido por este conjunto representado por “população”. Nesse caso, tornar-se-ia legítimo e justificar-se-ia falar em nome do grupo sempre que necessário.

Ainda em relação ao ato de falar em nome da população, Krilow identifica isso como uma espécie de ventríloquo da opinião política da população, momento em que “os jornais se auto atribuem o direito e mesmo o dever de falar pelo povo, dizer o que ele pensa, o que sente, o que deseja, inclusive, se colocar na condição de porta-voz mais legítimo do povo” (Krilow, 2022, p. 87). Nesse sentido, portanto, falar em nome do povo era também um meio de mediar a interpretação que os leitores teriam sobre o mundo. Cabe apresentar alguns exemplos: quando *O Pioneiro* traz recortes bastante definidos para falar de outros países; conduzir as discussões da sociedade apresentando pautas que seriam as mais urgentes; indicar rumos e percepções que, mesmo sendo produzidas pelo impresso, diriam respeito aos mais puros interesses da população leitora do material.

Para Barbosa (2010, p. 150), boa parte da definição deste espaço da imprensa é feita principalmente a partir dos próprios jornalistas; a leitura de que trazem uma interpretação isenta e objetiva da “realidade” — seja lá o que isso signifique — passa a ser discurso comum dos próprios atores da imprensa desse contexto. N<sup>o</sup> *O Pioneiro* não seria diferente:

Para os que compreenderam que um jornal não é uma aventura passageira (...) É uma orientação, uma finalidade, uma alma, um pensamento; é mais do que uma profissão, um gênero literário. É muito mais do que informar simplesmente: é um combatente por excelência sem se atirar à crítica intolerante, que comenta fatos, analisa atos, aponta erros e oferece sugestões, cumprindo com isso a verdadeira missão da imprensa que contribui com a sua parcela para a solução de problemas de interesse coletivo.<sup>176</sup>

A valorização deste espaço é reiterada constantemente, e as funções assumidas pelos jornalistas, segundo os próprios, serão desligadas de qualquer interesse político e/ou econômico. Seus atos serão sempre “fruto mais de idealismo e de abnegação, que outra coisa”<sup>177</sup>. A construção da visão desses jornalistas sobre seu próprio trabalho também é feita a partir das páginas por eles produzidas, encarado como “um verdadeiro sacerdócio”<sup>178</sup>. Além

<sup>176</sup> No limiar do primeiro decênio do ‘Pioneiro’ o presente rememora as lutas do passado, *Pioneiro*, 19/10/1957, Segundo caderno, p. 3.

<sup>177</sup> *Pioneiro*, *Pioneiro*, 06/11/1953, p. 3, Editorial.

<sup>178</sup> Aos nossos leitores, *O Pioneiro*, 04/11/1948, p. 03.

de construir a função desse novo jornalismo da década de 1950 a partir dos próprios jornalistas,

Ao narrar as ações que pretensamente se passam no mundo, espelhando também uma dada realidade para o leitor, os jornais criam contextos para a descrição, referendando convenções que passam a ser interpretadas significativamente. Estado, hegemonia e cultura são dimensões dos mecanismos de exercício de dominação de classe e reprodução social. (Barbosa, 2010, p. 151).

Dessa forma, as ações tomadas e transformações passadas pelos jornais na década de 1950, no centro do país, tinham ecos também nos jornais regionais como o que analisamos; a imparcialidade que era propagada pelos órgãos de imprensa e que traziam, consigo, interpretações, perspectivas e ideologias encobertas como isentas é um desses impactos que são sentidos à distância, mesmo que outros pontos possam ser questionados acerca da chegada dessas mudanças.

Não menos importante é a relação expressa entre as funções assumidas e exercidas pelo impresso e a religiosidade. Ao atribuir-se a função de falar pela e para a população, levar-se em conta a imensa maioria (lembre-se, mais de 90%) que se identificava como católico neste período é mais que necessário; não são poucas as vezes em que a questão se faz presente. Mesmo frisando que “Nunca nos arvoramos o direito de sermos os portadores da palavra da salvação, arrogando-nos gestos messiânicos”<sup>179</sup>, o jornal se colocava como agente “visando o alevantamento (sic) do nível cultural, artístico, econômico e religioso de nossa gente”<sup>180</sup>.

A preocupação com a divulgação da palavra religiosa não se limitava ao “melhoramento” já referido; a proposta era assumida de forma militante e combatente:

Acima de tudo, entretanto, nosso galardão é o de havermos pelejado continuamente pela defesa da doutrina cristã, terçando (sic) armas contra as doutrinas deletérias e materialistas. Se outros não fossem os trabalhos prestados à coletividade, bastará isto para justificar nossa existência.<sup>181</sup>

A necessidade de combate ao materialismo é uma das funções mais destacadas nos períodos em que o impresso aniversariou. Sempre trabalhando “pela vitória do Espírito, pela conservação de nossas belas tradições religiosas, cívicas, sociais, familiares, de trabalho, de defesa dos fracos e desprotegidos”<sup>182</sup>, assumiam estar dispostos ao combate frontal contra as ideologias que tanto caos traziam à sociedade. Afirmavam, nesse sentido, que o impresso

<sup>179</sup> Sexto ano, *Pioneiro*, 07/11/1953, p. 3, Editorial.

<sup>180</sup> No limiar do primeiro decênio do ‘Pioneiro’ o presente rememora as lutas do passado, *Pioneiro*, 30/11/1957, Primeiro caderno, p. 5.

<sup>181</sup> *Pioneiro*, *Pioneiro*, 06/11/1953, p. 3, Editorial.

<sup>182</sup> No limiar do primeiro decênio do ‘Pioneiro’ o presente rememora as lutas do passado, *Pioneiro*, 02/11/1957, Primeiro caderno, p. 5.

“sempre lutou contra os comunistas, e jamais acariciou a política da mão estendida, desmascarou as patranhas dos vermelhoides (sic)”<sup>183</sup>.

Ao fim, portanto, os discursos autorreferenciais permitem apreender *O Pioneiro* como um importante agente jornalístico defensor das pautas de uma sociedade vista como geral, afinal não especificada, que habitava o município de Caxias do Sul e região contígua, com atenção para os meios rurais. Além de legitimar-se como representante, justifica seu sucesso na empreitada jornalística a partir da percepção que perfaz um espelho exato da sociedade em que circula. A objetividade e isenção dos materiais apresentados ao público leitor também é demarcada pelo impresso e representa uma tônica dos discursos empregados pela imprensa neste contexto, não só em nível regional. Importante também é o posicionamento do jornal como arma no combate ao que nomeia de ideologias materialistas, conseqüentemente em defesa de um espiritualismo cristão relacionado com a religiosidade católica e, como já apresentado, com o discurso mobilizado pelo PRP para legitimar sua atuação.

Neste encerramento de subcapítulo, entendemos como importante organizar algumas questões que ficam em aberto e que serão importantes na continuidade da pesquisa. De que forma esta idealização de sua função como intérprete e tradutor dos pensamentos de uma elite capaz de guiar os pensamentos desta sociedade em processo de transformação na década de 1950 dialoga com a pretensa isenção editorial defendida pelo impresso? Se necessitava traduzir os pensamentos de uma elite para a população, esse espelho refletiria uma imagem diferente daquela representada por esta elite?

---

<sup>183</sup> Há 2 anos Caxias descobriu Gutenberg, *Diário do Pioneiro*, 28/04/1951, p. 30.

### 3. Os editoriais

Como já apontamos anteriormente, o editorial é a voz oficial do impresso, trazendo ao seu entorno uma aura de relevância e fazendo com que as escolhas em relação aos autores, assuntos, anúncios e recorrências tenham um peso importante para guiar a pesquisa. Possivelmente, com exceção da capa, a página com o editorial é a que traz maior proeminência e, visto que *O Pioneiro* não define um espaço específico para o qual abordaria as discussões políticas, entendemos que o espaço dos editoriais seja importante para o andamento da pesquisa que propomos.

Assunto recorrente nesses textos, a pauta dos agricultores da região aparece de variadas formas: aborda discussões sobre o cooperativismo e o associativismo, a adubação das terras, o aumento da produção colonial, a condição das estradas rurais. Enfim, pautas que dizem respeito ao espaço em que se localiza e às condições de vida da região de colonização italiana. Um desses exemplos está transcrito a seguir e será o início das discussões que propomos:

Muitas e muitas vezes temos abordado em nossos editoriais assuntos relacionados com a agricultura. Move-nos a isso a certeza de que, agindo desta maneira, estamos interpretando com toda fidelidade uma das mais prementes necessidades que devem ser resolvidas: a reativação da agricultura.<sup>184</sup>

Ao falar em nome desses produtores, trazer suas pautas para as páginas do jornal, o editorial acaba por tentar se legitimar como uma voz em defesa desta parte da sociedade, colocando-se como agente autorizado — função apontada no capítulo 2 — dos agricultores da região. Como já referido, segundo o censo, aproximadamente 38% da população de Caxias habitava as regiões rurais do município, tornando a população numericamente relevante para a circulação do jornal (Brasil, 1955, p. 92). Além de se colocar como representante, ao trazerem a questão da agricultura ao centro dos editoriais, justificam o feito dizendo que o fazem por interpretar fielmente os interesses da população leitora, e isso é importante de ser notado para as análises que faremos desses textos.

Se algumas vezes esses editoriais vendem a imagem de apenas trazer pautas que a sociedade já apresenta como importantes e, por isso, dignas de se fazerem presentes nas páginas do jornal, outras vezes esses materiais utilizam desse discurso para colocar seus posicionamentos como sendo geral de todo o público leitor. Dessa forma, ao trazer um texto que aborda o fato de que “Já nos é possível recolher algumas lições sobre determinados fatores relacionados com o desenvolvimento ou com o declínio do fenômeno bolchevista,

<sup>184</sup> Duas realidades econômicas, *Diário do Pioneiro*, 29/09/1951, p. 03, Editorial.

extraídas todas elas de fatos da história de nossos dias”<sup>185</sup>, as lições que são recolhidas sobre o fenômeno bolchevista são feitas pelo jornal e apresentadas/denunciadas no editorial como se dissessem respeito ao interesse de todo um público. Pouco importa, nesse momento, se os leitores utilizam desse anticomunismo para se posicionar frente à sociedade ou não, se os textos editoriais servem para valorizar as discussões mais importantes e estas são mero reflexo dos puros interesses fielmente traduzidos nas páginas do *Pioneiro*, essas lições aprendidas com o risco do bolchevismo devem ser apreendidas e do interesse de toda a sociedade.

Em um contexto no qual a imprensa tenta se legitimar como representante de seu público leitor, como espelho dessa sociedade em que circula, o espaço editorial é agregado também com essa função. Sendo o discurso que parte do impresso e tentando a legitimação social para os leitores, a intenção de identificar-se com o público leitor, de ser visto como intérprete dos desejos e das reclamações da sociedade é perceptível nesses textos. Ora, “Não resta a menor dúvida de que o plano de eletrificação do Estado é a única maneira de solucionar o velho e cansado problema da energia elétrica para as nossas indústrias”<sup>186</sup>, falando em nome dos industriais, ora, “Está na hora de nós católicos deixarmos de eleger homens que não sabemos quem sejam”<sup>187</sup>, falando em nome dos religiosos da região. O impresso constantemente tenta se afirmar como o representante de diferentes grupos leitores; não apenas como representante, o impresso constantemente se coloca como se fosse membro desses mesmos grupos. O editorial do *Pioneiro*, nesse sentido, é um espaço rico para analisar os posicionamentos propostos pelo jornal.

Ao analisar os editoriais, não se pode esquecer que, ao se projetar como representante da sociedade, de suas reclamações e preocupações, a tentativa de interferir e trazer suas próprias pautas às discussões, mas apresentadas como sendo em nome desta sociedade que diz representar, é fato recorrente. Ao comentar o resultado das eleições de 1950, por exemplo

O eleitorado caxiense, dividido, subdividido, fracionado, retalhado, votou. Votou em quem pedia mais, em quem suplicava mais.  
Abandonavam o verdadeiro candidato, o candidato natural, em busca de outro com fracas possibilidades e realmente nenhum prestígio político.  
Resultado: nem um, nem outro.  
Caxias está sem representantes na Câmara Federal.  
Gostaríamos de saber se os políticos de café estão satisfeitos. Francamente, é triste ver-se um resultado desses.<sup>188</sup>

A crítica transcrita e que retornará em outro capítulo para maior aprofundamento, colocada

<sup>185</sup> Ditadura, clima ideal para o bolchevismo, *O Pioneiro*, 21/01/1950, p. 03, Editorial.

<sup>186</sup> Ainda a energia elétrica, *O Pioneiro*, 03/12/1949, p. 03, Editorial.

<sup>187</sup> Tiradas Maçônicas, *O Pioneiro do Sul*, 30/09/1950, p. 03, Editorial.

<sup>188</sup> Políticos de mesa de café, *O Pioneiro*, 11/11/1950, p. 03, Editorial.

em nome da não representação da cidade na Câmara Federal, traz premissas que dizem respeito à opinião do impresso: o verdadeiro candidato e o julgamento sobre o candidato que não teria prestígio político para ser votado. Mesmo que pensado em nome dos leitores, diz respeito ao impresso somente, apesar de pautar a discussão como se fosse um posicionamento da sociedade como um todo.

De acordo com Martins (2018, p. 69), para a identificação do posicionamento político de um impresso “em termos metodológicos, a principal alternativa é ainda a análise dos editoriais”, ao permitir acompanhar as discussões abordadas, as recorrências e os posicionamentos que são tidos como parte da voz da imprensa analisada. Ademais, “Representa acima de tudo — e isto é o mais importante — a forma como os proprietários e/ou os responsáveis por esta empresa desejam que ela seja vista no cenário público” (Martins, 2018, p. 70), o que aprofunda as preocupações acerca dos assuntos a serem abordados no espaço editorial que analisaremos.

Um fato em específico deve ser sinalizado nessa abertura de capítulo e que envolve os editoriais. Esse espaço reservado à voz oficial do *Pioneiro* costumava ser o da terceira página, no canto superior esquerdo da folha e, após sua fundação em finais de 1948, poucas serão as pautas presentes até meados de 1949 nos editoriais. A maior parte do material desses primeiros meses dirá respeito a questões da administração municipal, desde a doação de um prédio de escola que, segundo o jornal, deveria ser feita<sup>189</sup>, até avaliações positivas<sup>190</sup> e negativas<sup>191</sup> sobre o prefeito do município.

Em agosto de 1949, no entanto, um acontecimento abre espaço para uma abordagem diferente dos assuntos a serem tratados. Na página em que encontramos normalmente os editoriais, uma publicação “A pedido” chama atenção, mais ainda se levarmos em conta que o editorial não foi publicado nessa edição e o considerável espaço dado ao assunto.

---

<sup>189</sup> Triste revelação, *O Pioneiro*, 18/11/1948, p. 3, Editorial.

<sup>190</sup> Um ano de governo, *O Pioneiro*, 16/12/1948, p. 3, Editorial.

<sup>191</sup> Licença inoportuna, *O Pioneiro*, 24/12/1948, p. 3, Editorial.



Nota-se, na figura 23, que mais da metade da página foi dedicada a tratar do registro do Partido de Representação Popular e que diversos foram os textos que explicavam o acontecimento, bem como reconheciam a importância do que acontecia com o fim do processo. Como já referido, o contexto de criação do PRP, em meio às transformações passadas pela política após 1945, era atribulado e eram constantes as críticas feitas ao integralismo, sendo acusado de não democrático. Mesmo que seus militantes afirmassem não dar atenção às acusações, a comemoração e a valorização feita do fim do processo e da permanência em atuação do partido permite levantar dúvidas sobre essa desatenção.

Após uma descrição heroica do julgamento, com destaque para a organização do tribunal, membros que participaram da defesa, deputados e vereadores do partido, e de citar um “avultado número de populistas”<sup>192</sup> presentes, dá atenção para trechos dos votos apresentados na sessão. Valoriza o fato de o desembargador rejeitar a cassação, “mesmo porque não vejo que o fato de muitos e muitos membros desse Partido terem sido da antiga Ação Integralista Brasileira justifique a cassação do registro do referido Partido”<sup>193</sup>. A matéria conclui afirmando que o tribunal “repudiou, por expressiva unanimidade a denúncia infundada e inepta, do senador Vilasboas e ratificou seus julgamentos anteriores, reconhecendo serem inteiramente acordes com os princípios constitucionais brasileiros os documentos básicos e a ação do Partido de Representação Popular”<sup>194</sup>. Passados os momentos mais tensos do julgamento, os militantes do partido comemoraram e o jornal congratula os membros afirmando que “Estão de parabéns, portanto, todos aqueles que um dia pertenceram ao glorioso movimento ao qual se devem tão assinalados serviços em prol da segurança nacional e da manutenção das instituições democráticas”, além de agradecer os não integralistas que estariam no PRP. O discurso que era utilizado por Plínio Salgado desde antes da fundação do PRP, afirmando que o partido não era integralista e sim com membros da antiga AIB, inclusive por terem importantes cargos partidários sido assumidos por pessoas exóticas à AIB, constantemente, conflitava com a tentativa, do próprio partido, em montar uma linha de continuidade entre os membros da década de 1930 e 1940/1950, e isso fica claro no trecho transcrito.

Além de retratar o julgamento, Plínio Salgado assina um texto neste espaço, no qual afirma congratular-se especialmente

com todos aqueles que um dia pertenceram às fileiras da Ação Integralista Brasileira, pelo motivo, que tanto os deve alegrar de ter sido, também, aquele grande

---

<sup>192</sup> A verdade venceu, *O Pioneiro*, 13/08/1949, p. 3.

<sup>193</sup> Vota o desembargador Oliveira Sobrinho, *O Pioneiro*, 13/08/1949, p. 3.

<sup>194</sup> A decisão, *O Pioneiro*, 13/08/1949, p. 3.

movimento cristão e nacionalista, apreciado pelos íntegros Juizes, no seu verdadeiro caráter de afirmação espiritualista e anti-totalitária, da mais pura brasilidade.<sup>195</sup>

A tentativa de afastar o integralismo dos autoritarismos nazifascistas europeus e de aproximá-lo do espiritualismo cristão é a tônica utilizada pelo ex-chefe integralista como meio de legitimar a participação do partido nesse período dito democrático. Já sinalizamos a questão de que o sistema político pós-Estado Novo mantinha fortes permanências autoritárias do período anterior e que estava mais aberto à participação política da direita do que da esquerda; indo ao encontro dessa percepção profundamente embebida na Guerra Fria, que já dava seus passos, Salgado cita trechos da conclusão dos juizes:

Se entretanto, o Partido de Representação Popular adotar uma doutrina idêntica à da Ação Integralista Brasileira, conquanto com programa de soluções concretas diferente, nem por isso deixará de ser democrático, uma vez que a doutrina integralista é perfeitamente democrática, sendo totalmente diversa do totalitarismo fascista.<sup>196</sup>

A leitura caía como uma luva ao que o PRP propunha nessa reorganização dos integralistas para o novo contexto que se organizava.

Voltando ao que defende Berstein (1998, p. 355) quando aborda o conceito de cultura política, vemos que o que vai se estabelecendo em meados da década de 1940 dá cada vez mais espaço aos movimentos políticos de direita e, principalmente, aos que combatem os comunistas. O crescimento eleitoral dos comunistas na eleição de 1945 fez com que,

Diante da perspectiva da evolução, não apenas eleitoral do PC, mas também de sua atividade de agitação no meio operário, não hesitou Dutra em utilizar-se dos mecanismos restritivos à atividade partidária contidos na Constituição: tais dispositivos permitiam a cassação do registro de partidos ‘antidemocráticos’ ou que mantivessem relações com organizações estrangeiras. (Almeida Júnior, 1991, p. 243).

A mesma legislação que em maio de 1947 cassou o registro do PCB em função deste ser visto como “antidemocrático”, reconhecia o PRP como agente na democracia, inclusive citando que não seria problema caso o partido fosse uma continuidade da AIB. A cultura política do momento estava, portanto, aberta aos integralistas enquanto fechava a participação aos comunistas.

Salgado citava ainda que “o eminente magistrado fez prova exuberante da democraticidade da Ação Integralista Brasileira, a qual nunca desejou uma ditadura nem o totalitarismo de Estado”<sup>197</sup> e afirmava “que nunca fui propugnador, ou sequer simpatizante de

<sup>195</sup> A verdade venceu!, *O Pioneiro*, 13/08/1949, p. 3.

<sup>196</sup> *Idem.*

<sup>197</sup> *Idem.*

teorias expressivas de um estatismo absorvente, e muito menos algum dia me cingi ou me aproximei de doutrinas exóticas”<sup>198</sup>.

Calil (2005, *passim* cap. 2, 3) e Caldeira Neto (2011, *passim*) trazem discussões importantes para se entender essa tentativa de apagar parte considerável do que foi o integralismo em sua primeira formação, a ponto de textos e livros de importantes autores da AIB terem sido modificados. A própria *Enciclopédia Integralista* (Christofoletti, 2010, *passim*; 2021, *passim*), que já abordamos, faz parte dessa reescrita do integralismo para se encaixar nesse novo contexto.

Eni Orlandi (2007, p. 45-46), ao propor pensar o silêncio como fundante do discurso, principalmente quando relacionado com a política, defende que a percepção apurada do silêncio só acontece a partir de métodos históricos e críticos que coloque o discurso em evidência em seu contexto histórico. Fairclough (1995; 2001), da mesma forma, defende que as mudanças pelas quais a sociedade passa são centrais para compreender a estruturação discursiva e como as mudanças sociais impactam nos textos. O fim do julgamento que leva à manutenção do registro partidário e da legitimação democrática do PRP frente ao TSE é um importante exemplo disso; sem o risco de ter seu registro cassado, os assuntos tratados nos editoriais assumem tons mais claramente políticos e permitem relações mais claras entre o *Pioneiro* e o partido.

Para a autora, “Há, pois, uma declinação política da significação que resulta no silenciamento como forma não de calar, mas de fazer dizer ‘uma’ coisa, para não deixar dizer ‘outras’. Ou seja, o silêncio recorta o dizer. Essa é sua dimensão política” (Orlandi, 2007, p. 53). Esse silenciamento, essa dimensão política que recorta as possibilidades de ação, que era evidente enquanto o PRP estava em risco de perder seu registro partidário - visto o silenciamento das pautas integralistas - é rompido com a vitória no julgamento. Passados os momentos de comemoração pela manutenção do registro, os ares haviam mudado e os integralistas ganharam maiores espaços de atuação. O integralismo na defensiva (Calil, 2005, cap. 3.1.2, *passim*) até o momento passaria, então, à ofensiva, e isso exige trazer os editoriais de *O Pioneiro* para o centro deste capítulo.

---

<sup>198</sup> A verdade venceu!, *O Pioneiro*, 13/08/1949, p. 3.

### 3.1 - Anticomunismo religioso

O anticomunismo, segundo Motta (2000, p. 05), é central para a compreensão das disputas políticas durante a maior parte do século XX. O impacto dos ares que eram soprados, principalmente a partir da Revolução Bolchevique de 1917, acabavam por agitar e definir posicionamentos políticos a serem seguidos. O autor analisa o movimento como “um corpo doutrinário ou uma corrente de pensamento que possui discurso e representações próprias e, por outro, como um movimento político que engendra a ação e a militância de grupos organizados” (Motta, 2000, p. 10-11). O integralismo foi um desses grupos organizados que se utilizou do anticomunismo com fortes raízes no Brasil para sua atuação política, tanto na década de 1930, em sua formação inicial, quanto nas décadas posteriores em seus novos formatos. Como não poderia deixar de ser, principalmente em função das relações que percebemos como o andar da pesquisa entre *O Pioneiro* e o integralismo, esse discurso esteve presente de forma indelével no impresso que analisamos.

Antoine Prost afirma que

O historiador procura informações sobre as mentalidades e as maneiras de pensar de grupos sociais e políticos determinados, em datas e lugares precisos. Não pode extrair nada, ou muito pouco, de estudos que se baseiam em conjuntos heteróclitos de textos de origem incerta e de data variável. O importante para ele se define, portanto, no momento da definição do corpus (Prost, 2003, p. 315).

Preocupação essa que nos guiou em busca de um melhor crivo teórico para organização de nossas fontes e no longo levantamento que fizemos acerca dos editoriais; alguns padrões foram se estabelecendo e facilitaram a leitura do que era proposto como voz oficial do jornal. Uma das questões diz respeito às repetidas relações que eram feitas entre o combate ao comunismo e os aspectos religiosos. A Igreja Católica, mesmo que aparecendo em formas variadas desde a primeira edição em 1948, tem consigo a constante presença de ser o principal agente/motivador do combate ao materialismo comunista. Ângela Flach nos lembra que, para esses partidos e movimentos conservadores, “era necessário mostrar à sociedade as mazelas que o comunismo traria se porventura fosse implantado no Brasil” (Flach, 2003, p. 25). *O Pioneiro* se encarregou dessa tarefa arduamente, o que faz com que este subcapítulo tenha como centro o discurso anticomunista de cunho religioso que recorrentemente apareceu em seus editoriais.

O combate ao materialismo será a pedra de toque do pensamento integralista; suas propostas de organização da sociedade, suas críticas e apontamentos sempre terão como sustentáculo a destruição desse pensamento, que seria o causador do caos contemporâneo. A

necessidade de se opor veementemente a ele é apresentada “sob pena de desaparecermos sob o roldão das forças incubadas pela miséria, nutridas pela fome e agigantadas pela depauperação geral: as teorias de Marx”<sup>199</sup>. Ao comentar conferências do Padre Lombardi em Caxias do Sul, um dos editoriais do *Pioneiro* reconhece sua importância ao indicar que este atuaria “no íntimo das consciências, dentro das almas, na perene luta do bem contra o mal”<sup>200</sup>. Esta luta infundável contra o mal materialista, esta peleja continuada “pela defesa da doutrina cristã, terçando armas contra as doutrinas deletérias e materialistas”<sup>201</sup> teria o jornal *O Pioneiro* como aliado.

Para Camila Merg (2007, p. 34-35), os espiritualismos empregados em diferentes doutrinas e, no caso aqui estudado, em específico no integralista, “não só afirmam a veracidade do divino e do sobrenatural, mas assumem postura combativa no sentido de propagar essa verdade e concretizá-la socialmente. Ou seja, o espiritualismo supõe a ação catequética” e essa ação ativa, esse combate desabrido, se fará presente sempre em companhia do anticomunismo. Frente ao caos em que a sociedade está sendo organizada, em combate ao materialismo que tanto prejudica os cristãos, *O Pioneiro* levantará bandeiras defendendo que “É preciso que um brado renovador parta não tanto do plano político da nação. É necessário que surja de dentro das consciências. Que nasça duma nova fé”<sup>202</sup>.

Vale destacar, ainda, que esse discurso espiritualista se inspirava nas Encíclicas Papais *Rerum Novarum* (1891) e *Quadragesimo Anno* (1931), ambas ditando regras que deveriam ser seguidas pelos bons cristãos frente à nova situação da sociedade. Encontramos, nos editoriais que analisamos, inclusive, as encíclicas citadas diretamente, principalmente para lembrar que os textos “indicam aos patrões e operários o caminho a seguir, na solução pacífica das questões que, entre eles surgirem”. Essa preocupação para com a harmonização da sociedade, com a negação dos conflitos de classe e a tentativa de auxiliar na resolução pacífica dos desacordos será retomada constantemente e utilizada como base para combater as teorias materialistas que promoveriam o caos em meio a estes conflitos. O sentimento de coletividade, para os integralistas e que ecoam nos editoriais, seria alcançado com a negação de qualquer conflito. Nas palavras de Merg (2007, p. 32), “Como a própria denominação sinaliza, o integralismo propugnava um ideal de sociedade orgânica, harmonicamente constituída em torno de um denominador comum abstraído da consciência nacional que se propõe resgatar”.

<sup>199</sup> Um símbolo: Jânio Quadros, *Pioneiro*, 04/04/1953, p. 3, Editorial.

<sup>200</sup> Mundo novo, *Pioneiro*, 10/10/1953, p. 3, Editorial.

<sup>201</sup> *Pioneiro*, *Pioneiro*, 06/11/1954, p. 3, Editorial.

<sup>202</sup> Sete de setembro, *Pioneiro*, 05/09/1953, p. 3, Editorial.

A denúncia dos riscos que o comunismo traria e do evidente avanço desses materialistas em direção ao Brasil, motivava o necessário combate. Para *O Pioneiro*, “Um gravíssimo perigo está espreitando a civilização ocidental: o comunismo. A voz sensata de todos os que prezam a pátria, a família e a religião levantam-se contra a nova mentalidade que as estepes estão lançando sobre as nações civilizadas”<sup>203</sup>. Em função disso, “Contra a ação comunista, impõe-se uma ação anti-comunista construtiva”<sup>204</sup>, afinal “Não pode, todavia, a humanidade deixar de estar atenta às forças anticristãs que se arregimentam sob a bandeira da foice e do martelo. Em caso de legítima defesa, não há meios que não devam deixar de ser usados”<sup>205</sup>.

Os trechos transcritos nesse início nos permitem apontar questões centrais para nossa discussão, quais sejam: a ação anticomunista do impresso é evidenciada e defendida em seus editoriais - cabe ressaltar que não apenas a partir das interpretações que fazemos de seus escritos, mas citada de forma evidente. Outra questão, esta relacionada diretamente com nossa hipótese inicial de pesquisa, traz o fato de que o combate a esse perigo deveria ser adotado por todos os que prezam “a pátria, a família e a religião”. Para nós, a relação com o *Deus, Pátria e Família* que os integralistas utilizam desde os anos 1930 não é acaso; um dos editoriais onde encontramos claro esse discurso anticomunista se encerraria com “a Verdade é Deus e Deus dirige o destino dos povos”<sup>206</sup> – uma evidente relação conectando-os com outros materiais do período, como o manifesto integralista de 1932, o qual também afirmaria, já em sua abertura, que “Deus dirige os destinos dos povos”. Como já referido na introdução, para a ACD uma relação intertextual é o que “exige que vejamos discursos e textos de uma perspectiva histórica”<sup>207</sup> (Fairclough, 1996, p. 155).

Norman Fairclough nos traz a ideia de “recursos dos membros” para sua análise discursiva, pensando estes como recursos “que as pessoas têm em suas cabeças e utilizam quando produzem ou interpretam textos — incluindo seus conhecimentos da linguagem, representações dos mundos natural e social em que habitam, valores, crenças, suposições e assim por diante”<sup>208</sup> (Fairclough, 1996, p. 24). De acordo com essa proposta, é provável que

---

<sup>203</sup> Oponham-se fatos ao comunismo, *O Pioneiro do Sul*, 10/03/1951, p. 3, Editorial.

<sup>204</sup> *Idem*.

<sup>205</sup> A palavra do pontífice, *Pioneiro*, 24/04/1954, p. 3, Editorial.

<sup>206</sup> *Idem*.

<sup>207</sup> “The concept of intertextual context requires us to view discourses and texts from a historical perspective, in contrast with the more usual position in language studies which would regard a text as analysable without reference to other texts, in abstraction from its historical context.” (Fairclough, 1996, p. 155, tradução nossa).

<sup>208</sup> “which people have in their heads and draw upon when they produce or interpret texts — including their knowledge of language, representations of the natural and social worlds they inhabit, values, beliefs, assumptions, and so on.” (Fairclough, 1996, p. 24, tradução nossa).

qualquer leitor do periódico que tivesse contato com o que pensa o integralismo utilizaria destes recursos para a interpretação do que estava presente no editorial. Além dessa mobilização dos recursos que constituem esse mundo vivido pelo leitor, pensar a intertextualidade também nos auxilia na compreensão desses editoriais. Para Fairclough (2003, parte 1 - Cap. 3, n/p), é importante também olhar as dimensões externas dos textos, como outros textos/outras vozes dialogam, compõem e auxiliam na interpretação do que está sendo analisado, mesmo que estes não sejam explicitamente citados; afirma ainda que “a intertextualidade é uma questão de recontextualização (...) um movimento de um contexto para outro, implicando transformações particulares decorrentes de como o material que é movido, recontextualizado, figura dentro desse novo contexto”<sup>209</sup> (Fairclough, 2003, parte 1 - Cap. 3, n/p). Diante disso, a intertextualidade que remete aos princípios enunciados pelos integralistas, tanto em seu discurso em sentido mais amplo, quanto no próprio Manifesto de Outubro de 1932, e que é retomado em períodos tão diversos como o da década de 1940, deve ser frisada.

O esforço pela reespiritualização da sociedade e a reabilitação da tradição moral dizia respeito constantemente às preocupações que os autores tinham em relação à família. A denúncia dos malefícios que trariam o divórcio<sup>210</sup>, os perigos introduzidos pelas animações nos cinemas e os “humanos autômatos”<sup>211</sup> eram motivos de reportagens repetidas. Em suma, para *O Pioneiro*, “Diante deste quadro lastimável encontramos ainda nuvens norteadoras de tormenta. Ideias estranhas à nação aproveitam-se do caos material e moral para penetrar a soleira sagrada dos lares e desvirtuar o nosso tradicionalismo familiar”<sup>212</sup>. O discurso moralista também se articulava com o anticomunismo sempre que possível, como quando o assunto tocava em bases fundacionais desse pensamento mais conservador da sociedade brasileira. Desde o início da AIB, a família traz uma centralidade ao movimento; esta seria a escola para a formação integralista e, tal qual o Estado Integralista, cada membro tem seu lugar de atuação definido; a leitura do catolicismo sobre a família não se distanciava muito desta.

O medo trazido pela possibilidade da aprovação do divórcio era uma das questões utilizadas nesse sentido; um editorial sinalizado como “Transcrito do ‘Jornal do Dia’” dizia que a família era “célula formadora da comunidade social, porque os erros que sobre ela

<sup>209</sup> “that intertextuality is a matter of recontextualization (...) – a movement from one context to another, entailing particular transformations consequent upon how the material that is moved, recontextualized, figures within that new context.” (Fairclough, 2003, parte 1 - Cap. 3, n/p, tradução nossa).

<sup>210</sup> Pela salvaguarda da FAMÍLIA BRASILEIRA, *O Pioneiro*, 01/07/1950, p. 1.

<sup>211</sup> Educação e personalidade, *O Pioneiro*, 11/11/1948, p. 3, Editorial.

<sup>212</sup> Sete de setembro, *Pioneiro*, 05/09/1953, p. 3, Editorial.

recaiam se estenderão a tóda sociedade, afetando a ordem moral, política e econômica”<sup>213</sup>. As ações contra isso se mostravam evidentemente necessárias, “sobretudo, para defendê-las das investidas de seus inimigos, entre eles e o comunismo e a ameaça do divórcio”<sup>214</sup>. O comunismo seria, então, além de tudo o que já foi denunciado pelo jornal, um agente destruidor dessa família, base da organização da sociedade.

Outro exemplo apresentaria a questão da seguinte forma:

Hoje em dia o que mais desgraça a humanidade, é o rombo que se abre na família. É ali que tem início todos os males. Truncada a educação cristã, formam-se espectros de cidadãos, formam-se parasitas, que se engalham em todos os setores da sociedade, pesando como fardos e inculando (sic) em tudo que cercam o veneno da descrença e o materialismo.<sup>215</sup>

Proteger a família, portanto, era essencial para manter a ordem moral da sociedade, e qualquer movimento de ideias que minimamente questionasse as bases morais religiosas — e a família era a principal destas — traria impactos inaceitáveis à organização social. Motta (2000, p. 38-39) aborda a questão apontando que o perigo denunciado em relação ao materialismo era traçado como de longa data e não restrito às mudanças sociais e econômicas; esta se colocaria em oposição a todos os postulados católicos e, no limite, levaria à extinção da Igreja. Dessa forma, as disputas em torno das discussões de cunho moral seriam também parte do discurso anticomunista.

A moralidade seria alvo de preocupação constante. Afirmavam que uma “avalanche de imoralidade ronda os recessos dos lares”<sup>216</sup> e, mesmo que Caxias do Sul fosse uma cidade relativamente distante dos grandes centros, *O Pioneiro* denunciava a chegada de uma “nova mentalidade materialista, calcada na teoria do êxito imediato e do gozo efêmero, tudo envolve e quer derrubar os mais caros legados de nossos antepassados: a família e a religião”<sup>217</sup>. Esta sociedade, com o afastamento dos preceitos religiosos, invariavelmente se perderia e entraria em decomposição. Uma situação causada pelo materialismo que se espalhava e abriria mais espaços à tomada do comunismo; para *O Pioneiro*, infelizmente, podia-se assumir que “o Mundo começou a apodrecer. A apodrecer tristemente, funebremente, no individualismo anárquico, na ânsia pelas liberdades maiores”<sup>218</sup>. Esse risco seria comentado constantemente nos editoriais.

<sup>213</sup> Consciência vigilante, *O Pioneiro do Sul*, 21/10/1950, p. 3, Editorial.

<sup>214</sup> Consciência vigilante, *O Pioneiro do Sul*, 21/10/1950, p. 3, Editorial.

<sup>215</sup> Elites católicas, *Diário do Pioneiro*, 14/07/1951, p. 3, Editorial.

<sup>216</sup> Gerações novas, *Pioneiro*, 18/12/1954, p. 3, Editorial.

<sup>217</sup> *Idem*.

<sup>218</sup> Decomposição da sociedade, *Pioneiro*, 04/10/1952, p. 3, Editorial.

O perigo iminente era mobilizado pelos integralistas e causava a sensação de que sempre, à espreita, o risco estava esperando. Um dos textos traz dados apresentados por um padre de São Paulo. Este afirmaria que cerca de 500 crianças “são sacrificadas em abortos diariamente na grande cidade paulista”<sup>219</sup> e, partindo disso, calcularam como a situação se daria no estado riograndense. O saldo final, em tabela, apresentaria o fato de que, em 10 anos, mais crianças teriam sido abortadas do que a população de todo o estado do RS, e que “A solução é reintegrar a família na religião. E isto não se fará se não houver uma nova elite, capaz de modificar hábitos de nossa sociedade. Precisamos de líderes para revolucionar a imprensa, o cinema, o teatro, a educação e a instrução”<sup>220</sup>. Desta forma, o combate à tragédia que era anunciada pelo editorial seria resolvido com o espiritualismo pregado pelo jornal e, se lembrarmos que uma das funções assumidas pelo *Pioneiro* dizia respeito à formação das elites da sociedade, podemos inferir que essa cura da sociedade passaria pelas mãos dos autores e responsáveis pelo impresso da cidade.

A mobilização contra os materialistas a partir do medo era central nos editoriais que analisamos, seja lembrando “que sobre cada cabeça há uma espada, que de momento a outro pode golpear e ferir”<sup>221</sup>, apontando que “A displicência completa sobre a atividade vermelha seria um suicídio. E [que] somente nos fracos podem aceitar esta decisão”<sup>222</sup> ou afirmando que “Não há dúvida que há comunistas no meio das manifestações. Possuidores duma técnica adiantada, sabem infiltrar-se”<sup>223</sup>. Mesmo que reconhecessem, neste mesmo editorial, que a alta dos preços era um problema real a ser combatido pela sociedade, as referências constantes tinham como proposta cobrar maiores ações, como quando questionam “E onde está a reação, que naturalmente deveria existir diante de tudo isto? Onde está a reação contra o comunismo? Será que ninguém se dá conta do enorme perigo que corremos? Onde estão os partidos anti-comunistas?”<sup>224</sup>. Charaudeau (2011, p. 253) aponta que a opinião pública é construída sobre afetos que posteriormente são racionalizados, o que nos leva a pensar que o uso desses medos recorrentes empregados pelo *Pioneiro* e como eles são recebidos para, depois, serem utilizados para tomadas de decisões tidas como racionais — como o ato de votar — traz maior importância à atenção a ser dada aos meios de mídia.

Angela Flach (2003, p. 30) também aborda a questão das relações entre o catolicismo e o anticomunismo. Para a autora, os praticantes do catolicismo deste período teriam se

<sup>219</sup> Elites católicas, *Diário do Pioneiro*, 14/07/1951, p. 3, Editorial.

<sup>220</sup> *Idem*.

<sup>221</sup> O comunismo avança! Onde está a reação?, *Diário do Pioneiro*, 29/03/1952, p. 3, Editorial.

<sup>222</sup> A agressão ameaça o mundo, *Pioneiro*, 12/04/1952, p. 3, Editorial.

<sup>223</sup> A infiltração comunista, *Pioneiro*, 16/08/1952, p. 3, Editorial.

<sup>224</sup> O comunismo avança! Onde está a reação?, *Diário do Pioneiro*, 29/03/1952, p. 3, Editorial.

envolvido de forma evidente nos combates aos elementos materialistas que punham a sociedade em risco. *O Pioneiro* traz essa questão da seguinte forma:

Sua Santidade o Papa Pio IX afirmara ser o comunismo "intrinsecamente mau", alguns tempos depois Pio XII, com sua autoridade de Chefe da Igreja Católica, vem e afirma, aprovando a decisão tomada pelo Santo Ofício, ser o comunismo uma doutrina "materialista e anticristã."<sup>225</sup>

Partindo dessa constatação que a oposição entre a Igreja Católica e o comunismo era algo intrínseco e defendido por diferentes membros, de relevante importância, do clero internacional, toda e qualquer possibilidade de se posicionar frente a isso era válida. Ademais, se lembrarmos que mais de 90% da população do período se identificava como católica em solo caxiense, não podemos deixar de refletir sobre o quanto essa mesma população era o alvo desse discurso jornalístico. Barros (2023, p. 12) afirma que os leitores “não deixam de exercer suas pressões sobre os conteúdos que adentram as páginas dos jornais de todos os tipos”, o que conseqüentemente explicaria a manutenção desse discurso anticomunista religioso que encontramos no *Pioneiro*.

Esse momento da sociedade, em que as ideias eram apresentadas como “uma mistura de materialismo, espiritualismo, pragmatismo, relativismo, e tantos outros conceitos, que se repelem e destroem uns aos outros”<sup>226</sup>, só seria resolvido a partir do reconhecimento e das ações para “encontrar a vereda estreita, de que fala o Evangelho, e deixar a estrada larga por onde desfilam os triunfos, mas que termina abruptamente sobre o precipício. Para uma humanidade nova, surjam os novos e eternos objetivos”<sup>227</sup>. Salientamos aqui que, para Plínio Salgado, a história da sociedade se organizava em diferentes etapas evolutivas de acordo com o confronto entre o espiritualismo e o materialismo; para o autor, a quarta humanidade, a fase superior dessa organização social, seria a fase integralista; nesta se

Executaria o equilíbrio entre homem e natureza, entre matéria e espírito, entre ciência e divindade. A quarta humanidade seria um novo “senso de vida, uma concepção cósmica”, que equivalia ao projeto de transformação integralista baseado na reespiritualização da sociedade. (Merg, 2007, p. 38-39).

Partindo disso, somos levados a pensar se essa humanidade nova, proposta pelo editorial, não seria mais uma das continuidades do pensamento integralista nestes dois momentos — AIB e PRP.

Citamos também que, mesmo tendo se apresentado como anticapitalista em alguns momentos da década de 1930, nunca o integralismo se opôs às bases do sistema capitalista em si. Na maioria das vezes em que a pauta se fazia presente, era constantemente abordada com

<sup>225</sup> Reflexões, *O Pioneiro*, 20/08/1949, p. 3, Editorial.

<sup>226</sup> Novos objetivos para uma nova humanidade, *Diário do Pioneiro*, 08/12/1951, p. 3, Editorial.

<sup>227</sup> *Idem*.

um antissemitismo característico da década da fundação da AIB, tecendo críticas ao judaísmo internacional, aos grandes banqueiros secretos que prejudicavam à sociedade e não ao capitalismo como modo de produção. Nas décadas de 1940 e 1950, no PRP, as críticas ao sistema capitalista aconteceriam também pontualmente e principalmente quando estas pudessem ter como resultado o avanço do comunismo na sociedade.

Esta questão se fará presente nos editoriais que analisamos, como quando critica a ganância e a distância da burguesia, visto que essa

Isolando-se de tudo, cingindo-se a um cerco de interesses, deixaram que os comunistas, aos poucos, se tornassem os presumíveis defensores do operariado e das classes desfavorecidas. Nunca o comunismo fez algo para o bem do povo. Explorou uma situação, impensadamente criada pela ganância de alguns, pelo desleixo dos outros e pela incúria de terceiros.<sup>228</sup>

O problema, portanto, era meramente o quanto esse isolamento da sociedade permitia que os comunistas ganhassem espaço e acabassem por defender pautas que dissessem respeito diretamente aos não assistidos pela situação econômica do período. Para alguns autores, essa crítica aos abusos do capitalismo seria apresentada por grande parte do episcopado brasileiro após a 2ª Guerra Mundial, nunca feitas frontalmente, mas reconhecendo os males que invariavelmente seriam trazidos pela ganância exacerbada desta burguesia (Pierucci; Souza; Camargo, 1986, p. 347).

Nesse mesmo sentido, aparece nos editoriais uma exegese de passagens bíblicas ao frisar que a humanidade “esqueceu os ensinamentos superiores e hoje afunda-se em todas as misérias, a fim de entesourar o máximo de haveres e extasia-se em sua adoração. O homem não é mais um ser racional; é uma máquina que produz e consome”<sup>229</sup>. A crítica não diria respeito apenas ao consumo irracional do período; apontaria principalmente o problema que era “inúmeras super-personalidades nacionais, [que] agem de tal forma, que procuram ser devotos de Javé e do Bezerro ao mesmo tempo”<sup>230</sup>. Segundo o editorial, estes sujeitos ajudariam os comunistas na divulgação de sua ideologia, ao mesmo tempo em que se apresentariam como auxiliares daqueles que combatem esta mesma, como fica evidente nessa passagem: “Esses mesmos homens, entregam vultosas importâncias, pensando com isto de arrumar-se, antecipadamente, um lugar sossegado, seja no mundo prometido pelos anti-comunistas como pelos comunistas”<sup>231</sup>. Em 1954, ano seguinte, portanto, a mesma crítica seria feita em texto que estamparia a capa e teria Caxias do Sul como exemplo. Segundo o

<sup>228</sup> Oponham-se fatos ao comunismo, *O Pioneiro do Sul*, 10/03/1951, p. 3, Editorial.

<sup>229</sup> Javé e o Bezerro de ouro, *Pioneiro*, 27/03/1953, p. 3, Editorial.

<sup>230</sup> *Idem*.

<sup>231</sup> *Idem*.

texto, comissões dos comunistas estariam batendo nos comércios e indústrias em busca de financiamento em que “evidentemente receberam muitas negativas, mas não faltaram firmas que generosamente lhes entregaram boas importâncias”<sup>232</sup> e concluía afirmando que “Desta forma não se combate o comunismo, dando-lhe cada vez mais armas para financiar sua expansão”<sup>233</sup>. Segundo *O Pioneiro*, isso seria feito com a expectativa de manter seus posicionamentos independente da situação pela qual o país passasse.

Esta crítica à burguesia que faria os serviços dos comunistas — ora intencionalmente, ora sem saber — permitiu aos integralistas pôr o liberalismo e o comunismo como um mesmo ente materialista: ambos seriam falhos e deveriam ser combatidos em função de não ter o espiritualismo como cerne de seu pensamento. Esses burgueses “não acreditam nem em Deus e nem no Diabo. Apenas no seu ouro, no seu Bezerro. Família, Pátria, Nação, Religião: cifras, tudo é cifras; percentagens, lucros, dividendos, conquista de mercados”, e aqui mais uma vez podemos pensar em termos de intertextualidade com o manifesto originário da AIB: o *Deus, Pátria e Família* integralista está presente em diferentes editoriais publicados no *Pioneiro*. Este mesmo editorial, ao fim, afiança: “Entretanto, nunca é possível servir a dois senhores: ou se presta culto a Deus e se renega a Bafomé; ou se é devoto a Bafomé e se anatemiza a Deus. Não se une a luz às trevas e nem o dia à noite”<sup>234</sup>. Esse “espírito burguês” seria um modo de vida, não relacionado com questões de classe e seria aquele que dominaria essa humanidade caótica e materialista vivida. Merg, ao definir o que constituiria o materialismo combatido pelo PRP, apontaria que os burgueses “seriam os homens que, sempre em busca de favorecimento pessoal, transitariam entre pólos opostos, participariam de negociatas, não atendendo a nenhuma concepção rígida de vida” (Merg, 2007, p. 42), o que se adequa com o que encontramos neste editorial.

Mesmo com a tentativa constante de aproximar-se do operariado, estudos apontam que os integralistas não tiveram grande inserção no grupo, ainda que tenham, como no caso de Caxias do Sul, apresentado uma coluna voltada aos operários já desde a circulação de *O Bandeirante* na década de 1930. Os próprios perrepistas reconheceram que, apesar das tentativas, o partido só conseguiu grande inserção nas zonas coloniais alemãs e italianas, principalmente em meio aos agricultores (Flach, 2003, p. 10). Em *O Pioneiro*, da mesma forma, em algumas situações, encontramos materiais que tinham a proposta de aproximar-se dos trabalhadores operários; no entanto, fica clara a debilidade da real atuação nesses casos.

---

<sup>232</sup> Dentro de cinco anos o comunismo dominará toda a nação brasileira?, *Pioneiro*, 10/07/1954, p. 1.

<sup>233</sup> *Idem*.

<sup>234</sup> Javé e o Bezerro de ouro, *Pioneiro*, 27/03/1953, p. 3, Editorial.

Fosse com os trabalhadores das indústrias, fosse de classes empobrecidas, reconheciam que a situação social tinha permitido uma maior inserção dos comunistas com esses grupos. O discurso católico também assumia que o momento era difícil e era nesse sentido que fazia remendos ao capitalismo e tentava se aproximar do meio operário. Reconheciam que o sistema vivido acabaria por expor a sociedade a perigos mais graves e viam na questão moral, em especial no avanço do comunismo, a prova desse risco à religião católica (Pierucci; Souza; Camargo, 1986, p. 347).

A denúncia da aproximação entre os comunistas, aquilo que chamavam de “classes desfavorecidas” e os operários se fazia presente, *O Pioneiro* alegava que: “Cumpre-nos, porém, a nós, homens de partido, secundar os esforços das autoridades nesta obra de esclarecimento, que só ela é capaz de anular o confucionismo e afastar os perigos com que nos está ameaçando”<sup>235</sup>. Não fica claro a que partido pertencem esses homens que são citados e ao qual pertence o jornal. Visto que o editorial está mobilizando “nós” como agentes da ação e, a partir do que foi levantado até o momento sobre o impresso e dos autores e diretores que estão presentes em suas páginas, com certa margem de certeza podemos apontar o PRP como o partido que poderia esclarecer a sociedade dos perigos presentes. Ademais, se a imparcialidade partidária era uma realidade, trazer estes “homens de partido” para um editorial do *Pioneiro* nos leva a pensar se o fato de não ter um espaço dedicado a tratar de política não permite que as questões políticas transbordem em toda e qualquer situação possível. Claro está para o *Pioneiro* que “Estão abertos os caminhos aos homens: ou marchamos para o Cristianismo ou rumamos para o Socialismo”<sup>236</sup>.

Em situações nas quais apresentava problemas enfrentados pelos moradores do município, como a valorização excessiva dos terrenos urbanos em função da procura pelas quais passavam, legitimava o fato de que “É justo que hajam ricos”<sup>237</sup>, mas apontava que “Esperar a valorização dos terrenos deixando-os abandonados, é injusto, é anti-social, é anti-humano”<sup>238</sup>, já que afastava a classe média e os operários do centro da cidade. Ao final da denúncia da especulação, *O Pioneiro* apresentaria o maior risco trazido e este não dizia respeito à moradia somente; como previsível, os comunistas eram alvos da denúncia:

Como poderemos nos defender do comunismo, se lhe entregamos as melhores oportunidades para enganar e mistificar a opinião pública? Lutemos contra esses erros. Tenhamos noção da responsabilidade que nos cabe. E demos ao povo o que é

<sup>235</sup> Ditadura, o clima ideal para o bolchevismo, *O Pioneiro*, 21/01/1950, p. 3, Editorial.

<sup>236</sup> Reflexões, *O Pioneiro*, 20/08/1949, p. 3, Editorial.

<sup>237</sup> Danosa especulação em terrenos urbanos, *O Pioneiro do Sul*, 31/03/1951, p. 3, Editorial.

<sup>238</sup> *Idem*.

do povo, sob pena de que algum dia ele se levante, enlouquecido, e tome a ferro e fogo aquilo que lhe cabia por direito.<sup>239</sup>

Chama-nos atenção o fato de que, mesmo ao rezear a influência dos comunistas entre a população, o editorial reconhece que caso algo mais extremado aconteça, esse povo estaria tomando apenas “aquilo que lhe cabia por direito”. Esse reconhecimento de algumas pautas como válidas, vez ou outra, aparece nos editoriais; em um dos casos, inclusive, atenta para o perigo de taxar tudo como atividade dos comunistas. Segundo o jornal, “essa forma de julgar, termina desenhando um panorama sumamente falho, isto é, que todas as ações contrárias às numerosas injustiças sociais atuais sempre partem invariavelmente dos meios vermelhos”<sup>240</sup>. Ao fim, no entanto, assevera que “Não há dúvida que tudo isto termina influenciando negativamente nosso meio e nos tornamos os mais eficazes e úteis propagandistas vermelhos”<sup>241</sup>.

O comunismo, portanto, estaria em todos os lugares, mas nomear tudo como ação comunista acaba por tornar esses denunciadores eficazes na propaganda comunista. Um tanto confuso, mas o que importaria a partir dos editoriais era a mobilização desse medo constante, mesmo que apontassem uma necessidade de cuidar para que a taxaço de comunistas não abarcasse a tudo e todos, como o próprio periódico costumava fazer.

Como apontamos, desde a organização inicial do PRP e a consequente tentativa de integralismo de retornar às disputas políticas e eleitorais a partir de 1945, o partido foi combatido pelas suas relações com a AIB e com os movimentos nazifascistas europeus. A legitimação do PRP nesse novo contexto passava por se apresentar como democrático e constantes seriam as denúncias sobre o comunismo, o que permitia a leitura de que o integralismo, em contraponto aos movimentos materialistas, seria um defensor da democracia, bem como não apoiaria ditaduras. Nesse sentido, *O Pioneiro* argumenta “que o comunismo prospera e ganha vigor sob regimes ditatoriais, ainda que tais regimes lhe sejam adversos e procurem reprimir seus passos”<sup>242</sup>. Esse tipo de abordagem, além de apresentar o perigo como iminente, permite que o fato de denunciar algo como sendo ditatorial possa ser usado para distanciar o movimento desses comportamentos autoritários. No entanto, mesmo que em diversas ocasiões tenham se anunciado como democráticos, como grandes combatentes aos movimentos nazifascistas europeus, não raro valorizavam feitos destes mesmos movimentos. Esse mesmo editorial apresentaria isso, ao assumir que

---

<sup>239</sup> *Idem*.

<sup>240</sup> Excessos, *Pioneiro*, 17/04/1954, p. 3, Editorial.

<sup>241</sup> *Idem*.

<sup>242</sup> Ditadura, o clima ideal para o bolchevismo, *O Pioneiro*, 21/01/1950, p. 3, Editorial.

Durante certo tempo, ninguém ousaria afirmar que Mussolini, com os seus camisas negras, não banira do solo de sua pátria o germe bolchevista, tanto pela ação repressiva aos seus movimentos, como principalmente pelas realizações positivas que levou avante, transformando a Itália, de um país desorganizado e decadente, em uma nação altamente progressista e influente na Europa e no mundo.<sup>243</sup>

Mesmo que a intenção fosse de fazer uma denúncia da permanência da atuação dos comunistas e, conseqüentemente, da dificuldade em combatê-los, *O Pioneiro* reconhece que o governo fascista italiano trouxe avanços àquela sociedade, o que não aparecia antes do término do processo que resultou na manutenção do registro do PRP. Acreditamos, portanto, que o esforço pelo distanciamento do PRP em relação aos movimentos europeus derrotados na Segunda Guerra era feito com maior intensidade enquanto os processos que poderiam levar à cassação do registro partidário aconteciam. Com o fim desses processos e o reconhecimento do caráter democrático do PRP — bem como da própria AIB, como citado no trecho do voto que transcrevemos anteriormente —, a necessidade de se afirmar como democrático passava a ser relativizada, chegando inclusive a assumir avanços no fascismo italiano.

Ao desenvolvermos o capítulo anterior sobre as condições de circulação do *Pioneiro*, assinalamos o fato de que os comentários internacionais constantemente eram utilizados para ecoar discursos anticomunistas, fazendo dos exemplos de outros países um cavalo de batalha para mobilizar os leitores no combate aos materialistas. O mesmo acontecia em alguns editoriais, como foi o caso da Guerra da Coreia, quando o *Pioneiro* citava uma fala de Churchill que afirmava só ter resolução a situação “se as forças democráticas, com o auxílio dos Estados Unidos, expulsassem o ousado invasor comunista”<sup>244</sup>. Nomear uma ação ou um grupo é utilizado na construção discursiva de sujeitos nos gêneros textuais; reconhecer que “as forças democráticas”, bem como os Estados Unidos, são agentes importantes para a resolução do problema e que estes, diferentemente dos comunistas, não são nomeados como invasores, independentemente da distância que estejam de suas nações, é parte da imagem que vai sendo construída pelo impresso. Na sequência, afirma ainda que, em caso de derrota da Coreia do Sul, “portanto, contra a parede, os Estados Unidos se veriam forçados a seguir em demanda da reconquista de posições que os levaria a atos como o da invasão de uma Coreia unificada, bolchevizada”<sup>245</sup>. Nossa pesquisa obviamente não diz respeito à Guerra da Coreia, mas o fato de reconhecer que algumas invasões são válidas e até necessárias, reconhecendo essas possíveis ações como demandas legítimas de reconquista — afinal, reconquistar é

---

<sup>243</sup> *Idem.*

<sup>244</sup> A alternativa na presente crise mundial, *O Pioneiro*, 22/07/1950, p. 3, Editorial.

<sup>245</sup> *Idem.*

buscar algo que já pertencia —, faz com que exemplos de outros países componham essa imagem de comunistas que necessitam de combate incessante.

O mesmo pode ser visto em um editorial de 1952. Este traz um deputado italiano que “havendo renegado suas convicções marxistas, declarou haver atravessado uma profunda crise, até que triunfou nele novamente a fé cristã, na qual havia nascido”<sup>246</sup>. O que seria mais uma prova dos “inúmeros homens de prestígio, no mundo inteiro que dia por dia, desiludidos, retornam ao ideário mais sã e mais sólido do Cristianismo bimilenar e das Democracias bem interpretadas”<sup>247</sup>. Já que não era mais viável opor-se à democracia em si, disputava-se o alcance do que seria essa possibilidade democrática, portanto especificar que não era a democracia em si o rumo a ser tomado e sim uma “democracia bem interpretada”, de cunho religioso em consonância com o restante do editorial, trazia perspectivas limitadas aos aspectos que seriam aceitos como democráticos. O texto encerra, após citar outros dois sujeitos de reconhecimento internacional que haviam se distanciado do pensamento materialista, afirmando que o futuro do mundo se daria em uma disputa entre os comunistas e os ex-comunistas, retomando a disputa entre os materialistas e espiritualistas existente desde pelo menos os anos 1930.

Ao comentar as eleições acontecidas na Alemanha, um editorial do *Pioneiro* valoriza a “espetacular vitória do Grande Chanceler da República Ocidental Alemã Konrad Adenauer”<sup>248</sup> e propõe a leitura de que sua vitória era prova de que “Os alemães repudiaram frontalmente o comunismo. Nem sequer um representante vermelho poderá levantar a voz nos próximos anos no parlamento do Reich”<sup>249</sup>. Aponta ainda que os alemães souberam avaliar

com justeza a onda de materialismo que os sequazes de Gengis-Khã (sic) querem lançar sobre o mundo, e responde pelo seu voto, definindo-se perfeitamente no campo da política internacional, contra o comunismo. E os alemães sabem o que é comunismo! Viram seus irmãos do oriente serem fuzilados, massacrados, destruídos.<sup>250</sup>

A Alemanha, portanto, seria outro país europeu a ser utilizado neste combate ao comunismo., sem qualquer referência ao processo histórico do pós-guerra, comentários sobre as organizações nazistas e afins, apenas afirmando que “o repúdio máximo a todos os extremismos significa que na terra de Bismarck se crê ainda na liberdade”<sup>251</sup>. A liberdade só existiria em contraposição aos materialistas que tinham perdido a eleição. Motta (2000, p. 28)

---

<sup>246</sup> O futuro do comunismo, *Pioneiro*, 13/12/1952, p. 3, Editorial.

<sup>247</sup> *Idem*.

<sup>248</sup> O povo alemão mostra-se à altura de seu destino, *Pioneiro*, 12/09/1953, p. 3, Editorial.

<sup>249</sup> *Idem*.

<sup>250</sup> *Idem*.

<sup>251</sup> *Idem*.

assinala que, desde a década de 1930, livros e jornais traziam recortes bem definidos de outros países para demonstrar aos brasileiros os erros e perigos do comunismo, como uma forma de atrapalhar a tentativa de conquista eleitoral do PCB. Segundo o autor e como se mostra em nossa análise, ao mostrar países que estavam sob influência dos marxistas/comunistas/materialistas, “havia sempre a intenção explícita de intervir no debate político brasileiro” (Motta, 2000, p. 28).

Goa, atual estado indiano, também era apresentado como palco de batalha. Após longo tempo como colônia portuguesa, *O Pioneiro* tornaria a região outro exemplo estrangeiro para inspirar o combate aos materialistas. Esta seria apresentada como

um símbolo de como não se pode tomar uma terceira posição na luta em que se debate o mundo. Ou se é bolchevista ou ocidental. Com o gesto de invadir uma terra que é legitimamente portuguesa, pôs-se a serviço de Moscou, que é useiro e vezeiro em usar da força para conseguir seus objetivos.<sup>252</sup>

A defesa da manutenção da situação colonial apresentaria o catolicismo como uma das provas da situação positiva em que se encontrava; perguntava “Que pode dar a Índia a Goa? Dar-lhe-á seus bárbaros e inúmeros deuses?”<sup>253</sup>. Para além do preconceito orientalista, concluía com a leitura de que o fato de estar a região ligada com Portugal, além de tornar Goa próxima do Brasil, tornava-a “uma comunidade consciente, que deve manter-se livre do resto da Índia, porquanto possua mais tradição e está perfeitamente definida em seu destino”<sup>254</sup>. Caso a manutenção não fosse possível, que ao menos se afastasse da “forma moscovita” de atuar.

Maristel Nogueira (2009, p. 35) aponta que a mídia “pode influenciar algumas opiniões, mas não pode determiná-las”. Ou seja, por mais que a mídia produza imagens, interpretações e leituras sobre o mundo circulando em suas páginas, isso não faz com que essa construção feita seja aceita pelos leitores de forma passiva, e nisso estamos de pleno acordo. Mas a permanência em circulação do *Pioneiro*, assim como o crescimento constante de sua circulação nesses primeiros 10 anos, nos leva a deduzir que, mesmo que essa imprensa não tenha a capacidade de inculcar nos seus leitores, ao menos ecoava interpretações que não eram distantes daquelas compartilhadas no município em que circulou. Acreditamos que a perspectiva de se apresentar como reflexo da sociedade — afinal constantemente falava sobre a religiosidade católica, por exemplo, para uma região de forte maioria desta religião —, ao mesmo tempo em que defendia pautas variadas que eram apresentadas como se fossem de interesse da população como um todo, tenha permitido uma construção de leitura do mundo

<sup>252</sup> Goa, um símbolo, *Pioneiro*, 14/08/1954, p. 3, Editorial.

<sup>253</sup> *Idem*.

<sup>254</sup> *Idem*.

em que dialogava com o que circulava nas ruas. Esse diálogo deve ser visto na perspectiva do discurso como prática social. Era um aliado importante que tinha definido países que estavam do lado certo ao combaterem ao comunismo na esfera internacional, bem como procurava definir, agora, o que era democracia nesses novos tempos de organização política. *O Pioneiro* ajudava nessa definição.

A conceituação de democracia, suas funções e ações necessárias para o bom funcionamento seriam o centro de um editorial de janeiro de 1953. Este citava que “Democracia, considerada como auto-determinação de indivíduos e de povos, sem prefixação de princípios e de regras de conduta, é regime que atenta contra os direitos humanos, porque desarma o Estado em face de todos os erros e loucuras”<sup>255</sup>, o que permitia pleitear a definição de quais seriam esses limites democráticos. Acreditamos que a democracia exige que sejam minimamente explícitas suas margens para que exista a possibilidade de julgamento sobre as ações serem antidemocráticas ou não. Entretanto, ao definir em editorial que em alguns casos a democracia seria a não definição de limites, um grupo ou partido político que preze por um Estado centralizado e não raramente autoritário — caso em que se inserem os diferentes momentos do integralismo — abriria espaço para ser o agente definidor dessas linhas divisórias.

A divisão já recorrente nos editoriais - a disputa apresentada entre o materialismo *versus* espiritualismo - volta a ser o exemplo utilizado para as definições:

Optar pelo materialismo é fazer da democracia o instrumento de realização das idéias defendidas pelo maior número suggestionado e dirigido pelo grupo mais audaz ou mais poderoso; é fazê-la geradora dos regimes de força. Decidir pelo espiritualismo é a única atitude eficiente de manutenção das formas democráticas verdadeiras.<sup>256</sup>

A “democracia orgânica” ou “democracia espiritualista” proposta por Salgado e pelos integralistas, desde a sua reorganização no PRP, é sintetizada no que foi transcrito acima. A democracia não seria o governo da maioria, afinal, esta poderia ser “suggestionada” por um grupo audaz e poderoso. Impedir esse suggestionamento era função da organização democrática que deveria “dizer com todas as letras do alfabeto tudo aquilo que não permitimos em hipótese alguma”<sup>257</sup>. Esse agente definidor do permitido e não permitido é nomeado em sequência, especificando que “A democracia para nós, cristãos, há-de ser, antes de tudo, uma declaração de princípios cristãos. Sem essa declaração de princípios, é

---

<sup>255</sup> Democracia e finalidade nacional, *Pioneiro*, 17/01/1953, p. 3, Editorial.

<sup>256</sup> *Idem.*

<sup>257</sup> *Idem.*

impossível para a nossa dignidade deduzir quaisquer normas jurídicas e quaisquer estilos de Governo”<sup>258</sup>.

Ou seja, neste novo contexto de abertura, em que defender a democracia liberal no pós-Segunda Guerra era uma necessidade para a inserção no debate político, o que estava sendo proposto pelos autores do jornal é que a definição sobre a democracia pregada fosse restritiva, a ponto de permitir a estes sujeitos a análise de sua extensão e conseqüentemente de quem estava fora dela. Almeida Júnior (1991, p. 244) caracteriza como “Liberal na forma, herdeiro do autoritarismo característico dos anos trinta no conteúdo, eis possivelmente uma descrição sumária do período Dutra”. Se compreendermos que parte da reorganização do Estado brasileiro passou pelas mãos de Dutra e, conseqüentemente, a perspectiva que era imposta por este não desaparece com o fim de seu mandato, essa democracia liberal-autoritária<sup>259</sup> que era defendida nos editoriais do *Pioneiro*, também pelo PRP, e que se inicia em 1945, é parte constitutiva da cultura política brasileira pós-Estado Novo.

Já que os materialistas eram intrinsecamente ateus, negavam a verdade sobre o homem e o universo que os espiritualistas pregavam, por óbvio seriam alvos antidemocráticos a serem combatidos. Esse editorial seguiu criticando pessoas que acreditassem em uma democracia que não tivesse ligações religiosas, que fosse “agnóstica” ou “sem definições de homem e universo estabelecidas” e concluía afirmando que:

Só os loucos e os perversos poderão aceitar uma democracia que não sabe para onde vai, nem o que quer, e que tudo aceita desde que assim decida a insensatez das massas manobradas por agentes externos. Só os em que se apagou a luz da razão proclamam idoneidade e justiça em ordens políticas onde a verdade e o erro gosam da mesma cidadania, que consiste na indefinição e na mão (sic) consideração de ambos, desde que só vale o arbítrio das multidões volúveis.<sup>260</sup>

<sup>258</sup> *Idem*.

<sup>259</sup> Os caminhos que tomam a discussão sobre a democracia e o liberalismo a partir de 1945 é pauta de amplo debate entre os pesquisadores e os encaminhamentos que o fim da Segunda Guerra Mundial trouxeram ao mundo todo são parte destas discussões. Não concordamos com a leitura de que o liberalismo não existiu no Brasil e que era mera roupagem empregada por quem o defendia, ao mesmo tempo em que reconhecemos que a reorganização pós-Estado Novo ia traçando um liberalismo brasileiro característico do tempo e espaço em que surgiu. O horror ao dissenso, o receio da atuação das massas que agora participava ativamente dos debates políticos e a tentativa das elites de conduzirem os rumos da sociedade por sobre a população comum, incapaz de tomar as corretas e necessárias decisões para o desenvolvimento do país, são marcas daquilo que Chaloub (2009; 2015) analisou quando em estudo do liberalismo udenista. Essa perspectiva de um liberalismo que mantém fortes marcas autoritárias e elitistas de tempos pregressos, mas que nem por isso necessariamente deixa de ser liberal, não se limita aos partidários da UDN a partir de 1945. Os discursos empregados pelos integralistas neste período e que se fazem presentes nos editoriais do *Pioneiro* recorrentemente esbarram nisso que nomeamos por democracia liberal-autoritária, uma forma de atuação política que traça limites estreitos para aquilo que encara como democrático e que não raramente deixa um espaço aberto para ações de quebra desta democracia, como quando tenta impedir a posse de Vargas, eleito por voto popular. Além disso, as loas tecidas à iniciativa privada, as denúncias de corrupção das iniciativas estatais e as acusações feitas ao que entendiam como atuação de subversivos comunistas nos espaços do Estado darão a cara desse liberalismo brasileiro; estes oponentes denunciados, ademais, não devem ser aceitos como discordantes apenas, “precisam ser remetidos ao campo do direito, com todo o imaginário de força que a ele subjaz, e punidos exemplarmente.” (Chaloub, 2015, p. 28).

<sup>260</sup> Democracia e finalidade nacional, *Pioneiro*, 17/01/1953, p. 3, Editorial.

Essa “democracia sem rumo” criticada nos conduz à discussão sobre a liberdade para os integralistas. Estes não negavam a existência do livre arbítrio e da liberdade de escolha dos indivíduos, inclusive as legitimavam a partir do espiritualismo tradicional já exposto. Entretanto, essa liberdade não era vista como ilimitada. Como nos aponta Merg (2007, p. 37) “O conceito espiritualista de liberdade, assim associado aos de ordem e autoridade, tinha conteúdo regrante, adequado à doutrina conservadora e disciplinadora dos integralistas”. Retornamos, assim, à democracia excludente que citamos. Além disso, no trecho citado, mais uma vez o elitismo é latente. A maioria da sociedade, dos eleitores, é incompatível com a atuação democrática proposta pelo editorial; estes seriam manobrados por agentes que não teriam o espiritualismo como base de seus preceitos democráticos; logo, apenas a perversão justificaria a defesa desse tipo de democracia.

Gilberto Calil, ao contextualizar o nascimento do PRP, afirma que

A importância das restrições à liberdade partidária e à organização dos trabalhadores, bem como a manutenção dos diversos mecanismos de controle social vinculam-se claramente com a concepção de democracia de diferentes grupos políticos no contexto da “democratização”. Estas questões devem ser consideradas da maior importância para a análise da intervenção dos integralistas naquele contexto. (Calil, 2005, p. 97).

É considerando isso que acreditamos de grande importância atentar para o que seria entendido como democrático para os integralistas e como isso se faria presente no impresso que analisamos. *O Pioneiro* tem um longo período de circulação e segue até a atualidade. Acreditamos que acompanhar a evolução da compreensão sobre o que o jornal defenderia como sendo democrático ou anti-democrático traz ao menos melhores contextualizações para entender a influência dele na sociedade caxiense.

A produção de mundos, a compreensão das relações sociais e a interpretação sobre os acontecimentos de diversos espaços, podem ser construídas por diversos meios, ainda mais na atualidade. Na década de 1940, no entanto, com a dificuldade de circulação de materiais e com a redução de formatos em que essa circulação poderia se dar, “A divulgação das necessidades, dos valores, das crenças e da cultura das sociedades ganhou um forte aliado no meio da palavra escrita, com o surgimento dos periódicos, o que veio permitir a garantia de uma informação mais segura e igual para todos” (Pozenato; Giron, 2004, p. 13). Dessa forma, a disputa que era feita acerca dos rumos e limites da democracia que estava se organizando, no jornal *O Pioneiro*, teria uma definição limitada e excludente, com fortes marcas do que a AIB defendera.

Quando fizemos a exposição sobre integralismo e apontamos seus diferentes momentos e pautas mobilizadas, afirmamos que, no início, Plínio Salgado guardava acusações

e combates que ora eram feitos aos comunistas, ora eram feitos ao sistema liberal, que seria responsável pela crise de fins dos anos 1920. Para os integralistas, portanto, o liberalismo e o comunismo seriam duas faces de uma mesma moeda materialista que deveria ser extirpada da sociedade. Nas palavras de Oliveira (2009, p. 110): “todos aqueles indivíduos, movimentos, grupos, governos, etc., considerados aliados representariam o espiritualismo, e todos aqueles considerados inimigos, seriam expressões do materialismo”. De resto, não raro tratavam o comunismo como um oponente mais digno a ser combatido, visto que este se apresentava abertamente, diferentemente do que o liberalismo fazia, ao criar a situação decadente do momento e abrir espaço para a difusão do comunismo na sociedade brasileira.

Retomamos a questão para apresentar um editorial que pode ser lido como exemplo das permanências, mesmo que disfarçadas, dos posicionamentos integralistas da sua fundação. Apresenta no início que “Dois males enfrenta o mundo de hoje, ambos capazes de provocar sua ruína. Um é o comunismo materialista, que os erros filosóficos unem a violência. Outro é o espírito burguês, encastelado em postos vitais das nações”<sup>261</sup>. Apesar de não nomear o liberalismo como um alvo — lembramos que após o término da Segunda Grande Guerra, a democracia liberal virou a tese a ser defendida pelos mais diferentes grupos e que, de certa forma, era necessária à inserção na política pós-1945 —, as acusações que eram feitas à burguesia repetiam em grande parte as que eram feitas 30 anos atrás. Afirma ainda que “A solução comunista é falha e a burguesia também é causadora de grandes males”<sup>262</sup>. Para ficar claro que a escolha não deveria ser entre as propostas de ambas: “o burguês é o maior amigo do comunismo. É ele responsável pelo espírito que, infelizmente tanta influência tem em muitos ricos. O burguês não se define contra o comunismo. Fica quieto; tem medo e ajuda até os vermelhos”<sup>263</sup>. Ao fim, portanto, mantém o mesmo ataque feito ao liberalismo e ao comunismo em sua primeira formação, mudando parcialmente os nomes que eram dados, mas conseguindo manter parte importante da ideologia integralista intacta neste novo contexto.

Clarice Garcia Barbosa (2018, p. 39) nos lembra que “As fontes também possuem história, não são isentas de interesse” e, em se tratando de jornais, essa questão se faz mais presente. Não apenas em função das questões financeiras envolvidas em sua circulação — o que não é pouca coisa —, mas o fato de poder falar para um público leitor amplo permite um espaço de atuação nos debates da sociedade, na imposição de posicionamentos e leituras

---

<sup>261</sup> Espírito burguês, *Diário do Pioneiro*, 16/06/1951, p. 3, Editorial.

<sup>262</sup> *Idem*.

<sup>263</sup> *Idem*.

possíveis sobre o mundo em que circula. Essa circulação dos jornais, de acordo com Nogueira (2009, p. 20), “orientam, constroem significados em torno das suas matérias. Essas, ao passarem a informação ao público, lidam com valores que, inseridos no conjunto diagramado do jornal, são absorvidos pelo leitor”.

Acreditamos que essa orientação, essa construção de significados, tenha sido apresentada de forma clara em relação ao anticomunismo nos editoriais que analisamos. Retomemos algumas questões antes de passar à próxima seção: inserimos *O Pioneiro* em seu contexto de circulação, nos ares da Guerra Fria e em um contexto de adaptação aos novos momentos da república brasileira pós-Estado Novo. A conjuntura exigia posicionamentos políticos que se adequassem às propostas de democracia e que se aliassem aos países vitoriosos da Segunda Grande Guerra. Consequentemente, o afastamento dos discursos nazifascistas era necessário e mostrou-se presente nos editoriais, ainda mais com a tentativa de definição de um conceito de democracia que permitisse aos integralistas, da década de 1940, manter parte do que defendiam em períodos anteriores, mas sem tornar seu posicionamento como crítica à democracia *per se*. As críticas que eram feitas, portanto, atacavam o estado da democracia vivida no Brasil e, dessa forma, permitiam um espaço para que fosse apresentada uma leitura sobre o que era a verdadeira democracia e quais as ações necessárias para alcançá-la; a proposta feita, consequentemente, estava dentro das estreitas margens do que pensava o integralismo gestado desde a década de 1930 e que passava por transformações a partir de meados da década de 1940.

O combate ao comunismo/socialismo/materialismo tornava-se, nesse momento, um discurso fácil a ser empregado. Em uma reorganização do Estado que se mostrava mais aberto ao espectro direito da política em detrimento dos movimentos à esquerda, o que era defendido pelos integralistas era bem recebido, e acreditamos que o combate incessante aos materialistas facilitasse na inserção do PRP no meio político do período; essa questão também foi evidente nestes editoriais que analisamos.

Em conjunto com o anticomunismo, o discurso empregado pelo *Pioneiro* tinha uma forte base espiritualista, mobilizando constantemente os princípios de uma leitura evidentemente conservadora da Igreja Católica como principal oponente ao materialismo que reinava nesse momento de caos da sociedade. Motta (2000, p. 17-18) afiança que, mesmo com as diversas influências externas para o discurso, no Brasil foram os valores religiosos católicos que serviram de base para este pensamento, o que ficou evidenciado no levantamento que fizemos. Para os integralistas, as exigências de adaptação do pensamento, da atuação do partido e das ações políticas eram respondidas com a aproximação deste mesmo

espiritualismo. Nesse sentido, um movimento que fosse defensor do catolicismo era intrinsecamente democrático, e os demais partidos e movimentos, que não fizessem parte dessa aliança política/religião, deveriam ser combatidos sem cessar.

Motta (2000, p. 12) nos sinaliza que “Muitas das representações sobre o “inimigo” comunista foram reproduzidas durante décadas, repetindo temas elaborados nos primórdios. Diversos elementos do imaginário anticomunista construído entre as décadas de 1920 e 1930, ainda eram utilizados na década de 1980”. A permanência dessas leituras que eram trazidas do período de fundação da AIB, segundo nossa análise, também é evidente nestes editoriais. Mesmo que parte importante da ideologia integralista tivesse passado por uma considerável adaptação para seguir em funcionamento, os ataques que eram feitos aos comunistas seguiam os mesmos na década de 1940 e 1950. Da mesma forma, os ataques ao liberalismo e a acusação de serem complacentes com a atuação dos comunistas, mesmo que nesse período de forma um pouco diferente, também aconteceram.

Para encerrar o subcapítulo, estamos destacando que “em algumas conjunturas os órgãos de imprensa exerceram enorme influência na propagação das representações anticomunistas” (Motta, 2000, p. 14). Em nosso caso, a imprensa teve uma importante atuação na criação e manutenção de imagens sobre os comunistas, bem como acreditamos que os ataques feitos a esses materialistas tiveram uma relevante influência na sociedade em que circulou. A repetição dos temas, imagens e denúncias que eram feitas permitia ao público leitor construir relações que viam, no perigo comunista, uma ameaça urgente e evidente de ser combatida.

### 3.2 - A Política

Este subcapítulo vai atentar para os momentos em que a política *stricto sensu* se fará presente nos editoriais. Como previsível, em anos eleitorais, o assunto acabaria por aparecer de forma mais concentrada, mas nosso levantamento encontrou discussões políticas e, de vez em quando, partidárias, que apareceram também em períodos fora das campanhas eleitorais.

Analisaremos pontos em que o *Pioneiro* usou de seu espaço de atuação frente à sociedade para pautar discussões que via como importantes de figurar em suas páginas. Como exemplo, cabe reforçar que o impresso se colocava como um auxiliar da coisa pública, capaz de traduzir uma elite pensante, com a intenção de influir e até formar essa elite capaz de conduzir a sociedade para um rumo melhor. Para que possamos melhor conduzir a discussão acerca das ligações entre *O Pioneiro* e o PRP, precisamos atentar para como as disputas políticas se farão presentes nos editoriais.

#### 3.2.1 - Mobilizar o eleitorado

Para que as eleições aconteçam, é necessário estabelecer uma legitimidade que dê confiança aos participantes de que sua participação é válida e, mais importante ainda, que faz diferença sua atuação. Se levarmos em consideração o fato de que, a partir de 1945, uma crescente participação da sociedade passa a ser possível com a modificação da legislação eleitoral<sup>264</sup>, mobilizar os possíveis eleitores para que participem dos pleitos passa a ser uma necessidade. Douglas Angeli (2020, p. 97) traz dados que apontam para um crescimento de menos de 4% no pleito eleitoral de 1934 para cerca de 22% do eleitorado possível de participar da eleição já em 1950, sem esquecer da crescente participação feminina nestes

---

<sup>264</sup> As mudanças na legislação eleitoral fizeram parte das diferentes permanências do Estado Novo em período dito democrático, e acabaram por manter Vargas como um importante agente político, mesmo que fosse afastado do poder e estivesse, por certo tempo, distante da capital federal. A Lei Agamenon de 1945, por exemplo, exigia, pela primeira vez, que os partidos políticos só pudessem ser registrados se comprovassem seu caráter nacional com o registro em pelo menos cinco estados da federação e um referendo inicial de 10 mil eleitores. Essa exigência limitava a atuação de boa parte dos partidos regionais e dava maior poder àqueles que se originaram no interior do Estado Novo, seja entre os trabalhadores que formaram o PTB ou entre a elite política que saiu do cerne do varguismo para fundar o PSD. Além da questão nacional que envolvia os partidos, Agamenon Magalhães, Ministro da Justiça que conduziu a discussão acerca da nova legislação eleitoral, apresentou a adoção de alistamento simples e extenso, o voto secreto, a justiça eleitoral autônoma e a apuração rápida e imediata como questões centrais para a reorganização pela qual o Estado brasileiro passava. As mudanças na legislação também influenciaram no público eleitor, como citamos; os pleitos tiveram uma ampliação eleitoral de 3,45% — número provavelmente supervalorizado — no ano de 1934 para cerca de 22,34% em 1950 (Delgado, 2022, *passim*; Angeli, 2020, *passim*).

mesmos pleitos. Esse crescimento considerável traz mais importância ainda para a participação dos periódicos na construção desse grande evento que seriam as eleições.

Ainda o mesmo autor, tendo como objeto de pesquisa as campanhas de Alberto Pasqualini, no Rio Grande do Sul, trata essa nova forma de mobilização eleitoral pensando o longo processo de construção de um eleitorado, que entenda os ritmos e formas corretas de participação nesse novo meio de atuação que se estabelecia. Destaca que “por meio de editoriais, colunas, notas e mesmo pela forma como editava e articulava diferentes textos e imagens relativos às campanhas eleitorais, a imprensa atuava como um agente na mobilização eleitoral” (Angeli, 2020, p. 27). Partindo dessa premissa de agente ativo na mobilização eleitoral, acreditamos ser importante entender de que forma *O Pioneiro* mobilizava seu público leitor à participação nas eleições. Lembramos que diversos estudos (Trindade, 1979; Bodea, 1992; Brandalise, 1997; 2021; Calil, 2005), muitos já clássicos, marcam o eleitorado das regiões coloniais italianas e alemãs do Rio Grande do Sul como os redutos mais importantes para os integralistas, tanto durante a atuação da AIB, como quando do PRP. Portanto, analisar como esses editoriais, voltados especificamente para a política, incitavam os leitores à eleição é, também, atentar para pautas que são diretamente ligadas aos seus interesses.

Já em 1950, primeira eleição em que *O Pioneiro* estaria em circulação, vemos sua preocupação ao lembrar que “Com distância apenas de 60 e poucos dias do pleito eleitoral, que deve dar novos dirigentes à nação, é de estarrecer-se o silêncio para não dizer o descaso para com o mesmo que se verifica em relação às massas populares”<sup>265</sup>. Além de apontar o possível descaso, percebe-se o tom elitista empregado pelo editorial constante na cultura política do período. A população comum, essa “massa popular”, não era capaz de seguir sozinha para o rumo correto a ser traçado para o bem da comunidade, e isso era perceptível frente ao descaso que esta mesma população teria frente à eleição. Estes, segundo o periódico, “Pensam alguns que ‘não adianta, positivamente, votar’. Para que, — perguntam eles, vou eu me incomodar com isso? Eis ali um procedimento digno de lástima”<sup>266</sup>, e essa lamentação pelo descaso tomaria forma de ação em outros editoriais para mobilizar o eleitorado caxiense.

A imprensa teria papel importante no trabalho de produzir o ensinamento em relação às eleições (Angeli, 2020, p. 100) — seja indicando a necessidade de levar cédulas, qual a ordem do ato eleitoral, ou até indicando o sentido que deveria ter o próprio ato de votar — e, neste sentido, é que os editoriais do *Pioneiro* tentam influir nos debates públicos acerca da

<sup>265</sup> O dever de votar, *O Pioneiro do Sul*, 22/07/1950, p. 03, Editorial.

<sup>266</sup> Cumpramos o dever do voto, *Diário do Pioneiro*, 27/10/1951, p. 03, Editorial.

eleição. Após lastimar a desatenção da população, indicaria que “o voto é um dever sagrado. Não é uma regalia, um presente, um benefício. Ainda que diante da legislação possa ser assim contemplado, visto que nem a todos os habitantes da nação é concedido, deve ser encarado mais pelo ângulo do dever do que regalia”<sup>267</sup>. Como seria previsível, os discursos em tom religioso também seriam parte do que deveria ser levado em conta em relação à eleição; para além de ver o voto como um “dever sagrado”, *O Pioneiro* assevera que

A Igreja Católica, eterna vanguardeira de todos os movimentos bons e nobres, tem aberto uma cerrada campanha, com o fito de provocar o alistamento eleitoral daqueles que entram em idade de votar. Temos visto frequentes vezes sacerdotes empreender longas viagens, com essa finalidade. Atente-se, mais, ao verdadeiro slogan, aliás, por nós e por outros órgãos da imprensa estampado em caracteres salientes, onde se afirma que o título eleitoral, o terço e o livro de reza devem estar nas mãos dos católicos, em igualdade de condições.<sup>268</sup>

Se o combate ao comunismo, as pautas políticas e a orientação aos rumos a serem tomados pela sociedade traziam o catolicismo como um importante — senão o principal — aspecto a ser levado em conta, ao se tratar dos pleitos eleitorais a mesma questão seria apresentada. Dessa forma, para os editoriais, além de ser representante do bem e de atitudes nobres, a Igreja Católica sacraliza o ato de votar no mesmo sentido que daria à reza bíblica e ao terço sagrado da religião.

Segundo Barros (2023, p. 08), “É preciso compreender, para cada caso, as ambiguidades entre a pretensa e falsa neutralidade e o conteúdo ideológico trazido pelos jornais; as tensões entre informação e opinião; a dialética entre a investigação e reelaboração de sentidos”; para nós, essa problematização necessária apontada pelo autor em relação às fontes periódicas ganha uma evidente importância quando se trata do *Pioneiro* e das disputas eleitorais. Não apenas os editoriais marcaram a aproximação do período eleitoral na tentativa de que o público leitor mobilizasse sua atenção, mas ao mesmo tempo tentava induzir este público a utilizar dos preceitos religiosos para embasar seus votos. A dubiedade entre formar e informar seria uma constante, e o peso ideológico, via de regra relacionados à religiosidade católica, é percebido quando utilizado para elaborar os sentidos que o pleito eleitoral deveria ter à população.

Parte das discussões abordadas por Fairclough (1996) também diz respeito ao uso de pressuposições e produções de sentidos comuns<sup>269</sup>, pensados estes como “convenções rotineiramente utilizadas no discurso que incorporam pressupostos ideológicos que parecem

<sup>267</sup> O dever de votar, *O Pioneiro do Sul*, 22/07/1950, p. 03, Editorial.

<sup>268</sup> O dever de votar, *O Pioneiro do Sul*, 22/07/1950, p. 03, Editorial.

<sup>269</sup> O conceito utilizado pelo autor, no original, é “common sense”, a tradução e utilização, embora não seja exclusivamente feita por nós, é de nossa responsabilidade.

ser considerados meros 'senso comum' e que contribuem para sustentar as relações de poder”<sup>270</sup> (Fairclough, 1996, p. 77). Em nossa pesquisa, mais importante que a sustentação das relações de poder em si, observamos uma clara tentativa de intervenção na sociedade — indicando candidatos corretos e errados, induzindo significados às disputas eleitorais e julgando como corretas ou não as atitudes que eram tomadas pela sociedade — feita a partir dos discursos empregados no jornal, fazendo parte, assim, desta disputa nas relações de poder do período.

Além do mais, a produção desse “senso comum” citado pelo autor, em que se definem relações, pressuposições e identidades que nem sempre ficam expressas, mas que passam a ser de uso comum na sociedade, teve, no *Pioneiro*, um importante agente. A proposta invariável de apresentar o catolicismo sempre como o contrário absoluto dos comunistas, as críticas à atuação estatal, bem como a própria ideia do que seriam e como se comportariam aquilo que denominavam como “agentes do materialismo”, são exemplos importantes para pensar neste discurso que produz convenções com claro interesse ideológico, mas que acabam sendo vistos como perspectivas lógicas sem qualquer relação com partido ou ideologia. Aos leitores do jornal, por fim, ficavam definidos claramente os pressupostos de bem e mal, de certo e errado, de defesa e ataque; para o autor, ainda, neste sentido,

A conexão entre texto e prática social é vista como mediada pela prática do discurso: por um lado, os processos de produção e interpretação do texto são moldados (e ajudam a moldar) a natureza da prática social e, por outro, o processo de produção molda (e deixa 'traços') no texto, e o processo interpretativo opera sobre 'pistas' no texto.<sup>271</sup> (Fairclough, 1995, p. 133).

Essas pistas necessárias à compreensão do texto pelos leitores, os julgamentos de valores contidos nelas e o posicionamento a se tomar frente a cada caso, afinal, eram feitos com a repetição empregada pelo *Pioneiro* nesses assuntos.

Se o ato de votar se tornava sacralizado, por óbvio a escolha dos representantes teria na religião professada um importante dado no apoio ou repulsa aos candidatos, assim sendo frisaram que:

é fora de dúvida, que um bom administrador ou legislador, deve ter um passado limpo, uma vida cristalina, norteadas pelos princípios da sã moral. Quem não sabe dirigir-se a si mesmo, como pode dirigir aos outros? E além duma prova moral de futura atuação dentro dos princípios do Bem, é fora de dúvida que deve possuir

---

<sup>270</sup> “conventions routinely drawn upon in discourse embody ideological assumptions which come to be taken as mere 'common sense', and which contribute to sustaining existing power relations.” (Fairclough, 1996, p. 77, tradução nossa).

<sup>271</sup> “The connection between text and social practice is seen as being mediated by discourse practice: on the one hand, processes of text production and interpretation are shaped by (and help shape) the nature of the social practice, and on the other hand the production process shapes (and leaves 'traces' in) the text, and the interpretative process operates upon 'cues' in the text.” (Fairclough, 1995, p. 133, tradução nossa).

capacidade, e inteligência de modo a equacionar perfeitamente e intransigentemente os problemas municipais, tanto materiais, como intelectuais e morais.<sup>272</sup>

Mesmo que não cite diretamente, as entrelinhas nos permitem entender essa sã moral, esses princípios do bem, tal qual os problemas morais que deveriam ser enfrentados por esse governante, como aqueles que são citados pelo catolicismo recorrentemente pregado pelo impresso. Ao fim, esses representantes, tanto no executivo quanto no legislativo, deveriam estar de acordo com aquilo que era pregado pela religiosidade católica, em detrimento de outros que eram “verdadeiros aproveitadores das eleições, piranhas da política, desmoralizados, portadores dum passo asqueroso, ou, então, contaminados de idéias exóticas, kriptos comunistas, ou pessoas que não estão em consonância com o pensamento geral do povo”<sup>273</sup>; a estes, só seria digno o esquecimento.

A eleição era a “hora do povo saber em quem vota, isto é, a quem delega poderes”<sup>274</sup>; aqueles a quem deveria ser legado o mero abandono eleitoral são apontados como: “os que deitam sobre a democracia o branco manto da loucura, que parece ter acometido o regime neste momento. A esses é necessário que o voto vibre uma vassourada de profundidade, transportando-os para a lata do lixo do regime”<sup>275</sup>. O voto, portanto, deveria agir como essa limpeza dos indignos de atuarem pelo bem público, e isso diria respeito ao meio político como um todo e não exclusivamente a um partido, já que “Em todas as agremiações políticas existem essas cabeças de repolho, que cumpre cortar o mais depressa possível. Esperamos que o voto cumpra esta higiene salutar no meio do povo”<sup>276</sup>. De acordo com Starling (2023), “É muito fácil você dizer que é a favor da democracia. É muito fácil você usar a palavra democracia como um disfarce, um biombo, para formas autoritárias” e, apesar de a autora estar se referindo a outro período histórico, a mesma questão se impõe: mesmo que cite de forma recorrente a preocupação com a democracia no *Pioneiro*, o conceito constantemente aparece como um significante preenchido com aquilo que defendiam os integralistas e, dessa forma, tudo que estivesse de fora era atacado como não democrático.

Para além de serem tachados como não democráticos, este “biombo” que permite defesas autoritárias referido por Heloísa Starling, também é aparente nos discursos mobilizados pelos integralistas na década de 1950 e pode ser identificado nos editoriais do periódico de Caxias do Sul. Segundo os editoriais, esses políticos criticados deveriam ser jogados na lata do lixo e o voto deveria higienizar o mundo político brasileiro. Ou seja, não

<sup>272</sup> Cumpramos o dever do voto, *Diário do Pioneiro*, 27/10/1951, p. 03, Editorial.

<sup>273</sup> Cumpramos o dever do voto, *Diário do Pioneiro*, 27/10/1951, p. 03, Editorial.

<sup>274</sup> A arma poderosa do voto, *Pioneiro*, 19/12/1953, p. 03, Editorial.

<sup>275</sup> *Idem*.

<sup>276</sup> *Idem*.

apenas eram pessoas que não deveriam ter o voto da população, como eram lixos que deveriam passar por um processo de expulsão da vida política e partidária nacional. A democracia, portanto, não comportava os diferentes ou, caso comportasse, alguns destes não deveriam ser aceitos como parte dela e a linguagem utilizada para se referir a esses agentes tem uma participação relevante nessa construção sobre a aceitabilidade ou não de alguns atores.

Para Fairclough (1996, p. 17), “a linguagem é centralmente envolvida no poder, e nas lutas pelo poder, e assim, envolvida por meio de suas propriedades ideológicas”<sup>277</sup> e o que estamos apresentando auxilia na reflexão acerca das disputas travadas nas décadas de 1940 e 1950 com o claro uso do discurso nessa confrontação; analisar as propriedades ideológicas impressas nas linguagens utilizadas nos editoriais, pensando-os como atores importantes neste jogo político que “possui grandes tensões, assinalando continuidades com o processo político anterior, mas igualmente descontinuidades relevantes” (Ferreira; Gomes, 2018, p. 254), traz ricas reflexões para o contexto analisado.

Os editoriais lembravam ainda que: “É necessário que o povo se compenetre do valor, importância e necessidade de praticar o dever do voto. É ele mais importante e mais necessário, falando em tese, do que do próprio dever de pagar as taxas, contribuições e impostos à nação, ao Estado e ao município”<sup>278</sup>, e criticava aqueles que não tomavam parte dos pleitos, afirmando que estes

abstencionistas são os primeiros, quando a administração emperra, enreda-se nas peias burocráticas, posterga soluções de primeira plana, a levantar um alarido de vítimas, inconformados com o andar das coisas. Ali, é o caso de perguntar-se: Você votou? Você pesou seu voto? Você colocou as papeletas na urna, sabendo exatamente porque votou neste ou naquele cidadão?<sup>279</sup>

Já tendo criticado os aproximadamente 30% de abstenção em 1950<sup>280</sup>, *O Pioneiro* tratava de valorizar o ato eleitoral e criticar os que se afastavam daquilo que entendiam como responsabilidade ao exercer o dever de votar. Para o periódico, seria injusta qualquer reclamação acerca do funcionamento da administração, caso viesse de quem optou por não participar do evento eleitoral. Estes que não votam, “quando o próximo governo for empossado, tomarão ainda a liberdade de tecer as maiores críticas, embora nada hajam feito para a sua eleição ou não eleição. Constituem moluscos agarrados ao costado do navio”<sup>281</sup>.

---

<sup>277</sup> “that language is centrally involved in power, and struggles for power, and that it is so involved through its ideological properties.” (Fairclough, 1996, p. 17, tradução nossa).

<sup>278</sup> O dever de votar, *O Pioneiro do Sul*, 22/07/1950, p. 03, Editorial.

<sup>279</sup> Cumpramos o dever do voto, *Diário do Pioneiro*, 27/10/1951, p. 03, Editorial.

<sup>280</sup> O dever de votar, *O Pioneiro do Sul*, 22/07/1950, p. 03, Editorial.

<sup>281</sup> Abstenção eleitoral, *Pioneiro*, 15/05/1954, p. 03, Editorial.

A crítica não se limitava à não participação eleitoral. Colocava em igual gravidade não ter refletido cuidadosamente sobre o candidato a ser inserido na urna. Em vista dos problemas recorrentes pelos quais passava o país há pelo menos 50 anos, mostrava-se a necessidade de “encontrar uma fórmula capaz de sanar essa enfermidade, elegendo homens capazes de administrar, segundo nosso conceito, a coisa pública”<sup>282</sup>. Essa fórmula, para *O Pioneiro*, estava ao alcance da população, desde que com escolhas cuidadosas, como registram: “E o meio que mais fácil está às nossas mãos é sem dúvida o voto. Votemos, portanto, e não deixemos essa arma extraordinariamente democrática. Por meio dela podemos praticar as maiores e melhores revoluções e as mais duradouras, porque baseadas na convicção”<sup>283</sup>.

Afirmando que “O voto é uma arma poderosa”<sup>284</sup>, o jornal *Pioneiro* reconhecia que muitos se afastaram da responsabilidade eleitoral por não verem as promessas cumpridas após o voto; estes alegam que “seus candidatos ou não foram eleitos, ou se eleitos, constituíram um rotundo e doloroso fracasso”<sup>285</sup> e, “Diante disto, julgam-se com bastante motivos para furtar-se ao dever de cumprir seu dever de cidadãos que vivem dentro duma democracia”<sup>286</sup>. Mesmo dando voz aos desanimados com o sistema eleitoral, em seus editoriais traz como imperiosa a necessidade de participação da eleição, afinal do “seu bom emprego [do voto] depende grandemente o bem estar do povo. Por meio dele, escolhendo-se criteriosamente as pessoas que merecem nossa confiança, podemos obter resultados palpáveis para a população”<sup>287</sup>.

Esse tom emotivo, de pensar a eleição como uma guerra religiosa e de colocar o voto como uma das armas a ser utilizada nesse conflito, entretanto, será criticado quando puder ser mobilizado por outras forças políticas. O suicídio de Vargas em agosto de 1954 e o conflito gerado com o acontecimento que se espalhava por todo o país, invariavelmente, influiriam no pleito que aconteceria neste mesmo ano e também na eleição presidencial do ano seguinte. A preocupação com a possibilidade de que essa emoção impacte negativamente as perspectivas eleitorais tidas pelo jornal o leva a pedir a calma do eleitorado:

Esse estado emocional, entretanto, não liberta o eleitor de um exame sereno e justo da situação e dos candidatos. Não se pode de forma nenhuma orientar o próprio voto apenas por um sentimento. Cumpre, assim, estudar e ver se os candidatos apontados merecem a nossa confiança eleitoral.<sup>288</sup>

<sup>282</sup> Abstenção eleitoral, *Pioneiro*, 15/05/1954, p. 03, Editorial.

<sup>283</sup> *Idem*.

<sup>284</sup> A arma poderosa do voto, *Pioneiro*, 19/12/1953, p. 03, Editorial.

<sup>285</sup> Abstenção eleitoral, *Pioneiro*, 15/05/1954, p. 03, Editorial.

<sup>286</sup> *Idem*.

<sup>287</sup> A arma poderosa do voto, *Pioneiro*, 19/12/1953, p. 03, Editorial.

<sup>288</sup> Critérios do voto, *Pioneiro*, 18/09/1954, p. 03, Editorial.

Era necessário, segundo o editorial, pesar os candidatos em sua atuação para com a comunidade e não apenas escolher os que não tivessem sido opositores de Vargas. Importante lembrar que o PRP fez campanha em 1950 para o candidato da UDN em nível nacional e do PSD em nível estadual. Encerravam afirmando que: “Jamais o sentimentalismo deve orientar um voto. As decisões devem ser tomadas à luz do raciocínio”<sup>289</sup>. Na edição anterior à eleição, no entanto, confessavam que o pleito estava “a mercê de imensas emoções, pelos fatos ocorridos no âmbito nacional e estadual”<sup>290</sup> e que, para as campanhas, todas as armas “foram declaradas lícitas e empunhadas em todos os momentos, a fim de vencer”<sup>291</sup>.

Algumas vezes também vemos *O Pioneiro* fazer campanha para que as disputas eleitorais se deem de forma limpa e sem maiores conflitos ou ataques pessoais. Passam a reconhecer as disputas de ideias e defender que essas aconteçam de forma firme e evidente. Mas, para isso, fazem uso de seu espaço como importante órgão de imprensa regional para lembrar que “o nosso eleitorado já não se compõe de brancos e semi-analfabetos, que apreciam essas pantagruélicas manifestações. A boa ordem é mais bem aceita que qualquer outra forma de expor as próprias idéias”<sup>292</sup>, e, partindo disso, “O bom nome nossas tradições de trabalho e progresso clamam por uma elevação contínua de nossos hábitos políticos e eleitorais. Saibamos corresponder a esse anseio popular”<sup>293</sup>. Colocando-se como porta-voz desse anseio popular que, segundo o editorial, diria respeito à sociedade em que circula, “é inegável que a imprensa, ao dar visibilidade às práticas eleitorais e ao produzir sentidos sobre o voto, forneceu subsídios para o aprendizado necessário à construção de um interesse pela competição política e à constituição de eleitores” (Angeli, 2020, p. 103).

*O Pioneiro* dedicou considerável espaço para induzir significados à eleição, definir questões que deveriam legitimar alguns candidatos em detrimento de outros, influenciar no que deveria ser utilizado como crivo para a escolha dos partidos e pautas dos seus representantes e até questões morais que se relacionavam diretamente e/ou indiretamente com a religião professada pelos possíveis representantes; no entanto, questões que se voltassem mais diretamente ao ato de votar, comportamento nas sessões eleitorais, cédulas que deveriam ser levadas ou à própria organização eleitoral, em sentido mais amplo, não foram apresentadas nos editoriais.

---

<sup>289</sup> *Idem.*

<sup>290</sup> O Rio Grande precisa do teu voto, *Pioneiro*, 02/10/1954, p. 03, Editorial.

<sup>291</sup> *Idem.*

<sup>292</sup> Campanha eleitoral decente, *Pioneiro*, 31/07/1954, p. 03, Editorial.

<sup>293</sup> *Idem.*

Apesar de não aparecerem nos editoriais, algumas publicações marcadas como sendo do Partido de Representação Popular traziam essas instruções de que falamos, mas evidentemente eram voltadas aos candidatos do próprio partido e não diziam respeito à eleição em sentido mais amplo. Encontramos, por exemplo:

Nas eleições de 3 de outubro, o voto será composto de:  
 Uma cédula: Para Governador do Estado - Wolfram Metzler  
 Uma cédula: Para Senador - Nestor Contreiras Rodrigues  
 Para Suplente - Jardelino V. Ribeiro  
 Uma cédula: Para Dep. Fed. - Luiz Alexandre Compagnoni  
 Uma cédula: Para Deputado Estadual - Onil X. dos Santos.<sup>294</sup>

Além de indicar a quantidade de cédulas que deveriam ser levadas na votação e os nomes do PRP que deveriam constar nestas mesmas, trazia como palavra de ordem a necessidade de mudança urgente e lembrava que

O remédio não é trocar. A troca pode ser de coisa velha com coisa velha. A mudança significará o fim da «coisa velha», com o começo de um Mundo Novo.  
 ESTA' NA HORA DE MUDAR!  
 Vamos votar com WOLFRAM METZLER E COM os CANDIDATOS DO P. R. P.  
 Pelo Bem do Rio Grande!  
 Pelo Bem do Brasil!<sup>295</sup>

Sem podermos, ao menos nesta pesquisa, resolver a questão, ficamos com o questionamento sobre se a não atenção ao funcionamento das eleições nos editoriais se devia ao fato de já estar pacificado o funcionamento destas na região desde o pleito de 1950, sem ter necessidade de didatizar a participação eleitoral, ou se simplesmente, aos responsáveis pelo periódico, era mais importante influir e tentar orientar as escolhas da “massa popular” a partir do PRP do que necessariamente auxiliar essa massa a compreender o funcionamento das eleições que estavam para acontecer.

Dessa forma, os editoriais que se voltavam a comentar as eleições e que conseguimos identificar como intencionando à mobilização do eleitorado caxiense, em sua maior parte, se dedicaram a produzir interpretações acerca do ato de votar. A questão religiosa, mais uma vez, tornou-se agente para isso, e os votos dessa massa que pouco entendia do processo político e que, em função disso, não estava muito atenta aos acontecimentos da política nacional e local, deveria ter no espiritualismo, na preocupação moral que era defendida pela Igreja, sua principal motivação.

<sup>294</sup> PRP - Instruções para votar, *Pioneiro*, 11/09/1954, p. 03.

<sup>295</sup> *Idem.*

### 3.2.2 - O Estado

Diversos editoriais traziam a relação com o Estado como tema central. Em alguns casos fazendo elogios, em outros cobrando ações e responsabilidades dos representantes e, constantemente, fazendo críticas à extensão do Estado e das ações que assumia para si. Esta seção que apresentamos agora dará maior atenção a esses textos que se voltavam ao Estado e que tentavam encaminhar as discussões, definir limites e exigir o que entendia por responsabilidade dos órgãos estatais. Cobranças ao Estado, direta ou indiretamente, acabavam por deixar transparecer críticas aos agentes eleitos para estes cargos e para seus respectivos partidos. Dessa forma, a pretensa neutralidade do *Pioneiro* acaba se esvaindo em meio ao discurso de defesa dos interesses da população.

Um primeiro ponto que apresentamos é relacionado com o posicionamento do periódico em relação ao conturbado pleito eleitoral de 1950. Mesmo que os posicionamentos dos integralistas tenham variado de um discurso revolucionário nos anos 1930 até o apoio ao golpe que iniciou o Estado Novo varguista, com a abertura iniciada em 1945, é inquestionável a tentativa do integralismo em se adequar às regras que estavam sendo estabelecidas. Mesmo que não abdicassem totalmente do que defendiam e que tentassem conceituar a democracia dentro dos parâmetros estritos da extinta AIB, a conjuntura política que ia se formando com a Guerra Fria permitia a manutenção de seus preceitos camuflados como discurso democrático. Como já apresentado, o discurso espiritualista foi base desse “novo” integralismo.

Dessa forma, mesmo que mantendo parte de sua ideologia como foi estabelecida no período da crise do liberalismo de fins de 1920 e início de 1930, as alianças com as diferentes forças políticas, organizadas a partir de 1945, auxiliaram na adequação do PRP ao novo contexto. Essas alianças permitiram ao PRP manter seu registro partidário e ter o reconhecimento do TSE de que era uma organização legitimamente democrática. Estando inserido efetivamente no sistema político, mesmo que recorrentemente fizesse críticas aos eleitos, que discordasse do que era proposto nas campanhas e fizesse duras críticas ao uso estatal que o PTB faria, por exemplo, em momento algum posicionou-se favorável às articulações que visassem impedir a posse dos eleitos. Dentre os silêncios que são constitutivos do discurso político (Orlandi, 2007, *passim*), mesmo que não apoiem o golpe, não nomeiam assim o que está acontecendo — certamente se opor diretamente à UDN e a outros sujeitos que faziam ecos ao discurso golpista não seria interessante para um partido que se colocava à direita da política nacional.

Esse distanciamento dos teores golpistas empregados pela UDN, como no caso da eleição de Getúlio Vargas em 1950, é representativo neste sentido e pode ser percebido a partir do *Pioneiro*. Em editorial, apresentam uma tomada de posição evidente em que afirmam que

O homem que as urnas escolheram, será o presidente de todos os brasileiros. Divergir antes das eleições, pode ser meritório, depois, porém, quando a nação falou pela voz do voto, e o candidato preencheu os requisitos que as leis reclamam, é ato digno de repreensão. Não proclamamos, com isto o autocratismo estatal, e nem divinizamos o homem do Estado, Queremos dizer, sim, que o novo presidente deverá ser respeitado, pois foi eleito pelo voto da maioria, ainda que relativa.<sup>296</sup>

Mesmo que faça críticas ao que chama de “autocratismo estatal”, legitima o resultado das urnas e desconsidera o que era a principal pauta utilizada pelos udenistas para questionar a eleição, qual seja a não conquista da maioria absoluta dos votos. Acreditamos que, ao se referir ao “autocratismo estatal”, tente se referir ao que interpreta ter sido o Estado Novo, mas já apresentava desde antes da posse de Vargas um tom crítico que manteria durante todo o governo em relação ao uso do Estado. Mesmo que reconheça a vitória, aponta preocupações, afirmando que: “Devemos todos precaver-nos contra os que passam a semear cizânia, alimentando interesses inconfessáveis. Devemos estar atentos às manhas da esquerda. O povo deveria andar atento com os que hão de explorar o lado sentimental das eleições”<sup>297</sup>. Mesmo que a crise instaurada após a eleição tenha sido causada pelos setores conservadores nacionais, *O Pioneiro* teme que a esquerda use dessa agitação para alcançar seus objetivos, discurso próximo do utilizado quando no combate aos comunistas.

O conturbado pleito de 1954 também traria discussões acaloradas. O suicídio de Vargas em agosto não altera a posição do jornal e, mesmo com as mobilizações populares e receios, principalmente mobilizados pelos setores antiVargas e antiPTB, *O Pioneiro* seguiria em defesa da manutenção dos resultados. Reconheciam que: “Embora possam existir justas ressalvas quanto ao andamento da campanha eleitoral, não se pode, sob forma alguma, manter acesos os ânimos e as desinteligências que, por ventura, hajam (sic) surgido no decurso da propaganda política”<sup>298</sup>. Manifestavam ainda a necessidade de que a estabilidade e a segurança retornassem ao país, caso contrário, “dias piores podem sobrevir, uma vez que o extremismo vermelho nasce mais da subnutrição e da miséria do que de ideologias”<sup>299</sup>. Mais uma vez a não aceitação plena dos resultados das urnas e o receio das mobilizações populares

<sup>296</sup> Candidatos eleitos, *O Pioneiro do Sul*, 07/10/1950, p. 03, Editorial.

<sup>297</sup> Candidatos eleitos, *O Pioneiro do Sul*, 07/10/1950, p. 03, Editorial.

<sup>298</sup> Em face ao novo governo, *Pioneiro*, 16/10/1954, p. 03, Editorial.

<sup>299</sup> *Idem*.

era ação dos grupos conservadores nacionais, mas o medo mobilizado dizia respeito aos materialistas recorrentemente atacados pelo periódico.

A crítica ao tamanho do Estado será apresentada de formas variadas, denunciando o espanto causado com “o prestígio com que vem sendo contempladas as teorias dos governos fortes, especialmente nos meios populares”<sup>300</sup>, aos quais “grandes movimentos coordenam-se com a finalidade de estabelecer ditaduras ou governos filoditatoriais (sic)”<sup>301</sup>, e isso se daria principalmente em função da percepção popular que:

vê que o regime suave da democracia permite com facilidade que essa cafraria possa dominar em inúmeros negócios, tingindo os gêneros alimentícios, numa palavra, especulando sobre a fome de todos. Ora, acresce ainda a isto que, em todo o mundo, a nata da burguesia consegue eleger-se para os cargos representativos. E nesses postos, desmanda-se em falcatruas, e golpes, vendendo por atacado e varejo sua dignidade.<sup>302</sup>

Essa democracia incapaz de resolver os problemas dessa sociedade, visto sua falta de pulso, nos encaminha para a discussão da democracia orgânica que já citamos. Se em 1951 *O Pioneiro* criticaria o apoio a esses “governos fortes”, em 1954, em vias de criticar as altas de preço no Brasil, citaria o caso de Portugal como exemplo a ser seguido; este, “com o governo de Salazar e todas as diatribes de falta de democracia de que é acusado, acusa zero no placar dos aumentos. O custo de vida permaneceu inalterado na pátria de Vasco da Gama”<sup>303</sup>. Dessa forma, retomamos a discussão acerca do que seria ou não democrático para os integralistas nessa reorganização da política nacional pós-1945.

Ao PRP, portanto, não é o combate à democracia que resolverá os problemas; necessita-se, nessa nova formação de sociedade, de uma democracia com limites bem definidos e que se paute pelos princípios espiritualistas, e a nação portuguesa salazarista poderia servir de exemplo. Hégio Trindade, em seus estudos, dedica espaço às influências europeias no integralismo, mas nunca deixa de marcar as características específicas da realidade nacional. Para o autor,

esse processo de reprodução ao nível das ideias sociais e políticas, se não foi de inovação intelectual, ao menos acabou sendo de reelaboração teórica das ideias dominantes na época, radicalizadas, sob o efeito da Grande Guerra, da Revolução Soviética e da ascensão do Fascismo italiano, mas também em função dos desafios gerados pelas transformações da sociedade brasileira. (Trindade, 1991, p. 303).

Esses desafios, diferentes a depender do estado e das cidades em que ocorriam, modificaram a forma de atuação do integralismo nesses espaços e avançamos um pouco mais na questão: não

<sup>300</sup> Os burgueses assassinam a democracia, *O Pioneiro do Sul*, 09/06/1951, p. 03, Editorial.

<sup>301</sup> *Idem*.

<sup>302</sup> Os burgueses assassinam a democracia, *O Pioneiro do Sul*, 09/06/1951, p. 03, Editorial.

<sup>303</sup> Brasil: país recordista, *Pioneiro*, 06/02/1954, p. 03, Editorial.

apenas entender o integralismo como mera repetição do que foi o nazifascismo europeu é problemático e não dá conta de entender o que foi a AIB e o que viria a se tornar o PRP no pós-1945. Mesmo que tivessem uma marcada inspiração nesses movimentos de além mar, as propostas e ações políticas pensavam sempre a concretude da situação brasileira. Da mesma forma, pensar o integralismo como um movimento que possa ter sua atuação compreendida a partir de suas perspectivas nacionais também não dá conta da complexidade que este apresentou. Nossa pesquisa, portanto, tenta auxiliar na compreensão de como esse movimento se organizou em um espaço territorial bem definido que, mesmo que retomasse o que era defendido por integralistas em qualquer lugar do país, apresenta condições específicas que fazem com que seja necessário analisar esse movimento com diferentes lupas.

Em uma região profundamente católica, o que era pregado pela ala mais conservadora da Igreja, às vezes inclusive com franco apoio aos integralistas, seria marca presente. Estes princípios espiritualistas impediriam a perda da dignidade que o materialismo traz e que está expresso no comportamento das burguesias que são eleitas. Dessa forma, “Se a democracia está perdendo a confiança, é porque as elites naturais dos países já traíram a muito tempo”<sup>304</sup>. Essa corrupção dos costumes, que era marca da influência materialista na sociedade, seria denunciada novamente após os resultados eleitorais de 1954, pois, para o *Pioneiro*, “Pela primeira vez, no Rio Grande do Sul, ocorreram fatos, embora relativamente esparsos, da compra de votos para o pleito eleitoral”<sup>305</sup>. Isso era apresentado como contrário à tradição política do estado que trocava os grandes embates políticos por “discussões de balcão, equiparando o voto, no seu imenso valor, aos regateios na aquisição de mercadorias”<sup>306</sup>, o que era lido como apenas mais um sinal dos tempos em que “A mentira embandeirou-se junto à mais sórdida corrupção”<sup>307</sup>. Ao periódico, por fim, era necessário que a elite legítima da sociedade agisse, pois chegamos a um momento em que “muito lodo há nas consciências. E quando o lodo se generaliza no pensamento popular, somente o ferro e o sangue que pela sua própria natureza atraem, poderão apagar o rastro de corrupção e de vergonha”<sup>308</sup>.

A elite natural teria uma função de guia de uma sociedade ainda em aprendizado democrático. Já que constantemente fazia escolhas ruins e isso não seria resolvido da noite para o dia, lembrava que “Ao povo cabe escolher em última análise. Aos dirigentes de partido cabe auxiliar este mesmo povo fazer boa escolha”<sup>309</sup> e reconhecia que “Ninguém, de mediana

---

<sup>304</sup> Os burgueses assassinam a democracia, *O Pioneiro do Sul*, 09/06/1951, p. 03, Editorial.

<sup>305</sup> Mercância de votos, *Pioneiro*, 23/10/1954, p. 03, Editorial.

<sup>306</sup> *Idem*.

<sup>307</sup> *Idem*.

<sup>308</sup> *Idem*.

<sup>309</sup> Representantes do povo, *Diário do Pioneiro*, 28/07/1951, p. 03, Editorial.

cultura, pode aprovar qualquer ataque que vise as pessoas ou faça descaso deste ou daquele partido. A política ensina que, à exceção do partido comunista, os acordos políticos são possíveis entre todas as correntes”<sup>310</sup>. Dessa forma, das elites partidárias era exigido um maior crivo na escolha dos que se apresentariam como candidatos para que o eleitorado fosse auxiliado em seus votos. Décio Saes, estudando e analisando o comportamento político da classe média brasileira, afirma que “Essa crítica ganha uma expressão mais acabada nos termos de um liberalismo economicamente ortodoxo e de um liberalismo politicamente antipopular, que a alimentam, ao mesmo tempo em que são por ela reforçados” (Saes, 1991, p. 463). Esse liberalismo antipopular que nega a capacidade de atuação autônoma das massas na política e tenta criar limitações para a participação indicando “que a representação dos ‘indivíduos’ no Estado seja filtrada pelos requisitos da ‘educação’ e da ‘cultura’” (Saes, 1991, p. 463) é expresso de vez em vez nos editoriais como citado acima. Para *O Pioneiro*, essa responsabilidade na filtragem deveria partir das elites partidárias na escolha cuidadosa dos que seriam candidatos nos pleitos.

Ao mesmo tempo, *O Pioneiro* reconhecia que alianças partidárias não eram um problema, afinal eram feitas em formas variadas por todo o país, independente do partido, com exceção, claro, do Partido Comunista. Essas alianças legitimam a atuação do PRP, visto que eram reconhecidas por outras organizações partidárias, além de permitirem uma maior proximidade de alcançar o poder, o que explica as coligações heterogêneas que eram negociadas a cada período eleitoral.

Com o avanço do governo Vargas, as críticas à situação nacional foram se tornando mais evidentes, mas raramente eram feitas diretamente ao presidente e menos ainda ao PTB. Acreditamos que a importância eleitoral do PTB no Rio Grande do Sul, bem como a popularidade de Vargas e do partido em Caxias do Sul e região, trouxessem limites às críticas que poderiam ser apresentadas. A crise econômica e a carestia seriam constantemente denunciadas “Porque o encarecimento contínuo do custo de vida é o assunto obrigatório de todos os jornais e de todos os momentos”<sup>311</sup>. *O Pioneiro* assume certo constrangimento em responsabilizar o governo atual pela situação, mas cita que “já não são apenas os adversários políticos do Presidente da República que lhe lançam a pecha de fracassado no combate ao altismo (sic), e de réu pelo agravamento contínuo de todos os apertos que o altismo (sic)

---

<sup>310</sup> Pleito municipal, *Diário do Pioneiro*, 07/07/1951, p. 03, Editorial.

<sup>311</sup> O custo da vida, *Pioneiro*, 27/09/1952, p. 03, Editorial.

provoca<sup>312</sup> e transcreve críticas que Danton Coelho teria feito a Vargas na Câmara. A crítica mais mordaz é feita ao frisar que

Até os antigos colaboradores, os antigos fanáticos, os que acreditavam piamente, que o Sr. Getúlio Vargas era um legítimo pai para os pobres — envergam, agora, reconhecem, proclamam que a paternidade getuliana não passa de uma paternidade desnaturada, a quem pouco se lhe dá do que esteja sucedendo aos filhos necessitados.<sup>313</sup>

Ao brincar com a questão do pai dos pobres que deixa os filhos à necessidade, *O Pioneiro* faz a crítica mais incisiva ao governo federal e, a partir de 1952, muda o tom dos posicionamentos acerca deste.

Até então, não tinha dado espaço em seus editoriais para Vargas, – nem enquanto candidato –, não fazia críticas e nem tecia loas ao PTB. O que é curioso se pensarmos que seria inviável acompanhar um pleito eleitoral sem qualquer referência ou ataque a um candidato que teria governado o país, de forma não democrática, por 15 anos. Mas Eni Orlandi nos lembra que o silêncio,

Para torná-lo visível, é preciso observá-lo *indiretamente* por métodos (discursivos) históricos, críticos, desconstrutivistas. (...). Sem considerar a historicidade do texto, os processos de construção dos efeitos de sentidos, é impossível compreender o silêncio. Não podemos observá-lo senão por seus efeitos (retóricos, políticos) e pelos muitos modos de construção da significação. (Orlandi, 2007, p. 45-46, grifos no original).

Dessa forma, esse silenciamento de um inquestionável personagem relevante para a eleição só pode ser entendido a partir de uma crítica que compreenda o processo histórico que se passava. Faremos isso chamando atenção para o fato de que o partido, mesmo que raras vezes Vargas fosse alvo de críticas, seguiria sem ser criticado, e isso deve ter em conta o fato de que em 1950 Getúlio Vargas seria eleito com quase 50% dos votos no estado rio grandense, Ernesto Dornelles seria eleito governador pelo mesmo PTB, que também faria Alberto Pasqualini Senador e Anibal de Plínio Beck Senador Suplente. Estes dois últimos, em detrimento dos candidatos do PRP, Plínio Salgado e Felix Contreira Rodrigues. Acreditamos, portanto, que fazer críticas abertas ao PTB ou não ser cuidadoso na forma de mobilizar as críticas aos seus agentes eleitos poderia impedir que o PRP tivesse qualquer conquista eleitoral em um estado tão polarizado eleitoralmente como se organizava o Rio Grande do Sul. Com a mudança da conjuntura política e o crescimento das oposições a Getúlio Vargas, este seria mais um personagem a aparecer nos textos.

Para nós, portanto, as críticas que eram apresentadas em relação ao tamanho do Estado, às suas instituições e atuações seriam feitas como uma forma de investir contra o PTB

---

<sup>312</sup> *Idem.*

<sup>313</sup> *Idem.*

e seus políticos, mas sem atrair ao PRP a oposição dos partidários petebistas. Da mesma forma, ao evitar uma oposição desabrida, permanecia viável alianças que seriam devidamente feitas em outros períodos eleitorais, como na eleição para a capital gaúcha em 1952 e para o governo estadual em 1958, ambas envolvendo o apoio do PRP ao PTB, representado pelo candidato Leonel de Moura Brizola. Em nível regional, Caxias do Sul elegeu Luciano Corsetti do PTB e Angelo Costamilan do PRP como prefeito e vice-prefeito em 1947 e, nos anos de 1956 e 1959, a eleição dos dois partidos no executivo se repetiria, o que permite interpretar essa relação entre o PRP e o PTB como próxima, mesmo que não estivessem sempre em composição de uma só chapa.

As críticas feitas a Getúlio Vargas, seus ministros e sua atuação como presidente da República se apagaram com o suicídio em agosto de 1954. Se as críticas ao PTB e seus candidatos não eram fáceis de serem feitas com o presidente no Palácio do Catete, as manifestações após sua morte trouxeram uma necessidade de readequação dos discursos. Afinal, jornais antivarguistas tinham sido incendiados em diversos locais e a popularidade do ex-presidente mostrava-se maior do que o esperado pelos que fizeram parte da pressão contra seu governo. Em setembro posterior à morte, *O Pioneiro* comentava as perspectivas para as eleições que aconteceriam afirmando que “Os emocionantes acontecimentos que enlutaram todos os corações pátrios, com a morte do eminente estadista Getúlio Vargas, constituem o imponderável nestas eleições”<sup>314</sup>. Antes era denunciado em editorial como um ditador fascista até a medula que voltava ao poder<sup>315</sup>, agora Vargas era lido como um estadista e sua perda causava o luto dos corações pátrios, e seus seguidores, que antes eram “antigos fanáticos”, passam a ser nomeados como “admiradores do extinto presidente”<sup>316</sup>.

Voltando às críticas feitas de soslaio, que miravam a atuação do Estado, mas respingavam nos eleitos do PTB que poderiam ser Presidente da República, Governador do Estado ou Prefeito, em editorial denunciariam:

Ora, o que nos faz falta é uma direção certa, homens de fibra que saibam orientar o país e não saltar à frente da iniciativa privada e promover uma desordenada e quixotesca economia, onde não se encontra liberdade e tranquilidade de produção e de trabalho. Parece incrível que, numa hora destas, quando é necessário promover o máximo de incentivo daqueles que trabalham, em vez de facilitar a promoção e desenvolvimento de indústrias particulares, mais e mais o Moloch do estado abocanhe setores, carregando-os para seu ventre deficitário, caríssimo, onde, em vez de trazer vantagens ao menos a alguns, traz prejuízos e desvantagens para todos, sem a mínima exceção.<sup>317</sup>

<sup>314</sup> Critérios do voto, *Pioneiro*, 18/09/1954, p. 03, Editorial.

<sup>315</sup> Vinte anos de ideias vivas, *Pioneiro*, 11/10/1952, p. 03, Editorial.

<sup>316</sup> Critérios do voto, *Pioneiro*, 18/09/1954, p. 03, Editorial.

<sup>317</sup> Brasil: país recordista, *Pioneiro*, 06/02/1954, p. 03, Editorial.

Este Estado, portanto, que dia após dia assumiria mais responsabilidades na condução econômica do país e, conseqüentemente, fecharia espaço para a atuação das iniciativas individuais e particulares na economia, ao fim, traria apenas prejuízos à sociedade. “Todos nós sabemos que as empresas dirigidas pelo governo são deficitárias”<sup>318</sup>, acusaria *O Pioneiro*, conseqüentemente. Todos, sem exceção, sofreriam com as desvantagens impostas por esse aparelhamento, que se expande, afinal “o povo clama e que o dinheiro arrecadado sobre o suor dos operários e trabalhadores não seja utilizado para construção de nababescos edifícios, os quais nenhuma vantagem trazem aos contribuintes”<sup>319</sup>. Para Décio Saes (1991, p. 463), esse discurso antiestatista seria típico de uma classe média que ecoa a classe economicamente dominante ao se opor ao livre funcionamento do mercado e, conseqüentemente, obstruindo a naturalidade do processo de acumulação de capital.

Os impostos e porcentagens recolhidas por instituições estatais também seriam constantemente criticadas. Esses valores, retirados da população, seriam utilizados “com as orgias financeiras que vimos até os dias de hoje”<sup>320</sup> e, já que a situação mostrava o quanto o Estado não era capaz de suprir as necessidades urgentes, a ponto de sermos “o país mais progressista do mundo no tocante ao AUMENTO DO CUSTO DE VIDA (sic)”<sup>321</sup>, *O Pioneiro* desabafa: “Estamos indo de mal a pior. O país em sua maioria está suicidando-se aos poucos, deixando vantagens apenas a meia dúzia. A sofreguidão, a ganância, o desejo imoderado ameaçam subverter a velha ordem das coisas”<sup>322</sup>. Frente a esse descabro anunciado, apresentava a saída possível: “Precisamos restabelecer a confiança da iniciativa privada, neste país, onde somente se pode socializar a miséria. É necessário incutir nos brasileiros o espírito de trabalho individual, e não esperar que o estado seja o tutor, protetor e curador até dos interesses mais pessoais”<sup>323</sup>.

Dessa forma, a iniciativa privada acabaria por ser a panaceia para curar esses males. Em editorial, declaram que:

É preciso, que, realmente, entremos para o rol dos países que saibam economizar nas despesas públicas, cessando de vez essa espantosa sangria de dinheiro do erário em passeatas e farras diplomáticas; em construções pomposas e inúteis. É preciso que o brasileiro se sinta com mais possibilidade de produzir e de trabalhar. Precisa ser estimulado e, para tanto, além de se facilitar os meios indispensáveis, é preciso destruir essa mentalidade que a incúria e a estupidez de alguns conseguiram incutir

<sup>318</sup> Fome de impostos, *O Pioneiro do Sul*, 25/11/1950, p. 03, Editorial.

<sup>319</sup> Previdência social, *O Pioneiro do Sul*, 02/12/1950, p. 03, Editorial.

<sup>320</sup> Previdência social, *O Pioneiro do Sul*, 02/12/1950, p. 03, Editorial.

<sup>321</sup> Brasil: país recordista, *Pioneiro*, 06/02/1954, p. 03, Editorial.

<sup>322</sup> Instabilidade total, *Pioneiro*, 13/02/1954, p. 03, Editorial.

<sup>323</sup> Brasil: país recordista, *Pioneiro*, 06/02/1954, p. 03, Editorial.

na mentalidade popular, de que o Governo deve ser o Paim Comum (sic), que providencia contra todas as dificuldades.<sup>324</sup>

Esse ataque à atuação do Estado que se organizava na condução econômica do país, ao fim e ao cabo, era também, em nossa perspectiva, ataque aos políticos e partidos que viam na atuação estatal o caminho necessário a ser percorrido para o desenvolvimento nacional. Valorizar a atuação privada em detrimento do Estado, indiretamente, colocaria em cheque políticos que fizessem uso destes órgãos estatais. Estes eram constantemente denunciados pelo *Pioneiro* como atrasados, corruptos, grandes e sem função. Concordamos com Saes (1991, p. 465) quando aponta que esse discurso da classe média liberal “contra a ‘ditadura’, contra a ‘corrupção’, ou contra a demagogia” é fundamentalmente conservador e antidemocrático e acaba por auxiliar na limitação do espaço de atuação da política, criando barreiras à participação das massas nas disputas pelos rumos políticos do país.

Estes mesmos políticos, que de acordo com o jornal seriam demagogos, eram em grande parte responsáveis pelos males enfrentados pela população. *O Pioneiro* assumia não estar satisfeito com a situação, mas que também não comemorava a decadência pela qual passava o país, opinando que:

A atual administração está falhando. Não nos regozijamos. Lamentamos. E lamentamos profundamente, pois o que está em jogo é o país. Por outro lado, também devemos definir responsabilidades. A demagogia das eleições, o entusiasmo barato das promessas levaram o povo a muito maior indignação e descontentamento.<sup>325</sup>

Essa demagogia nas campanhas seria causa principal dos acontecimentos mais drásticos deste período, como os “300 mil operários em greve”<sup>326</sup> que trazia ventos inquietantes ao país. Os comícios eram legitimados pelo *Pioneiro* em função da carestia, mas preocupavam as possíveis repercussões e a perda de controle do ambiente que poderia acontecer de uma hora para outra, e, ao fim, acusava quem apontava como os responsáveis pela situação lembrando que: “as promessas demagógicas das últimas eleições exasperaram mais o povo, que não suporta os preços atuais. E quanto à responsabilidade governamental do Executivo existe, pois a ninguém é lícito iludir os eleitores”<sup>327</sup>. Acontecia, agora, uma mudança no tom de ataque ao governo de Getúlio Vargas, *O Pioneiro* passava a tratá-lo como apenas um demagogo que não refletiu sobre os impactos que sua campanha poderia causar na sociedade, mas novamente sem citá-lo diretamente e também sem nomear partidos.

<sup>324</sup> Estímulo à iniciativa privada, *Pioneiro*, 21/08/1954, p. 03, Editorial.

<sup>325</sup> Um símbolo - Jânio Quadros, *Pioneiro*, 04/04/1953, p. 03, Editorial.

<sup>326</sup> Os habitantes do nirvana preferem fumar ópio, *Pioneiro*, 18/04/1953, p. 03, Editorial.

<sup>327</sup> *Idem*.

Em meio às crises políticas, sociais e econômicas e sob a pressão de greves que apareciam em diversos pontos do país, a situação toda era apresentada como “frutos duma árvore que foi plantada há muito tempo em nosso país, e que vem, agora, esgalhar-se e agigantar-se iniciando a rápida proliferação de seus frutos”<sup>328</sup>. Essa árvore ali estava pela falta de espírito público que “tanto elevou as gerações passadas”<sup>329</sup> e a questão não seria resolvida facilmente, pois “Além do desgoverno material, estamos agrilhoados a uma crise de valores, como poucas vezes a história assinalou”<sup>330</sup>. Ao *Pioneiro*, em meio à decadência que denunciava na sociedade, sobrava criticar “as raposas da política nacional, [que] teimam em ver tudo azul. Tudo límpido. Veem prosperidade e bem estar, justamente quando existe a miséria, a degradação e a instabilidade.”<sup>331</sup>. No mesmo espaço editorial, que outrora criticava a tendência a defender governos fortes, questionava: “Não poderá surgir alguém com pulso firme, energia a toda prova, a fim de salvar o que tantos estão tentando perder?”<sup>332</sup>. Esse pulso firme e enérgico seria necessário para dar à democracia o rumo correto antes que se perca totalmente.

Mesmo que criticasse a atuação estatal em diferentes situações, ocasionalmente os editoriais também achavam no Estado a possibilidade de resolver questões que apresentavam como dignas de atenção. É o caso quando citam um café no município que servia aos seus clientes copos de leite que eram misturados com água; frente ao descaso defendiam que

Quem não pode estar a mercê dessas ocorrências, quaisquer que sejam suas origens, é a saúde e a bolsa do povo. Estas devem ser respeitadas e é para isso que existem, disseminados em todos os recantos do Brasil, postos de saúde pública, com funções não apenas fiscalizadoras mas punitivas e saneadoras.<sup>333</sup>

Dessa forma, por vezes o Estado se mostrava necessário ao *Pioneiro* e dele eram cobradas medidas. Em alguns editoriais, chamavam atenção para o que viam ser problemas enfrentados pela sociedade e constantemente apresentavam propostas que viam como saídas para essas situações. Algumas vezes, essa resolução passaria pelo Estado como no caso apontado acima.

Sucessivamente eram apresentadas pautas que diziam respeito à produção dos agricultores do estado sulino. Criticavam a decadência das feiras livres que eram organizadas no centro do município e que perdiam espaço nos períodos de inverno, apontando que era necessário “tomar uma série de medidas de ordem material e psicológica junto aos produtores”, afinal “forçoso é convir, é preciso que lhe assegure o sucesso durante todos os 12

<sup>328</sup> Não planteis a árvore, se não quereis que produza frutos, *Pioneiro*, 15/08/1953, p. 03, Editorial.

<sup>329</sup> *Idem*.

<sup>330</sup> *Idem*.

<sup>331</sup> Instabilidade total, *Pioneiro*, 13/02/1954, p. 03, Editorial.

<sup>332</sup> *Idem*.

<sup>333</sup> Em defesa do povo, *O Pioneiro*, 12/03/1949, p. 03, Editorial.

meses do ano e não apenas na temporada das frutas<sup>334</sup>. Outro ponto destacado repetidas vezes era a reclamação do aumento no custo de vida de Caxias do Sul; citam que, mesmo com os altos impostos que são pagos pelos moradores, “O Estado e a União, encalacrados por déficits astronômicos, não poderão vir em ajuda eficiente.”<sup>335</sup>. Nesses editoriais, encontramos uma exigência pela maior participação da prefeitura na resolução desses problemas abordados. Apontam que “como naturalmente não podia deixar de ser, deve tirar o máximo partido deste ônus, em benefício do povo”<sup>336</sup> e recorrem aos administradores que tomem medidas para resolver o problema da produção, asseverando que “Para conseguir esse resultado não importa que devamos sacrificar substancialmente nosso orçamento”<sup>337</sup>.

A eletrificação também apareceria como um grande problema a ser resolvido na região. Mesmo que reconhecessem os avanços que iam acontecendo, sempre lembravam o quão lento este vinha sendo com o passar dos anos e o quanto era necessário lembrar “o tempo perdido com a falta de energia elétrica, os prejuízos dos nossos industriais, a imobilização de inúmeras iniciativas, o desestímulo para a criação de outras”<sup>338</sup>. É possível ver também algumas situações mais graves, em que a diminuição e até falta de energia elétrica atingem o município. *O Pioneiro* se faria voz nesses casos também, denunciaria os transtornos “sensíveis para sua vida industrial”<sup>339</sup> e traçaria rumos a serem tomados, em que a “solução definitiva desse problema já está tardando muito”<sup>340</sup>. Em editorial, questionaria “Por que o governo não toma, duma vez, sérias providências, e instala usinas de emergência, para não expor a vida industrial a uma série de contratemplos, que recaem diretamente no índice de produção?”<sup>341</sup> e assumiria que a questão elétrica é o problema mais grave, o que demandaria ações do Estado de forma mais urgente para sua resolução.

A atuação do Estado na resolução desses problemas que são apresentados pelo impresso colocava-se como uma necessidade premente argumentando: “Porque do contrário daremos aos comunistas maiores oportunidades para a sua nefasta doutrina, deixando o trabalhador à mercê dos ‘tubarões’ e exploradores da miséria alheia”<sup>342</sup> – o que nos faz retomar a importância do anticomunismo nos editoriais que já referimos. Das vezes em que o Estado surgiu como o responsável por atenuar os problemas da sociedade, os discursos

<sup>334</sup> O declínio das Feiras Livres, *O Pioneiro*, 21/05/1949, p. 03, Editorial.

<sup>335</sup> Aumento da produção agrícola, *O Pioneiro do Sul*, 10/02/1951, p. 03, Editorial.

<sup>336</sup> O declínio das Feiras Livres, *O Pioneiro*, 21/05/1949, p. 03, Editorial.

<sup>337</sup> Aumento da produção agrícola, *O Pioneiro do Sul*, 10/02/1951, p. 03, Editorial.

<sup>338</sup> Significado da Eletrificação, *O Pioneiro*, 09/04/1949, p. 03, Editorial.

<sup>339</sup> Uma solução que tarda, *Pioneiro*, 19/04/1952, p. 03, Editorial.

<sup>340</sup> *Idem*.

<sup>341</sup> *Idem*.

<sup>342</sup> Aumento da produção agrícola, *O Pioneiro do Sul*, 10/02/1951, p. 03, Editorial.

empregados pelo *Pioneiro* quase sempre foram em defesa de ações que auxiliassem industriais, empresários e agricultores. Mesmo que às vezes citassem o alto custo de vida para os operários, por exemplo, o Estado deveria focar sua atenção na eletrificação para as indústrias, na construção de estradas para o escoamento da produção dos agricultores e na facilitação da venda dessa produção.

Em nenhum dos editoriais que analisamos, portanto, o Estado deveria intervir em defesa de uma população explorada, que possamos entender como os trabalhadores “comuns” do município. Os discursos em defesa da atuação estatal ecoava vozes de uma classe média que fazia apologia “da liberdade do mercado e condenação de qualquer intervenção estatal, ambas constituindo armas de uso cotidiano para esses produtores independentes, na defesa de sua própria independência” (Saes, 1991, p. 465). Portanto a “população em geral” que seria representada pelo impresso não era o pobre agricultor ou o trabalhador explorado. Como apontado por Martins (2018, p. 67), a opinião pública, e aqui agregamos à questão o público que é representado nas páginas do jornal, não é existente *a priori*; ela é, justamente, parte da construção discursiva empregada pelo jornal.

Desses casos, citamos a crítica ao possível estabelecimento das 40 horas semanais de trabalho no país, o que, segundo *O Pioneiro*, “equivale reduzir de oito horas a produção brasileira”<sup>343</sup>, defendendo ao mesmo tempo que “o que realmente precisamos é trabalhar mais, mais parcimônia nos gastos, maior poupança, e não reduzir as horas de trabalho para que aumente o tempo de folga e com ele as ocasiões de gastar em coisas supérfluas”<sup>344</sup>. Mostravam ainda a esperança de que as 40 horas não fossem aprovadas, ao citar que “É de se crer, entretanto, que os responsáveis pelo destino e bem estar de nosso povo tenham bastante energia, para dar ao seu povo o que lhe convém, e não tudo o que quer, como a uma criança mimada”<sup>345</sup>.

Neste mesmo sentido, o debate acerca da aprovação ou não da legislação que impusesse regras mais definidas para a participação dos trabalhadores nos lucros das empresas foi apresentado em editorial citando que “Diversos industrialistas têm-se manifestado sobre o assunto. Alguns opinaram desfavoravelmente, outros abstiveram-se de pronunciamentos”<sup>346</sup>. Ou seja, caso algum desses industrialistas tenha se manifestado favoravelmente, nem citado ele foi. Orlandi afirma isso como um silêncio político capaz de apagar outras formações discursivas e impor um só sentido possível. Nas palavras da autora:

<sup>343</sup> Semana de 40 horas, *Pioneiro*, 25/12/1954, p. 03, Editorial.

<sup>344</sup> *Idem*.

<sup>345</sup> *Idem*.

<sup>346</sup> Participação nos lucros, *Pioneiro*, 11/09/1954, p. 03, Editorial.

Representa a política do silêncio como um efeito de discurso que instala o antiimplícito: se diz 'x' para não (deixar) dizer 'y', este sendo o sentido a se descartar do dito. É o não-dito necessariamente excluído. Por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma 'outra' formação discursiva, uma 'outra' região de sentidos. (Orlandi, 2007, p. 73-74).

Dessa forma, ao apresentar industrialistas que são expressamente contra e outros que se abstiveram em função da complexidade de abordar a questão, a leitura possível inviabiliza qualquer perspectiva que pense como necessária e justa a legislação sobre a participação de lucros dos trabalhadores.

Mais à frente, a preocupação do jornal seria expressa afirmando que “Corre-se o risco de cometer grandes injustiças, pois há firmas que dispõe de imensa quantidade de mão de obra e há outras que possuem pouquíssimos funcionários. Há empresas que fazem lucros assombrosos e outras que vivem num regime de apertada sobrevivência”<sup>347</sup>. Mais uma vez, nenhuma menção à classe trabalhadora ou a quem levasse seus interesses em conta – o foco era a preocupação para com os diferentes tipos de empresa. Ainda levava a discussão para um outro rumo, questionando se, visto que a lei falaria em participação dos lucros obtidos pela empresa, “no caso de não haver, os empregados deverão arcar com parte dos prejuízos?”<sup>348</sup>.

O que queremos abordar com essa última questão proposta, levando em conta os interesses que frente a algumas pautas apareciam, é o quanto *O Pioneiro*, mesmo que se referisse à população como um todo, se colocasse como representante dos trabalhadores das indústrias, agricultores e quaisquer outros possíveis leitores do jornal, a depender do assunto abordado e do recorte a ser dado, assumia a defesa dos interesses de uma burguesia regional ligada à indústria e à agricultura da região. O Estado, tão criticado, poderia atuar desde que em nome desses interesses, e a preocupação com o desenvolvimento da região sempre entendia esse desenvolvimento em relação ao quanto as indústrias eram servidas com a eletrificação e o quanto era possível baratear os custos da produção. A crítica ao aumento do salário mínimo<sup>349</sup>, constantemente apresentado mais como problema do que como solução, é um exemplo gritante disso.

Para melhor compreender a questão, acreditamos ser importante recordar que os nomes que conseguimos levantar das pessoas que eram parte do *Pioneiro* como cotistas, ou seja, que auxiliavam financeiramente na circulação do periódico, eram em sua maioria grandes industriais e trabalhadores de altos cargos na indústria caxiense, importantes comerciantes do município e uma parcela significativa de uma classe média local. Além do

<sup>347</sup> Participação nos lucros, *Pioneiro*, 11/09/1954, p. 03, Editorial.

<sup>348</sup> *Idem*.

<sup>349</sup> Instabilidade total, *Pioneiro*, 13/02/1954, p. 03, Editorial.

mais, não apenas essas pessoas tinham interesses econômicos bem definidos e que não dialogavam necessariamente com os interesses da classe trabalhadora, como tinham interesses políticos evidentes ao serem em grande parte ligados ao PRP e terem sido membros também da AIB nas décadas anteriores. Essa constatação dos interesses que apareciam nos editoriais, mesmo que nem sempre de forma evidente, ajuda a fortalecer a hipótese da ligação do impresso com o Partido de Representação Popular e, conseqüentemente, com o integralismo, afinal os interesses de classe, em ambos os casos, são perfeitamente compatíveis.

Gilberto Calil, analisando a atuação partidária do PRP durante a sua fundação, afirma que:

A análise dos interesses sociais defendidos pelo partido deve ser buscada em sua intervenção concreta, através de sua atuação parlamentar, sua participação em governos e pelas posições mais gerais por ele assumidas, particularmente em momentos de crise política, assim como nas suas articulações com setores da classe dominante. (Calil, 2005, p. 238).

Estendendo essa leitura ao *Pioneiro*, cabe notar que as defesas encampadas pelo impresso levam em conta consideravelmente os interesses das classes dominantes, e não raro, em detrimento da classe trabalhadora, como no caso do salário mínimo, da participação de lucros e da acusação de demagogia frente às greves e mobilizações dos trabalhadores nesse período, o que permite uma leitura de seus discursos como ligados diretamente à manutenção do *status quo*. Ademais, é possível estabelecer um elo

entre o integralismo e o liberalismo antipopular, que, a despeito da rejeição formal dos princípios liberais pelo primeiro, permite uma grande aproximação entre ambos no combate às mobilizações populares, na denúncia do “populismo” e na arregimentação dos setores médios contra o “perigo comunista”. (Calil, 2005, p. 255).

E isso fica evidente nos editoriais que apresentamos, pois a demagogia, o perigo comunista e o receio da participação popular foram constantemente noticiados nos editoriais. Também aparecia com frequência a necessidade de uma elite que conduzisse os rumos políticos do Estado de forma serena e que afastasse os populistas e suas propostas causadoras de caos social.

Estamos de acordo, portanto, com a afirmação de que “O discurso do PRP é claramente voltado para a pequena burguesia, visando disputá-la e arregimentar as maiores parcelas possíveis destes setores no partido” (Calil, 2005, p. 271). O que pode ser considerado também nas interpretações do discurso empregado pelos editoriais do *Pioneiro*. Essa “classe média” era apresentada como oprimida pela sociedade, e os trabalhadores eram encarados como causadores dessa situação; a alta dos salários, a participação nos lucros, os gastos exorbitantes do Estado, por seu tamanho e suas ações, eram acusados como responsáveis pela

decadência econômica e pelos resultados que a isso levava. Enquanto “os proletários — responsabilizados por estimular a luta de classes, agravar as dificuldades enfrentadas pela classe média e ainda esvaziar os cofres públicos —, não seriam merecedores de qualquer atenção especial, nem eram vistos como protagonistas do projeto integralista” (Calil, 2005, p. 274). Uma transcrição feita de uma longa fala de Compagnoni em Caxias do Sul, no lançamento da candidatura de Wolfram Metzler ao governo do estado, em que pedia auxílio financeiro para a campanha, afirmaria que o PRP era “um partido da classe média, quer dizer de gente pobre, empobrecida pelos desgovernos desta geração política”<sup>350</sup>.

Visto que não era viável ao grupo intermediário estabelecer um posicionamento de classe que propusesse uma via independente de participação e mobilização política, sobrava a aliança com uma das classes constitutivas. De acordo com Décio Saes (1991, p. 452), essa classe média “tende a funcionar como um amortecedor da luta anticapitalista instalado no seio das próprias classes trabalhadoras” e por isso fazia a defesa de pautas que talvez não correspondessem necessariamente aos seus interesses. Como foi analisado quando preocupado com a necessidade da eletrificação para as grandes indústrias, quando denunciando os males da redução da carga horária semanal de trabalho, quando negando a existência de industrialistas que se posicionasse em favor da participação dos lucros nas empresas, etc, *O Pioneiro*, tal qual a atuação política do PRP, claramente se posicionava de acordo com os interesses da burguesia. Nos editoriais, observamos que, quando cobram a atuação do Estado em defesa do desenvolvimento regional, quando apresentam constante preocupação com os agricultores do município e região, as resoluções dos problemas estão sempre de acordo com as perspectivas da classe dominante<sup>351</sup>, com exceção do fato de nunca ter apoiado os discursos golpistas no recorte que analisamos.

Por fim, o Estado, nos editoriais do *Pioneiro*, aparece como um ente que tem responsabilidades para com a sociedade, mas que deveria se limitar a dar espaço para a iniciativa privada. Mesmo que às vezes cite a importância do “Aumento de produção, incentivada e orientada”<sup>352</sup> por este mesmo Estado, cobra “Facilidades para o transporte e desenvolvimento cada vez maior da iniciativa privada, que sabe estabelecer a concorrência.

---

<sup>350</sup> O comunismo está cada vez mais forte e arrogante! Nós, porém continuamos na luta de todos os dias, *Pioneiro*, 17/07/1954, p. 6-7.

<sup>351</sup> Ao pesquisar a AIB no estado de Minas Gerais, olhando principalmente para a relação do movimento com os operários da região, Grossi e Faria (2021) apontam para o fato de que empresários contavam com a inserção dos integralistas no meio operário para que garantissem apoio às pautas patronais em meio aos trabalhadores, além de servirem como denunciante de comunistas que pudessem ser demitidos pelas empresas em que atuassem (Grossi; Faria, 2021, p. 75), o que auxilia nas reflexões sobre a maior ligação do integralismo com as classes médias e o constante afastamento do operariado.

<sup>352</sup> Não planteis a árvore, se não quereis que produza frutos, *Pioneiro*, 15/08/1953, p. 03, Editorial.

Somente com isto poderemos solucionar certos problemas básicos que vem martirizando a nação e roubando a paz geral.”<sup>353</sup>. Ou seja, o Estado é importante, é demandado de ações, mas não deve sair dessas estritas funções que são apresentadas, e sempre que alguma coisa é digna de ser criticada, o alvo sempre é a atuação estatal e a resolução proposta pelo *Pioneiro* também ecoa “A velha tecla da redução do funcionalismo público. A economia. A moralização das repartições do governo”<sup>354</sup>.

Ademais, os interesses apresentados nestes editoriais mobilizam a tradicional religião professada pela maior parte da comunidade onde circula *O Pioneiro*. De acordo com José Beozzo (1986, p. 317), essa Igreja católica mais conservadora raramente apresentava projetos que visassem a transformação da realidade social das classes subalternas, afastando, portanto, esses discursos do mundo operário e indo ao encontro do integralismo. Os discursos desse catolicismo, ao fim, dialogam diretamente com os interesses que são o foco de atuação do PRP, um discurso voltado para os setores produtivos da região, vendo no Estado um ente que deve atuar apenas para permitir um melhor desenvolvimento das relações comerciais já estabelecidas, o que estaria diretamente relacionado com os interesses dos industriais e da pequena burguesia que, em sua grande maioria, auxilia financeiramente na circulação do *Pioneiro*, ao mesmo tempo em que era a maior parte dos votos do PRP.

A crítica sobre o tamanho e papel do Estado acaba por colocar o jornal em confronto com algumas propostas, como dos dois governos de Vargas e do próprio PTB. Essas discordâncias na forma de encarar a atuação estatal acabavam por fazer das críticas ao tamanho do Estado uma crítica aos próprios governos petebistas, mesmo que de forma indireta. Estas, todavia, são feitas de forma cuidadosa e raras são as vezes onde os políticos e/ou seus partidos são citados. Afinal, as alianças políticas futuras eram possibilidades a serem deixadas em aberto e, em um estado polarizado politicamente entre PSD e PTB como o Rio Grande do Sul, fechar portas com um desses partidos era inviabilizar uma participação política importante. Essa independência partidária perrepista permitiu lançar Plínio Salgado ao senado em 1950 em aliança com o PSD e ter participação importante em parte do governo trabalhista de Leonel Brizola, em 1958; isso apenas em nível estadual.

---

<sup>353</sup> *Idem.*

<sup>354</sup> Fome de impostos, *O Pioneiro do Sul*, 25/11/1950, p. 03, Editorial.

### 3.2.3 - O PRP e seus candidatos naturais

Além da mobilização eleitoral para participar das eleições e dos posicionamentos acerca das funções que deveria assumir o Estado e, dessa forma trazendo críticas ora diretas, ora indiretas, aos governos petebistas, encontramos editoriais que fizeram uma tomada explícita de posição acerca de algumas propostas e até de candidatos a cargos eleitorais. Esse será o centro desta seção que apresentaremos agora.

*O Pioneiro* apresenta uma leitura das disputas políticas estaduais interessante. Em um dos editoriais afirma que

Devemos convencer-nos que no Rio Grande do Sul há dois blocos econômicos: um, de pequena propriedade e agrícola-industrial e outro, pecuarista e latifundiário. E como a política sofre a pressão da economia, é claro que, não tendo nós nossos representantes, não poderemos obter o que desejamos e o que necessitamos. Unicamente nós sabemos como defender-nos.<sup>355</sup>

Essa divisão econômico-política lida pelo impresso acerca do estado sulino se aproxima claramente do que é apresentado por importantes autores da ciência política do estado. Trindade (1975) e Noll e Trindade (1991; 2004) apresentam a leitura de que o Rio Grande do Sul teve disputas eleitorais dicotômicas que acabavam colocando a tradicional elite oligárquica do estado em confronto com as regiões de ocupação e desenvolvimentos mais recentes, como era a região colonial de Caxias do Sul. Frente a esse embate e ao afastamento da política desses novos atores sociais que iam surgindo com o desenvolvimento econômico do estado, tanto na década de 1930 quanto no processo histórico iniciado em 1945, o integralismo acaba servindo como uma nova possibilidade de atuação para esse público até pouco tempo vedado da atuação política. Ademais, não só era um movimento/partido que não pertencia aos tradicionais meios políticos já “gastos”, como tinha seu discurso diretamente voltado à crescente classe média que estava em busca de maior participação nos meios políticos.

Frente a essa necessidade de uma melhor organização visando uma maior participação dessas regiões, que se viam como alijadas do poder até então, *O Pioneiro* reconhecia essa divisão política e reclamava dos resultados obtidos:

A região colonial italiana, positivamente, com a última eleição foi alijada e novamente lançada no ostracismo. Os resultados fazem com que todo o secretariado do próximo governo do Estado seja proveniente da zona pecuarista, quando sabemos, segundo dados fornecidos pelo próprio governo, que dois terços da produção agrícola ainda se encontra nas velhas regiões italo-teutas.<sup>356</sup>

<sup>355</sup> Política de grupo econômico, *O Pioneiro do Sul*, 03/03/1951, p. 03, Editorial.

<sup>356</sup> Candidatos de conciliação, *O Pioneiro do Sul*, 27/01/1951, p. 03, Editorial.

Identificado o problema da dificuldade de eleger representantes que fossem da região e que levassem as suas pautas para a Assembleia Estadual e também à Câmara Federal, *O Pioneiro* tentaria, de forma costumeira, mobilizar o eleitorado caxiense pela eleição de candidatos regionais, o que apresentava como “uma necessidade imperiosa!”<sup>357</sup>. Afirmava não apresentar preocupações partidárias e nem nomes de preferência: “Não importa quem seja eleito. Não importa o rótulo que envergar essa eleição. Importa-nos uma representação brilhante e numerosa, que atenda aos interesses de nossa cidade. Isto é de absoluto interesse”<sup>358</sup>, mostrando-se atento às preocupações do município e da região como um todo, afinal se apresentava como um defensor das pautas da sociedade em geral, como mostramos no capítulo 2.4. A análise desses editoriais, entretanto, nos levaria a outras leituras desse posicionamento.

Em meio à mobilização para que os votos fossem direcionados aos candidatos de Caxias do Sul e região, reclamavam: “Parece-nos que nós caxienses gostamos mais [de] nos embalar pelos cantos dos estranhos que nos visitam na hora das eleições, e deixamos de conceituar aqueles que sabem perfeitamente desincumbir-se de sua missão. Não observamos que o que vale realmente é a prata de casa?”<sup>359</sup>. Esta prata da casa que não era eleita não é citada diretamente, bem como seus partidos, mas uma leitura mais ampliada desses editoriais indica pelo menos algumas intenções. O fato de não ter conseguido eleger em 1950 nenhum candidato à Câmara Federal seria recriminado:

O eleitorado caxiense, - dividido, subdividido, fracionado, retalhado, votou. Votou em quem pedia mais, em quem suplicava mais.  
Abandonavam o verdadeiro candidato, o candidato natural, em busca de outro com fracas possibilidades e realmente nenhum prestígio político.  
Resultado: nem um, nem outro.<sup>360</sup>

Essa denúncia apresentaria a perspectiva de que o município teria um candidato natural ao cargo e que essa divisão de votos impediu que fosse eleito. Ao olharmos a votação para os deputados federais no RS no ano de 1950, vemos que o mais votado foi José Diogo Brochado da Rocha, do PTB, com 44.812 votos, e o deputado eleito do mesmo partido com menos votos foi Germano Dockhorn com 10.399. Nesta eleição, o PRP elegeu apenas Wolfran Metzler com 21.426 votos, enquanto os 14.519 votos dados a Luiz A. Compagnoni lhe garantiram apenas a primeira suplência do partido.

<sup>357</sup> Políticos de mesa de café, *O Pioneiro do Sul*, 11/11/1950, p. 03, Editorial.

<sup>358</sup> Mentalidade super-partidária, *Pioneiro*, 03/04/1954, p. 03, Editorial.

<sup>359</sup> Preço do trigo, *Pioneiro*, 12/12/1953, p. 03, Editorial.

<sup>360</sup> Políticos de mesa de café, *O Pioneiro do Sul*, 11/11/1950, p. 03, Editorial.

Acreditamos que a crítica à não eleição do “candidato natural” dizia respeito ao fundador do impresso. Compagnoni, mesmo não eleito, teria feito cerca de 4 mil votos a mais do que o deputado eleito menos votado do PTB, que teria a maioria das cadeiras na legislatura. Além da comparação feita, lembramos que nesta mesma eleição Leonel de Moura Brizola, também do PTB, foi o deputado estadual mais bem votado com 16.691 votos – portanto, pouco mais de 2 mil votos de diferença. Compagnoni, inegavelmente, tinha sido bem votado e as chances de ser eleito eram factíveis, porém, mesmo com a campanha feita pelo *Pioneiro*, acabou ficando de fora da vaga do Partido de Representação Popular, o que justificaria — caso estivessem se referindo a ele como defendemos e explicaremos adiante — a crítica da divisão de votos.

Em função da quase eleição, *O Pioneiro* assevera que “Ninguém duvida que Caxias tinha possibilidade de eleger o seu deputado federal, nas últimas eleições. Era, mais do que uma possibilidade, uma certeza”<sup>361</sup>, e a justificativa apresentada pelo impresso cita que interesses políticos impediram o que era certo. O editorial afirma ainda que surgiram os “políticos de mesa de café. Os divorciados da realidade. Os que se convencem e acreditam nos raciocínios absurdos de seus próprios cérebros. E criaram a lenda de que Caxias do Sul poderia ter dois deputados federais, ao invés de um apenas”<sup>362</sup>. Essa crença na eleição de dois deputados da região tinha impedido que fosse eleito um representante digno de representar a região de colonização italiana. Em desabafo afirmaram

Se somos economicamente um bloco só, irmanados pela indústria e pela vinicultura, somos infelizmente uma Babel política. Parece que poucos se aperceberam disto, pois, fazendo-se misérrimos joguetes de partidos, despedaçaram todas as possibilidades de termos uma representação condigna na Câmara e na Assembleia.<sup>363</sup>

A crítica aos jogos dos partidos é relevante para pensar a questão, como apontamos quando falamos das funções assumidas pelo impresso em sua circulação; repetiram que os interesses políticos não interessavam ao *Pioneiro*, que este só estava preocupado em representar a sociedade e se posicionava a favor dela independente do partido professado. No entanto, a legislação eleitoral vigente em 1950 impediria que o “candidato natural” não estivesse ligado a algum partido político. Consequentemente, os “joguetes de partido” eram criticados apenas em função de não ter sido eleito quem entendiam como legítimo para a vaga.

Seguiram criticando os interesses partidários quando apresentavam que

<sup>361</sup> Políticos de mesa de café, *O Pioneiro do Sul*, 11/11/1950, p. 03, Editorial.

<sup>362</sup> *Idem*.

<sup>363</sup> Candidatos de conciliação, *O Pioneiro do Sul*, 27/01/1951, p. 03, Editorial.

Contamos com uma centena de milhar de votos e vemos, infelizmente, que possuímos apenas um ou outro representante, quando tão poderosamente poderíamos influir no resultado das urnas. É que, infelizmente, nem todos entenderam ainda que os partidos são destinados ao bem do povo e não o povo ao bem do partido. Nossa região tem-se mostrado tremendamente escassa de compreensão, neste particular.<sup>364</sup>

A própria discussão sobre o funcionamento partidário e como ele deveria se portar nos pleitos traz em si posições. Cabe o questionamento: caso o candidato visto por legítimo pelo impresso tivesse sido eleito, a compreensão sobre o quanto partidos se destinam ao auxílio do povo seria diferente? O ponto que propomos aqui é examinar e refletir sobre a consideração feita pelo periódico de que as ações que são defendidas por ele não trazem em si qualquer ligação com partido, ao mesmo tempo em que os resultados que são obtidos durante as eleições, quando não estão de acordo com o *Pioneiro*, são taxados como meros interesses de partidos que não se preocupam com a população que dizem representar.

Ainda em se tratando deste candidato natural, Compagnoni é recorrente em diversos espaços do impresso. Mesmo quando não mais morando no município de Caxias do Sul, suas ações são anunciadas em textos de capa, entrevistas são feitas e cartas de sua autoria são publicadas. Durante a legislatura que se estendeu até 1954, em algumas situações Luiz Compagnoni assumiu a vaga de deputado, visto que era o primeiro suplente da lista. Os afastamentos de Metzler, nesse período, deram ao fundador do impresso a chance de levar as pautas da região à Câmara Federal. Sempre que acontecia, apontavam os “benefícios, bem como outros, nos vieram graças ao espírito idealista do titular do Partido de Representação Popular Dr. Wolfram Metzler, que cedeu lugar diversas vezes ao Dr. Luiz Compagnoni”<sup>365</sup>. *O Pioneiro*, dessa forma, teceria elogios:

O Governo Estadual vem de aumentar o preço do trigo, depois da larga campanha levada a efeito pelo Deputado Luiz Alexandre Compagnoni. Ao apresentar-se este fato consumado, em que se denota a fibra de lutador intemerato e idealista que é o Dr. Luiz Compagnoni, não podemos deixar de sublinhar a traços vigorosos, que este representante ganhou uma batalha de excepcional importância a favor do Brasil.<sup>366</sup>

Segundo o editorial, um lutador intemerato, idealista e vigoroso, Compagnoni era, para *O Pioneiro*, “o mais brilhante deputado gaúcho no Rio, [e] nem sequer foi eleito deputado. É um suplente. Isto é muito importante para ser observado”<sup>367</sup>. A observação, em nossa interpretação, pode ser relacionada diretamente com os editoriais que lamentavam a não eleição de um candidato que era apresentado como o natural da região.

<sup>364</sup> Política de grupo econômico, *O Pioneiro do Sul*, 03/03/1951, p. 03, Editorial.

<sup>365</sup> Preço do trigo, *Pioneiro*, 12/12/1953, p. 03, Editorial.

<sup>366</sup> *Idem*.

<sup>367</sup> *Idem*.

Em vista da dificuldade apresentada pelo PRP em eleger seus candidatos — pelo menos a nível federal, já que vereadores no município de Caxias do Sul eram eleitos —, vemos *O Pioneiro* em diferentes momentos lançando ideias de que os partidos se organizassem no lançamento de uma candidatura única. Em editorial, defendiam que “Com as eleições municipais, que se avizinham, temos uma ocasião propícia para nos unirmos, escolhendo candidatos únicos, a fim de pacificar e congregar os partidos num único desejo: a defesa de nossa zona econômica”<sup>368</sup>. Sobre a recepção dessa proposta, aparece:

A ideia, recebida com geral simpatia no meio do povo, teve, agora, aceitação por parte dos diretórios do Partido de Representação Popular e Partido Libertador. O primeiro, por meio de seu líder na Câmara de Vereadores, e o segundo por intermédio dum entrevista concedida pelo Dr. Mário Mondino a este semanário, declararam favoráveis a essa medida que numerosos benefícios há-de trazer à nossa comuna.<sup>369</sup>

O PRP tinha força eleitoral na região, como revelam alguns números. Entre 1948 e 1954, dos 41 vereadores eleitos nas duas legislaturas, 14 eram do PRP, o que representa o partido com maior número de eleitos nesse período, ficando o PSD com 12 (Onzi, 2012, p. 119) —, portanto não acreditamos que as alianças propostas fossem apenas para permitir a eleição de um ou outro candidato. O partido não era irrelevante, elegia inclusive vice-prefeitos em eleições em que os prefeitos caxienses eram do PTB. Consideramos, neste sentido, que o peso eleitoral perrepista fazia com que o partido fosse um importante agente nessa possível candidatura única, permitindo, senão definir a chapa, ao menos influir de forma considerável na organização do governo, o que valorizaria sua participação em caso de chapa única.

Além da valorização que traria ao partido, fica patente também que a tentativa de unir as forças partidárias para a candidatura ao executivo municipal tinha uma perspectiva não limitada ao curto prazo da eleição. Essa união, caso acontecesse, facilitaria na composição futura em outros pleitos e poderia envolver os cargos para o legislativo, como fica claro quando retomam a fraca representação da região na Assembleia Legislativa citando que

Nossa região poderia dispor, pela quantidade de votos, de diversos deputados na futura Assembléia Legislativa. Infelizmente, pelo excesso de candidatos que sempre foram indicados nestes municípios, somente possuímos uma representação numericamente fraca. Desta forma, é de absoluto interesse que os diretórios municipais desta região se congreguem e apresentem candidatos com a possibilidade de vencer.<sup>370</sup>

<sup>368</sup> Política de grupo econômico, *O Pioneiro do Sul*, 03/03/1951, p. 03, Editorial.

<sup>369</sup> Lançamento do candidato único, *O Pioneiro do Sul*, 21/04/1951, p. 03, Editorial.

<sup>370</sup> Mentalidade super-partidária, *Pioneiro*, 03/04/1954, p. 03, Editorial.

Sugeriam que essa falta de candidatos regionais eleitos poderia ser suprida, desde que os interesses partidários fossem deixados de lado.

Ora, tudo isto somente poderá ser conseguido se soubermos imprimir um surto vigoroso de mentalidade super-partidária (sic) [acreditamos que a intenção era dar o sentido de “suprapartidária”], escolhendo nossos candidatos, não somente no sentido de serem bons canalizadores de votos, mas possam assegurar-se a eleição e desempenhar atos trabalhos de interesse comum.<sup>371</sup>

Logo, a possibilidade de lançamento de uma candidatura suprapartidária para o executivo em Caxias do Sul valorizaria de forma considerável a influência do PRP no governo, permitindo que participasse diretamente nas indicações e, possivelmente, até sendo o fiel da balança na escolha dos nomes que comporiam a chapa. Ademais, essa aliança partidária permitiria que, nos pleitos futuros, se conseguisse evitar o lançamento de candidaturas que acabassem por impedir a eleição de candidatos, como foi o caso de Luiz Alexandre Compagnoni, em 1950, e que foi denunciado em editorial como tendo sido impedido de representar a região colonial italiana em função do lançamento de outras candidaturas que dividiram os seus votos.

Uma última questão que apresentaremos neste subcapítulo leva em conta a presença do integralismo de forma clara no editorial de *O Pioneiro*. Já apontamos a presença de algumas pessoas da AIB ou do PRP referidas no impresso, como quando citam um dispositivo constitucional proposto por um deputado do partido em 1946 que, segundo o periódico, melhoraria a situação financeira dos municípios<sup>372</sup>. Mas o caso que utilizaremos para apresentar a questão é outro.

Como apontamos no capítulo em que abordamos especificamente o integralismo e a fundação da AIB, o grande evento de lançamento do movimento aconteceu em São Paulo em 7 de outubro de 1932. Passados 20 anos do lançamento de seu manifesto e com os diferentes momentos por quais o movimento passou, em outubro de 1952 um editorial publicado no *Pioneiro* relembriaria este fato:

Vinte anos passados, após o lançamento do célebre “Manifesto de Outubro”, com que o grande pensador Plínio Salgado, com sua personalidade magnética e com o vigor de seus argumentos a todos acessíveis, sacudiu a alma da nacionalidade, desencadeando o movimento espiritualista, conhecido como a Doutrina Integralista - justo é que, rememorando tão importante acontecimento, dediquemos essa nossa coluna a reconsideração de algumas das mais estultas calúnias que, ao tempo do exílio do grande chefe, impune, mas covardemente, foram assacadas contra suas ideias e contra sua pessoa.<sup>373</sup>

O texto, como pode ser visto, ainda faz parte do processo de reconstrução do movimento neste novo contexto político. Reforça que o movimento era espiritualista e vem na tentativa

<sup>371</sup> *Idem*.

<sup>372</sup> Município: primo pobre, *Pioneiro*, 19/09/1953, p. 03, Editorial.

<sup>373</sup> Vinte anos de ideias vivas, *Pioneiro*, 11/10/1952, p. 03, Editorial.

de defender a genialidade de Salgado frente aos ataques que lhes são feitos e, conseqüentemente, ataques que dizem respeito também ao que era a “Doutrina Integralista”, mas recordam que:

Não que Plínio Salgado e não que o Integralismo ainda careçam de alguma defesa... Fala sempre pelo grande líder espiritualista a integridade imaculada de sua vida particular e pública; e pela doutrina político-social que genialmente concebeu e preconizou, já falou contundentemente a Corte Suprema da Justiça deste país.<sup>374</sup>

Como apontamos já em outros casos, membros do PRP afirmavam não dar atenção às acusações que eram feitas em relação a sua atividade, que era vista como antidemocrática por seus opositores, principalmente após o fim da guerra em 1945. Porém, mesmo que frisassem ser sem sentido e embasamento essas acusações, repetidamente dedicavam amplos espaços para se justificarem, se defenderem. Como quando da conquista da permanência do registro partidário (PRP), publicou um longo comentário em que apontava sua legitimação democrática pelo Tribunal Superior. O mesmo acontece nesse editorial que citamos, pois afirmam que Plínio Salgado e o integralismo não necessitam de qualquer defesa, mas dedicam espaço para justificar que sua atuação, mesmo que com discordâncias e ataques, é legítima nesse novo momento político.

Citaria, ainda, em sua defesa que

Existem hoje ainda — muitos até em altos postos políticos do momento que passa — aqueles que acusaram a Plínio Salgado e a sua doutrina de fascista, quando eles próprios compactuaram com o Estado Novo, o qual não passou de um arremedo desengonçado das ditaduras direitistas europeias.<sup>375</sup>

A proposição de que o Estado Novo varguista havia sido uma ditadura fascista foi utilizada em diversos momentos pelos integralistas; a partir disso, é clara a tentativa de se colocar como democráticos, visto que, em meio ao autoritarismo varguista que denunciavam, o integralismo tinha sido mais um dos perseguidos. Em suas palavras:

queremos frisá-lo com clareza, que colocamos em primeiro lugar o próprio Sr. Getúlio Vargas, entre os que, sendo medularmente fascistas, não tiveram pejo algum de lançar igual pecha sobre o propugnador da Democracia Orgânica - que teria sido a única salvação da Pátria, após o pleito que já se preparava, antes de Novembro de 37.<sup>376</sup>

Ou seja, estes agentes que tentavam colar a pecha de fascista em Plínio Salgado e no integralismo e, conseqüentemente, no PRP, teriam sido apoiadores daquilo que entendem por uma ditadura fascista que teria sido imposta por Getúlio Vargas. Tentava-se descaracterizar, dessa forma, as críticas que eram feitas e, claro, deixando de fora o apoio dado pelos

<sup>374</sup> *Idem.*

<sup>375</sup> Vinte anos de ideias vivas, *Pioneiro*, 11/10/1952, p. 03, Editorial.

<sup>376</sup> *Idem.*

*camisas-verdes* ao golpe que deu início ao Estado Novo, bem como todas as referências de inspiração e apoio aos governos fascistas europeus da década de 1930. A tentativa de reescrever, adaptar e atualizar o integralismo neste novo contexto já foi abordado com mais detalhes e foco anteriormente.

Ainda se referindo à situação atual e denunciado sua piora, citavam que “ninguém negará hoje o agravamento de todos esses problemas, a começar da data mesma em que o próprio ex-chefe do Estado Novo reassume as rédeas da nação”<sup>377</sup>, e em sentido contrário apontava a leitura a ser feita sobre o integralismo e sobre Salgado. Para estes a

Verdade que, por si, atesta a efemeridade e o fracasso de quem quis fazer passar por visionário e incompetente a Plínio Salgado, impondo ao país um regime que foi sua desgraça. Resultado: As ideias do Estado Novo desmoronaram, delas só se falando com pesar, ao mesmo tempo, que se festeja o 29 de Outubro como término de sua infausta vigência. As ideias integralistas, pelo contrário, que preconizam a reforma integral do homem, única maneira racional de colimar a reforma substancial da sociedade, reforçam-se, dia por dia, mais e mais se tornando conhecidas de todos os brasileiros, e a cada hora que passa mais prestigiadas em todo o mundo.<sup>378</sup>

As ideias integralistas, portanto, estariam cada vez mais vivas e se mostravam atuais em função das necessidades de se fazer a reforma integral do homem neste momento; já os ideais estadonovistas e que foram apoiados por esses críticos de Salgado já haviam desmoronado, o que tentava trazer maior espaço e legitimidade de atuação para essa organização que teria sido perseguida e fechada por Vargas.

Os editoriais do *Pioneiro*, conforme por nós apresentados, mesmo que circulassem em um impresso que se anunciava como isento e sem ligações partidárias, deixavam transparecer, em diversos momentos, posicionamentos políticos que eram anunciados como de interesse da população, mas que podem ser vistos como momentos em que o periódico tenta influir nas relações sociais a partir das propostas que trazem. Seja mobilizando seu público leitor para participar das eleições e construindo a significação que seria dada ao voto, sempre fazendo uso de preceitos religiosos para conduzir a leitura a ser feita da eleição, seja criticando as atitudes políticas do município por ter impedido que um candidato claramente defendido pelo jornal fosse eleito — não curiosamente este tinha sido membro da AIB, era parte do PRP e tinha fundado o próprio *Pioneiro* —, essa voz oficial do impresso tentava influir no comportamento político da região.

Ademais, se “O historiador sempre recebe do jornal que está analisando um conjunto contextualizado por outras notícias, conteúdos e matérias” (Barros, 2023, p. 131), a disposição dessas informações que colocavam editoriais os quais traziam constantemente

<sup>377</sup> *Idem.*

<sup>378</sup> Vinte anos de ideias vivas, *Pioneiro*, 11/10/1952, p. 03, Editorial.

discursos em franco diálogo com o que defendia o PRP e os integralistas a partir de 1945 e autores, ora abertamente integralistas ora, pelo menos, consoantes com o movimento, auxiliavam na composição desse contexto de leitura do que era impresso no jornal. Colunas, autores esporádicos, diretores, candidatos e editoriais, dessa forma, produziam um contexto de leitura mais amplo dos materiais que tinham, no integralismo, um horizonte central.

Para além de versar sobre a política nacional, estadual e municipal, ocasionalmente, discursos que eram claramente relacionados com o pensamento integralista se faziam presentes. O espiritualismo segue sendo central nos editoriais, os discursos moralistas ainda aparecem e as tentativas de apresentar o PRP como democrático também têm seu espaço, principalmente quando observamos um editorial completo que foi escrito para homenagear o lançamento da Ação Integralista Brasileira e comemorar seus 20 anos de atuação, e que serve, basicamente, para tentar reescrever o que é o integralismo neste novo momento da política nacional.

Os editoriais até aqui analisados deixam aparentes as ligações com o pensamento integralista, mas tentam passar as leituras como sendo de interesse da população, como desligadas de qualquer partido ou organização política. O próximo capítulo dará atenção a momentos em que essa tentativa de afastamento partidário deixa de existir e as causas partidárias e ideológicas são abraçadas sem qualquer receio.

#### 4. O PRP e *O Pioneiro*

Neste capítulo, a atenção estará voltada para os diferentes momentos em que podemos identificar a presença aberta do Partido de Representação Popular no jornal *O Pioneiro*. Em outras situações analisadas, a presença do partido até podia ser percebida, mas acontecia de forma indireta ou a partir de sujeitos que tinham ligação com o PRP; neste momento, a ligação partidária analisada será aquela que foi feita no impresso de forma escancarada.

Como já referimos, o impresso não apresentava um caderno, página ou espaços que se propusessem a tratar dos assuntos políticos; quando muito, apresentou uma coluna intitulada “Mosaicos Políticos”, mas esta se limitava a curtos apontamentos de estados e cidades variadas, sem maiores desenvolvimentos do que estava sendo apresentado, como quando apontava o fato de em Curitiba – PR, existirem dois diretórios do PTB em que “uma quer promover a expulsão da outra”<sup>379</sup>, porém sem qualquer abordagem do assunto. Outro espaço, também pouco demarcado e de recorrência incerta, “Política & Políticos” mantinha o mesmo caso citado acima: trechos curtos apresentando passagens variadas da política nacional, mas sem desenvolver comentários ou contextualizações dos acontecidos, como quando aponta que “esboça-se um movimento dentro do PTB de São Paulo, visando considerar aberta a questão da sucessão da Presidência e Vice-Presidência da República”<sup>380</sup>.

---

<sup>379</sup> Mosaicos Políticos, *O Pioneiro*, 26/02/1949, p. 02.

<sup>380</sup> Política & Políticos, *Pioneiro*, 10/09/1955, p. 12.

Figura nº 24 - Coluna “Mosaicos Políticos”



Fonte: AHMJSA, *O Pioneiro* 26/02/1949, BNDigital, acessado em 27/07/2023.

A figura 24, acima, mostra um dos casos. Note-se que apresenta apenas algumas frases sem qualquer abordagem sobre o assunto.

Em ambos os casos, no entanto, não é possível maiores discussões acerca da participação política do *Pioneiro*, o que nos leva a pensar se o fato de não ter um espaço específico para a política ou quando abordar ser praticamente irrelevante o que apresenta, não traz mais importância para as discussões políticas que aparecem em outros espaços, como quando se refere a um partido, candidatura ou até mesmo nos editoriais, como apresentado no capítulo anterior. Reconhecemos que o fato de serem apenas recortes não diminui a importância do espaço e que certamente uma atenção à coluna possa render materiais interessantes a serem pesquisados; entretanto, a pesquisa a que nos propomos traz um recorte metodológico que abarca espaços que permitam abordar a participação política nestes lugares que estão sendo apresentados.

Ademais, visto que esses “Mosaicos Políticos” e “Política & Políticos” aparecem apenas em alguns momentos, optamos por analisar os que nos trazem um recorte temporal maior em sua circulação. Destarte, acreditamos que a abordagem mais acurada destes

materiais em que o Partido de Representação Popular está presente sem qualquer empecilho, em meio a um debate de alcance nacional que tentava autonomizar o jornalismo em relação ao político, abre espaço para uma discussão que não se limita ao nosso objeto de estudo, qual seja a permanência do(s) político(s) e da política nesta imprensa que se pretende não partidária.

#### 4.1 - A eleição de 1950: Diretório Municipal do PRP e O Pioneiro

A exploração da imagem de um jornal “ativo, vibrante, imparcial, visando o bem da coletividade”<sup>381</sup> é uma constante nos discursos do impresso em todo o período que analisamos. Acreditamos que a busca pela legitimidade social seja uma das principais causadoras dessa tentativa de se distanciar da política partidária e declarar-se imparcial. Não são raras as situações em que, em especial nas datas comemorativas de fundação do jornal, trechos reforcem o distanciamento do impresso dos partidos políticos. “Ao falarmos em política não nos referimos à política partidária. Pouco nos interessam os partidos”<sup>382</sup>; a cantilena constantemente repetida, em momentos, traz também questionamentos a serem feitos. Um destes será analisado mais detidamente a partir de agora.

O ano de 1950 é interessante para ser analisado mais detalhadamente por qualquer um que pesquise o período. Esta segunda eleição após a abertura já trazia o ex-ditador ao pleito eleitoral. Vargas estava de volta para o centro da política nacional. Sabemos que, na realidade, o distanciamento não aconteceu mesmo após a queda em 1945. Getúlio Vargas, candidato pelo PTB com o Partido Social Progressista (PSP), retomando em sua campanha o discurso trabalhista e nacionalista (Ferreira; Gomes, 2018, p. 267), enfrenta o mesmo Eduardo Gomes, pela UDN, já derrotado em 1945. Os nomes servem como baliza para analisar um fato em específico do *Pioneiro*, nesse período, sob o nome *O Pioneiro do Sul*.

As edições que circularam entre os dias 12 de agosto e 30 de setembro de 1950 — oito edições, portanto — estamparam, em sua segunda página, a “Página do Diretório Municipal do P.R.P. - Caxias do Sul”. Interessante atentarmos para o fato de que, até o momento em que pesquisamos, é o único partido ou movimento político que teve uma página própria para a divulgação de seus candidatos, ideias e pautas; outros partidos, vez ou outra, apareciam em textos, referências, acontecimentos e até em notas “A pedido”, mas a divulgação, tamanho e

<sup>381</sup> O PIONEIRO, o Maior Semanário Gaúcho — suas realizações e causas de seu sucesso, *O Pioneiro*, 05/11/1949, p. 1-16.

<sup>382</sup> Políticos de mesa de café, *O Pioneiro*, 11/11/1950, p. 03, Editorial.

qualidade da diagramação da página do diretório do partido chama atenção. Essa página não voltou a se repetir em períodos eleitorais seguintes, o que traz maiores curiosidades para o período em questão.

Figura nº 25 - A página do Diretório Municipal do PRP.

Página 2 CAXIAS DO SUL - Sábado - 19 de Agosto de 1950 «O PIONEIRO DO SUL»

PAGINA DO DIRETORIO MUNICIPAL DO P. R. P. - CAXIAS DO SUL

## Votar é um dever



**Plínio Salgado**  
O SENADOR A QUEM CONFIADAMENTE  
PODEMOS DAR O NOSSO VOTO

### Coerência e dever

Alegram-nos o espírito as manifestações que já sentimos nesta nova cruzada em que o PRP inteiro se empenha com júbilo patriótico para conduzir nos supremos postos da Nação e do Estado, nos legislativos nacionais e estaduais aqueles que nesses próximos quatro anos deverão dirigir os destinos da Pátria.

Nossos companheiros de Caxias do Sul, especialmente, estão unidos sob o pálio de sua sublime causa. Cuscos e disciplinados, prestam-se para os grandes embates das urnas, que, para nós que vivemos a forjar nos altos fornos das nossas convicções o amor ao Brasil, representam sempre mais que vitórias eleitorais, porque em verdade expressam o nosso avanço ideológico e a soberania na formação de uma vigorosa consciência nacional. As urnas para nós, portanto, têm esta expressão estatística que nos dá a íntima certeza de que o nosso trabalho, esta penosa peregrinação que empreendemos há tantos anos, vai pouco a pouco logrando esplendentes resultados, animando-nos para os combates que se seguirão. Não fazemos política no sentido vulgar do termo. Os que nos têm sabem do sentido profundo da nossa marcha.

Não temos prazo fixado para coisa alguma e muito menos agimos em pressões, em alternativas inconsequentes. Nosso rumo tem sido um só, porque seguimos uma doutrina simples em seus fundamentos mas profunda em suas consequências. Somos um Partido Nacional não por força da lei, mas, porque acima de tudo somos um pensamento ao em toda a imensa carta geográfica da Pátria. Como a Igreja e o Exército em seus expressões formidáveis de unidade nacional, o Partido de Representação Popular quer ser e é

O novo Código Eleitoral estabelece a pena de multa para os que não votarem. De Cem a Mil Cruzzeiros, terão que pagar os que não forem às urnas no próximo dia 3 de outubro ou nas eleições subsequentes.

Esta penalidade, no entanto, não deve ser a razão para que o cidadão compareça às urnas em dia de eleições.

Votar é um Dever. Um Dever dos mais graves e importantes da vida de um cidadão.

E' pelo voto que escolhemos os futuros governantes, aqueles que redigirão, promulgarão e sancionarão as leis que regerão as relações entre os cidadãos.

As leis serão boas ou más, se escolhermos, nas urnas, bons ou más representantes do povo.

Sabemos que comunistas, socialistas, esquerdistas, inimigos da Religião, da Pátria, da Família, e, não-se, trabalham, a fim de destruir estes nossos fundamentos de vida.

E sabemos como não a tivéssemos! Como agem com malícia, com capacidade de realização para o mal, para a destruição!

Sabemos que todos estes elementos estão "finindo", e o título eleitoral na realidade impõe, num pleito, esperando o pleito, e votariam duas, três e mais vezes, se pudessem — afim de efetivar sua obra diabólica.

Na obagada de certos personagens políticos, temos visto até cenas de história, por parte da gente que está completamente

Empolgada pelos novos "antônicos conselheiros", que tudo prometem.

Este fanatismo prova a que ponto chegou o trabalho de alijamento e de propaganda eleitoral em certos setores.

E' necessário, por isto, que todos compareçam às urnas.

E' necessário, pela razão fundamental de que o voto é um Dever. Mas é necessário, também, porque este país não pode ser governado por históricos e demagogos.

E' necessário que a seleção eleitoral seja feita com este clima superior e a liberdade, como é este que se aproxima.

E impõe-se esta penalidade, porquanto só assim com este clima superior é que poderá se formar o ambiente para as escolhas justas.

Os crentes, os que têm

fé, devem atentar para o fanatismo dos que seguem uma filosofia negativa da vida. Se estes agora ativamente, comparecem às urnas, porque nós, que cremos em Deus e na imortalidade da alma, que queremos construir uma grande Pátria Cristã e Democrática; que defendemos a integridade da família, que queremos que nossos filhos não se corrompam com esta onda de imoralidades que tenta invadir nossos lares — porque não devemos agir com a mesma determinação e energia?

Marchemos para as urnas, homens das cidades, das vilas, dos campos e das colônias!

E' necessário que todos se convençam que o voto é uma autorização. Autorização para agir bem ou mal — conforme for dado a um bom ou a um mau candidato.

Passou-se o tempo em que se ia votar com temor. Hoje, com o voto secreto, qualquer pessoa, por mais humilde e acanhada que seja, dentro da cabine indecifrável, poderá dar seu voto livremente, soberanamente!

E deve faz-lo com a consciência de que está praticando um contrato com o seu candidato. Um contrato em que este é autorizado a trabalhar pela maior grandeza da Pátria ou do Estado.

Marchemos para as urnas! E que todos os brasileiros saibam cumprir com o seu dever.

Transcr. de "A Nação"



**GUIDO FERNANDO MONDIM**  
Candidato à Deputação Estadual

ma he cidade em cidade de vila em vila, de rincão em rincão. E nesta luta sentimos o sabor glorioso do cumprimento do dever. Nunca como hoje a Pátria necessitou do amor de seus filhos. Temos pedido tanto ao Brasil. Cumpre agora que o Brasil exija tudo de nós. O mundo vive instantes verdadeiramente cruciais. A humanidade está dividida em dois campos profundamente antagonicos. Duas forças irreconciliáveis se defrontam e só não o presentem os que não têm mais capacidade de pensar ou que se desilustraram nas situações dos nossos patriotas de todo o Brasil. E de absoluto desinteresse pelos ramos para os quais marchamos, onde o menos que temos a perder



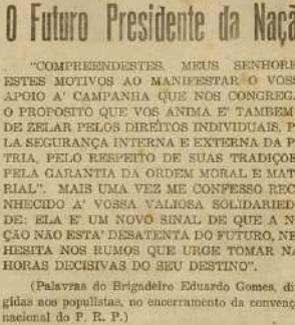
**AFFONSO ALMEIDA**  
PARA DEPUTADO ESTADUAL

é a nossa liberdade! Os mais cínicos argumentam que chegamos a tão tristes tempos que a nossa luta, por grande e persistente que seja, torna-se uma gota d'água no mar do dissolutismo que campeia. Nossa luta é bela, dizem, mas não podemos enfrentar o seu vendaval camagador que sopra das estepes.

Cumpre-nos, porém, repetir que não estamos sós, porque outras forças poderosas lutam, nos acompanham, ou nós as acompanhamos, neste formidável combate.

Não importa saber se chegaremos em tempo, não importa saber quanto nos custará em sacrifícios a jornada que empreendemos, não importa saber quais serão os resultados desta luta.

O que importa, isto sim, é que estamos, como brasileiros amantes extremos de sua Pátria, cumprindo com o nosso DEVER!



**O BRIGADEIRO EM 1950**

### O Futuro Presidente da Nação

"COMPREENDEISTES, MEUS SENHORES, ESTES MOTIVOS AO MANIFESTAR O VOSSO APOIO A' CAMPANHIA QUE NOS CONGREGA. O PROPOSITO QUE VOS ANIMA E TAMBEM O DE ZELAR PELOS DIREITOS INDIVIDUAIS, PELA SEGURANCA INTERNA E EXTERNA DA PATRIA, PELO RESPEITO DE SUAS TRADIÇÕES, PELA GARANTIA DA ORDEM MORAL E MATERIAAL". MAIS UMA VEZ ME CONFESSO RECO-NHECIDO A' VOSSA VALIOSA SOLIDARIEDADE. ELA E' UM NOVO SINAL DE QUE A NAÇÃO NAO ESTA' DESANIMADA DO FUTURO, NEM HERBITA NOS HUMOS QUE LUTHE TOMAR NAS HORAS DECISIVAS DO SEU DESTINO".

(Palavras do Brigadeiro Eduardo Gomes, dirigidas aos populos, no encerramento da convenção nacional do P. R. P.)

### Endereço errado

Trieste ainda é a mentalidade política reinante em nosso País. O achincalha, empunha muito com os seus canhões e a delapidação de recursos que sofremos. Ao mais torpe da dignidade brasileira ainda impõem na sua conduta partidária, num desdém de outrora. Nem se atira pedra em árvore que não dá fruto...

Mas, vem ao caso lembrar a decisão do S. T. E. porque foi ela efetivamente uma consagração ao Partido de Representação Popular, quando os seus juizes, através de magistrados votos, por unanimidade, mantiveram o registro do nosso Partido, considerando-o profundamente democrático, por sua doutrina e por sua conduta.

Orn, quem agora repetir o epíteto idiota, já não mais atinge o P. R. P., mas velhas calúnias que já revestiu algumas vezes, mas que se impõe replegar ainda porque estamos convencidos de que há mesmo um bocado de ignorância neste mundo. Mais que ignorância: má fé.

Nem se compreende outra coisa quando, depois da histórica decisão do Superior Tribunal Eleitoral, ainda se quer lançar sobre o sr. Plínio Salgado a pecha de nazista e bom assim ao P. R. P. Á medida que nos movem com tanto desprezo do que foi feito por

**Companheiros Caxienses!** Pela redenção nacional, trabalhai sem destalecimento pela vitória do BRIGADEIRO EDUARDO GOMES!



referindo-se em um texto “A pedido”, cita-se algumas características e nome do candidato, mas sequer o partido é referenciado. No outro caso, uma nota curta intitulada “Visita de um candidato da UDN”, também não dá importância às pautas trazidas pelo candidato. Nota-se, também, que ambos os casos estão na última página da edição, no fim do jornal.

Do que encontramos nas páginas do diretório, a maioria dos textos e materiais não são assinados; falam, portanto, pela voz do próprio partido; queremos frisar, neste caso, que os materiais que analisaremos serão pensados como o discurso oficial que o PRP defendia para o pleito eleitoral que se aproximava. Os poucos textos que trazem consigo assinaturas serão pontuados em suas análises. Das oito edições que encontramos com o caderno partidário impresso, para além dos anúncios dos candidatos como "Plínio Salgado o senador a quem confiadamente podemos dar o nosso voto"<sup>383</sup>, “Para Deputado Estadual Guido Fernando Mondin”<sup>384</sup> e “EDUARDO GOMES — Para Presidente da República — o candidato da moralização administrativa”<sup>385</sup>, contabilizamos 26 textos. Destes, apenas sete são possíveis de identificação da autoria: Guido Fernando Mondin assina três, Luiz Alexandre Compagnoni, dois e Afonso Almeida e Humberto Bassanesi são signatários de apenas um texto. O restante, consequentemente, pensaremos como sendo produzidos e publicados em nome do Partido de Representação Popular.

Um ponto central a ser definido para analisar os textos diz respeito às suas ligações com a Igreja Católica. Ter em conta que o jornal circula no nordeste do Rio Grande do Sul, região de colonização italiana, aprofunda ainda mais a necessidade de atentar para essas relações, visto que os imigrantes italianos que aqui se fixaram trouxeram, em suas bagagens, uma profunda relação com o catolicismo que se mantém até a atualidade. Beozzo (1986, p. 278) defende que as relações da população comum com a Igreja Católica foram diferenciadas nas regiões de colonização italiana e alemã do Rio Grande do Sul; nestas, a estrutura social é toda montada a partir da relação que essa população desenvolve com o catolicismo e, consequentemente, os meios de sociabilidade dessa população têm a religiosidade católica como um importante fato que marca de forma indelével a região.

De acordo com Brandalise (1997, p. 27), “O apoio dado ao integralismo pela Ordem dos Capuchinhos e, de resto, por membros de todo o clero brasileiro deveu-se não só à simpatia com o fascismo italiano, mas também a uma convergência de idéias”, logo a necessidade da acuidade com relação ao espiritualismo católico é evidente e comprovado com

---

<sup>383</sup> *O Pioneiro do Sul*, 19/08/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

<sup>384</sup> *O Pioneiro do Sul*, 09/09/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

<sup>385</sup> *O Pioneiro do Sul*, 16/09/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

a sua presença nos diferentes espaços que analisamos. Mesmo que o contexto de nascimento e maior desenvolvimento da AIB — apontado pela autora — e o período que analisamos sejam diversos, a proximidade com a Igreja Católica na região, bem como o uso da religiosidade para legitimar os discursos políticos seguem existindo. É essa a atenção que demoraremos agora.

Marcar a experiência religiosa, em se tratando do PRP da década de 1950, traz discussões um pouco mais abrangentes, como já apontamos nos outros capítulos. Se no período de fundação da AIB “O pensamento cristão passou a ser, antes de tudo, anticomunista e tal discurso foi um canal aberto para as práticas autoritárias, uma vez que há uma legitimação “religiosa” por parte da igreja na concepção da superioridade” (Gonçalves, 2012, p. 174), com o fim da segunda guerra mundial e o distanciamento necessário dos discursos antiliberais, a rearticulação discursiva pela qual o integralismo passou, agora em forma de Partido de Representação Popular, levou seus membros a se tornarem ainda mais próximos das falas deste catolicismo; era a possibilidade para se legitimar neste novo contexto.

O trecho seguinte permite este ponto de partida:

O Comunismo está dia a dia avançando e dilatando-se! Por onde passou deixou um rastro de mortes, de sangue, de destruição! Pais de família, meditai a sorte de vossas filhas, de vossas esposas, caso caíam nas garras de Moscou! Recordai-vos que se o Comunismo vencer no Brasil, não haverá lar respeitado! Não haverá mais Igrejas onde rezar, não haverá Pátria para amar! PLÍNIO SALGADO, é o inimigo maior do Comunismo no Brasil! Por isso o caluniam! Por isso o atacam! Se desejais a honra de vossa Família, votai em PLÍNIO SALGADO para Senador. — Cuidado com os que se dizem Socializantes! Cuidado com os que vem falar mal dele! Todos são amigos do Comunismo e estão fazendo o jogo de Stalin! PLÍNIO SALGADO é o candidato que escreveu a ‘Vida de Jesus’, e representou os católicos do Brasil em San Sebastian na Espanha! Ele merece ser o Senador do Rio Grande do Sul!<sup>386</sup>

Como referenciado logo acima, a religiosidade é latente na composição dos discursos perrepeistas do período e pode ser notada no que foi transcrito. Para os integralistas, não existe separação entre discurso religioso e político; a sociedade que propõe organizar é total, una, e tem como base o espiritualismo católico, o que faz com que essa abolição entre espaço público e privado conduza a um aprofundamento da utilização da religião nos meios políticos. As questões relacionadas às vidas privadas, de foro íntimo e que, mesmo não sendo o foco dos pleitos — sabemos que as questões não deixam de interferir nas escolhas eleitorais —, são trazidas ao centro do debate eleitoral o tempo inteiro; aqui, para comentar o pleito de 1950, e nos editoriais para mobilizar o eleitorado.

O chamamento aos pais de família para o cuidado com suas esposas e filhas, o fim das

---

<sup>386</sup> ELEITOR! Dê um voto de confiança ao Brasil votando nos Candidatos do P.R.P, *O Pioneiro do Sul*, 30/09/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

igrejas e a legitimação de Plínio Salgado como bom candidato por ter escrito *A Vida de Jesus* são exemplos desse rompimento entre o público e o privado, assim como outros que aparecerão mais à frente. A motivação para a escolha do senador certo, para o PRP, passa pela religião que este prega e, se lembrarmos que os editoriais em diferentes momentos sacralizam o ato de votar e defendem uma leitura religiosa para a escolha de seus candidatos, é viável fazer uma relação entre esses dois espaços que analisamos.

Como já citado, alguns dos materiais impressos nas páginas do PRP eram assinados. Entretanto, os poucos nomes que podem ser identificados e que, nestas situações, aparecem em nome do partido, não nos são completamente desconhecidos. Guido Fernando Mondin, candidato a Deputado Estadual na eleição de 1950 pelo PRP, já tinha assinado artigos em *O Pioneiro* nos anos de 1948 e 1949, na mesma página em que os editoriais do impresso ficam localizados, logo, um espaço de importância na diagramação. O espiritualismo inspirado no discurso católico de fins do século XIX aparece em seu texto, em que

Cidades, distritos, capelas e picadas ouvirão nossos oradores, conhecerão nossos propósitos, recapitularão conosco aqueles princípios que pregamos dentro da nossa doutrina profundamente espiritualista, de respeito à liberdade, à família, aos grupos profissionais, de defesa honesta dos trabalhadores, hoje tão explorados pelos demagogos de todos os matizes, de defesa da soberania nacional, de luta contra o materialismo expresso principalmente pela nefanda doutrina comunista — viverão conosco mais um intenso período cívico, cantarão conosco, sim, cantarão conosco o hino da Pátria que, neste instante de confusão internacional vale como uma prece em que se invoca a alma nacional, na preservação o destino livre, cristão, e democrático da Terra Brasileira.<sup>387</sup>

O trecho acima é exemplo interessante para pensar a construção das correlações construídas a partir do discurso do candidato. Os espiritualistas, para Mondin, em especial os que seguem a doutrina integralista e são candidatos pelo PRP — visto que o texto está publicado na página do partido —, são defensores da liberdade, da família, dos trabalhadores explorados; seus oponentes, conseqüentemente não defensores dessas pautas, estão imbuídos do materialismo “expresso principalmente pela nefanda doutrina comunista”<sup>388</sup>. Oliveira (2009, Cap. 2, *passim*) nos lembra que, desde antes da fundação oficial da AIB como movimento, Plínio Salgado utilizou-se da dupla oposta “espiritualismo X materialismo” para definir seus posicionamentos políticos; situação de oposição que é atualizada e torna-se mais importante ainda no contexto perrepista, em que a discussão sobre o que era a democracia ou quem poderia ser entendido como democrático tem, no espiritualismo, sua “nota de corte” para os integralistas.

<sup>387</sup> A Vitória será dos que têm fé e Trabalho, *O Pioneiro do Sul*, 12/08/1950, p. 09, Página do Diretório Municipal do PRP, Guido Fernando Mondin.

<sup>388</sup> *Idem*.

Em 1950, o Partido de Representação Popular participa do pleito ao lado da UDN, apoiando a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes e lançando, pelo Rio Grande do Sul, Plínio Salgado ao Senado Federal. Do próprio jornal,

O Partido de Representação Popular apresenta seus candidatos. O Brigadeiro Eduardo Gomes, para a Presidência da República. Plínio Salgado, para o Senado Federal. O simples enunciado destes nomes, símbolos de democracia, de nacionalismo e de cristianismo, obriga a consciência de todos os cidadãos a saudá-los com efusão de alma, rogando a Deus e tudo fazendo para elegê-los nas eleições de 3 de Outubro próximo.<sup>389</sup>

A ligação entre as disputas políticas e os aspectos religiosos retorna para defender a coligação com Eduardo Gomes e não pode ser vista como uma novidade do período em que a nossa pesquisa é escrita. A questão também não era uma novidade na década de 1950, como pontuado quando tratamos da relação Plínio Salgado com o catolicismo e que se aprofundou a partir do exílio e retorno do principal pensador do integralismo.

Ainda na página do partido e atentando para as relações entre a religião e o discurso político,

Nós estudantes católicos que subscrevemos este Manifesto de apoio a um candidato à Câmara dos Deputados, fazemo-lo independentemente de cores e credos partidários. A isto somos levados apenas pelo anseio de vermos sufragado nas urnas um nome que será a garantia das reivindicações católicas na Câmara dos Deputados, em especial as reivindicações atinentes ao setor da educação, em todos os graus, de cuja orientação ideológica depende a formação da mocidade brasileira.<sup>390</sup>

Caxias do Sul e boa parte do Nordeste do estado, onde circulava e segue circulando *O Pioneiro*, era composta, em sua grande medida, por imigrantes italianos vindos nos fins do século XIX; estes, muito ligados com a Igreja Católica, não serão compreendidos sem que suas relações sociais e políticas levem em conta o espaço religioso. Nas palavras de Fortes Lia (2012, p. 553), “É necessário, para uma ampla compreensão histórica das diferentes sociedades, marcar o lugar da experiência religiosa, como o elemento que organiza e confere originalidade aos diversos grupos humanos”.

O integralismo, a partir deste novo contexto, deixava suas críticas à democracia em suspenso; não mais questionava as eleições ou os partidos políticos. O problema e a discussão estavam no entorno do significado do que seria entendido como democracia e, tudo que não se adequasse às definições do movimento, era taxado por comunista, socialista e/ou materialista, o que trazia em si o peso de ser contra tudo aquilo que o movimento se dizia defensor. Em suma, a leitura mais conservadora da religião católica era utilizada como

<sup>389</sup> Falam os Candidatos, *O Pioneiro do Sul*, 12/08/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

<sup>390</sup> Manifesto de Universitário Católicos em apoio da candidatura de LUIZ COMPAGNONI à Câmara Federal, *O Pioneiro do Sul*, 16/09/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

parâmetro para o que o PRP definia por democrático. Tudo que ficasse além desta definição era prova e causa do caos que o materialismo trazia à sociedade, e qualquer questionamento ou posicionamento contrário era entendido como um ataque direto aos fundamentos da própria Igreja Católica. O peso disso, na região em que circula o impresso, não pode ser ignorado.

Desta forma, com toda a bagagem possível ao trazer a voz da Igreja Católica em seu crachá, é que Luiz Alexandre Compagnoni é apresentado nas páginas do Diretório Municipal do PRP. “A Liga Eleitoral Católica, no manifesto de 15 do corrente, indicou como candidatos a que se dá preferência, no PRP: Para a Câmara Federal — Amadeu Fagundes de Oliveira Freitas e Luiz Alexandre Compagnoni”<sup>391</sup>; ao lado da curta nota, uma fotografia de Compagnoni. Ainda segundo os universitários católicos que apoiam sua candidatura, “Católico fervoroso, luta contra as ideias dissolventes da família, contra a dissolução dos costumes. (...) lutou com desassombro, com altivez sem respeito humano, como brasileiro e como católico, fiel a Cristo e à sua Igreja”<sup>392</sup>.

Nesse sentido, é possível notar o próprio fundador do impresso, quando em período eleitoral e como candidato, fazendo uso do jornal para sua campanha. Notar que, em alguns momentos, Compagnoni é articulista do jornal, fala em nome da sociedade leitora, pauta discussões para os agricultores da região e, em períodos eleitorais, o mesmo nome e a mesma foto se fazem presentes a partir do PRP, retoma os questionamentos sobre as ligações entre *O Pioneiro* e o partido. A eleição de 1950 foi aquela que não elegeu candidatos de Caxias do Sul e região para a Câmara Federal e que apontamos nos editoriais com o jornal fazendo reclamações sobre a divisão de votos que teria impedido o candidato natural de ser eleito; lembramos que, para nós, esse candidato defendido pelo jornal era o próprio Compagnoni, o que nos leva a pensar sobre a efetividade que essa página tenha tido no pleito, visto que ele, mesmo com o número de votos que teve, não foi eleito, bem como os candidatos ao Senado do PRP.

Outro ponto recorrente, já citado em outros espaços e que retomaremos, refere-se ao anticomunismo. É importante recordar que este, por mais que o tratemos em separado para valorizar a discussão, está intrinsecamente ligado à questão religiosa; ambos compõem uma mesma lógica discursiva e servem como principais articuladores dos discursos perrepostas. O período de Guerra Fria garantia um espaço de participação aos partidos e movimentos que se

<sup>391</sup> L. E. C., *O Pioneiro do Sul*, 16/09/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

<sup>392</sup> Manifesto de Universitários Católicos em apoio da candidatura de LUIZ COMPAGNONI à Câmara Federal, *O Pioneiro do Sul*, 16/09/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

definissem a partir do combate ao comunismo internacional e, nesse veio, o PRP traçou seu caminho. Rodrigo Oliveira (2009), analisando os materiais escritos por Plínio Salgado antes mesmo da fundação da AIB, define que este “estabelecia as bases de sua ação política, justificando como uma resposta nacionalista ao liberalismo em decadência e ao comunismo ascendente” (Oliveira, 2009, p. 124); a permanência, entre o que defendia a AIB e o PRP, das críticas ao liberalismo — mesmo que um pouco modificadas para atender ao contexto da década de 1940 e 1950 — e do uso da denúncia do comunismo para guiar as ações políticas do partido é digna de nota.

As referências, dessa forma, são recorrentes nas edições do Diretório Municipal que analisamos. Ora denunciando os comunistas infiltrados:

Também desta vez os comunistas procuraram candidatar os seus representantes por meio de outros partidos. Aqui no Rio Grande acaba de ser descoberta e denunciada ao Tribunal R. Eleitoral uma trama comunista.

Nada menos de 11 comunistas tinham sido inscritos no Partido Republicano neste estado. Mas os HOMENS DO PARTIDO DE REPRESENTAÇÃO POPULAR, SEMPRE ALERTA, descobriram e impugnaram os ditos candidatos.

(...)

Desta forma, mais uma vez, cabalmente, demonstraram os homens do Partido de Representação Popular, que estão vigilantes e diretamente combatem o Comunismo em nossa Pátria. A êles os nossos cumprimentos.<sup>393</sup>

Neste caso em específico, frisamos que o texto não foi escrito para a publicação no jornal *O Pioneiro*; ao fim do elogio aos atos do PRP, uma nota marca o fato de o texto ser transcrito do jornal *Correio Riograndense*<sup>394</sup>. Nesta mesma situação – transcrição de outros impressos e discurso anticomunista – algumas notas mais curtas reforçam o combate ideológico que o PRP intencionava fazer:

O P.R.P Inimigo Esclarecido do Comunismo!

<<ENTRE TODOS OS PARTIDOS POLÍTICOS DO BRASIL, DIGA — SE A BEM DA VERDADE, O P. R. P. É O ÚNICO INIMIGO DECLARADO, ESCLARECIDO, INTRANSIGENTE, CONSCIENTE E COERENTE NA LUTA CONTRA O COMUNISMO>>.<sup>395</sup>

A nota, em tom de demarcar os inimigos partidários, foi transcrita do jornal *Idade Nova* e, além do anticomunismo evidente, nas duas transcrições anteriores, notamos também o uso recorrente das variações entre caixa alta e baixa. Christofolletti (2021, p. 133) marca isso como uma tentativa de “aproximação com o leitor, utilizando-se, principalmente, de frases destacadas por vários pontos de exclamação, intercalação de caixas alta e baixa na disposição das palavras, estabeleceram uma relação de hierarquia entre elementos primordiais e

<sup>393</sup> Vigilante o P. R. P., *O Pioneiro do Sul*, 30/09/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

<sup>394</sup> As transcrições de outros jornais se repetem em outras situações e serão sempre pontuadas.

<sup>395</sup> O P.R.P. Inimigo Esclarecido do Comunismo!, *O Pioneiro do Sul*, 30/09/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, Mons. Olavo Passos.

acessórios na mensagem” – uso também encontrado em outros periódicos e materiais produzidos pelos integralistas desde seus jornais dos primórdios do movimento. Leandro Gonçalves encontrou o mesmo estilo de escrita em obras escritas diretamente por Salgado e pontua: “Uma das características dos textos de Plínio Salgado foi a adoção de um estilo grandiloquente, com algumas palavras em maiúsculas” (Gonçalves, 2012, p. 26).

A denúncia do avanço do comunismo era uma necessidade para inserção no debate público do período — lembremos a organização internacional a partir da lógica da Guerra Fria — e que, não só era utilizada pelo PRP, mas também permeava discursos de outros partidos do período, como da própria UDN, cujo candidato à Presidência da República foi endossado pelo PRP. Ambos partidos denunciavam a infiltração comunista no Estado brasileiro em qualquer aspecto de discordância política, de programa ou de rumos a serem tomados, além de mobilizar os eleitores contra um inimigo definido, mesmo que a definição de quem eram e como agiam estes inimigos fosse bastante genérica. Comunistas são qualquer coisa que queira se encaixar na leitura feita dos materiais, são os inimigos a serem combatidos, mesmo que eles não sejam claramente definidos, e este ponto é importante para entender o contexto que analisamos. Chauí (1978) lembra que, para analisar o integralismo e suas perspectivas,

será mais enriquecedor não tomar como critério a adequação ou inadequação entre o texto e o real, mas a representação do real veiculada pelo texto e, então, interpretar as diferenças e conflitos entre os documentos segundo as representações que oferecem do social, do político e da história e, conseqüentemente, segundo os destinatários que elegem. (Chauí, 1978, p. 34).

Charaudeau, ao pensar sobre o imaginário social, traz questões sobre o quanto esse imaginário interfere na vivência humana. Para o autor, “Parece de fato que, uma vez que ele reflete a visão que o homem tem do mundo social, o imaginário é da ordem do verossímil, isto é, do que sempre é possivelmente verdadeiro.” (Charaudeau, 2011, p. 204), e complementa frisando que “todo imaginário é um *imaginário de verdade* que essencializa a percepção do mundo em um saber (provisoriamente) absoluto. O imaginário resulta de uma dupla interação: do homem com o mundo, do homem com o homem.” (Charaudeau, 2011, p. 205, grifos no original). Ou seja, por mais que o monstro comunista a ser combatido não seja especificado, o imaginário produzido a partir dele se torna verossímil a ponto de auxiliar na organização das relações entre as pessoas e destas para com a sociedade; dessa forma, o imaginário social se torna importante para o grupo social que dele se utiliza, inclusive influenciando nas organizações políticas e suas alianças ou rivalidades.

Faz-se necessário reforçar que, apesar de muito presente e muitas vezes pensado como

o núcleo duro da ideologia e dos discursos integralistas, o anticomunismo não é exclusividade dos *camisas-verdes*. A UDN e o udenismo — Benevides (1981) e Chaloub (2009) trazem discussões interessantes para pensar o pensamento udenista para além do partido —, bem como outros movimentos políticos e da sociedade civil, nem sempre alinhados ao espectro direito da política, baseavam-se no combate ao comunismo para tomar suas posições frente à sociedade compondo, assim, um importante aspecto da cultura política que se inicia em 1945. Motta (2007) nos ajuda a compreender melhor a situação com o complemento de que o anticomunismo, embora profundamente influenciado pelos Estados Unidos, em especial durante a Guerra Fria, não existe apenas em função da importação. Para o autor, a aversão política ao movimento comunista — interno e externo — só pode ser entendida se pensada na média duração e reforça que

A Guerra Fria forneceu aos grupos de direita nacionais suporte internacional para apoiar seus intentos repreensivos, mas é equivocado o argumento de que a situação interna foi determinada pela externa. O anticomunismo não precisava ser importado dos Estados Unidos, ele já existia previamente e possuía aderentes inflamados. (Motta, 2007, p. 236).

Ainda nos materiais do caderno do PRP, na última edição com a página do Diretório a circular, portanto mais próxima da eleição, reforça os motivos da vida de Salgado que o definem como melhor candidato ao Senado pelo estado

— É preciso dar força a PLÍNIO SALGADO, a fim de que ele possa levantar sua voz poderosa em defesa do Cristianismo, da Pátria, da Família, de nossas tradições e instituições, contra o Comunismo, contra o Socialismo, contra a Demagogia. — Trabalhador Cristão, Chefe de Família, Cidadão Patriota — PLÍNIO SALGADO será a grande voz, neste momento conturbado da Pátria e da humanidade. Ele é combatido pelos comunistas, porque ele sempre lutou contra os comunistas!<sup>396</sup>

Ou ainda,

A companheira de exílio do autor de “Vida de Jesus”, descendente de imigrantes paulistas, falará à mulher gaúcha, numa rápida saudação que será como que um símbolo da união que deve existir entre todas as mulheres brasileiras, neste instante terrível de luta contra os inimigos de Deus, da Pátria e da Família.<sup>397</sup>

Lembramos, portanto, que pensar os discursos integralistas é levar em conta questões que vão muito além da escolha partidária; desde a fundação da AIB, as vestimentas, ritos e comportamentos permeiam todos os ambientes de vida dos militantes integralistas; a doutrinação feita não se limitava aos pleitos eleitorais e não focava apenas nas escolhas dos a serem colocadas nas urnas. A mobilização do lema *Deus, Pátria e Família*, que é utilizada desde a década de 1930 pelos integralistas, volta com força com o PRP e permite uma

<sup>396</sup> ELEITOR! Dê um voto de confiança ao Brasil votando nos Candidatos do P.R.P, *O Pioneiro do Sul*, 30/09/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

<sup>397</sup> D. Carmela Patti Salgado falará em Caxias do Sul, *O Pioneiro do Sul*, 30/09/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

percepção de continuidade do movimento. Apontamos nos editoriais que havia uma intertextualidade latente em alguns textos com o que defendiam os integralistas em diferentes momentos; aqui, o lema é reforçado em espaço partidário, mesmo que apareça em espaços que são vistos como voz oficial do jornal.

As crises, os problemas financeiros e as discordâncias com o andamento dos rumos do Estado brasileiro são debitados, invariavelmente, na mesma conta: “O Estado Brasileiro, teoricamente, de direito, pode não ser socialista; mas, de fato, realmente, ele marcha para o socialismo, pois seus tentáculos absorvem cada vez mais as atividades privadas, o trabalho particular”<sup>398</sup>; essa marcha ao abismo significa, para o partido, o comunismo, o socialismo, o materialismo. Esses problemas representados pelo materialismo serão enfrentados pelos candidatos lançados pelo Diretório Municipal: “O Brigadeiro e Plínio Salgado, unidos, significa o início de uma nova era para o Brasil — período de moralidade administrativa, de revigoração do espírito cristão, de combate e destruição do comunismo e do socialismo, de grandeza nacional”<sup>399</sup>.

Outras questões seguem nesse espaço do Diretório do PRP. Em “Candidatos e Partidos”, texto não assinado, encontramos alguns dos pontos que guiam o discurso partidário para a eleição. Quando apresentando as condições necessárias para ser candidato pelo partido, lembra que “jamais, ninguém conseguiu infiltrar-se e obter legenda, sem que essa pessoa se identificasse com as idéias do partido. O PRP não vende seu nome e não torra sua legenda”<sup>400</sup>. A busca pela pureza ideológica é uma constante do integralismo – não se acredita em partes do pensamento do movimento; ou se é integralista por completo ou se faz parte dos adversários a serem combatidos, e o uso do passado do movimento como meio de legitimação de seu novo formato é aparente. Essa mesma pureza deve ser questionada em análises, visto que os apoios dos perrepistas nem sempre seguiram uma lógica compreensível a partir da pureza ideológica que pregavam; esses possíveis questionamentos acerca das contradições são justificados pelos militantes constantemente a partir da perspectiva de que o integralismo não é um partido, logo não se limita ao PRP. O apoio dado ao candidato Eduardo Gomes na eleição de 1950 é explicado nesta perspectiva; apesar de ser candidato pela UDN, o apoio se justifica em função de que Plínio Salgado e Eduardo Gomes são “Os dois grandes líderes

---

<sup>398</sup> D. Carmela Patti Salgado falará em Caxias do Sul, *O Pioneiro do Sul*, 30/09/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

<sup>399</sup> Falam os Candidatos, *O Pioneiro do Sul*, 12/08/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

<sup>400</sup> Candidatos e Partidos, *O Pioneiro do Sul*, 09/09/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

nacionalistas, democráticos e cristãos”<sup>401</sup>.

Para Christofolletti (2021), são percebidos diferentes movimentos por parte do partido para afirmar a viabilidade da permanência do integralismo no tabuleiro político da década de 1950 e 1960, tão diverso do período em que a AIB via suas fileiras preenchidas nacionalmente. A *Enciclopédia* se traduzia como uma das possibilidades dessa tentativa de afirmação e reinterpretação do movimento para a contemporaneidade. Entretanto, as tensões entre os partidários do PRP e de seus contrários são percebidas em espaços variados e, mesmo neste curto espaço de tempo em que circulou a voz oficial do diretório municipal do partido, a questão é percebida no jornal que analisamos. Segundo o partido,

Nem se compreende outra coisa quando, depois da histórica decisão do Superior Tribunal Eleitoral, ainda se quer lançar sobre o sr. Plínio Salgado a pecha de nazista e bem assim ao P. R. P., à maneira do que foi feito por um jornal da capital.

A rigor, não nos preocupamos muito com os ataques que sofremos. Ao contrário, eles nos revelam sempre mais que já não somos os postergados de outrora. Nem se atira pedra em árvore que não dá fruto...

Mas, vem ao caso lembrar a decisão do T. S. E. porque foi ela efetivamente uma consagração ao Partido de Representação Popular, quando os magistrais votos, por unanimidade, mantiveram o registro do nosso Partido, considerando-o profundamente democrático, por sua doutrina e por sua conduta.<sup>402</sup>

Algumas questões podem ser levantadas a partir do comentário acima: o fato de que as acusações feitas sobre a ideologia integralista, que tentava se reinventar, serem tratadas como algo que não preocupa o movimento não encontra eco pelo simples fato de que, ao se dar o trabalho de responder às acusações, verdadeiras ou não, o texto acaba por trazer legitimidade para a pauta apresentada. Para Charaudeau, o discurso político nem sempre está atentando para o que pode ser verdade ou não; “O desafio aqui não é o da verdade, mas o da veracidade: não o que é verdade, mas o que eu creio ser verdadeiro e que você deve crer verdadeiro” (Charaudeau, 2011, p. 101). Nesse sentido, por mais que a discussão sobre o quão democrático é o PRP para o período eleitoral seja apresentada a partir da leitura do partido, para quem além de ser democrático e afirmado pelo tribunal responsável pela questão, o ponto não é de preocupação; o espaço dado para a questão acaba por torná-la legítima. Caldeira Netto (2011, p. 49) pontua que “A busca por desmentir as acusações de proximidades ou mesmo da existência de uma rede de colaboração que envolveria os integralistas com o nazismo e o fascismo italiano consumiu bastantes esforços do integralismo durante a gestação do PRP”; e, como percebemos, a busca segue também nos períodos eleitorais após sua fundação.

<sup>401</sup> Unidos, pelo bem do Brasil, *O Pioneiro do Sul*, 12/08/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

<sup>402</sup> Endereço Errado, *O Pioneiro do Sul*, 19/08/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

As tensões e questionamentos acerca da possibilidade de permanência do discurso integralista no período serão repetidos em diversos contextos; a retomada dos ritos, vestimentas e discursos, que acontece a partir do ano de 1957 e que serve como uma tentativa de reaproximar os militantes antigos do movimento, verá os questionamentos florescerem em um terreno já fértil para os contrários ao integralismo.

Outro ponto que damos atenção está relacionado ao fato de que, possivelmente por estratégia para evitar a perda de identidade partidária e ideológica — o que não se mostrou o bastante, visto o movimento que se inicia com os 25 anos da AIB —, mesmo que negando e questionando as acusações sobre as ligações do partido com os movimentos fascistas ou sobre a continuidade entre a AIB e o PRP, vez ou outra, a tentativa de demonstrar a continuidade se fazia presente. Como nos lembra Caldeira Neto,

Apesar destas diferenciações ressaltadas entre AIB e PRP, que eram explicadas por conta de supostas conjunturas históricas e políticas de cada período, a continuidade do integralismo no PRP era defendida pela presença da liderança de Plínio Salgado e grande parte das lideranças regionais da AIB, assim como pela importância dada ao espiritualismo comum entre AIB e PRP, e também na defesa da ideia que o integralismo estava acima de qualquer movimento político, sendo definido como um gerador de partidos políticos, e não fruto restrito destes. (Caldeira Neto, 2011, p. 51).

Essa mesma situação aparece no discurso empregado pelo diretório municipal do partido no *Pioneiro*. Se, por um lado, a questão é pensada a partir de que, segundo o Partido, “Triste ainda é a mentalidade política reinante em nosso País. O achincalhe, a calúnia e a delapidação mais torpe da dignidade alheia ainda imperam na conduta partidária, num sádico desejo de não evoluir”<sup>403</sup>, se referindo às acusações que seguem afirmando que o PRP e a AIB são a mesma coisa e, portanto, não deveriam ser aceitas nesse novo período democrático, por outro lado, a mesma página partidária afirmava que “Nós do PRP somos uma força. Viemos de 1932. Aguentamos a noite escura da ditadura. E poucos partidos vieram para a aurora democrática com a firmeza que nos caracteriza. Temos disciplina e fé. E tem, por isso, disciplina e fé, nossos candidatos”<sup>404</sup>. Nesse sentido, a disputa entre assumir a herança integralista da década de 1930 e ter, junto com ela, os questionamentos acerca da compreensão do movimento como o fascismo que há pouco havia sido derrotado na Segunda Guerra Mundial, é pauta debatida inclusive a partir dos discursos oficiais do movimento. Ademais, novamente apagam o apoio dado ao golpe que instituiu o Estado Novo e se colocam como atingidos pela ditadura, conseqüentemente permitindo a leitura de que são, em função disso, necessariamente democráticos.

<sup>403</sup> Endereço Errado, *O Pioneiro do Sul*, 19/08/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

<sup>404</sup> Candidatos e Partidos, *O Pioneiro do Sul*, 09/09/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

Mondin pouco destoa dos materiais que citamos até o momento como sendo a voz do partido,

Vemos presentes os mesmos velhos problemas e as mesmas velhas dificuldades retardando o nosso progresso e comprometendo a nossa civilização; sentimos como nunca as angústias do nosso povo e este mal estar que a todos domina, trazido pelos ventos maus no bojo das tempestades que convulsionam o mundo; há um anseio de solução estampado em cada rosto e uma profunda e indisfarçável inquietação assola as almas.<sup>405</sup>

A percepção de decadência da sociedade e de como essa situação é trazida pelo “mal estar” que vem trazido pelos “ventos máus no bôjo das tempestades que convulsionam o mundo” traz todo o peso anticomunista repisado pelo partido. Lembramos aqui o conceito de recursos de membros proposto por Fairclough (1996), o reforço recorrente entre a relação de alguns conceitos, as inferências propostas em textos variados e o público que é exposto repetidamente ao mesmo discurso, acaba por desenvolver relações que nem sempre são explícitas ao texto. Ao ligar de forma recorrente os problemas pelos quais a sociedade passa à ideia de que eles são frutos da falta de espiritualidade de uma sociedade que se torna cada vez mais materialista, aos poucos, define-se que o culpado pelo afastamento do espiritualismo é o próprio movimento comunista internacional e, com isso, os problemas civilizacionais, as angústias, o mal estar, as tempestades que inquietam a alma, trazem inferências que os recursos de membros permitem interpretar e concluir, mesmo que o “comunismo” não seja diretamente referenciado.

Ainda do texto assinado por Mondin, outra questão nos chama atenção. O texto publicado sob seu nome é mais longo do que a maioria dos materiais que encontramos no impresso e, como não era incomum nos jornais do período, com a falta de espaço para a totalidade do texto, sua continuação se dá em outra página. Nesse caso em específico, o que notamos é que, se o texto publicado pelo autor/candidato está impresso na página do partido, a continuação dele em páginas posteriores — lembramos que a página do partido é a segunda da publicação e a continuação do texto se dá na página nove —, sem que essa informação fosse grifada, permite que o leitor desatento compreenda o discurso partidário como parte do discurso do próprio jornal e não apenas do partido. Permitimo-nos inferir, aqui, que o fato de não preocupar a possível compreensão da concordância entre o partido e o jornal pode não ser mero descuido dos responsáveis pela impressão do material; essa inferência ganha maior importância com o que já apontamos em outros momentos da dissertação.

Na continuação do texto, sobre o partido, Mondin expressa:

---

<sup>405</sup> A Vitória será dos que têm fé e Trabalho, *O Pioneiro do Sul*, 12/08/1950, p. 02Página do Diretório Municipal do PRP, Guido Fernando Mondin.

Como filiados de um partido político que se erigiu por força de sua doutrina, de sua ação e de sua mística, num movimento pujante, numa escola de civismo, numa vigorosa consciência em marcha, nunca cessamos nosso trabalho. (...)

Ontem como hoje, hoje como amanhã, na esteira do nosso sonho, não nos considerando como ‘pau podre á mercê das correntes até o turbilhão das cataratas, mas capazes de nadar contra a própria corrente, pela força dos nosso músculos e pela luz do nosso espírito, eis que nos apresentamos agora a realizar, com todo o vigor, com o peso de todas as nossas possibilidades uma das cinco tarefas fundamentais do Partido de Representação Popular, qual seja a ação política. Sem descurmarmos os quatro outros se [*aqui é o fim da página comentado no parágrafo anterior; a continuação do texto se dá na página 09, sem qualquer grifo que remeta o texto diretamente ao partido*] tores — o cultural, o social, o moral e o cívico, eis-nos, companheiros e simpatizantes de Caxias do Sul em pleno período eleitoral.<sup>406</sup>

Segue, portanto, a tentativa de, ao mesmo tempo em que quer se distanciar de alguns aspectos da AIB e dos movimentos fascistas europeus, tentar também traçar uma linha de continuidade do pensamento. Desde a carta publicada por Plínio Salgado antes de assumir o PRP enquanto sequer estava em terras brasileiras, o fundador e principal influência do movimento já abordava a questão de que o integralismo não era um partido, e sim uma doutrina, o que, consequentemente, permitia que o mesmo existisse em diferentes condições a depender do contexto (Caldeira Neto, 2011, *passim*). Essa mesma lógica é utilizada por Mondin, ainda mais ao frisar que o integralismo — sem citá-lo diretamente, mas a relação é evidente —, mesmo que agora, no PRP, fosse dedicar-se ao setor político, os demais — que segundo o autor não se relacionariam com a política, a saber o cultural, o social, o moral e o cívico — não seriam abandonados. A doutrina integralista, portanto, não se limitaria ao político e às eleições. Nas palavras de Mondin:

Plínio Salgado este gênio da nacionalidade, queiram ou não queiram - a maior expressão contemporânea do homem brasileiro, definia no seu magistral discurso de domingo último em Pôrto Alegre a doutrina defendida pelo Partido de Representação Popular, demonstrando com a sua clareza de apóstolo, que nós, populistas, não modificamos uma linha sequer do nosso pensamento, que não deve ser confundido com programa, sujeito a contingências históricas.<sup>407</sup>

Luiz Compagnoni, fundador do impresso, aparece nestas páginas, portanto, não mais como dono ou persona importante para o jornal; fala, desta vez, como candidato

A campanha eleitoral para o pleito de 3 de Outubro, deve visar, antes de tudo, o alevantamento (sic) do nível político do povo brasileiro. Mas este objetivo não será alcançado, se, antes, não batalharmos pelo esclarecimento deste mesmo povo, no tocante aos grandes problemas nacionais. Seja nossa divisa, com este altíssimo objetivo, lutarmos por uma renovação completa dos quadros políticos da Nação.<sup>408</sup>

<sup>406</sup> A Vitória será dos que têm fé e Trabalho, *O Pioneiro do Sul*, 12/08/1950, p. 02 e 09, Página do Diretório Municipal do PRP, Guido Fernando Mondin.

<sup>407</sup> A Vitória será dos que têm fé e Trabalho, *O Pioneiro do Sul*, 12/08/1950, p. 09, Página do Diretório Municipal do PRP, Guido Fernando Mondin.

<sup>408</sup> O Povo Reclama uma Nova Geração Política!, *O Pioneiro do Sul*, 12/08/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, Luiz Compagnoni.

Atentemos para alguns pontos do trecho anterior: Fairclough, ao trazer as percepções de intertextualidade para a análise do discurso, marca bem o espaço referente às suposições trazidas pelo texto. Para o autor, os textos sempre fazem suposições, trazem o que dizem sobre um pano de fundo do que não dizem, mas que estão presentes e que deixam pistas a serem seguidas pelos que têm acesso aos textos (Fairclough, 2003, n/p)<sup>409</sup>. No caso transcrito, a escolha de palavras chama atenção: ao afirmar a necessidade do “alevramento” (sic) do nível político brasileiro, o não dito esclarece que a política passa por um momento de queda em sua qualidade. Com o problema apontado, a resolução também passa pelo texto — neste caso, na página de partido político específico e pelas mãos do autor do texto; a resolução desse problema passa pela condução da população ao “altíssimo objetivo” de renovar a política nacional.

Mesmo que não fosse diretor do impresso e nem lembrado como fundador, a legitimação de Luiz Compagnoni como candidato da cidade é perceptível, e aqui retornamos à leitura implícita de que era o candidato natural a ser eleito pela cidade e, em função da negativa, a reclamação feita em editorial já analisado. Um dos mais recorrentes escritores nas páginas do *Pioneiro* se fazer presente na página do diretório municipal do partido auxilia na inferência que apresentamos sobre a importância do sujeito frente ao PRP. De suas páginas, “O deputado Compagnoni — reconhecem-no todos, inclusive adversários — foi um dos parlamentar mais eficientes do Parlamento Estadual; foi o iniciador de grandes campanhas pelo bem, pelo maior prestígio do nosso povo”<sup>410</sup>, e, para evitar que a eleição não se perca, pontua: “qualquer manobra divisionista, mesmo na forma simpática que acima descrevemos, poderá impedir que um ilustre filho de Caxias do Sul ingresse na Câmara Federal”<sup>411</sup>.

A discussão que abordamos não diz respeito ao merecimento ou não da candidatura e da possível eleição; a pesquisa sequer se propõe a analisar a recepção dos escritos do jornal e, mesmo que assim o fizesse, avaliar o candidato seria consideravelmente subjetivo. O que nos chama atenção é que, mesmo se dizendo neutro, falando em nome da sociedade e sem qualquer ligação política, seu principal idealizador e um dos principais articulistas, em

---

<sup>409</sup> “But I am also going to link assumptions to intertextuality. I use the general term 'assumptions' to include types of implicitness which are generally distinguished in the literature of linguistic pragmatics (Blakemore 1992, Levinson 1983, Verschueren 1999) as presuppositions, logical implications or entailments, and implicatures. My main concern is with presuppositions, but I shall briefly discuss these distinctions at the end of this chapter. Texts inevitably make assumptions. What is 'said' in a text is 'said' against a background of what is 'unsaid', but taken as given. As with intertextuality, assumptions connect one text to other texts, to the 'world of texts' as one might put it.” (Fairclough, 2003, n/p, tradução nossa).

<sup>410</sup> Caxias do Sul Precisa Consagrar nas Urnas o Nome de LUIZ COMPAGNONI, *O Pioneiro do Sul*, 26/08/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, Humberto Bassanesi.

<sup>411</sup> *Idem*.

período eleitoral, faz-se presente na página do único partido que tem seu espaço exclusivo no jornal e, por meio desta página, a partir de suas próprias palavras, e também das palavras de outrem, vê seu nome ser alçado ao candidato da região em que o impresso circula.

A mobilização pelo voto, já presente nos editoriais, também se fará a partir do caderno partidário e proporá alguns parâmetros para a escolha dos candidatos para a eleição. Compagnoni faz sua parte pela mobilização eleitoral: “É pelo voto que escolhemos os futuros governantes, aqueles que redigirão, promulgarão e sancionarão as leis que regerão as relações entre os cidadãos”<sup>412</sup>; mas esclarece, ao mesmo tempo, os riscos a serem atentados enquanto eleitores, afinal “Sabemos que comunistas, socialistas, esquerdistas, inimigos da Religião, da Pátria, da Família, unem-se, trabalham, a fim de destruir estes nossos fundamentos de vida”<sup>413</sup>. O poder expresso através da ideologia é outro ponto a ser analisado por meio do discurso. Para Fairclough (1996, p. 33), o “Poder ideológico, o poder de projetar as próprias práticas como universal e 'senso comum', é um complemento significativo para poder econômico e político, e de particular significado aqui porque é exercido no discurso”<sup>414</sup>. Ao definir os riscos impostos pela união desses políticos não dignos de votos, estes que querem destruir os fundamentos da vida — colocar-se como membro dos que correm esse risco auxilia na universalização do perigo —, a construção ideológica produz um senso comum bastante compreensível para o período em questão. Votar é importante, sacralizar o ato de votar agrega valor à ação; mais importante, no entanto, é combater os inimigos que estão à espreita do período eleitoral “‘tinindo’, com o título eleitoral na mão, esperando o pleito. E votariam duas, três e mais vezes, se pudessem”<sup>415</sup>.

O salvacionismo é uma constante do pensamento integralista desde sua origem, e o moralismo, a necessidade de se fazer condutor para um bem maior dessa população que ainda não entendeu as verdadeiras necessidades e rumos necessários a tomar, permite um elo bastante forte entre os discursos perrepeistas do período e os udenistas; esta lógica de discurso pode ser compreendida como a “maneira como determinado grupo político conservador no Brasil se apropriou do liberalismo. (...) a restrição à participação popular na política; o elitismo; o antigetulismo; o liberalismo econômico; o antiestatismo; o moralismo; o bacharelismo e o anticomunismo” (Ferreira; Gomes, 2018, p. 260). Compagnoni, ao

<sup>412</sup> Votar é um dever, *O Pioneiro do Sul*, 19/08/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, Luiz Compagnoni.

<sup>413</sup> *Idem*.

<sup>414</sup> “Ideological power, the power to project one's practices as universal and 'common sense', is a Significant complement to economic and political power, and of particular significance here because it is exercised in discourse.” (Fairclough, 1996, p. 33, tradução nossa).

<sup>415</sup> Votar é um dever, *O Pioneiro do Sul*, 19/08/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, Luiz Compagnoni.

identificar o baixo nível político da população brasileira como um dos problemas a serem resolvidos, lembra que “este objetivo não será alcançado, se, antes, não batalharmos pelo esclarecimento deste mesmo povo, no tocante aos grandes problemas nacionais”<sup>416</sup>. Como apontamos nos editoriais, o ataque a Vargas não aparece, mesmo que façam campanha para Eduardo Gomes nesse pleito eleitoral; de resto, o liberalismo udenista é parte constitutiva do que defendiam os perrepistas.

Afonso Almeida é outro candidato, assim como Compagnoni, que além de aparecer nos pequenos anúncios de sua candidatura, assina textos. Almeida é candidato a Deputado Estadual e assina um único texto apresentando seu nome para a candidatura. A definição de sua candidatura é feita da seguinte forma:

Acostumado a uma vida de trabalho, não sou daqueles que costuma fazer promessas. Candidato do P. R. P. de Caxias do Sul à Assembléia Legislativa do Estado, o maior programa que posso apresentar é o mesmo que serve de base ao meu Partido. Examinando os itens deste maravilhoso programa, encontraremos soluções para todos os problemas que nos afligem.<sup>417</sup>

O autor não tinha, até então, assinado outros textos que aparecessem em espaço destacado no jornal. Este se fez presente apenas quando candidato pelo PRP. O texto não versa sobre debates de fundo partidário e ideológico de forma aprofundada, apenas se apresenta como candidato pela cidade, coloca-se como aliado político e amigo de Guido Mondin e promete que “tudo farei para não desiludir aos que confiarem na minha conduta e no meu caráter”<sup>418</sup>.

Humberto Bassanesi, sujeito que inicia o espalhamento da AIB pela região e bastante próximo de Compagnoni, é outro sujeito a assinar texto na página do PRP; este também em uma só oportunidade. Como já apontamos, Compagnoni, na década de 1930, havia escrito e, inclusive, ocupado o cargo de gerente do jornal *O Bandeirante*, órgão oficial de divulgação e doutrinação da Ação Integralista Brasileira. Na mesma edição d'*O Bandeirante* em que Compagnoni aparece como gerente e assina um texto de capa, Bassanesi é apresentado como diretor do impresso, além de ser um dos 3 vereadores eleitos pela AIB na eleição de 1935 em Caxias do Sul.

No pós-Estado Novo, Bassanesi é eleito vereador em Caxias do Sul nas eleições de 1947 e 1955 pelo Partido de Representação Popular, sendo possível inferir que a presença do autor no espaço partidário não se faz por mero apoio às candidaturas. A ligação de décadas entre os sujeitos e destes com o integralismo nos leva ao cuidado com seu texto, mesmo que

---

<sup>416</sup> O Povo Reclama uma Nova Geração Política!, *O Pioneiro do Sul*, 12/08/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, Luiz Compagnoni.

<sup>417</sup> A palavra do candidato de Caxias do Sul, *O Pioneiro do Sul*, 12/08/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, Afonso Almeida.

<sup>418</sup> *Idem*.

sua representatividade no todo do *corpus* documental que trabalhamos não tenha maiores efeitos para a pesquisa.

O texto assinado por Bassanesi na página do Diretório Municipal do PRP é feito em nome da candidatura de Compagnoni para a Câmara Federal, e esta é feita num contexto em que, segundo o texto, outras candidaturas, mesmo que defendendo Compagnoni, tentavam dividir seus votos, como se segue:

Realmente, não deixa de ser simpática a atitude de partidários de outras candidaturas, reconhecendo o valor, a capacidade, o espírito de iniciativa, as realizações legislativas ou não do deputado Compagnoni. Assim agindo, fazem justiça a esta figura que tanto tem honrado o nome de Caxias do Sul, na Assembleia Legislativa do Estado e fora dela.

No entanto, este modo de conduzir a campanha eleitoral é deveras insidiosa, porquanto pode fazer diminuir a votação daquele que, para continuar sua ação eficiente pelo bem de Caxias do Sul e das populações do interior, deve obter uma votação que seja a aprovação de seus trabalhos.<sup>419</sup>

A divisão dos votos é um receio — justificado, como mostrará o resultado eleitoral — e os motivos são evidentes para o jornal:

Deste dilema não há que fugir: qualquer manobra divisionista, mesmo na forma simpática que acima descrevemos, poderá impedir que um ilustre filho de Caxias do Sul ingresse na Câmara Federal. E isto constituiria um fato deveras lamentável, porquanto nossa cidade e esta região perderiam uma oportunidade única na história da política local e nacional: a de ver um seu filho levantar sua voz na sede do Poder Legislativo Federal.<sup>420</sup>

A quantidade de votos feita por Compagnoni, mesmo que consideravelmente alta, não foi suficiente para garantir a eleição em função dos votos obtidos pelo partido.

Bassanesi tenta evitar a divisão de votos, lista variados motivos para a consagração de Compagnoni nas urnas, lista qualidades múltiplas do candidato, mas a perspectiva ideológica partidária não se faz presente em seu texto. Se na década de 1930 era abertamente integralista e militava nas fileiras dos *camisas-verdes*, neste texto, escrito e publicado cerca de 20 anos depois, o foco é absolutamente voltado ao candidato, sem qualquer referência ideológica. Para além de Compagnoni, a única citação feita sobre o pleito eleitoral é bastante ampla: “Isto se chama fazer democracia da mais pura e legítima: aprovar os que agiram e agem bem”<sup>421</sup>.

Mesmo que os nomes mais recorrentes sejam ligados ao PRP e à UDN, Plínio Salgado e Eduardo Gomes são os nomes mais citados no período. É necessário que se atente para algumas justificativas apresentadas para o apoio às candidaturas. Um espaço de manobra é aberto já em finais da década de 1940 para possíveis alianças e coligações não tão

<sup>419</sup> Caxias do Sul precisa consagrar nas urnas o nome de LUIZ COMPAGNONI, *O Pioneiro do Sul*, 26/08/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, Humberto Bassanesi.

<sup>420</sup> *Idem.*

<sup>421</sup> *Idem.*

convencionais; estas são pensadas e legitimadas em níveis municipais, estaduais e nacionais. A mesma página que lança Plínio Salgado ao Senado e nomeia o Brigadeiro como “O futuro presidente da nação” esclarece

Muitos não compreendem porque tendo o Partido de Representação Popular apoiado a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes para a Presidência da República, não apoia sistematicamente nos Estados o Partido que o lançou. É muito fácil a explicação. Nossa unidade partidária se firma antes e acima de tudo em função de princípios. Não se verificando o mesmo fato com as demais correntes, somos obrigados a tomar atitudes diferentes nos Estados, porque todo o nosso cuidado é apoiar aqueles homens que sejam portadores de idéias que se identifiquem com as nossas.

(...)

Coerentes conosco mesmos, somos obrigados a olhar o passado e a conduta deste ou daquele candidato, para nos decidirmos. Eis porque num Estado apoiamos o candidato de um Partido e, em outro, o de um partido diferente. Nossa coerência, pois, está ressaltada e a nossa atitude torna-se compreensível a qualquer mentalidade.<sup>422</sup>

Ao lançar a possibilidade, já em 1950, na primeira eleição em que *O Pioneiro* imprime em suas páginas que é possível manter a coerência com o que se defende mesmo que com o apoio ou apoiando candidatos que estão em partidos diferentes, possivelmente em espectros políticos opostos, o espaço para as discussões políticas ganha campo diferente para percorrer, principalmente se colocarmos na mesa a defesa de pureza ideológica que aparece em muitas situações.

Já na eleição de 1950, duas edições após explicitar o que seria a coerência política do PRP para o período, junto com uma fotografia intitulada “Fotografia Histórica!”<sup>423</sup>, em que Plínio Salgado e Cylon Rosa estão sentados e conversando, lemos: “Plínio e Cylon unidos para a Grandeza do Rio Grande”<sup>424</sup>. O texto que segue traz mais detalhes:

Em 1946, quando nem se pensava nas eleições de 1950, Plínio e Cylon conversavam com efusão d’alma. Hoje, estão unidos, pela grandeza do Rio Grande do Sul. Dois partidos poderosos apoiam suas candidaturas: Cylon Rosa para o Governo do Estado; Plínio Salgado para o Senado Federal.

Os Homens do P. R. P. não podem esquecer o belo e corajoso gesto de Cylon, praticado numa época em que tudo se permitia contra a honra, a dignidade e o patriotismo de Plínio Salgado.

OS HOMENS DO P. R. P. TUDO FARÃO PARA ELEGER CYLON ROSA.<sup>425</sup>

Dessa forma, com a possibilidade já lançada em texto anterior, assumia-se a coligação PRP/PSD na eleição de 1950 no Rio Grande do Sul, sem que a coerência fosse questionada. A porta aberta para 1950 seguiria sem trancas e seria atravessada sempre que necessário, afinal, as ideias perrepistas estavam acima dos partidos — discurso que já tinha sido utilizado

<sup>422</sup> Coerência e Dever, *O Pioneiro do Sul*, 19/08/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, Guido Fernando Mondin.

<sup>423</sup> *O Pioneiro do Sul*, 02/09/1950, p. 02, Página do Diretório Municipal do PRP, não assinado.

<sup>424</sup> *Idem*.

<sup>425</sup> *Idem*.

quando em tempos da AIB e que, agora, permitia aumentar os votos. O apoio do PRP à candidatura de Eduardo Gomes (UDN) em nível nacional e a Cylon Rosa (PSD) no estado custou a vaga ao Senado no Rio Grande do Sul, a qual ficou com Plínio Salgado e o PRP; as negociações, no entanto, desagradaram o Partido Liberal que, com o desconforto trazido pelo apoio ao “ex-chefe” integralista, impediu a criação de uma frente liberal-conservadora contra o PTB. O PL, frente à discordância, lançou candidatos ao senado e ao governo estadual (Bodea, 1992, p. 63-64), alcançando Edgar Schneider cerca de 11% dos votos na disputa pelo cargo de governador, e cerca de 13% dos votos para Décio Lima ao Senado, o que poderia mudar os rumos da eleição em caso de campanha conjunta.

Os indícios nos permitem, portanto, inferir que, mesmo ao defender uma neutralidade editorial do impresso, em períodos eleitorais, principalmente quando para uso em nome de algumas pautas específicas e alguns partidos, a pretensa neutralidade não se fazia presente. O jornal, neste período, não tinha um caderno voltado para política. Portanto, ao passar da capa para a página 2, as discussões políticas abordadas neste curto período do ano de 1950 seriam feitas a partir da lente de um partido político específico. Alguns dos sujeitos que aparecem na Página do Diretório nestas oito edições — seja assinando textos, sendo citados ou tendo suas fotos estampadas — são personalidades que permearam e seguirão aparecendo no jornal em períodos não eleitorais; logo, não como candidatos.

Acreditamos que essa atenção mais detalhada ao caderno do partido permite delimitar melhor os posicionamentos e filiações partidárias de alguns sujeitos; suas presenças em outros textos no jornal e que não se colocam como discussões políticas acabam por trazer outras perspectivas para que sejam analisadas. Necessário apontar também o fato de que, mesmo que a campanha de 1950 tenha mobilizado *O Pioneiro* em nome dos candidatos da UDN, PSD e principalmente PRP, a eleição não trouxe resultados satisfatórios. O Governo Federal teria a vitória de Getúlio Vargas (PTB) em detrimento de Eduardo Gomes (UDN); ao Senado, seriam eleitos Pasqualini (PTB) e Beck (PTB), e o Governo Estadual ficaria nas mãos de Dornelles (PTB). À Câmara Federal, o PTB elegeria uma maioria de 10 cadeiras, enquanto o PRP faria apenas Wolfram Metzler deputado federal; enquanto à Assembleia Legislativa, o PTB elegeu 21 deputados e o PRP, apenas 4. Para Bodea (1992, p. 89-90), “Muitos dos eleitores dos pequenos partidos ao nível estadual, votariam portanto em Vargas, Dornelles e Pasqualini e no PTB, ao nível federal” e ainda afirma que as populações de imigração alemã e italiana não teriam grande resistência aos nomes lançados pelo PTB, o que explicaria o resultado eleitoral mesmo frente à campanha eleitoral.

O único Deputado Federal eleito pelo PRP neste pleito, Wolfram Metzler, será central

para a nossa próxima seção. Sigamos a ela.

#### 4.2 - A eleição de Wolfram Metzler

Neste subcapítulo, seguimos atentando para a pretensa neutralidade pregada pelo jornal, atentando para os conflitos encontrados entre o que era proposto e o que pode ser percebido nas edições que circulam. Encontramos poucas edições extras no período por nós analisado, e apenas esta que apresentamos agora tem vinculação política, o que nos leva a concluir como necessária a atenção ao esforço em produzir uma edição que fugisse aos padrões de circulação do jornal.

O ano de 1954 teve eleições gerais; nestas, foram renovados onze governos estaduais, dois terços do Senado Federal, toda a Câmara dos Deputados e as Assembleias Legislativas. O Rio Grande do Sul foi um dos estados a realizar o pleito, e *O Pioneiro* teve participação nas discussões eleitorais e partidárias do período, como não deixaria de ser. Atentamos, assim como no subcapítulo anterior, aos casos nos quais o impresso abraça um partido ou uma candidatura específica, mesmo que recorrentemente frise o fato de não ter ligações políticas e partidárias.

No dia 4 de agosto de 1954, uma quarta-feira — portanto, fora inclusive do dia comum, já que nesse período as edições semanais circulavam aos sábados —, circulou uma edição do jornal composta por 4 páginas e que é apresentada como “Edição Extra”. Para além do dia, a edição traz um ponto decisivo para virar o centro de análise: toda ela é dedicada à candidatura de Wolfram Metzler ao governo estadual. As 4 páginas apresentam fotografias do candidato, palavras de ordem, textos de outros autores e 27 itens que são apresentados como partes da plataforma de governo de Metzler. Na capa, um pequeno quadro pontua: “Esta edição constitui uma divulgação procedida pelo Diretório Municipal do Partido de Representação Popular de Caxias do Sul, dentro das formas consuetudinárias”<sup>426</sup>.

---

<sup>426</sup> Nota da redação, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 01.

Figura nº 27 - Edição Especial Wolfram Metzler.

# PARA GOVERNADOR DO ESTADO Wolfram Metzler

## UMA BANDEIRA DE RENOVAÇÃO

### PIONEIRO

Director Responsável: MARIO GARDELIN  
CAXIAS DO SUL — 4 DE AGOSTO DE 1954  
ASS. ANUAL CR\$ 40,00  
NUM. 41

### Edição Extra

#### Integra da Plataforma de Wolfram Metzler

Nos dias 24 e 25 de Julho, o PRP do Rio Grande do Sul reuniu-se em sua IX Convenção Estadual para lançar oficialmente os seus candidatos ao próximo pleito de outubro. Entre o mais vivo entusiasmo e vibração da numerosa assistência, que lotava as dependências da Assembléa Legislativa, onde se realizaram as sessões da Convenção, foi proclamada a candidatura do deputado federal Wolfram Metzler para Governador do Estado. Com igual vibração foi aprovada a plataforma eleitoral do candidato do PRP à Governança do nosso Estado, transmitida pelas emissoras locais, e cujo texto é o seguinte:

Quã a vontade unânime dos representantes autorizados do Partido de Representação Popular que eu fosse candidato à governança do Rio Grande do Sul no pleito que se aproxima. Sintoma escarçado pela imensa responsabilidade que colastes sobre os meus ombros e, por certo, não teria coragem para enfrentar a árdua tarefa, não fosse a minha inequívoca fé que o Partido estava obedecendo aos desígnios da vontade divina ao assumir esta atitude.

Hoje, mais do que ontem, creio que «Deus dirige o destino do homem e dos povos», palavras estas que encontrei no momento escrito com letras de ouro o Manifesto de Outubro, douro, que a muitos de nós arrastou as lides da política.

Diante da insistência e da teimosia que demonstrastes ao escolher e ao fixar-vos em mim nome não me pareceu justo re-

sistir, e eis que aqui estou para o que der e vier.

Quão, defrontamos três nomes dignos, pertencentes a partidos dignos. As manifestações dos demais candidatos já nos

certeza, que o nosso Rio Grande do Sul apresentará ao Brasil e ao mundo um belo espetáculo de civismo e de democracia. Sei que os meus companheiros, membros do Partido de Representação Popular e simpatizantes, saberão responder aos nobres propósitos dos Srs. Rio Meneghetti, Alberto Pasqualini e General José Diogo Brochado da Rocha, aos quais envio neste momento as minhas homenagens.

Sinto-me emagado pelo peso da responsabilidade, certamente não porque tenha o ânimo aquecido, ou porque seja portador de complexos de inferioridade, ou porque tema a derrota.



DEPUTADO WOLFRAM METZLER, denodado parlamentar, médico ilustre e escritor brilhante, candidato do PRP ao Governo do Estado, escolhido em memorável Convenção.

lenga, tenho levado muito a sério as obrigações que o meu trabalho tem me imposto. Já enfrentei inúmeras dificuldades, que pareciam intranqueáveis; tenho-as vencido de um modo satisfatório, graças à ajuda de dedicados amigos e graças à ajuda de Deus que não tem me faltado nas horas mais difíceis.

A tarefa que me impuserdes desta vez, é a mais difícil e a maior de toda a minha vida. Sinto-me pequeno, insignificante diante do vulto da mesma. Preciso pois contar, desde já com a vossa colaboração e apoio da graça de Deus, que imploro, humildemente, em cada momento.

#### 1 TEMOS AS MESMAS POSSIBILIDADES DE VENCER DOS OUTROS CANDIDATOS

Temos as mesmas 25% de probabilidades de vitória como os demais candidatos. Em nada, somos inferiores aos nossos dignos concorrentes. Nas fileiras do nosso partido, contamos capazes para enfrentar qualquer tarefa governamental e podemos assumir as responsabilidades do poder em igualdade de condições com qualquer um dos demais partidos. Sempre, em toda a minha vida, que já vii se tornando

#### NOTA DA REDAÇÃO:

Esta edição constitui uma divulgação procedida pelo Diretório Municipal do Partido de Representação Popular de Caxias do Sul, dentro das formas consuetudinárias.

#### 2 ESTAMOS COLHENDO OS AMARGOS FRUTOS QUE RESULTAM DA IMPREVIDÊNCIA DE GERAÇÕES E DE GOVERNOS PASSADOS.

Na realidade, o nosso Rio Grande está em uma situação das mais difíceis. Em parte, como reflexo das dificuldades que assolam todo o mundo, em especial a nossa pátria, o Brasil. Estamos colhendo os amargos frutos que resultam da imprevidência de gerações e de governos passados.

Não está a hora para levantar acusações. Contentemo-nos em registrar o fato pouco confortador de que o Rio Grande do Sul está sofrendo uma crise profunda, que atinge as raízes, a base de toda a sua estrutura. Os remédios precisam ser heróicos, e sómente poderemos aspirar a um resultado positivo. (Cont. na pág. 5)

#### Proclamação do Partido de Representação Popular

AO POVO DO RIO GRANDE DO SUL

Povo Gaúcho! O Partido de Representação Popular apresenta-se perante o povo deste glorioso Estado, lançando sua candidatura ao Governo do Rio Grande do Sul.

WOLFRAM METZLER foi o nome escolhido, por unanimidade por gaúchos de todos os recantos da terra farroupilha, para inaugurar um governo sem precedentes na história de nossa administração estadual. Depois de termos, sinceramente, tentado colhar com outras entidades partidárias, para darmos ao nosso Estado o Governo que seu grande Povo reclama, verificamos que, desta triste fase de nossa história política, onde não se cumprem os compromissos políticos publicamente assumidos, o que de melhor poderíamos fazer pela nos-

proteção, principalmente nos seus bravos pequenos agricultores, sejam sacrificadas com impiedos injustos, anti-sociais, ou não suceda agora com os três por cento (3%) cobrados dos que trabalham na terra. Queremos WOLFRAM METZLER porque queremos melhorar a sorte dos que vivem nas cidades, principalmente o operariado, vítimas dos abusos governos e dos meus pais. E com seguridade este objetivo, porque nossa grande bandeira é a valorização do trabalho humano; estímulo real aos que trabalham na terra, para que possam produzir bastante para alimentar e dignificar os que trabalham nas fábricas, nos escritórios, nas repartições, nas escolas, nos bancos e em todas as lides.

Seria muito mais fácil para nós não ter que suportar os sacrifícios que acarretam o lançamento da candidatura própria — candidatura que representa total desligamento de todo este passado político caracterizado pelo desparcialismo, pelo não cumprimento da palavra empreendida, pela passividade administrativa, pela incapacidade, pela falta de planejamento e de realizações concretas e definitivas, capazes de colocarem o Rio Grande do Sul na verdadeira posição que lhe merece na Federação.

Lançamos Wolfram Metzler ao Governo do Estado, porque não queremos que o Rio Grande do Sul continue sendo espoliado por uma falsa política, feita com fins demagogicos, destinada a atender os grandes centros consumidores.

Queremos que Wolfram Metzler seja Governador, por não queremos que dezenas de milhares de famílias gaúchas com honra e orgulho, abandonem as nossas terras, emigrando para outros Estados e, até, para o estrangeiro, por não haver nesta terra um Governo capaz, através de uma sábia política administrativa, impedir ea sangria de nossas mais fecundas regiões.

Queremos WOLFRAM METZLER como Governador para impedir que nossas atividades

proteção, principalmente nos seus bravos pequenos agricultores, sejam sacrificadas com impiedos injustos, anti-sociais, ou não suceda agora com os três por cento (3%) cobrados dos que trabalham na terra. Queremos WOLFRAM METZLER porque queremos melhorar a sorte dos que vivem nas cidades, principalmente o operariado, vítimas dos abusos governos e dos meus pais. E com seguridade este objetivo, porque nossa grande bandeira é a valorização do trabalho humano; estímulo real aos que trabalham na terra, para que possam produzir bastante para alimentar e dignificar os que trabalham nas fábricas, nos escritórios, nas repartições, nas escolas, nos bancos e em todas as lides.

Seria muito mais fácil para nós não ter que suportar os sacrifícios que acarretam o lançamento da candidatura própria — candidatura que representa total desligamento de todo este passado político caracterizado pelo desparcialismo, pelo não cumprimento da palavra empreendida, pela passividade administrativa, pela incapacidade, pela falta de planejamento e de realizações concretas e definitivas, capazes de colocarem o Rio Grande do Sul na verdadeira posição que lhe merece na Federação.

Lançamos Wolfram Metzler ao Governo do Estado, porque não queremos que o Rio Grande do Sul continue sendo espoliado por uma falsa política, feita com fins demagogicos, destinada a atender os grandes centros consumidores.

Queremos que Wolfram Metzler seja Governador, por não queremos que dezenas de milhares de famílias gaúchas com honra e orgulho, abandonem as nossas terras, emigrando para outros Estados e, até, para o estrangeiro, por não haver nesta terra um Governo capaz, através de uma sábia política administrativa, impedir ea sangria de nossas mais fecundas regiões.

Queremos WOLFRAM METZLER como Governador para impedir que nossas atividades

## ESTÁ A HORA DE MUDAR!...

O Remédio não é trocar! Precisamos mudar! A troca pode ser de coisa velha com coisa velha! A mudança significará o fim da coisa velha, com o advento de um Mundo Novo!

Está na hora de mudar! Vamos marchar com WOLFRAM METZLER e com o PRP pelo bem do Rio Grande! Pelo bem do Brasil!

Fonte: AHMJSA, *Pioneiro* 04/08/1954, BNDigital, acessado em 24/02/2023.

A figura que apresentamos mostra a capa da Edição Extra do *Pioneiro*. Como referido, a edição toda foi dedicada à candidatura de Wolfram Metzler. No canto inferior esquerdo, encontra-se a “Nota da Redação”, ligando a publicação diretamente ao Diretório Municipal do PRP. Essa é a segunda vez, portanto, que o PRP tem espaço exclusivo na circulação do jornal. Nenhum outro partido teve uma página para seu diretório partidário, como já analisamos no ano de 1950, tampouco uma edição extra que contemplasse suas pautas políticas e candidatos concorrentes. A análise será centrada, a partir de agora, nos discursos empregados nesta edição.

Considerável o fato de o PRP não ter lançado candidatura solo ao governo do estado até então: em 1947 apoiou Walter Jobim (PSD), no ano de 1950, esteve apoiando a candidatura de Cylon Rosa (PSD) e em eleições, como para a prefeitura de Porto Alegre em 1951, já tinha apoiado inclusive candidatos do PTB sem um efetivo sucesso. Bodea (1992, p. 113) defende que, mesmo já tendo apoiado o PTB em outras situações e inclusive governado em conjunto — Caxias do Sul teve mais de uma vez prefeito petebista e vice-prefeito perrepista —, o apoio a um candidato ideológico, como era Pasqualini, se tornava inviável para o PRP. As negociações sobre a candidatura a ser apoiada pelo partido se mostram complexas. Em maio de 1954, Wolfram Metzler ainda era citado pelo *Pioneiro* como candidato à Câmara Federal<sup>427</sup>. Já em junho, em uma curta nota de capa, o deputado federal pelo PRP afirmaria que o partido “não apoiará qualquer candidato, isto é, nem a Frente Democrática e nem ao PTB.”<sup>428</sup>, e ainda acusaria os demais partidos de não cumprirem os acordos feitos; segundo a coluna “S. S. [Wolfram Metzler] disse que os mesmos valem menos que ‘um suspiro de gato velho’”<sup>429</sup>.

Ainda nesta coluna, Metzler aliviaria as críticas ao dizer que “Não existe nada a opor ao Sr. Alberto Pasqualini, pessoalmente, ou mesmo ao Sr. Ildo Meneghetti. Mas, o PRP está preso a uma decisão anteriormente assumida, contrária ao apoio a candidatos que não sejam dos seus quadros.”<sup>430</sup>. Em poucos dias, a resolução da questão sobre a escolha partidária seria apresentada: também em texto que iniciava na capa do periódico, transmitiam as conclusões do Diretório Regional do PRP: “a Comissão Política e o Diretório Regional do PRP indicam como candidato ao governo do Rio Grande do Sul o nome do deputado federal Wolfram

---

<sup>427</sup> Prossegue com intensidade a organização do PRP, *Pioneiro*, 29/05/1954, p. 05.

<sup>428</sup> Decidem-se os partidos políticos, *Pioneiro*, 12/06/1954, p. 01.

<sup>429</sup> *Idem*.

<sup>430</sup> *Idem*.

Metzler<sup>431</sup>, valorizando-o como candidato ligado aos interesses dos agricultores. O exame de Luiz Compagnoni sobre a política do RS foi transcrito no *Pioneiro*, em que este teria traçado “um retrato da situação atual do Rio G. do Sul e fez profundo exame de indiferença, da descrença generalizada do povo, cansado das chamadas grandes correntes políticas que ontem como hoje, fracassaram<sup>432</sup>. Note-se que essas grandes correntes foram aliadas nos pleitos passados e seguiram sendo nos pleitos futuros.

Metzler não era um político novo a aparecer no *Pioneiro*; já tinha sua atuação afirmada em diversas ocasiões, desde que foi eleito deputado federal com 21.426 votos. Citavam valores conseguidos pelo deputado para auxiliar na construção do Monumento ao Imigrante<sup>433</sup>, entrevistas dadas no Rio de Janeiro sobre a situação da agricultura e a importação de produtos alimentícios<sup>434</sup> e valorizavam a atuação do político em relação aos agricultores do estado<sup>435</sup>. Em artigo assinado por Compagnoni — suplente que assumiu em algumas situações a cadeira de Metzler —, seria referido como alguém que faz “um verdadeiro protesto pela indiferença da Nação ao destino dos que vivem ‘da terra, pela terra, para a terra e junto à terra’<sup>436</sup>, e encerra afirmando:

Vale a pena ler o formidável trabalho do Deputado Metzler. É uma exposição dramática da triste situação atual do nosso homem do interior. Exposição repleta de dados, compacta, objetiva, feita por um homem que conhece melhor do que ninguém a situação dos pequenos e médios proprietários do interior brasileiro. É a primeira grande voz que se levanta e corajosamente aponta este erro fundamental da Constituição Brasileira, que ele quer reformar, para que a Nação saiba avaliar devidamente o trabalho do nosso homem rural.<sup>437</sup>

Metzler, portanto, seria um representante das regiões coloniais italianas e alemãs que merecia a atenção da população em relação ao seu trabalho, principalmente por ser “um profundo conhecedor das nossas colônias<sup>438</sup>. Com o nome já escolhido pelo Diretório do PRP e em espera para o início da campanha, o candidato do partido era referido como alguém que “pela sua absoluta sinceridade, homem que não faz promessas demagógicas, obterá seguramente uma votação impressionante, porquanto o número dos que não acreditam mais em nada é cada vez maior<sup>439</sup>.

---

<sup>431</sup> Wolfram Metzler indicado pelo PRP ao Governo do Estado, *Pioneiro*, 19/06/1954, p. 01-08.

<sup>432</sup> *Idem*.

<sup>433</sup> Munhos solidário com o Monumento ao Imigrante, *Pioneiro*, 28/03/1953, p. 10.

<sup>434</sup> O deputado Metzler analisa o êxodo rural e tece considerações sobre a importação de banha, *Pioneiro*, 30/03/1954, p. 03.

<sup>435</sup> As emendas constitucionais do Deputado Wolfram Metzler, *Pioneiro*, 20/06/1953, p. 01.

<sup>436</sup> Consolidação da vida rural brasileira, *Pioneiro*, 27/06/1953, p. 03.

<sup>437</sup> *Idem*.

<sup>438</sup> Os fertilizantes e a recuperação das terras, *Pioneiro*, 17/10/1953, p. 03.

<sup>439</sup> Terça-feira início da campanha eleitoral, *Pioneiro*, 03/07/1954, p. 10.

Luiz Alexandre Compagnoni, em Caxias do Sul, faria uma fala em defesa da candidatura de Metzler e mobilizaria todo o conjunto anticomunista religioso para isso: citaria ser parte dos que combatem por *Deus, Pátria e Família*, se colocaria como um agente que há 20 anos lutaria pelas causas do partido e denunciaria a burguesia que, segundo sua fala, “desgraçadamente, acovardou-se, encolheu-se, e tem deixado que os maus triunfem. A burguesia é capaz de, até, dar dinheiro aos comunistas, como continua sucedendo, por não ter coragem de reagir, para continuar vivendo no apodrecimento em que jaz”<sup>440</sup>. Ecoando os ataques que apresentamos anteriormente, Compagnoni repetiria a falta de oposição aos comunistas e colocaria inclusive a burguesia como um agente que abre espaço para o desenvolvimento desses materialistas. Como já apontamos em outras oportunidades, os materialistas não seriam apenas os comunistas, e os responsáveis por seu crescimento também não deveriam ser apontados apenas em suas fileiras.

Ainda para valorizar a candidatura do PRP, Compagnoni assevera que “O comunismo está cada vez mais forte e arrogante”, mas garante não se preocupar com isso, visto que é um opositor convicto destes materialistas; conseqüentemente,

se um dia formos vencidos; se nossas famílias forem enxovalhadas; se nossos templos forem destruídos; se nossa gente for escravizada sob a guante da demagogia ou do bolchevismo; se nossas cabeças rolaem; nós morreremos tranquilos com nossa consciência, porque teremos salvo o grande patriotismo que todo homem de salvar: a própria honra, a própria dignidade!<sup>441</sup>

O perigo constante que ameaçaria toda a sociedade seria retomado e Metzler seria o candidato lançado para resolver a situação. Ele “significa este espírito de luta, esta ânsia de melhorar, de inaugurar um período de honestidade, de trabalho, de dignidade política, onde a palavra dos políticos seja cumprida e o povo não seja explorado pelo Estado”<sup>442</sup>. Em oposição aos candidatos dos partidos tradicionais no estado, a candidatura do PRP se apresentaria como “um protesto contra todos os Governos e desgovernos que teve o Rio Grande do Sul - que deixaram espoliar nosso Estado”<sup>443</sup>. Compagnoni aproveitaria para cobrar ações das ditas elites que continuariam se eximindo das responsabilidades política ao invés de conduzir a sociedade; neste sentido, afirmaria que “É preciso que, também, os que possuem mais autoridade ou mais poder saibam estimular vocações políticas”<sup>444</sup>; caso contrário, “não teremos mais ninguém a trabalhar com idealismo pelo bem público”<sup>445</sup>.

---

<sup>440</sup> O comunismo está cada vez mais forte e arrogante! Nós, porém continuamos na luta de todos os dias, *Pioneiro*, 17/07/1954, p. 6-7.

<sup>441</sup> *Idem*.

<sup>442</sup> *Idem*.

<sup>443</sup> *Idem*.

<sup>444</sup> *Idem*.

<sup>445</sup> *Idem*.

A tentativa de motivar o possível eleitor a comparecer ao pleito repetiria o padrão que analisamos já ao tratar dos editoriais; exigia que “todos se munam do seu título eleitoral, arma que a democracia concede a todos aqueles que querem que ela sobreviva”<sup>446</sup>, e significaria o ato eleitoral defendendo que

o não exercício do voto, mais do que comodismo ou indiferença para com o esforço dos idealistas, significa convivência com os maus, com os demagogos, com os comunistas, com os que estão apodrecendo no dinheiro. E, pior ainda, não votar representa traição à Pátria, porque o não votante foge de sua obrigação de dar bons governantes para a Nação.<sup>447</sup>

Após a longa fala de Compagnoni e da mobilização feita pelo mesmo para que se participasse efetivamente do pleito, *O Pioneiro* colocaria, em texto de capa, tópicos do plano de governo da candidatura lançada pelo PRP. Nesses itens, seriam frisadas a diminuição do Estado, as ações que em seu conjunto visariam a produção rural e seu escoamento e a perspectiva de deixar todas as ações que fossem possíveis à iniciativa privada. Suas propostas seriam apresentadas pelo *Pioneiro* como o “mais radical programa de governo”<sup>448</sup>.

Menos de uma semana depois, portanto quebrando a sequência de publicações semanais aos sábados, na edição extra, Wolfram Metzler é apresentado como representante de “Uma bandeira de renovação” necessária para o Rio Grande do Sul. A crítica feita às trocas no comando do estado — ora nas mãos do PSD, ora nas mãos do PTB — traz o candidato perrepista como a solução para os problemas já de longa data. Para o impresso, “O remédio não é trocar. Precisamos mudar! A troca pode ser de coisa velha com coisa velha. A mudança significará o fim da coisa velha com o advento de um mundo novo”<sup>449</sup>. A necessidade em lançar Metzler é apresentada como saída possível após a tentativa de coligar-se com outros partidos.

Depois de termos, sinceramente, tentado colaborar com outras entidades partidárias, para darmos ao nosso Estado o Governo que seu grande Povo reclama, verificamos que, desta triste fase de nossa história política, onde não se cumprem os compromissos políticos publicamente assumidos, o que de melhor poderíamos fazer pela nossa gente, seria arcar com mais um novo e grande sacrifício: o lançamento da candidatura própria.<sup>450</sup>

Desde o ano de 1951, o jornal posiciona-se pelo lançamento de candidatos de conciliação<sup>451</sup>, possivelmente em função de a força eleitoral estar centrada no PSD e no PTB, o que dificulta a viabilização eleitoral de candidatos e partidos que não estejam em coligação com estes dois.

---

<sup>446</sup> O comunismo está cada vez mais forte e arrogante! Nós, porém continuamos na luta de todos os dias, *Pioneiro*, 17/07/1954, p. 6-7.

<sup>447</sup> *Idem*.

<sup>448</sup> Wolfram Metzler, portador do mais radical programa de governo, *Pioneiro*, 31/07/1954, p. 01.

<sup>449</sup> Proclamação do Partido de Representação Popular, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 01-02.

<sup>450</sup> *Idem*.

<sup>451</sup> Candidatos de Conciliação, *O Pioneiro do Sul*, 04/08/1954, p. 03.

Tanto em nível municipal — foram eleitos, em 1947, Luciano Corsetti pelo PTB e, em 1950, Euclides Triches pelo PSD — quanto estadual, as disputas eleitorais tinham como centro gravitacional os partidos citados. Nesse sentido, acreditamos que a sobrevivência eleitoral e a possibilidade de manter influência política regional exigia que o PRP mantivesse proximidade aos mais importantes partidos do momento.

A proximidade, neste sentido, exigia que as candidaturas fossem lançadas com a preferência de estarem em coligação; o esforço sincero — como apresentado pelo próprio partido na transcrição anterior — devia-se, em nossa interpretação, pelo fato de que dificilmente um candidato perrepista fosse capaz de romper a disputa bipartidária estabelecida pelos partidos. O lançamento de Metzler, nesse sentido, por mais que seja apresentado como a tábua de salvação para a situação do estado, deixa transparecer o fato de que o partido só apresentou o candidato como resposta à não coligação desejada e que já tinha acontecido em anos anteriores. O partido, porém, justifica o lançamento da candidatura afirmando que

Seria muito mais fácil para nós não ter que suportar os sacrifícios que acarretam o lançamento de uma candidatura própria. Se fomos levados a esta decisão, é porque não conseguimos ver nos outros candidatos, dignos e cultos, nada que significasse o advento de dias melhores para o povo do Rio Grande do Sul, em virtude de suas ligações políticas com um passado político que conduziu nosso Estado à triste situação em que se encontra.<sup>452</sup>

Frisamos que, mesmo em meio a críticas à situação do estado — que não são nomeados e nem seus partidos são citados —, são apresentados como “dignos e cultos”. Na fala de apresentação de sua candidatura, ainda na Convenção Estadual do PRP, Metzler também se empenha no esforço de manter comunicação com outros partidos. Segundo Metzler,

Juntos, defrontamos três nomes dignos, pertencentes a partidos dignos. As manifestações dos demais candidatos já nos [ilegível] certeza que o nosso Rio Grande do Sul apresentará ao Brasil e ao mundo um belo espetáculo de civismo e de democracia. Sei que os meus companheiros, membros do Partido de Representação Popular e simpatizantes, saberão corresponder aos nobres propósitos dos Snrs. Ildo Meneghetti, Alberto Pasqualini e General José Diogo Brochado da Rocha, aos quais envio neste momento as minhas homenagens.<sup>453</sup>

As críticas feitas pelo partido se abrandam na voz do candidato. Os opositores são nomeados em tom bastante cordial e, nas poucas referências em demérito de outrem, retoma que: “Não é esta a hora para levantar acusações”<sup>454</sup>. Digno de nota, também, é uma possível tentativa de orientação aos militantes do partido. Não só preocupado com o posicionamento a se ter na campanha para permitir uma conciliação com o eleito — qualquer um deles, se atentarmos

<sup>452</sup> Proclamação do Partido de Representação Popular, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 01-02.

<sup>453</sup> Íntegra da Plataforma de Wolfram Metzler, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 01.

<sup>454</sup> 2 - Estamos colhendo os amargos frutos que resultam da imprevidência de gerações e de governos passados, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 01.

que além da referência aos candidatos dos dois maiores partidos, cita também Diogo Brochado do PSP, que sequer alcançou 1% de votos no pleito —, o PRP mostra-se preocupado com as possíveis reações de seus militantes.

Ao trazer a plataforma do candidato completa nas páginas desta edição extraordinária, algumas passagens merecem uma atenção especial. Como já pontuado, a apresentação é feita a partir de itens que foram enumerados, e os que auxiliem na compreensão da análise que estamos fazendo serão analisados mais detidamente.

Já na abertura de sua fala, feita na Convenção partidária nos dias 24 e 25 de julho, Metzler cita: “Hoje, mais do que ontem, creio que ‘Deus dirige o destino do homem e dos povos’, palavras estas que encabeçam o Manifesto de Outubro, documento escrito com letras de ouro, que a muitos de nós arrastou às liças (sic) de política”<sup>455</sup>. O trecho referenciado pelo candidato traça as linhas da continuidade do pensamento integralista; a citação feita é retirada do Manifesto de Outubro escrito por Plínio Salgado e lançado em 1932, quando do surgimento oficial da AIB, e apareceu também em editoriais que apontamos. Além do mais, o espiritualismo, por nós já repisado, base para essa reestruturação do integralismo para a participação eleitoral neste contexto, é apresentado também por Metzler.

A intenção de representar os agricultores do estado, de levar suas pautas como parte das discussões políticas, é também mobilizada pelo candidato do PRP. Lembramos que, mesmo em um contexto nacional e regional de intenso êxodo rural e ganho de importância do meio urbano, principalmente em se tratando de votos, Caxias do Sul ainda contava com um importante contingente de habitantes no meio rural. Metzler, frente a isso, pontua que “Comigo levo a certeza de que não faltará a colaboração indispensável da classe mais numerosa do Rio Grande do Sul. Refiro-me aos colonos”<sup>456</sup> e esclarece que “sob a denominação ‘colono’ reúno todos, que trabalham com as suas mãos a terra riograndense — seja qual for a sua origem étnica — todos são colonos”<sup>457</sup>.

Se em nível nacional os partidos políticos se organizaram em torno da tríade PTB/PSD/UDN, em nível estadual, pouco espaço foi ocupado por parte desta trinca. A UDN teve relevância bastante marginal nas disputas eleitorais, e parte dessa irrelevância (Noll; Trindade, 2004) pode ser compreendida a partir da campanha de Metzler. Os dados apresentados pelo jornal apontam que “Os colonos ou sejam os pequenos e médios agricultores e criadores, são a classe mais numerosa”<sup>458</sup> e afirmam que o estado está

<sup>455</sup> Íntegra da Plataforma de Wolfram Metzler, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 01.

<sup>456</sup> 3 - Feliz coincidência: Candidatura Metzler, lançada no dia do colono, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 01.

<sup>457</sup> *Idem*.

<sup>458</sup> 4 - O homem da terra produz a riqueza do Rio Grande, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 02.

organizado em um formato predestinado a “ser um Estado onde o regime da pequena propriedade agrícola, dedicada à policultura de produtos de subsistência, prevalecerá sobre a grande empresa agrícola, destinada à monocultura de produtos de exportação”<sup>459</sup>. Consequentemente, por mais que parte importante do que caracteriza o udenismo estivesse presente no que é defendido pelo PRP — moralismo, anticomunismo, críticas ao tamanho do Estado —, outra parte também importante desse pensamento não tinha boa receptividade dos eleitores do estado, como provam os próprios dados eleitorais. O liberalismo propagado pelas elites latifundiárias do centro e Sudeste nacional não teriam entrada nas pequenas propriedades que caracterizam a região pela qual Wolfram Metzler era candidato. A situação, portanto, auxilia na compreensão dos limites que o udenismo encontrava para ser encampado pelo PRP estadual.

Dos 27 itens que resumiam o plano de governo apresentado por Wolfram Metzler para a eleição de 1954, pelo menos 11 falavam sobre agricultura, sobre os colonos ou diretamente para esses agentes. Mesmo que desse maior atenção às condições do meio agrícola, a presença dos operários urbanos não era ignorada em sua campanha. Pensados como parte importante para a campanha que se apresenta, devemos ter em mente o processo de industrialização pelo qual passava a região em que, dos quase 60 mil habitantes, cerca de 29 mil habitavam o meio urbano, enquanto mais de 22 mil habitavam o meio rural.

A valorização desses operários, portanto, era necessária para ser possível a obtenção de votos no município de Caxias do Sul, além do fato de que o Partido Trabalhista Brasileiro tradicionalmente ter sido bem votado na região; ignorar esse eleitorado traria problemas para a campanha eleitoral. Neste sentido, Wolfram apresenta que

Nas nossas fileiras militam inúmeros operários. São companheiros iguais a quaisquer outros, nenhuma diferença, nem para mais, nem para menos, neles reconheço, já que são homens como quaisquer outros. O operário, como classe, não existe. Foi Karl Marx quem inventou esta classe — mas ele não estava interessado em melhorar a sorte de ninguém — o que ele queria era destruir a sociedade que o Cristianismo laboriosamente havia construído. Sem o saberem, honestos e bem intencionados operários executam os sinistros planos de Marx. O auxílio mais eficiente nesta obra de destruição prestam os chamados tubarões. Marxistas, socialistas e tubarões não estão conosco, ao contrário, combatem-nos, furiosamente e nós combatemos da mesma forma.<sup>460</sup>

Atentamos para o fato de que a atenção dada aos operários não só é pontual e sem qualquer proposta que diga respeito à situação de vida destes trabalhadores, como feita quando em relação aos agricultores, como também serve para o combate do pensamento marxista. Motta

<sup>459</sup> 4 - O homem da terra produz a riqueza do Rio Grande, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 02.

<sup>460</sup> 25 - Combateremos sem tréguas os demagogos, os desonestos, os negociastas onde quer que os encontremos, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 02.

propõe a compreensão de que o anticomunismo, para além de combater os movimentos que se pensam como revolucionários, é uma forma de ação política que pensa o comunismo como “a síntese marxista-leninista originadora do bolchevismo e do modelo soviético” (Motta, 2000, p. 04). A partir dessa premissa, as referências feitas diretamente a Marx e a negação da existência das classes na sociedade capitalista será marca no pensamento integralista desde sua fundação e continuará presente nas décadas seguintes. Ademais, a apresentação da religiosidade e dos movimentos comunista/socialista/materialista como opostos aparecerá também na campanha ao governo de Metzler. Lembramos, ainda, a citação feita aos outros três candidatos ao governo estadual no lançamento de sua campanha; o único candidato não citado por Metzler é João Pereira de Sampaio, candidato pelo Partido Socialista Brasileiro e que teve votação pífia. Acreditamos, no entanto, que o anticomunismo que servia de base para o PRP é o principal responsável por ignorar o nome, já que os demais adversários eram reconhecidos como “cidadãos probos e capazes”<sup>461</sup> desde antes do lançamento do plano governamental.

Este anticomunismo perrepista, marca indelével na campanha de Metzler, aparecerá em outros momentos. Ao se opor ao que chama de “industrialização de afogadilho”, lembra que “Nos nossos dias os economistas e sociólogos honestos repudiam esta tese — somente os comunistas e os seus sequazes teimam em propagá-la. Mas fazem-no de má fé, já que estão interessados na desordem, o único clima que os favorece”<sup>462</sup>. O caos que estaria se estabelecendo neste mundo, atualmente materialista, só serviria aos comunistas e seria por eles causado; a resolução é necessária e, para isso,

Devemos mudar de orientação, de atitudes, de hábitos e isto somente é possível mudando os homens. Há vinte anos lutamos, sempre pelo mesmo ideal de construir uma democracia cristã. Haverá pobres — sem dúvida. Haverá ricos — também. Tudo isto é inevitável já que existem homens excepcionalmente felizardos e outros que a desgraça persegue. Mas, na democracia cristã a grande massa do povo pertencerá à classe média — não será nem rica nem pobre, mas terá o suficiente para viver dignamente.<sup>463</sup>

A ideia de que esta mudança da sociedade só será possível após as mudanças dos homens aparece nas produções de Plínio Salgado desde antes mesmo da fundação da AIB. A revolução espiritual é o norte para a resolução desses problemas, e somente uma democracia que se inspirasse na espiritualidade pregada pelos integralistas seria capaz de suprir essas necessidades. Se o discurso é parte da constituição da sociedade, com a reabertura a partir de

---

<sup>461</sup> O comunismo está cada vez mais forte e arrogante! Nós, porém continuamos na luta de todos os dias, *Pioneiro*, 17/07/1954, p. 6-7.

<sup>462</sup> 5 - Primeiro a agricultura, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 02.

<sup>463</sup> 27 - ‘Está na hora de mudar!’, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 03.

1945, opor-se à democracia é ponto problemático aos movimentos políticos depois da Segunda Guerra Mundial, óbice este que foi desviado pelos integralistas com a proposta de que defendem a democracia, mas desde que ela seja cristã. No que foi transcrito acima, a linha contínua do pensamento integralista é novamente apresentada. A luta por esta democracia cristã, segundo Wolfram, acontece há 20 anos, portanto desde meados da década de 1930; não por acaso, o período de maior expansão e organização da Ação Integralista Brasileira. Vale pontuar o fato de que essa dita democracia cristã não teve definições muito claras, mas seu uso foi importante para que o PRP não se colocasse como contrário à democracia; ela era importante, mas tudo aquilo que não se enquadrasse na definição proposta pelo partido não seria realmente democrático.

A organização estatal foi também alvo durante a campanha do PRP ao estado do Rio Grande do Sul. As críticas feitas pouco diferem das já apresentadas em outros espaços; os impostos são um problema a ser combatido, visto que os que “eram pagos para manter, no luxo e na ociosidade, quase sempre no vício e na depravação, uma casta dominante, cruel e corrupta”<sup>464</sup>, e a proposta feita pelo candidato visava diminuir seu tamanho. Wolfram anunciava “passar pelo crivo da real utilidade todos os órgãos e todos os serviços mantidos pelo Estado e proporei a extinção sumária daqueles, cuja inutilidade está patente”<sup>465</sup>, e o funcionalismo era alvo de denúncia, afinal “Esta classe tem sido o objeto preferido da demagogia e da politicagem. Acordos políticos são feitos e posteriormente desfeitos girando o ‘elevado debate das idéias’ em torno da nomeação de meia dúzia de partidários”<sup>466</sup>.

Desde o lançamento do candidato em Caxias do Sul, Compagnoni afirmava que a luta do partido levava em conta a atuação estatal nos seus devidos lugares. Em suas palavras,

Nós continuaremos lutando para que todas as atividades, comércio, indústria, transportes, possam trabalhar e viver normalmente, sem o perigo de um Estado que tudo lhes tira, através de impostos verdadeiramente socializantes ou de contribuições compulsórias que cada dia se tornam mais insuportáveis.<sup>467</sup>

O Estado, no tamanho que estava, era um perigo a ser combatido, afinal atrapalhava todas as atividades econômicas do estado e era prova da tentativa de socializar o governo. Nesse ponto, acreditamos que as críticas feitas ao uso estatal e que acertavam no PTB por vias indiretas são retomadas.

---

<sup>464</sup> 7 - O Rio Grande do Sul, vítima da centralização federal, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 02.

<sup>465</sup> 8 - Extinção de Repartições inúteis, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 02.

<sup>466</sup> 9 - Se eleito, não permitirei que os funcionários públicos tenham partido no exercício de sua função, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 02.

<sup>467</sup> O comunismo está cada vez mais forte e arrogante! Nós, porém continuamos na luta de todos os dias, *Pioneiro*, 17/07/1954, p. 6-7.

Leandro Gonçalves e Odilon Caldeira Neto (2020), ao versarem sobre a inserção do PRP em contexto democrático, apresentam a leitura de que, na eleição de 1955, Plínio Salgado teria mantido a candidatura presidencial em função de uma articulação feita com JK para a divisão dos votos conservadores e, em troca da manutenção, o governo confiaria aos integralistas a direção do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC) e a presidência do Instituto de Previdência dos Servidores Públicos (IPASE). Trazer esse fato à baila, neste contexto, é importante ao atentarmos que Luiz Alexandre Compagnoni assumiu a presidência do IPASE no ano de 1960 e, em outubro de 1957, *O Pioneiro* noticiaria na capa que “Na tarde de quinta-feira, o Presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira assinou portaria exonerando a pedido o ministro Fernando de Alencar e nomeando para presidir o Instituto Nacional de Imigração e Colonização — INIC — o Sr. Wolfram Metzler, Presidente do Diretório Estadual do P. R. P. do Rio Grande do Sul”<sup>468</sup>; ainda em 1957, logo de sua nomeação, Metzler faleceu e *O Pioneiro* noticiou que

desde o falecimento do Sr. Wolfram Metzler que a presidência do Instituto Nacional de Imigração e Colonização está acéfala. Para ocupar tão importante cargo, vem de ser convidado o Sr. Dr. Walter Cechella, influente prócer do Partido de Representação Popular e residindo atualmente na cidade ferroviária de Santa Maria.<sup>469</sup>

Consequentemente, a crítica às indicações políticas acaba por conflitar com a própria atuação partidária no contexto. De acordo com o que é defendido por Gilberto Calil,

os integralistas se inseriam na ordem institucional vigente, não hesitando em utilizar-se da influência política para obtenção de vantagens, mesmo que continuassem a denunciar os “vícios” da democracia liberal e a acusar os demais partidos por utilizarem-se destas mesmas práticas. (Calil, 2005, p. 322)

De acordo com Claudira Cardoso (2009, *passim*), as alianças e atividades políticas do PRP, além da óbvia busca de votos, tentava garantir espaços no aparelho burocrático estatal.

As críticas ao Estado invariavelmente caíam na defesa da iniciativa privada, como acontece no caso das escolas. Para Metzler, “O ensino dos filhos é o dever e o direito dos pais. Em segundo lugar cabe este às comunidades religiosas. O Estado tem, apenas, um interesse bem fundamentado e deverá agir supletivamente sempre que a iniciativa privada não cumpre o seu dever e não faz uso do seu direito”<sup>470</sup>. Além de fortes críticas ao ensino público e gratuito, segundo o candidato, a defesa do ensino gratuito era apenas um “cavalo de batalha dos esquerdistas de todos os matizes”, retomando o elitismo que permite entender o direito à educação aos que tivessem condição de pagar por isso. Ao fim, o Estado é visto como

<sup>468</sup> Metzler presidente da INIC, *Pioneiro*, 05/10/1957, p. 01.

<sup>469</sup> Dr. Walter Cechella é o novo presidente do INIC, *Pioneiro*, 23/11/1957, p. 01.

<sup>470</sup> 21 - O ensino, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 02.

corrupto, inútil, pesado e com funcionários que não cumprem suas funções. A visão é sintetizada pelo próprio sujeito, “Aqui cabe dizer: ‘Quando o Estado não faz — está fazendo bem; quando faz está fazendo mal’”<sup>471</sup>.

Luiz Alexandre Compagnoni, como já referido, está presente também nesta edição especial dedicada à candidatura de Metzler. O fato de Wolfram não ser de origem da região onde circula *O Pioneiro* possivelmente explique a necessidade de que sua apresentação seja feita por alguém com reconhecimento regional; também fundador do impresso, Compagnoni seria importante peça para compor o reconhecimento da sociedade local para com uma candidatura que se apresentava como representante do interior do estado. O texto assinado por Compagnoni traz aos leitores que

A candidatura Wolfram Metzler ao Governo do Estado pode ser considerada como uma vitória da gente do interior.

Sim. Wolfram Metzler é bem o tipo representativo do homem rural, do homem que vive em contato com a terra. (...) Ele mesmo faz questão de se chamar de ‘médico da roça’, sempre socorrendo os agricultores, a gente das pequenas localidades do interior. Mais do que ninguém, ele conhece as necessidades e as amarguras de nossos agricultores.<sup>472</sup>

Já frisamos a importância do meio rural do município neste período e o quanto o jornal que analisamos pauta as questões dos agricultores como importantes assuntos a serem debatidos e apresentados em suas páginas. É ao mesmo público que o candidato Wolfram Metzler é apresentado. A possível distância para com os eleitores regionais, que poderia ser criada pela formação médica do sujeito, é apresentada a partir do fato de que este seria médico destes mesmos agricultores, portanto seria apenas mais um dentre os homens do campo, o que o qualificaria por ter conhecimento das necessidades do interior rural.

Compagnoni, além de dar as credenciais em relação ao meio rural, também traz a religiosidade do candidato como ponto a ser apreciado pelos leitores. Da mesma forma que no caso anterior, os caminhos traçados pelo impresso e, inclusive, pelo signatário do texto, em outros momentos e espaços, são novamente percorridos; segundo o texto: “Outro aspecto que identifica Wolfram Metzler com a gente do interior é a sua religiosidade. Católico praticante, sem afetação nem pretensões catedráticas, sua vida particular e sua vida familiar constituem um exemplo vivo para todos quantos o conhecem pessoalmente”<sup>473</sup>. Logo, o fato de compactuar com a religiosidade católica seria mérito a ser analisado para a votação. Acreditamos ser necessário pontuar que, nas propostas apresentadas diretamente por Metzler

<sup>471</sup> 22 - Subvenções para todas as escolas e professores particulares. O problema dos menores órfãos e abandonados, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 02.

<sup>472</sup> Wolfram Metzler, o candidato da gente do interior, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 02.

<sup>473</sup> *Idem*.

em sua plataforma, a questão religiosa não aparece de forma aprofundada ou central, como acontece recorrentemente no *Pioneiro*. A presença é bastante vaga e aparece enquanto trata da discordância em relação ao ensino público. Segundo a plataforma do candidato, a educação deveria ser feita a partir de subvenções aos estabelecimentos particulares, e isso levaria em conta o fato de que

Nenhum espírito de sectarismo deverá dificultar ou enterrar a ação das comunidades religiosas que funcionam, legalmente, no país. Excetuo certas seitas sem raízes, nem adeptos no Estado, chegadas aqui para fazer proselitismo. Nenhum sentido há em que o Estado pague a propaganda que pretende desenvolver, lançando idéias inconvenientes ao nosso meio.<sup>474</sup>

Nesse sentido, portanto, temos indícios para inferir que a apresentação feita por Compagnoni do candidato leva em conta o capital social e político já estabelecido pelo fundador do impresso na região de Caxias do Sul. Ademais, o fato de alguns pontos serem reforçados e outros apresentados de forma sutilmente diferente — como na abordagem acerca da religiosidade — nos permite refletir sobre a importância dada para alguém que entenda melhor as relações sociais da região, consiga aproximar as propostas do candidato e até da imagem construída deste candidato para com seus possíveis eleitores.

Ainda sobre o material que Compagnoni assina, notamos que, mesmo apresentando Metzler como alguém que “tem possibilidades para ser Governador do Estado, iguais a qualquer outro candidato”<sup>475</sup>, tensões são perceptíveis e trazem aspectos que permitem questionar a realidade da crença em relação ao pleito. Segundo Compagnoni,

Aqui, em Caxias do Sul, o homem do povo raciocina da seguinte forma: em 1948, fizemos uma grande campanha em favor do melhor candidato à Prefeitura, Guido Mondin, e perdeu; no entanto, em 1951, quando voltamos à luta, ainda com o melhor candidato, o Major Euclides Triches, vencemos; e vencemos, porque havíamos preparado o terreno, anos antes, com a campanha em favor de Mondin. Por isto, dizem aqui: Metzler pode perder, mas preparará o terreno para a próxima vez, quando, então, o Governo não nos escapará das mãos.<sup>476</sup>

Ou seja, mesmo dizendo crer na eleição ao governo do estado, as justificativas para a não eleição já estão previamente definidas e difundidas, além de servirem como parte de um plano de longo prazo, que pode ter a não eleição de Metzler como caminho a ser percorrido. Além do mais, curioso o fato de que Mondin — outro nome recorrente no jornal e importante para o integralismo —, mesmo não tendo sido eleito, é apresentado como “melhor candidato à prefeitura”. Guido Mondin foi candidato em 1948 pelo PRP e perdeu a eleição por pouco mais de 3% dos votos para Luciano Corsetti do PTB (Serafini Filho, 2016), portanto, mesmo

<sup>474</sup> 22 - Subvenções para todas as escolas e professores particulares. O problema dos menores e órfãos abandonados, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 03.

<sup>475</sup> Wolfram Metzler, o candidato da gente do interior, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 02.

<sup>476</sup> *Idem*.

que com elevada taxa de votos, não foi visto como “o melhor candidato” pela população, diferentemente do que era proposto pelo *Pioneiro*. Fato este que nos faz retornar à discussão sobre até que ponto o que é apresentado pelo impresso diz respeito aos leitores, e até que ponto diz respeito ao que o jornal quer que seja a leitura de mundo e opiniões expressas por seus leitores.

Além da campanha feita por Metzler, Compagnoni é também candidato a deputado federal no ano de 1954, e essa edição especial também serve à sua candidatura. A atenção é reduzida se for comparada àquela que foi dada a Metzler. Compagnoni é apresentado como alguém que “Já provou que merece o voto do povo gaúcho!”. Seus feitos e méritos como candidato à Câmara Federal são abordados a partir de transcrições feitas de outros jornais, desde notas curtas até trechos maiores que foram retirados dos jornais *Folha Carioca*, *Diário de Notícias*, *A Razão*, *Diário da Noite* e *O Jornal*. Em sua maior parte, é referido “pela firmeza de suas convicções e pela verticalidade de sua atuação em defesa do colono — de cujo seio se orgulha de ter saído e de quem jamais se desligou”<sup>477</sup>.

Em relação à edição extra apresentada, acreditamos que *O Pioneiro* tenha utilizado da legitimidade social que vinha construindo desde 1948 para tentar agregar os votos da região de Caxias do Sul à candidatura do PRP. Como já apontamos, o partido acabava sendo uma espécie de fiel da balança nas eleições estaduais e, como tinha um forte vínculo com a região de colonização italiana, garantir os votos dessa população para o candidato perrepista seria importante. Os dados eleitorais provam que isso não aconteceu, pois parte considerável dos votos foram para outros candidatos e Metzler amargou um terceiro lugar com menos de 10% dos votos.

Mesmo que a ação não tenha necessariamente surtido efeito, o caso da candidatura de Wolfram Metzler nos serve como um importante indício para a averiguação da hipótese proposta no início da pesquisa. Já que o jornal não tinha vínculos partidários, por qual motivo um partido seria alçado pelo periódico na eleição de 1950 e em 1954. O *Pioneiro* faria uma edição especial que focasse apenas nas propostas consideradas “revolucionárias” do candidato do PRP ao governo do estado? A próxima seção trará outros autores que ajudam a aprofundar a leitura sobre o que era publicado no jornal e a analisar as suas ligações com o integralismo.

---

<sup>477</sup> Compagnoni consagrado pelos grandes jornais brasileiros, *Pioneiro*, 04/08/1954, p. 04.

### 4.3 - Entre integralistas e perrepistas

Nesta parte da pesquisa, achamos necessário colocar em perspectiva alguns dos autores que aparecem recorrentemente assinando textos no impresso. Alguns proporcionalmente mais presentes, outros menos, mas mesmo assim dignos de apontamentos e contextualizações necessárias para a compreensão da importância de suas presenças. Já apresentamos os editoriais do jornal, normalmente localizados na página três das edições e, em função de sua relevância, acreditamos que esta agrega um importante valor simbólico ao seu entorno. Dito isso, os autores aqui referenciados foram retirados, em sua maior parte, desta mesma página três, e as situações em que forem referenciadas e fugirem deste padrão serão devidamente referenciadas no andamento da pesquisa.

A partir do levantamento que fizemos desses autores, em anexo<sup>478</sup> apresentamos gráficos que auxiliarão na compreensão da relevância numérica desses mesmos no período pesquisado. Os autores que trabalharemos de forma mais aprofundada não necessariamente são aqueles que mais estiveram presentes: alguns casos como Pitigrilli<sup>479</sup>, G. Hellen<sup>480</sup> e Velho Laranjeira<sup>481</sup> assinaram número relevante de textos no *Pioneiro*, mas os assuntos por eles abordados não auxiliam no que propomos à pesquisa. Desta forma, ao atentarmos aspectos quantitativos em conjunto com os qualitativos — estes diretamente relacionados à política, aos partidos e principalmente ao integralismo —, daremos maior atenção aos autores que são mais representativos nestes aspectos. O recorte que utilizamos para a produção dos gráficos leva em conta o ano de circulação do jornal, portanto nossa abordagem considera o início de novembro de cada ano como data para fechamento dos ciclos anuais, visto que o impresso iniciou sua circulação em 4 de novembro de 1948.

Ao refletir sobre a importância dos produtores dos textos no trabalho para analisar discursos, Fairclough (2003, n/p, Cap. 01) utiliza um exemplo hipotético de uma reportagem

---

<sup>478</sup> Cf. Anexo 2.

<sup>479</sup> Os artigos assinados por Pitigrilli ficarão de fora da análise em função de serem comprados de uma agência internacional — APLA — e dizerem respeito a assuntos variados, inviabilizando uma análise mais pontual sobre os textos, já que não tinham um foco específico. Além disso, não dialogam com o objeto de pesquisa que propomos.

<sup>480</sup> A coluna “Cine-jornal”, assinada por G. Hellen, teve certa constância a partir de 1951, mas se referia a comentários sobre diferentes cinemas, suas estruturas e a obras variadas da sétima arte, portanto não se enquadram na proposta de pesquisa e, por isso, ficam de fora da análise mesmo com sua recorrência.

<sup>481</sup> Velho Laranjeira era o pseudônimo utilizado por Heráclito Limeira no *Pioneiro*. Era advogado autodidata, foi presidente do Sindicato de Jornalistas Profissionais de Caxias do Sul e membro honorário da Academia Caxiense de Letras. As crônicas produzidas pelo autor circularam por um longo período e tratavam de diversos assuntos relacionados a Caxias do Sul; optamos por deixá-lo de fora das análises em função de acreditarmos que as crônicas merecem uma atenção teórico-metodológica diferenciada em seus tratamentos, mas certamente merece uma atenção dedicada em seus assuntos em função da constância em sua publicação.

publicada com a autoria de um jornalista, enquanto o diretor deste órgão de comunicação seja um político que venha a ter sua posição apoiada de forma implícita por essa publicação<sup>482</sup>. Esse exemplo nos conduziu ao questionamento sobre os momentos em que um mesmo nome, um mesmo sujeito, estaria presente de formas diferentes durante a publicação do *Pioneiro*, e optamos por apurar nossa atenção em relação aos responsáveis pelo jornal.

Onil Xavier dos Santos foi vice-diretor do jornal nos primeiros anos de circulação e em várias situações era representante do *Pioneiro* em eventos sociais na cidade<sup>483</sup>; vez ou outra assinava reportagens<sup>484</sup> e, após se afastar da direção, foi referido como agente de publicidade do impresso<sup>485</sup>. Tempo depois, em 1951, uma proclamação do PRP seria impressa na capa do jornal, apresentando seus candidatos à vereança; nela, encontramos Onil Xavier como candidato pelo partido<sup>486</sup>. Ao lado da publicação do partido, noticia-se uma visita feita à sede do jornal pelos responsáveis da Companhia de Capitalização Columbia, empresa onde atuava Xavier, inclusive citando que “com seu trabalho e pertinácia (sic), conseguiu transformar a carteira de Caxias do Sul numa das mais movimentadas do Estado”<sup>487</sup> e seguiria assinando reportagens no jornal mesmo durante a campanha eleitoral<sup>488</sup>.

Ou seja, a relação com o que é publicado pelo jornal em seus textos editoriais, as opiniões expressas nos diversos espaços e que passa pelo crivo de seus diretores, ao mesmo tempo em que alguns desses sujeitos se lançam como candidatos por algum partido político, acaba por embaralhar um pouco os papéis exercidos; além, claro, de pôr novamente em cheque a defesa de que o impresso não teria ligações partidárias, como quando apresentavam, em publicidade de campanha publicada no jornal, dentre as características que deveriam motivar a aprovação do candidato, que o mesmo “Em 1948, assumiu as funções de Diretor-Gerente do semanário local ‘O PIONEIRO’ (sic), onde se revelou um compreensivo defensor dos interesses do povo caxiense”<sup>489</sup>. Mesmo não tendo sido eleito vereador, seria indicado como secretário do município e seria, por isso, louvado pelo jornal<sup>490</sup>.

Situação parecida acontece com Isidoro Domingos Moretto, diretor do *Pioneiro* entre os anos de 1949 e 1952 e com forte ligação com o integralismo desde os anos 1930. Eleito

<sup>482</sup> “a news report may be authored by a journalist while the principal may be some politician, for instance, whose position is being implicitly supported.” (Fairclough, 2003, n/p, Cap. 01).

<sup>483</sup> Antonio Zanin, *Diário do Pioneiro*, 17/11/1951, p. 12.

<sup>484</sup> Carlos Barbosa, a Vila Industrial, *O Pioneiro*, 06/08/1949, p. 02; Assassinado de tocaia Guerino Tissot, *Diário do Pioneiro*, 14/08/1951, p. 01-04.

<sup>485</sup> Onil Xavier dos Santos, *O Pioneiro*, 07/01/1950, p. 01.

<sup>486</sup> Candidatos a vereadores do P.R.P., *Diário do Pioneiro*, 22/09/1951, p. 01.

<sup>487</sup> Visita, *Diário do Pioneiro*, 22/09/1951, p. 01.

<sup>488</sup> Avenida Guido Mondin, *Diário do Pioneiro*, 22/09/1951, p. 10.

<sup>489</sup> Para vereador Onil Xavier dos Santos, *Diário do Pioneiro*, 06/10/1951, p. 10.

<sup>490</sup> Secretário do Município, *Diário do Pioneiro*, 05/01/1952, p. 10.



Como já apontamos, o posicionamento dos textos nos jornais também é um importante indicativo das relações e valorizações que se dão a determinados assuntos e autores; ou seja, “Pôr uma notícia abaixo ou ao lado de uma outra, em muitos casos pode ser uma estratégia discursiva capaz de produzir uma metalinguagem, na qual determinadas associações serão instantaneamente passadas ao leitor” (Barros, 2023, p. 112-113). Dessa forma, é viável que levantemos o questionamento sobre qual mensagem passaria o fato de o *Pioneiro*, em uma mesma página, apresentar seu diretor como candidato pelo PRP e ainda ter um anúncio individual de sua campanha. Para os leitores, *O Pioneiro* teria um partido a qual defende? Faria propaganda política para seu diretor? Esse diretor usaria das páginas em que tinha uma clara influência na publicação para lançar-se politicamente? Como não analisamos a recepção dos materiais, as perguntas ficarão em aberto para reflexão.

Mário Gardelin é outro caso em que as questões apresentadas acima são válidas: este assume como vice-diretor do jornal em setembro de 1950 e, a partir de abril de 1952, assume o cargo de diretor com a saída de Moretto, no qual permanece até o final de 1954 com a exceção de poucas edições nesse meio tempo. Além da direção, Gardelin assinou textos de forma recorrente<sup>493</sup>, reportagens<sup>494</sup>, e foi candidato a vereador pelo PRP em 1951, tendo alcançado a vaga de suplência. Quando lançou sua candidatura, recebeu apoio de Compagnoni em texto publicado na capa do *Pioneiro*, em que afirmava a satisfação da notícia e que “Mário Gardelin é uma das boas vocações políticas que conheço”<sup>495</sup>; citava sua atuação como jornalista como prova de sua vocação à política quando afirmava que “A ação jornalística de Mário Gardelin é uma prova do seu espírito público, de sua vocação política — e é uma prova de que, depois de eleito, saberá atender ao povo que depositou nele sua confiança”<sup>496</sup>; recebeu também apoio de Guido Fernando Mondin<sup>497</sup>, prócer do PRP, defendendo que o candidato

é um desses valores novos que estão surgindo, dispostos a participar da política de sua terra e batalhar com denodo e sinceridade pela causa popular. Disso tem dado provas como jornalista e como orador, debatendo com vigor e justeza as questões que envolvem os interesses da Pérola das Colônias e de sua gente.<sup>498</sup>

Além de outros autores recorrentes do jornal que defendiam sua candidatura<sup>499</sup>.

---

<sup>493</sup> Os que merecem o monumento, *O Pioneiro*, 12/02/1949, p. 01; Nacionalismo, *O Pioneiro*, 04/06/1949, p. 02.

<sup>494</sup> Galeria dos pioneiros, *O Pioneiro*, 02/04/1949, p. 10; Uma obra social de primeira ordem, *O Pioneiro*, 15/04/1950, p. 01.

<sup>495</sup> Mario Gardelin, *Diário do Pioneiro*, 15/09/1951, p. 01.

<sup>496</sup> *Idem*.

<sup>497</sup> Para vereador Mario Gardelin, *Diário do Pioneiro*, 22/09/1951, p. 01.

<sup>498</sup> *Idem*.

<sup>499</sup> Crônica da Cidade, *Diário do Pioneiro*, 06/10/1951, p. 03.

**Figura nº 29 - Material de campanha de Mário Gardelin pelo PRP utilizando de sua atuação jornalística como legitimação do candidato.**



**Fonte:** AHMJSA, *Diário do Pioneiro* 06/10/1951, BNDigital, acessado em 20/08/2023.

No ano de 1954, onde fechamos o recorte temporal de nossa pesquisa, já apresentamos a edição extra publicada do jornal com vistas à campanha de Wolfram Metzler ao estado rio-grandense e, não se limitando a isso, um dia antes do pleito eleitoral, em capa, *O Pioneiro* traria os candidatos do PRP ao governo estadual, ao Senado, à Câmara Federal e à Assembleia Legislativa. Sob a chamada “Está na hora de mudar!”<sup>500</sup>, Wolfram Metzler, Luiz Compagnoni, Onil Xavier dos Santos e Nestor Contreiras Rodrigues, já presentes assinando textos e participando da empreitada de manutenção do jornal, agora apareciam como candidatos indicados à eleição que estava prestes a acontecer.

**Figura nº 30 - Publicação de capa no dia anterior à eleição de 1954 indicando os candidatos do Partido de Representação Popular.**

<sup>500</sup> Está na hora de mudar!, *Pioneiro*, 02/10/1954, p. 01.

## Está na Hora de Mudar! Para Governador Wolfram Metzler

**WOLFRAM METZLER**, em sua plataforma de governo, luta pelo aumento da produção agrícola, economia nos gastos públicos, eliminação das repartições públicas inúteis, moralização e eficiência da administração. Como deputado estadual e federal demonstrou sua grande capacidade de trabalho. É católico praticante, e proprietário do jornal *A NAÇÃO*. O P. R. P. apontou-o, pois o Rio Grande precisa dum homem que saiba promover maior quantidade de produção, unica forma para que todas as famílias das cidades possam viver des preocupadamente e fartamente.



**LUÍZ COMPAGNONI**, candidato a deputado federal, já demonstrou que merece o voto caxiense. Batalhador intemperado na defesa da produção agrícola, constitui o unico candidato que realmente entende os problemas dos triticultores. No Rio de Janeiro, conseguiu popularizar os vinhos gaúchos, com seu trabalho junto aos jornais. Por isto, ele deve ser eleito, para ampliar seu imenso trabalho em prol do Rio Grande do Sul.



**ONIL XAVIER DOS SANTOS**, candidato dos operários e agricultores de Caxias do Sul. Como secretário do município soube ser a risca os seus deveres. Colaborador incansável do Major Engenheiro Euclides Triches, muito deu de seu esforço para o brilhantismo desta administração municipal. Ele é digno de nosso voto. Elegê-lo significa enviar um batalhador incansável à Assembléia Legislativa do Estado.

**PARA SENADOR, NESTOR CONTREIRAS RODRIGUES.** — Homem de invejável cultura e capacidade, agrônomo, odontólogo formado em diversas universidades, tem em sua vida inumeros méritos de homem publico.

### COMPANHEIROS DO P. R. P.!

Elementos mal intencionados propalarão toda sorte de mentiras nestas ultimas horas! Não lhe dêis crédito! O PRP em péso está com Wolfram Metzler! Não acredites no que os despeitados não de dizer! Não acredites em papéis que dizem votar em outros candidatos que não são do PRP! O Partido necessita de tua disciplina, afim de podermos redimir o homem da colônia, que somente é lembrado nas horas de eleição. Vota com todos os teus amigos em **WOLFRAM METZLER**, o nosso grande candidato!

A Associação de Cultura Franco-Brasileira «Aliance Française», tem a honra de patrocinar mais uma conferencia de

Mestres, jornalistas e demais interessados. Pronunciará esta 4.a conferencia o Sr. Henri Bénaac, sultado cultural do consulado fran-

çesa francesa depois de 1945. Esta conferencia será na Biblioteca Municipal às 20 horas do dia 6 do corrente.

# PIONEIRO

Diretor Responsável: MARIO GARDELIN  
CAXIAS DO SUL — 2 DE OUTUBRO DE 1954

ASS. ANUAL CR\$ 40,00  
NUM. 00

### OZI CARDOSO

No dia 28 p. p. viu passar mais um aniversário o jovem Ozi Cardoso, integrante do Grupo Cênico do Sindicato de nossa cidade. Ao jovem Ozi nossas con gratulações pela data.

Conforme noticiamos em diversas edições anteriores o *Recreio Guarany* vem realizando a eleição de sua soberana, num pleito democrático, patrocinado pelo *Guarany Club*, que congrega a ala feminina daquela tradicional entidade social.

Ao alto, aparece a gentil Srta. Mariúcia Garin, e em baixo, a Srta. Liexa Jefferson.

Segundo noticiamos, numerosas solenidades verificaram-se nessa oportunidade, em reuniões densas, consagrando-se todas com o máximo êxito.



### ANIVERSARIOS

Estará de aniversário no dia de amanhã o sr. Vilson Porto, irmão de nosso companheiro de trabalho Nilson Porto, e pessoa vastamente relacionada em nossa cidade, onde é bem querido por todos que o conhecem. Por motivo da passagem dessa efeméride o sr. Vilson Porto receberá em sua residência a seus parentes, amigos e a todos que o forem cumprimentar. *Pioneiro* deixa aqui seus votos de constantes felicidades.

### OBRAS COMPLETAS

A Editora das Américas vem de anunciar que publicará as obras completas de Plinio Salgado, constituindo este fato um verdadeiro acontecimento no mundo das letras.

Fonte: AHMJSA, *Diário do Pioneiro* 06/10/1951, BNDigital, acessado em 20/08/2023.

Para nós, ao fim, fica clara a estratégia utilizada de confundir os papéis exercidos por esses sujeitos. Normalmente ligados ao PRP e ao integralismo, passavam um tempo construindo suas funções por meio de textos, reportagens e direção do jornal e, quando candidatos pelo partido, seguiram utilizando do *Pioneiro* para a construção de suas candidaturas. Regularmente, não houve qualquer tentativa de separação entre a ação jornalística — que se vendia desligada de partidos — e sua atuação enquanto candidato e mesmo após eleito — que era obviamente ligada ao partido político. Ou seja, mesmo empunhando o discurso de despreocupação em relação aos partidos e repetindo que suas defesas diziam respeito apenas aos interesses da sociedade, o jornal servia de forma evidente

ao Partido de Representação Popular não apenas em período eleitoral, e inclusive usando da atuação jornalística como justificativa para a legitimação de seus candidatos. É relevante notar que, junto com outros pontos já apresentados, essa questão também era típica em nível nacional: os agentes políticos, atuantes na administração pública, na maior parte das vezes eram atuantes também na imprensa e essa estratégia de embaralhar suas atuações certamente trazia ganhos eleitorais.

Neste sentido, Barros (2023) nos aponta que, para analisar um jornal, é necessário ter em mente que o que nele é produzido e publicado é feito “por seres humanos diversificados, e que se tornam possíveis no seio de uma certa sociedade e no âmbito de uma determinada instituição” (Barros, 2023, p. 20). Dessa forma, ao se tornarem autores e diretores do *Pioneiro* — como no caso de Moretto e Gardelin —, é necessário considerar suas relações nessa sociedade e as posições que permitem aos dois sujeitos terem esse espaço de atuação. Já que, com o que apresentamos, é perceptível a relação do jornal com o PRP, marcar a atuação desses dois e de outros em relação ao partido também é importante.

Além dos diretores, outros sujeitos presentes no *Pioneiro* trazem relações com o integralismo, e iremos analisar alguns desses autores mais detidamente nos próximos subtítulos. Optamos, em função da limitação de espaço para a extensão de uma dissertação, por escolher dois autores que se fizeram presentes no jornal no período em que pesquisamos. Um deles — Plínio Salgado — era o Chefe Nacional dos integralistas e presidente do PRP, portanto agente político de nível nacional e que povoou as páginas do periódico; o outro — Mário Gardelin — também era membro do PRP, mas tinha uma atuação política limitada ao regional e, por isso, permite analisar suas produções levando em conta dois casos que trazem diferenças em suas áreas de atuação para melhor compreender a atuação política do *Pioneiro*.

Se a pesquisa traz como hipótese a relação de *O Pioneiro* com o integralismo, é obrigatória a análise da presença (ou ausência) e da forma com que se manifesta o sujeito Plínio Salgado nestes espaços. Para além da óbvia referência de ser o principal criador e mentor do que se tornou o integralismo, desde a década de 1930, as mudanças discursivas, debates e reorganizações do movimento sempre passaram pelo ex-Chefe Nacional da AIB. Após o exílio em Portugal durante o Estado Novo varguista, Plínio Salgado volta ao seu país de origem com importantes referências políticas que serviram de base para a reorganização do integralismo dentro do Partido de Representação Popular. Não mais Chefe Nacional — o novo contexto que, pelo menos formalmente, se abria à democracia exigia mudanças —, logo após seu retorno, assume o comando do PRP com rédeas curtas. Nesse sentido, acreditamos que o levantamento da presença de Plínio Salgado a partir de seus textos e imagens em um

jornal de circulação regional, e que tinha dentre seus importantes sujeitos na fundação e circulação militantes da causa integralista já de períodos anteriores, auxilie na avaliação de como o pensamento integralista permeava a circulação deste jornal.

#### 4.3.1 - Plínio Salgado, o Chefe Integralista

Considerando os objetivos da pesquisa, é indispensável darmos atenção à presença de Plínio Salgado no *Pioneiro*. O fundador e idealizador da AIB em 1932, exilado durante o Estado Novo em Portugal e que retorna para se tornar presidente do Partido de Representação Popular com a abertura iniciada em 1945, foi recorrente nas páginas do jornal que analisamos. Variando entre um texto assinado no intervalo 1951/1952 e chegando a 12 (correspondendo a mais de 10% dos textos) no período 1950/1951, a presença do Chefe Nacional dos integralistas em um impresso de circulação regional e a valorização de sua presença faz meritória a atenção aos seus discursos.

**Figura nº 31 - Proclamação do PRP no *Pioneiro* dias antes da eleição de 1950 com 11 referências a Plínio Salgado.**



Fonte: AHMJS, *O Pioneiro do Sul*, 30/09/1950, BNDigital, acessado em 21/08/2023.

Já na segunda edição a circular do *Pioneiro*, noticiam o retorno de Salgado ao Brasil, apresentando-o como “o dirigente máximo e inspirador do Partido de Representação Popular. O chefe populista foi recebido por enorme multidão que aclamou vivamente o teólogo quando ele apareceu no aeroporto Santos Dumont”<sup>501</sup>. Mesmo sem qualquer fala do agente que retornava ao Brasil, fica desde já a clara tentativa de construí-lo como alguém ligado à religiosidade. Mesmo que referindo-se como um dirigente do PRP, Salgado é apresentado como um teólogo e não político; nem qualquer referência é feita ao integralismo nesta primeira aparição. Em algumas edições serão, também, transcritos trechos de livros publicados por Salgado em outros espaços do jornal; esses trechos são retirados principalmente da obra *A vida de Jesus*<sup>502</sup>, publicada pelo autor nessa tentativa de adaptação ao novo contexto nacional e internacional do pós-Segunda Guerra. A participação do sujeito em um evento seria ainda referida como uma “homenagem [que] não teve caráter político, tendo aderido à mesma pessoas de diferentes filiações partidárias, reunindo-se perto de mil convivas”<sup>503</sup>, mesmo que citando o cargo de presidente do PRP.

Essa ligação com o religioso fica ainda mais evidente quando assina um texto de capa — portanto, não está contabilizado nos gráficos que apresentamos, mas será analisado em função de ser a primeira aparição de Salgado e com a extensão que apresenta — na véspera do natal de 1948, em que apresenta uma oração de natal à “pátria criança”. Nesta, cita uma pátria inquieta e amedrontada que deve atentar para a estrela que se levanta no oriente “onde os homens se trucidam, onde os fracos são esmagados, onde a mentira impera, a calúnia domina, a injustiça estende a mão à covardia e o orgulho divide as almas”<sup>504</sup> e lembra que esta é “Uma estrela vermelha [que] vem vindo da Ásia. Uma estrela de fogo e de sangue”<sup>505</sup>. O oriente, dessa forma, acaba mais uma vez servindo como um exemplo a ser trazido para o contexto brasileiro em combate aos acontecimentos atuais da sociedade, uma sociedade que estaria dividida por motivos variados, que via a luta de classes separar a nação e que “o meridiano que os separa é o da negação de Deus”<sup>506</sup>. A realidade apresentada pelo autor é de crise completa, onde as famílias estão colapsando, os países se armando, as pessoas se combatendo por todos os motivos e que, ao fim, “um clarão vermelho barra os horizontes de todos os povos”<sup>507</sup>.

<sup>501</sup> Regressou da Espanha o sr. Plínio Salgado, *O Pioneiro*, 11/11/1948, p. 02.

<sup>502</sup> Naquela noite apareceu uma grande estrela, *O Pioneiro*, 24/12/1948, p. 08; Naquela noite apareceu uma Grande Estrela, *O Pioneiro do Sul*, 23/12/1950, p. 09; Satanás, *O Pioneiro do Sul*, 10/02/1951, p. 03.

<sup>503</sup> Homenageado o escritor Plínio Salgado, *O Pioneiro*, 30/12/1948, p. 10.

<sup>504</sup> Oração de natal da pátria criança, *O Pioneiro*, 24/11/1948, p. 01-03.

<sup>505</sup> *Idem*.

<sup>506</sup> *Idem*.

<sup>507</sup> *Idem*.

Figura nº 32 - Texto de capa assinado por Plínio Salgado.

# O PIONEIRO

Director-Responsável: ELVO JANIR MARCON | Director-Gerente: ONIL NAVIER DOS SANTOS | Proprietária e Editora: GRAFICA NORDESTE LTDA. | CAXIAS DO SUL - R. G. do Sul | ANO I - N.º 8 | Número avulso Cr\$ 0,80 - Assinatura anual Cr\$ 25,00 | Rua Dr. Montauri, 1022 - Fone. 723 - CAXIAS DO SUL | SEXTA-FEIRA - 24 DE DEZEMBRO DE 1948

## ORAÇÃO DE NATAL DA PATRIA CRIANÇA

Por Plínio SALGADO  
Especial para «O PIONEIRO»

Que oração poderemos dirigir-te, ó Cristo, neste tormentedo Natal? Ve: o nosso oração está inquieto, a nossa Pátria está inquieto, porque todos os povos estão inquietos.

No silêncio da noite, erguemos a luz da tua estrela que brilha desabrochando o mundo em um lírio, no céu de Oriente. Aquela estrela tinha o brilho dos olhos das crianças, o céu da Ásia olhou o mundo com o olhar da tua estrela.

A tua estrela fulgurou como a lâmina de uma espada, porque a luz dos seus raios era feita de coragem. A coragem da bondade, que entra acrisoladamente em os homens se trucidam, onde os fracos são esmagados, onde a mentira impera, a calúnia domina, a injustiça, estando a mão à enxada e o orgulho divide os almas.

Intencional, a tua estrela habou as trevas dos egoísmos, como Daniel desera os covis dos leões. A tua estrela era limpida porque era a coragem tranquila dos inocentes, e espírito imortal das renúncias.

Tua estrela foi a tua estrela, Senhor? Contamos o segredo do seu roteiro; diz-nos a quantos milhões de leguas distas no infinito dos espaços o teu astro que possui outrera nas pontas dos dedos das montanhas da Judá, tão esperanças e manilhas como as corações dos homens?

Dize: até a nós, na noite do teu Natal, e vê o desaparecimento do mundo. O medo dos homens não lhes permitiu acreditar nos teus. Os homens não sabem, Senhor; eles, apenas, não se entendem. E, não se entendendo, temem-se. E, temendo-se, lutam. E o espetáculo do mundo é o espetáculo da luta. E como a luta aguçou a crueldade, esta se multiplicou no egoísmo dos fortes, na insubordinação dos mansos, na revolta dos orgulhosos e na angústia dos desesperados.

Ninguém acreditou no teu reino, que não era deste mundo, e por isso, todos perderam o único reino possível da terra: a paz do espírito. Talvez alguns tenham acreditado no teu reino, porém esses entenderam uma das milas para o céu e a outra para a terra. E, não fomos feitos da terra, do limo da terra. A terra tem muita força sobre nós. A terra exige a sua parte e, até que lhe devolvamos o corpo que ela nos deu do empéximo, escurtuemos todo o clamor dos seus cantos dinâmicos, as canções envolventes dos cinco sentidos.

Ninguém acreditou no teu Reino da Montanha, quando mandaste que habitassem os lírios dos campos e os passaros do Céu; e o militar das moedas embou o sonho a murmure do Avareza. Não acreditaram quando disseste que, para atingir à Verdade, cumpria ter uma alma de criança, a candura dos stupores de Intelectual aberta para a

compreensão de todos os mistérios; e a eficácia do homem tornou-se o orgulho estúpido do homem.

Nascente numa mangueira e sendo um carpinteiro; e o mundo está dividido entre os que nasceram e os que não nasceram; numa estribulação entre os que são e os que não são carpinteiros. Tudo divide os homens. Eles abandonaram o teu gládio de luz e foram submetidos ao gládio negro da violência.

O mundo renegou-te porque és a bondade a inocência, e a lei que nos domina é aquela pessoa que encontraste, quando as lâmpadas dos legados políticos no Arco do poderio do tetraçar e a sombra dos capangas dos centúrios crescia nos parcos de pedra das avenidas. Foste renegado até junto ao berço das crianças porque é necessário que impeça a lei da justiça até entre os pagãos.

Vós como as famílias críticas te substituíram pelo hipócrita Papá Noel, patriarca dos comerciantes de brinquedos, patrões dos ploteiros, laços dos foliões, juiz que julga com as leis de Satana as crianças de todos os países!

Como podemos estar alegres na noite do teu Natal, se ainda esta tarde tantas crianças estendem instilamente as mãos, como pequenas cordeiras? Pois não lhes disseste, para aquelas que fossem bem comportadas, Papá Noel traria um presente, a fim de colocá-las em seus sapatinhos junto às lanchas? Amm... quando ralar o dia, os polverinhos dirão: «Papá Noel julgou-me indigno porque o meu sapatinho está vazio...» E os molinos rirão levando o miserável e vnal, a torpe família dos venturocos, esse vobro cruel que anda pelos telhados, afrontando os infelizes, dizendo os quais um dia sem possuiram sapatinhos.

Como podemos estar alegres na noite do teu Natal, se sabemos de toda uma população de parias que não tem nada de farrapos com que se cobrir, e o escasso, ou o nenhum alimento de cada dia? Tu disseste que seria representado porocemente pelos humildes; e, então, crucificam-te pela segunda vez, nos hairros proletários, crucificando os teus representantes? Pois os operários não são teus irmãos, não são a tua própria pessoa esmagada pela violência dos poderosos e torturada pelos erros dos falsos profetas?

Por onde anda a tua estrela, Senhor?

Uma estrela vermelha vem vindo da Ásia. Uma estrela de fogo e de sangue. E sempre o céu da Ásia que decora a palpebra para o espetáculo do mundo. Já não são as montanhas da Judá que erguem seus dedos de pedra para alcançar o astro da Estrela vermelha aberta para a

## Gloria a Deus nas Alturas e Paz na Terra aos Homens de Boa Vontade



Nosso Brasil, o teu Brasil, em cujo céu se reflicta em estrelas a imagem do teu sacrificio, é a criança que nasceu ontem e já se agita na hora tormentosa.

Também aqui os corações se inquietam. E fechar os olhos e imaginar tudo o que vai por essa imensa carta geográfica. E, uma vez que é a dia de Natal, basta pensar um pouco nas milhares de crianças do nosso vasto território. Que alegria poderá cantar hoje nas milícias dos serapiteiros, onde os pequenos tapetes tiram da malícia e de miséria organizada? Nas choças, nas ta-

As rodas dos enguiços, onde os milhares dos cabreças, dos catões, dos setrejas, têm a pele sobre os ossos e um farrapo sobre a pele? Nas cabanas alfordeiras das cataras, ao longo de todas as cascadas, em cujas águas cavalgam canoas solitárias refletindo espelhos. (Continua em pag. 2)

**«O PIONEIRO» na véspera do dia do Santo Natal, envia a todos os seus assinantes, agentes, colaboradores, favorecedores, amigos e auxiliares, a sua mensagem de Fraternidade e os seus votos sinceros de saúde e felizes Festas.**

Que aquela manana e doce Paz que desceu sobre Belém na noite santa, desça também sobre os lares caxienses, acompanhada das melhores bênçãos celestes, e que todos possam encontrar neste Natal aquela consolação e felicidade anteriores que os homens devidamente buscam através dos tempos.

Possam todos recolher o divino lição de humildade e mansuetude que nos vem da lapa de Belém, para que se compreenda verdadeiramente o sentido sublime da oração dos anjos: «Gloria a Deus nas alturas e Paz na terra aos homens de boa vontade».

**A IMPORTAÇÃO DE VINHO ESTRANGEIRO EM BARRIL OU GARRAFO**

Troux grande desassossego aos industriais rio-grandenses do vinho a notícia de que, no Rio de Janeiro, se conseguiu um movimento no sentido de obter fosse licenciada a importação do vinho em barril ou garrafas.

Creve golpe para a indústria gaúcha do vinho representada a bom acobimento de tal iniciativa pelas autoridades federais. Por esse motivo a Associação Comercial de Porto Alegre se dirigiu ao ministro da Fazenda alertando para o sério perigo que a concessão pretendida representaria à nossa indústria.

Em resposta, o Ministério da Fazenda enviou de consultoria à Associação Comercial de Porto Alegre que, coarada a respeito da matéria à Carteira de Exportação e Importação do Banco do Brasil afirmou vir recusando licenças a importação do vinho em barril ou garrafas.

Quanto aos garrafões com capacidade máxima de 6 litros, julga a mencionada Carteira não haver justificativa aceitável para o impedimento de sua importação, pois, ao contrário, os países interessados também se opunam à entrada de produtos brasileiros cuja enociação no exterior é difícil em condições normais.

O receio do suposto avanço dos comunistas seria o centro da oração de natal apresentada por Salgado. O comunismo é apresentado como já tendo tomado conta de uma parte considerável do mundo, inclusive no Brasil, onde esse avançado grau de expansão era informado na afirmação de que não havia “parlamento estadual, ou câmara municipal onde os comunistas não estejam e, na Câmara Federal”<sup>508</sup>. O descrédito apresentado em relação à sociedade e a necessidade de combater esse mal impiedoso, visto que “Já se vive aqui numa anarquia, numa ambição, porque aqui, também se esqueceram de ti, Senhor”<sup>509</sup> é citado como prova da necessidade de se intervir na sociedade. No combate a esse mal, Salgado lança a oração como um pedido desesperado pela salvação da pátria criança que seria o Brasil. Ou seja, desde a primeira aparição do chefe dos integralistas no *Pioneiro*, é evidente a abordagem religiosa utilizada pelo político para combater os materialistas, tão denunciados pelo movimento – o que está em consonância com os editoriais que já apresentamos.

O comunismo é apresentado por Plínio Salgado como

A destruição de tudo o que é espiritual, a imposição definitiva de um conceito de vida materialista, a expulsão de Deus das almas, a revogação de todas as regras morais eternas, que pelo seu valor essencial independem das transmutações dos processos de vida determinados pelo progresso técnico.<sup>510</sup>

Frente a isso, não há outra possibilidade em uma sociedade que prima pela perspectiva católica de mundo além do combate incessante, e Caxias do Sul era uma cidade com mais de 90% de católicos neste período, o que fazia com que o discurso pliniano impresso no jornal tivesse uma grande possibilidade de ecos na sociedade. Ademais, não só o comunismo deveria ser combatido em função da sua ideologia, como não o combater seria deixar aberta a possibilidade de uma nação estrangeira influir diretamente nos rumos da política nacional<sup>511</sup>, permitindo que essa estrela perigosa do oriente seguisse se espalhando.

Além das questões religiosas, uma série de artigos publicados no *Pioneiro* dão atenção ao que denominam de burguesia. Para Salgado, a burguesia seria um estado de espírito que muitas vezes pode ser imperceptível a quem o tem e que é caracterizado como “a preocupação exclusiva pelos bens materiais que devendo constituir um ‘meio’ pelo qual a criatura humana deve atingir os seus fins verdadeiros, tornam-se um ‘fim’ em si mesmo, com exclusão de toda finalidade superior”<sup>512</sup>. Para além dessa visão do fim em si mesmo, chega a afirmar que o comunismo não seria o pior mal a ser combatido, “porque antes dele existe um

<sup>508</sup> Mensagem aos surdos e aos cegos, *Pioneiro*, 18/04/1953, p. 07.

<sup>509</sup> Oração de natal da pátria criança, *O Pioneiro*, 24/11/1948, p. 01-03.

<sup>510</sup> Espírito da burguesia, *O Pioneiro*, 12/02/1949, p. 03.

<sup>511</sup> Idealismo e Realidade, *O Pioneiro*, 08/04/1950, p. 03.

<sup>512</sup> Espírito da burguesia, *O Pioneiro*, 03/02/1949, p. 03.

outro mal de que se origina. Esse mal é o espírito materialista, que se convencionou chamar ‘espírito burguês’ pelo seu maior predomínio na classe dominante”<sup>513</sup>. Vemos, assim, o retorno discursivo ao início do integralismo, em que “materialista” incluiria tanto os comunistas quanto os liberais, que ao fim seriam responsáveis pela degradação da sociedade que abria espaço ao espalhamento dos comunistas.

Nesse novo contexto, já que não era viável criticar abertamente o liberalismo, o “materialismo” daria conta de retornar às críticas com uma leve mudança na forma empregada. Desta forma, fica patente quando Salgado cita que

mais nobres e generosos do que aqueles que se servem da doutrina espiritualista como alicerce de uma construção materialista, surgem os líderes do comunismo dizendo: - substituamos esse alicerce religioso por uma base anti-religiosa, porque assim haverá coerência e sinceridade, equilíbrio e justiça.<sup>514</sup>

Os comunistas, portanto, mesmo que fossem criticados e devessem ser combatidos, ao menos eram mais sinceros com o que defendiam do que os burgueses — ou liberais, em período anterior — e seus respectivos resultados. Mas logo retoma que os comunistas utilizam “ostensivamente princípios inconfessáveis da mentalidade burguesa, pretendem suprimir todos os valores espirituais de que se valem os burgueses para se manterem nas suas posições”<sup>515</sup>; conseqüentemente, a moeda do materialismo seria composta por dois lados: a do comunismo e a do espírito burguês/liberal. Ainda segundo o autor, a burguesia “também é capaz de dar dinheiro ao comunismo, na esperança de que, obtendo o rótulo de ‘burguês progressista’ possa ir passando incólume das batalhas sociais”<sup>516</sup>, e essa sociedade, no rumo que anda, “Não admira ainda que se suprima a propriedade em nome dos próprios direitos da propriedade, como faz o capitalismo, como pretende fazer o comunismo”<sup>517</sup>.

O receio em relação ao estilo de vida burguês, que para Salgado não se restringia à detenção de bens materiais e financeiros, permitia afirmar que as sociedades materialistas, aquelas “da expansão da coletividade com forçosas restrições ao indivíduo, e a da expansão do indivíduo em detrimento de outros indivíduos e da coletividade) são mais lógicos e menos inquietadores do que o tipo da sociedade burguesa, indefinido e instável”<sup>518</sup>. Essa inquietação trazida pela sociedade burguesa se relacionava diretamente com o liberalismo tantas vezes criticado pelos integralistas, já que “ao mesmo tempo, toda a prosperidade material da classe burguesa era propulsionada pela progressão do liberalismo tanto político como econômico, e

---

<sup>513</sup> *Idem.*

<sup>514</sup> Espírito da burguesia, *O Pioneiro*, 03/02/1949, p. 03.

<sup>515</sup> *Idem.*

<sup>516</sup> *Idem.*

<sup>517</sup> Eclipse da moralidade, *O Pioneiro do Sul*, 07/04/1951, p. 03.

<sup>518</sup> Espírito da burguesia, *O Pioneiro*, 19/02/1949, p. 03.

principalmente econômico. Ora, deixar agir livremente os fatores econômicos era criar condições à revolução social”<sup>519</sup>, o que conseqüentemente abriria espaço à atuação dos comunistas. O ataque ao liberalismo, portanto, apesar de ser feito com maior cuidado do que nos anos 1930, seguia sendo um problema, já que o excesso de liberdade trazida pelo liberalismo colocaria em xeque as bases de sustentação dessa sociedade que era cada vez menos espiritualista e que, inclusive, chegava a criar uma divisão entre católicos e católicos praticantes<sup>520</sup>.

Plínio Salgado chegaria a afirmar que o agente mais importante do comunismo no Brasil não seriam aqueles que leem Lênin, que fazem greves e agitam a classe trabalhadora ou que são consumidores dos jornais mantidos pela Rússia,

Porque o maior dos comunistas do mundo é o Espírito Capitalista. Não direi o Capitalismo, que é um sistema econômico, uma tese a ser discutida em capítulo separado. Refiro-me aqui aos fatores psicológicos, que desabrocham do sistema e constituem um estado de alma, uma forma de mentalidade.<sup>521</sup>

Perguntaria ainda aos leitores: “existe algum comunista que seja mais comunista do que o Capitalismo, neste mundo ocidental que se está decompondo aceleradamente?”<sup>522</sup>. Ao fim, segundo o autor, “o capitalismo subverteu a ordem do mundo”<sup>523</sup> e agora tudo estaria embasado nos interesses materiais, levando em conta apenas os desejos mais urgentes e deixando de lado toda a espiritualidade que deveria ser a guia para a humanidade. Citando críticas feitas por Émile Zola, em *Germinal*, e colocando em paralelo a situação dos russos após a Revolução de 1917, Salgado afirmaria “que o Capitalismo está fazendo a mesma coisa que faz o Comunismo na Rússia...”<sup>524</sup>, e isso atingiria diretamente a classe mais oprimida da sociedade: essa classe, para Plínio Salgado e os integralistas, era a classe média<sup>525</sup>.

O discurso voltado à classe média que apontamos nos editoriais e que tradicionalmente foi empregado pelos integralistas é outro ponto a retornar nas palavras de Salgado. Este defenderia como a bandeira a ser levantada nesse momento da política

<sup>519</sup> Espírito da burguesia, *O Pioneiro*, 26/02/1949, p. 03.

<sup>520</sup> Espírito da burguesia, *O Pioneiro*, 26/02/1949, p. 03.

<sup>521</sup> O maior dos comunistas, *Pioneiro*, 30/01/1954, p. 03.

<sup>522</sup> *Idem*.

<sup>523</sup> *Idem*.

<sup>524</sup> *Idem*.

<sup>525</sup> A criação desses paralelos com as revoluções e a criação dessas imagens negativas que auxiliavam na construção ideológica do integralismo é encontrada por Marilena Chauí desde as origens da AIB. Para a autora, essa livre associação com as imagens ilustraria o pensamento integralistas e “Sob essas imagens negativas da revolução, Salgado associa as ocorrências de 1924, 1927, 1930, 1932 ao mesmo tempo em que estabelece um parentesco entre estas e 1917, na Rússia, e 1935, no Brasil. Associando diferentes imagens de mobilização social ou de movimentação política sob a indiferenciação dos processos históricos onde se realizaram, pode fazer a crítica do que não é revolução e, desta maneira, definir o lugar da revolução integralista, espiritual e civilizadora.” (Chauí, 1978, p. 42).

nacional: “aquela que represente o anseio da classe média em nosso país”<sup>526</sup>. Para o autor, esses seriam os mais oprimidos pela sociedade, já que devem se comportar como a população mais rica, morar e consumir os mesmos bens e que, “sequiosas por ostentar os mesmos padrões de vida dos abastados”<sup>527</sup>, não receberia o necessário para isso. Estes,

São os flagelados em seca permanente, que não recorrem aos poderes públicos, que não se valem da benemerência das nobres damas da granfinagem caritativa nem das campanhas comovidas da imprensa. Representam a miséria dourada, sempre com um sorriso nos lábios e uns ares de quem nada precisa.<sup>528</sup>

Essa classe média, composta por “professores, advogados, médicos, engenheiros, bancários, empregados do comércio, pequenos funcionários”<sup>529</sup>, que era referida pelo autor é a mesma a compor o integralismo desde sua fundação (Maio; Cytrynovicz, 2019, p. 46) e segue sendo o público foco do PRP. Como apontado por Calil (2005, *passim*), um partido voltado à classe média e que serve aos interesses da burguesia, mesmo que nem sempre assim se perceba. Como nos lembra Chauí (1978, p. 53), o integralismo se volta à classe média e não apenas em relação aos seus valores e interesses, colocam-na como o agente central na condução dessa nova sociedade que deveria se organizar. Salgado, nessa defesa, ainda criticaria os comunistas por defenderem melhores condições de vida aos operários, enquanto “nunca reclamou um milímetro de justiça para a classe média”<sup>530</sup>.

A perspectiva de que a sociedade caminhava para o seu fim e que a decadência era uma triste realidade era voz corrente nos integralistas da década de 1930 e seguirá presente em seu novo formato. Salgado afirma que “Estamos vivendo a era dos hipnóticos de toda a espécie. O hino da Humanidade não é mais a ‘Marselhesa’. É o ‘jazz’. Tem gosto de cocaína e parece a marcha fúnebre do prazer”<sup>531</sup>. Encerra o texto com o seguinte diagnóstico:

Esse é o aspecto geral do nosso tempo. Os povos perderam o ritmo da sua marcha, o segredo das suas alegrias.  
As grandes Metrôpoles criaram céus de cartazes luminosos e já não há tempo para se ver as estrelas.  
Os suicídios multiplicam-se. Os médicos propõem a eutanásia. Os eugenistas avançados estudam os homens como simples grãos de feijão, conforme as experiências de Mendel. Os sociólogos e economistas pensam agora, mais fortemente, no malthusianismo. Advoga-se o direito do aborto. E este facto só, é o bastante para provar que a nossa triste Humanidade de hoje não reputa a vida um dom precioso.<sup>532</sup>

<sup>526</sup> A grande bandeira, *Pioneiro*, 28/03/1953, p. 03.

<sup>527</sup> O maior dos comunistas, *Pioneiro*, 30/01/1954, p. 03.

<sup>528</sup> A grande bandeira, *Pioneiro*, 28/03/1953, p. 03.

<sup>529</sup> *Idem*.

<sup>530</sup> *Idem*.

<sup>531</sup> O século da tristeza, *O Pioneiro do Sul*, 24/02/1951, p. 03.

<sup>532</sup> *Idem*.

Marilena Chauí (1978, p. 41-42) ressalta a importância central de produzir imagens que sintetizassem a ideologia integralista e, conseqüentemente, facilitasse sua leitura e compreensão. Uma das imagens utilizadas em seus diferentes contextos traria o que a autora nomeia de “angústia universal” ou “sofrimento universal” que leva à sociedade a necessidade de ação para sua modificação. Essa angústia encontramos presente na maior parte dos textos de Salgado publicados no *Pioneiro*, sempre lembrando “o drama que estamos vivendo neste instante de derrocada de todos os valores da nossa civilização”<sup>533</sup>.

A mobilização dos trabalhadores em São Paulo, greves e ações encabeçadas principalmente pelo PTB na década de 1950, também seriam apresentadas como provas da situação crítica vivenciada nesse momento. A situação seria comparada àquela da Rússia no início do século XX, em que: “Uma massa como essa foi a base da ação dos bolchevistas em Petrogrado e Kronstadt, em 1917”<sup>534</sup>, e afirmaria que essa mesma massa seria exterminada tempo depois, contando que “Leon Trotsky, à frente do Exército Vermelho, metralhou, exterminou, afogou em sangue os operários ingênuos que sonharam dias melhores e tiveram por prêmio a violência e a morte”. O uso dessas narrativas era uma tentativa de desmoralizar e desmobilizar a organização dos operários paulistas.

Ao fim, a única possibilidade de vencer a decrepitude materialista em que se via a sociedade de então é “a possibilidade de contrapormos ao ‘espírito burguês’, o ‘espírito de Cristo’”<sup>535</sup>. No espiritualismo pregado pelos integralistas é que se encontrava a salvação e, tal qual os editoriais, acontecimentos externos são mobilizados por Plínio Salgado nesse combate ao comunismo.

O comunismo totalitário e esmagador da liberdade, avança dominadoramente (sic), trazendo já atrelado ao seu carro países outrora independentes e ciosos da sua dignidade, como a Polônia, a Boêmia, a Eslováquia, a Letônia, a Estônia, a Lituânia, a Bulgária, a Romênia, a Hungria, a Iugoslávia, e prestes a sucumbir a Áustria no ocidente e a China no oriente. Em igual perigo se encontram os pedaços do que resta da Alemanha, a França desorientada pelos excessos de intelectualismo diletante, a Itália confusa e o Japão ocidentalizado pelo agnosticismo científico do século XIX e agora pelo agnosticismo político superveniente da catástrofe.<sup>536</sup>

As Américas, dessa forma, seriam apenas mais um dos alvos desse avanço e, segundo o autor, os remédios que estavam sendo aplicados não teriam qualquer efeito com as condições atuais. Afinal, “será inútil todo o esforço humano tendente a conjurar tais perigos, se não formos ao

<sup>533</sup> A dignidade - Eis Tudo, *Pioneiro*, 03/07/1954, n/p.

<sup>534</sup> Mensagem aos surdos e aos cegos, *Pioneiro*, 18/04/1953, p. 07.

<sup>535</sup> Espírito da burguesia, *O Pioneiro*, 05/03/1949, p. 03.

<sup>536</sup> Reconstrução do homem, *O Pioneiro*, 16/07/1949, p. 03.

âmago da questão, dando um sentido espiritual, uma direção para Deus, a todo o trabalho dos cientistas, dos técnicos, dos artistas, dos estadistas, nas suas atividades criadoras”<sup>537</sup>.

Uma outra série de artigos assinada pelo autor traz a China como objeto de análise. Para Salgado, o andamento do conflito chinês e a situação pela qual passa o mundo como um todo fará com que “a China-errada deve vencer a China-certa, O Mal deve vencer o Bem, porque a massa de incultos e de desmoralizados é maior do que as elites esclarecidas e dignas”<sup>538</sup>. O tom elitista constantemente empregado neste momento político brasileiro é presente nos discursos integralistas e, partindo do chefe do movimento, mais peso ainda traz consigo. As escolhas feitas em pleitos eleitorais, e até acontecimentos por todo o mundo que fossem contrários ao que o integralismo entendia como correto, eram constantemente debitados na conta de uma população ainda criança, que não tinha capacidade de decidir por si; necessitavam, portanto, de uma elite realmente preparada para conduzir a sociedade para longe do abismo.

Essa elite invariavelmente era composta, ao menos em parte, pelos intelectuais do integralismo. Plínio Salgado apontaria sua leitura da realidade como afinada, lembraria as críticas que fez e apontaria que avisa há 20 anos sobre os problemas atuais.

venho anunciando há vinte anos. Anunciando a surdos e cegos, como estou fazendo agora, como continuarei fazendo, para poder em face de Deus, exclamar: os meus patrícios não me quiseram ouvir; uns me tiveram por ambição, outros por hipócrita, outros por fanático; muito me responderam com seu desprezo, sua ironia, suas zombarias e até mesmo alguns com seu rancor: raríssimos me deram apoio e não faltaram os que julgaram fazer favor apenas me tolerando: mas apesar de tudo, falei sem cessar. E este é o único prêmio que desejo por muito haver lutado, pretendendo salvar uma Nação que não tem querido salvar-se.<sup>539</sup>

Uma sociedade incapaz de bem decidir por si e que optava por não ouvir a elite há mais de 20 anos era o que precisavam os comunistas para conduzir a sociedade. A partir dessa situação, os demagogos materialistas teriam maiores facilidades de controlar as massas em direção contrária ao que prescreviam as elites intelectuais, e maior espaço de atuação teriam os “profetas dos tempos amargos, a anunciar panacéias socialistas ou trabalhistas como tisanas galênicas para males que eles dizem curáveis com meia dúzia de prescrições administrativas e outras tantas experiências sensacionais”<sup>540</sup>.

O exemplo era claro: “Basta olhar para a nossa própria situação brasileira, para este nosso Brasil, onde se está preparando uma nova China, sem que nenhuma providência em contrário

---

<sup>537</sup> *Idem.*

<sup>538</sup> Como se prepara uma China, *O Pioneiro*, 17/09/1949, p. 03.

<sup>539</sup> Mensagem aos surdos e aos cegos, *Pioneiro*, 18/04/1953, p. 07.

<sup>540</sup> Como se prepara uma China, *O Pioneiro*, 01/10/1949, p. 03.

seja tomada”<sup>541</sup>. Chamava atenção que as mais variadas funções e cargos na sociedade brasileira estavam tomadas pelos comunistas “desarmando o Brasil de toda capacidade de resistência ao invasor estrangeiro”<sup>542</sup>. De acordo com Salgado: “A nossa imprensa está minada pelos bolchevistas e pelas suas linhas auxiliares. Nas comunas dos nossos jornais manipula-se a política dos títulos, das manchetes, a serviço de Moscou”<sup>543</sup>. Para o chefe dos integralistas, portanto, a crítica literária, os jornais e as revistas, as agências telegráficas, as secretarias da educação dos estados, nas faculdades, por todos os lugares, estavam os comandados de Moscou e estes, a partir de suas posições, fariam “propaganda aberta do nazismo russo”<sup>544</sup>. Para Chauí (1978, p. 37-38), uma das marcas mais evidentes desse autoritarismo brasileiro, que ganha forma a partir da década de 1920, e que tem no integralismo um importante agente, é a utilização recorrente de fatos e de uma dita realidade como prova empírica da teoria defendida pelo grupo. As referências à China e principalmente à situação no Brasil servem diretamente a essa função citada pela autora.

Fairclough (2003, n/p, cap. 01)<sup>545</sup> aponta para a questão de que, mesmo valorizando a construção da sociedade feita a partir dos discursos, para que este tenha efeito é necessário que alguma relação com a realidade construída aconteça. Acreditamos, a partir disso, que o efeito factível do discurso empregado no jornal, em que denuncia a presença dos comunistas em todos os ambientes da sociedade, só é possível em função do diálogo que exerce com uma percepção social já existente sobre esse mito da ocupação desses espaços pelos materialistas.

Os textos sobre a China afirmaram ainda que:

Votos russos, nos mais variados pontos do território nacional, elegeram udenistas, pessedistas, pessepistas (sic) e mais que houvesse, tendo até havido um caso notabilíssimo (o de Belo Horizonte) em que figuraram nas mesmas fileiras, comunistas e democratas cristãos, com espalhafatosas injúrias ao P. R. P.<sup>546</sup>

E o único lugar realmente protegido dessa infiltração perigosa seria, ao fim, o próprio PRP, conseqüentemente assumindo a função de salvar o Brasil. Salgado aponta problemas profundos na política brasileira e cita, dentre eles, o descompasso entre o que se quer ao legislar pela criação de partidos nacionais e a realidade dos partidos, que só se preocupam com os interesses estaduais e locais. O contraponto feito à situação diz respeito ao PRP

---

<sup>541</sup> *Idem.*

<sup>542</sup> *Idem.*

<sup>543</sup> *Idem.*

<sup>544</sup> Como se prepara uma China, *O Pioneiro*, 01/10/1949, p. 03.

<sup>545</sup> “We need to distinguish 'construction' from 'construal', which social constructivists do not: we may textually construe (represent, imagine, etc.) the social world in particular ways, but whether our representations or construals have the effect of changing its construction depends upon various contextual factors – including the way social reality already is, who is construing it, and so forth.” (Fairclough, 2003, n/p, cap. 01, tradução nossa).

<sup>546</sup> Como se prepara uma China, *O Pioneiro*, 24/09/1949, p. 03.

apenas, pois este teria a capacidade de resolver os problemas da atualidade. Conforme a publicação: “Pois não nos fez nacional a lei, mas a realidade do nosso espírito, a coordenação dos nossos sentimentos, a uniformidade da nossa interpretação dos fatos sociais, a consciência que nos dá uma doutrina e, sobretudo, a mística de um ideal de espiritualidade e de brasilidade”<sup>547</sup>.

Com interesses mais dignos e puros que os demais partidos políticos, sua compreensão da política o colocaria “acima das ambições vulgares e dos interesses passageiros”<sup>548</sup> e sem qualquer preocupação com o acesso a cargos políticos, o que deve ser questionado a partir do que apresentamos acerca de Metzler e Compagnoni, bem como já apresentado por outros autores (Calil, 2005, *passim*; Gonçalves; Caldeira Neto, 2020, *passim*). A saída, portanto, para “todos aqueles que quiserem um Brasil indivisível e grande na sua expressão histórica, terão de vir conosco empunhar esta bandeira, que diariamente honramos com o nosso sacrifício, porque ela representa a realidade profunda e a esperança suprema da Pátria que idolatramos”<sup>549</sup>. A salvação estaria apenas no PRP e, por consequência, no integralismo.

A negação dos conflitos na sociedade é outra questão apontada recorrentemente pelos integralistas; os conflitos de classe, por exemplo, seriam invenção dos materialistas com a intenção de dividir uma sociedade, que deveria se entender como uma. O natural era a homogeneização social que evitasse os conflitos e aceitasse que algumas diferenças e desigualdades seriam naturais a depender das capacidades que cada um recebe ao nascer. Ao analisar o pensamento integralista ainda em sua fundação, Maio e Cytrynovicz (2019, p. 59-50) afirmam que “toda manifestação de diferença, de divergência, de conflito, deveria ser combatida. Para que o todo funcione em harmonia, os inimigos da nação precisam ser identificados, isolados, combatidos e, em última instância, eliminados”. Essa é outra permanência por nós identificada. O chefe dos integralistas afirmaria no *Pioneiro*, ao analisar a trágica situação pela qual passava a sociedade, que esta se encontra em

Uma luta sem tréguas desencadeou-se sobre a Terra. Luta da criança contra pais e mestres. Luta da mulher à procura de uma ridícula emancipação que a torna mais escrava, mais miserável, mais deslocada do centro de interesses da Espécie e da própria Sociedade. Luta de empregados e patrões. Luta na concorrência comercial desenfreada. Luta dos partidos políticos. Luta de interesses inconfessáveis, em todos os sectores da actividade social. Luta dos orgulhos e susceptibilidades. Luta dos ódios implacáveis. Luta das desconfianças recíprocas. Luta das insubordinações e das rebeliões. Luta das insatisfações da matéria.<sup>550</sup>

<sup>547</sup> Idealismo e Realidade, *O Pioneiro*, 08/04/1950, p. 03.

<sup>548</sup> Idealismo e Realidade, *O Pioneiro*, 08/04/1950, p. 03.

<sup>549</sup> *Idem*.

<sup>550</sup> Luz ausente, *O Pioneiro do Sul*, 03/03/1951, p. 03.

Para além da questão dos conflitos, é perceptível também o enquadramento que os integralistas davam às mulheres na sociedade proposta por eles. Pautas como a emancipação feminina, divórcio e aborto eram constantemente criticadas como exemplos da derrocada social. Nos materiais que produziam voltados ao público feminino, desde a década de 1930, o lugar reservado à mulher integralista era o de progenitora, educadora e dona de casa (Simões; Simões; Silva, 2012, *passim*).

Em relação ao apresentado, ficou bem caracterizada a relação existente entre os discursos empregados pelos editoriais e as ideias historicamente presentes no pensamento integralista. As mesmas aparecem mobilizadas por Plínio Salgado em fins da década de 1940 e início de 1950. Mesmo fazendo parte da cultura política do período, o que era defendido pelo *Pioneiro* em seus editoriais e que se relacionava com o que defendia o chefe nacional do integralismo indica uma relação intensa entre o impresso e o pensamento integralista deste novo contexto.

#### 4.3.2 - Mário Gardelin

Tendo sido vice-diretor a partir de setembro de 1950, assumindo o cargo de diretor do *Pioneiro* em abril de 1952, onde permaneceu até novembro de 1954, com um curto período de afastamento do jornal, Mário Gardelin é outro importante dirigente do jornal que a pesquisa precisa contemplar. Poeta, escritor, historiador, político: variadas são as características utilizadas em sua apresentação no periódico. Era bastante conhecido na cidade, principalmente em função de sua atuação na Universidade de Caxias do Sul. Sua evidente importância em relação ao jornal que analisamos nos conduz a uma maior atenção aos seus escritos<sup>551</sup>.

---

<sup>551</sup> Diferentemente do restante da dissertação, aqui utilizarei a primeira pessoa do singular para assumir uma opção metodológica no tratamento das fontes que leva em conta a experiência individual do pesquisador. Sou Licenciado em História pela Universidade de Caxias do Sul e seria injusto da minha parte não reconhecer que, além da citada presença de Mário Gardelin nas páginas do *Pioneiro*, uma atenção dedicada foi dada ao sujeito também em função da recorrência de suas produções, citações e comentários que o legitimam como importante agente da História de Caxias do Sul desde a graduação. Gardelin é nome recorrente na UCS e entre os variados pesquisadores que se propõem a pesquisar a cidade e a região, bem como não são raros os comentários sobre os mais variados aspectos da vida política e intelectual dele na cidade, os quais não vêm ao caso no momento. A pesquisa que alia a imprensa regional com a História Política de Caxias do Sul aprofundou ainda mais a curiosidade intelectual sobre o sujeito, visto que ao ser reconhecido como um intelectual da região, raramente é feita alguma referência aos seus posicionamentos políticos e opções partidárias, como se sua atuação estivesse para além de suas posições políticas assumidas ainda em vida. Além de professor de História por um longo período na UCS e pesquisar sobre a imigração italiana, foi um dos fundadores da Academia Caxiense de Letras, atuou em diversos jornais e rádios, foi eleito vereador pela ARENA e ganhou variados prêmios e medalhas, além do título de Cidadão Caxiense. Gardelin era um reconhecido membro da elite caxiense e, a atenção aos seus textos no *Pioneiro*, portanto, mesmo que se encaixando perfeitamente na proposta teórica-metodológica

Tendo seu nome citado desde o segundo mês de circulação do jornal<sup>552</sup>, em relação à página três que analisamos, próxima ao editorial do impresso, Mário Gardelin não assinou nenhum texto no intervalo 1950/1951, mas nos demais períodos variou entre cinco textos entre 1948/1949 e chegando a 26 (aproximadamente 20% do período) entre 1951 e 1952, além, é claro, de materiais seus em outros espaços do jornal. Assinava textos sobre a imigração italiana no contexto de discussão sobre a construção do Monumento ao Imigrante de Caxias<sup>553</sup>, reportagens sobre personagens que apresentava como relevantes para a história da região<sup>554</sup>, comentários sobre os mais variados aspectos do município<sup>555</sup> e até cobertura sobre esportes<sup>556</sup>; sua presença e importância frente ao impresso, portanto, é inegável.

Mário Gardelin era diretor do jornal quando circulou a edição extra do *Pioneiro* com o plano de governo de Wolfram Metzler ao governo do estado. Na edição seguinte, assinou uma reportagem de capa sobre Luiz Alexandre Compagnoni, em que além de trazer uma foto de Compagnoni jovem, citava que o mesmo tinha saído da oficina de ferreiro para a Câmara Federal, em claro tom de campanha eleitoral<sup>557</sup>.

Sua participação na sociedade caxiense e região não se limitava à atuação nos jornais; no próprio *Pioneiro* encontramos notas que se referem a um comício do Partido de Representação Popular em que Mário Gardelin esteve presente e fez uso da fala. Ele foi apresentado nesse evento como secretário geral do PRP<sup>558</sup>. No ano de 1951, Gardelin seria candidato a vereador de Caxias do Sul pelo mesmo partido e seria indicado, em publicação de capa, por Luiz Compagnoni, o fundador do *Pioneiro*. Compagnoni falava estar feliz em saber da notícia da candidatura, ainda mais no contexto em que, segundo ele, poucas pessoas estavam dispostas a assumir funções tão importantes quanto essa, e que Gardelin teria vocação para tal cargo: “Vocação política quer dizer espírito público, capacidade de cuidar dos interesses do povo mesmo com prejuízo dos próprios interesses particulares. Vocação política significa a existência voltada para o grande objetivo do Bem Público”<sup>559</sup>. Sua atuação jornalística na região seria prova de sua preocupação com o bem da comunidade. O fundador do *Pioneiro*, assim, lançava o diretor do jornal como candidato à vereança a partir da capa do

---

que fiz para a pesquisa, também é motivada pela inquietação movida por mim em relação a Mário Gardelin e suas relações com a política regional.

<sup>552</sup> Primeira missa solene do Rdo. Padre Hugo Zulian C.S.J, *O Pioneiro*, 24/12/1948, p. 14.

<sup>553</sup> Os que merecem o monumento, *O Pioneiro*, 12/02/1949, p. 01.

<sup>554</sup> Galeria dos pioneiros, *O Pioneiro*, 02/04/1949, p. 10.

<sup>555</sup> Santo remédio das grades, *Diário do Pioneiro*, 29/12/1951, p. 03; Meia entrada para estudantes, *Diário do Pioneiro*, 02/02/1952, p. 03; Estrada da tradição, *Pioneiro*, 28/06/1952, p. 03.

<sup>556</sup> Flamengo completando 14 anos, *O Pioneiro*, 16/04/1949, p. 11.

<sup>557</sup> O operário Luiz Compagnoni, *O Pioneiro*, 07/08/1954, p. 01.

<sup>558</sup> Notícias de Nova Pádua, *O Pioneiro do Sul*, 23/09/1950, p. 04, não assinado.

<sup>559</sup> Mário Gardelin, *Diário do Pioneiro*, 15/09/1951, p. 01.

próprio jornal, usando da atuação jornalística no próprio *Pioneiro* como legitimação do candidato.

Guido Mondin foi um importante membro do PRP, eleito senador em 1958 e que aparecia recorrentemente no jornal. Em setembro de 1951, enquanto era deputado estadual, no espaço onde normalmente encontramos o editorial do *Pioneiro*, localizamos um texto publicado por Mondin em que este também valorizava a importância da candidatura de Gardelin para Caxias do Sul. Segundo ele:

Os caxienses possuem grandes virtudes que hoje constituem motivo de admiração em todo o país. Povo trabalhador, de profunda vida religiosa, amante da tranquilidade e do progresso, há de querer a futura Câmara integrada por legítimos portadores de tão elevados dotes. Pois bem: MÁRIO GARDELIN (sic), em tal sentido, que pode ser apresentado de viseira erguida ao povo de sua terra.<sup>560</sup>

Assim como a coluna *Crônica da Cidade*, assinada por Velho Laranjeira, comemora a importância da eleição e a grandeza dos candidatos, citando que muitos bons homens estavam no pleito, mas cita diretamente apenas Mário Gardelin, “conhecedor das enormes necessidades da sua terra e da sua gente, e um desses grandes valores moços da indômita Terra Farroupilha”<sup>561</sup>. Este jovem batalhador caxiense, segundo a coluna, seria digno de confiança pela população. “Elegendo o dedicado jornalista, Caxias do Sul terá um lutador incansável pelo seu bem estar e grandeza”<sup>562</sup>.

Antes de passarmos aos textos escritos, gostaríamos de apresentar Gardelin como esse agente que circula em diferentes ambientes da sociedade caxiense, membro e candidato pelo PRP, próximo dos fundadores do *Pioneiro* e que, após se tornar diretor do jornal, aparece sendo legitimado como um bom candidato em diversos espaços do jornal que dirige. Tal qual Isidoro Domingos Moretto, sua atuação como candidato pelo PRP e diretor do jornal são apresentadas como uma só coisa, inclusive com a atuação jornalística servindo como legitimadora da atuação política do candidato. O que volta a pôr sob questionamento a neutralidade partidária, que muitas vezes foi repetida. Em um desses casos, o autor chegou a afirmar que sua atuação no periódico tinha como uma das motivações “colaborar com a brilhante administração do Major Triches”<sup>563</sup>, na certeza de que, orientando-me neste sentido, estarei apenas correspondendo ao desejo dos acionistas, assinantes e leitores do PIONEIRO (sic)<sup>564</sup>. Euclides Triches foi apoiado pelo jornal quando do lançamento de sua candidatura à

<sup>560</sup> Para Vereador, Mário Gardelin, *Diário do Pioneiro*, 22/09/1951, p. 03.

<sup>561</sup> *Crônica da Cidade*, *Diário do Pioneiro*, 06/10/1951, p. 03.

<sup>562</sup> *Idem*.

<sup>563</sup> Euclides Triches foi eleito prefeito de Caxias do Sul no ano de 1951 pelo PSD, compôs o governo estadual de Ildo Meneghetti, foi deputado federal nas décadas de 1960 e 1970 e chegou a ser governador do Rio Grande do Sul entre 1971 e 1975.

<sup>564</sup> Por que voltei à minha cidade, *Pioneiro*, 07/03/1953, p. 03.

prefeitura de Caxias e, durante o governo que se estendeu de 1951 a 1954, seguiu tendo apoio do jornal, principalmente a partir dos materiais assinados por Gardelin, chegando a afirmar em fins de 1953 que:

Não é por nada que sua fama sobrepassou as fronteiras do município de Caxias do Sul. E a ele, sem dúvida, estará ainda reservado uma soma de grandes serviços a serem prestados ao nosso Estado, e à nação, dentro das características de lealdade, que são o apanágio de sua administração.<sup>565</sup>

Os textos que levavam seu nome no jornal, após o lançamento de sua candidatura ao cargo de vereador por Caxias do Sul, circulavam com sua fotografia encimando o escrito e esta seria a mesma utilizada nas publicações de campanha pelo jornal<sup>566</sup>. Seguimos agora aos textos publicados por ele no *Pioneiro*, para assim melhor compreendermos sua atuação jornalística e as funções que exerceria na produção do impresso.

Como presente em outros escritos já referidos, para Mário Gardelin a religiosidade católica traria uma importância significativa em suas produções. Esta servia para balizar seu pensamento e, para o autor, a perfeição e o equilíbrio seriam questões primordiais para a beleza de um sistema filosófico, princípios que seriam encontrados perfeitamente apenas na filosofia católica<sup>567</sup>. Sua contraparte da perfeição, por óbvio, seria representada pela trágica ação dos comunistas na sociedade, que “destrói toda a civilização cristã. Arrasa toda a dignidade humana. Atrela as almas e as mentes ao todo poderoso estado. Faz desabar o indivíduo para que se salve a nação, num exemplo típico de totalitarismo”<sup>568</sup>. O totalitarismo denunciado pelo autor, recorrentemente seria relacionado com a ação do Estado, e este teria uma ligação direta com a ação dos comunistas. Lembramos que nas análises dos editoriais que apresentamos anteriormente, defendemos que essa leitura de crítica à ação do Estado seria imbuída de uma crítica — às vezes velada, às vezes aberta — aos governos do PTB nos diversos níveis.

Gardelin afirmaria que, mesmo sendo o sonho de muitos jovens naquela década de 1950, de forma alguma o serviço público produziria alguma coisa, que era necessário retomar a mentalidade trabalhadora na população<sup>569</sup> e que “A burocracia é estircnina do Brasil. Dominando de alto a baixo a planta governamental, enreda-se em todos os assuntos, estrangulando, asfixiando, desnorteando. Grande mal é o acúmulo de funcionários, que se penduram pelas repartições”<sup>570</sup>. Em meio a críticas variadas, ofensas a certo nível, o autor

<sup>565</sup> Uma administração em marcha, *Pioneiro*, 05/12/1953, p. 02.

<sup>566</sup> Destroços humanos, *Diário do Pioneiro*, 10/11/1951, p. 03.

<sup>567</sup> Princípios e Homens, *O Pioneiro*, 03/12/1949, p. 03.

<sup>568</sup> Os tubarões das águas sujas, *O Pioneiro*, 15/04/1950, p. 07.

<sup>569</sup> Crise nacional, *Diário do Pioneiro*, 08/03/1952, p. 03.

<sup>570</sup> Sua majestade o porteiro, *Pioneiro*, 27/09/1952, p. 03.

trata como exceção os bons funcionários, que não estão atrapalhando o funcionamento da sociedade, os poucos que não são “tubarões do funcionalismo” e que ainda não estão moral e fisicamente atrofiados. O autor critica a atuação da Petrobrás e anuncia os rumos terríveis que teriam a Eletrobrás em vias de ser criada, ambas seriam exemplos de “um ninho de escândalos, pois não há praticamente organização bafejada ou dirigida pelo hálito governamental, que não ponha à mostra as garras aduncas dos peculatos e desfalques”<sup>571</sup>.

A denúncia feita em relação ao Estado e seus usos seria acompanhada de perto pela denúncia dos comunistas que se inseriam na sociedade. Em tom agressivo, utilizaria diversas alegorias para se referir aos que acusavam de serem comunistas: seriam hidras<sup>572</sup>, diabólicos<sup>573</sup>, suínos<sup>574</sup>, porcos<sup>575</sup>, cães<sup>576</sup>; em suma, seriam “Sabotadores inveterados da grandeza nacional, agentes provocadores da desunião, agentes imperialistas da Rússia, renegadores da nacionalidade, [que] somente podem merecer o desprezo”<sup>577</sup>. Segundo Gardelin,

Vimos o semanário vermelho local, abrir trombetas e lançar espalhafatosamente para Caxias do Sul, o escandaloso fato de estar o clero em flagrantíssima contradição com os ensinamentos que prega e com os iatos que vive. Enquanto que os padres martelam do alto do púlpito, a defesa do lar, vivem cometendo atos condenados pela religião que praticam.<sup>578</sup>

E, para responder críticas feitas ao padre, Gardelin alegaria não aceitar estes posicionamentos de quem defendesse a ideologia comunista, já que estaria

ainda na memória de todos, o decreto aprovado em SARALOF (sic), segundo o qual toda mulher de idade superior a 18 anos e inferior a 35, era socializada, devendo estar em "trabalho" 3 horas durante três dias por semana. E, segundo o mesmo decreto, estatuíam-se penas aos que, com sentimentos burgueses, se negavam a entregar a própria mulher a prostituição pública. Se um sacerdote faltasse com as sagradas promessas juradas no altar, os comunistas não têm direito de reprová-los os atos, antes, deveriam louvá-los, visto que eles se pautam decididamente pelos ensinamentos, onde se declara que a religião é ópio do povo.<sup>579</sup>

É evidente a tentativa de utilizar os ditos perigos comunistas às famílias como forma de combater e desqualificar o comunismo. Sendo a família uma importante base da organização católica da sociedade e tendo em mente a maioria da população da região professando o catolicismo, trazer ao centro do texto uma acusação nestes termos teria certamente repercussão no público leitor do jornal em Caxias do Sul. Após transcrever o decreto em

<sup>571</sup> Eleitoralbras S. A., *Pioneiro*, 16/01/1954, p. 03.

<sup>572</sup> A hidra devora os próprios filhos, *O Pioneiro*, 08/04/1950, p. 12.

<sup>573</sup> Assim farão com vossas esposa e vossas filhas, *O Pioneiro*, 10/06/1950, p. 08.

<sup>574</sup> Sem comentários, *O Pioneiro*, 17/06/1950, p. 03.

<sup>575</sup> *Idem*.

<sup>576</sup> *Idem*.

<sup>577</sup> Quem na lama vive, lama transpira, *O Pioneiro*, 22/04/1950, p. 10.

<sup>578</sup> Exaltação da calúnia, *O Pioneiro*, 03/06/1950, p. 03.

<sup>579</sup> *Idem*.

outra edição, lembraria que: “A família é a base onde repousa a grandeza ou o desfalecelo (sic) das nações. Se a família é boa e unida, unida e firme é a nação e o progresso se pautará pela família”<sup>580</sup>.

O aborto também seria foco de um dos artigos assinados por Gardelin, citando cifras de milhares que teriam acontecido na Rússia com o auxílio do governo, assegurava que um decreto permitia às mães “assassinarem seus filhos, quando estes nascessem de mulheres incapazes de criá-los”<sup>581</sup>. Nomear uma ação é importante na construção discursiva, e a escolha por transformar “aborto” em “assassinato” feito por uma mãe traz em si uma intencionalidade nessa exposição dos comunistas. Essas ações deveriam servir de motivação para o seu combate. Frente a isso, demandava atenção: “Operários! vosso voto deve decidir se Caxias fabril deve ser dirigida por gente que lançará vossas filhas no mar negro da imoralidade comunista”<sup>582</sup>, evidenciando a preocupação com a possível eleição dos comunistas para os sindicatos caxienses.

Nesse mesmo sentido, denunciaria ainda estarem mentindo, os comunistas, quando afirmaram nada ter contra o clero católico. Gardelin questionaria:

Como se explica, então, a bárbara perseguição que vem sendo infligida ao clero nos países onde brilha a estrela vermelha? Certamente que os fuzilamentos, prisões, deportações, expulsões de religiosos e religiosas, fechamentos de escolas, proibição de circular jornais católicos, etc., não é anti-clericalismo!!! Evidentemente que não!!!<sup>583</sup>

Para esse diretor do *Pioneiro*, o catolicismo também seria utilizado como núcleo duro do que era defendido, sempre dialogando a partir da oposição entre esses dois polos irreconciliáveis. Para ele, “Evidentemente que o comunismo deve procurar neutralizar a barreira de aço que a religião de Cristo está erguendo em sua marcha triunfal. Se ele assim não procedesse, seria de estranhar. O mal sempre combateu o bem”<sup>584</sup>, utilizando da mesma premissa dicotômica mobilizada pelo integralismo desde a década de 1930. Além de ter matado mais de 25 milhões de pessoas, “Todo o sistema bolchevista enraiza-se sobre a mentira. Ela autoriza todos os desmandos; todas as injustiças; sanciona qualquer meio para conseguir o fim”<sup>585</sup>; portanto, todo e qualquer diálogo com os materialistas seria impossível.

Em comentários sobre os sindicatos e as eleições para suas lideranças, o jornalista pedia cuidado nas escolhas. Assumia a importância destes sindicatos; para Gardelin “Não há

<sup>580</sup> Assim farão com vossas esposa e vossas filhas, *O Pioneiro*, 10/06/1950, p. 08.

<sup>581</sup> Sem comentários, *O Pioneiro*, 17/06/1950, p. 03.

<sup>582</sup> *Idem*.

<sup>583</sup> Exaltação da calúnia, *O Pioneiro*, 03/06/1950, p. 03.

<sup>584</sup> *Idem*.

<sup>585</sup> 25 milhões de caveiras, *O Pioneiro*, 24/06/1950, p. 03.

dúvida que os sindicatos devem existir. Ninguém é contra. Contra, entretanto, todos estão, à maneira com que os comunistas influenciam e dominam arrasadoramente muitos sindicatos, levando todas as relações entre patrões e operários a ‘ponta de faca’, destilando o ódio nos segundos e procurando sabotar a obra dos primeiros.”<sup>586</sup> Como já apontamos, a negação dos conflitos seria marca indelével do pensamento integralista, tornando-os como marcas inventadas pelos materialistas desse período. Para Gardelin,

o momento não é de luta de classes. É de concórdia, com respeito mútuo entre empregador e patrão. Que fazem eles [*os comunistas*]? Procuram acaso harmonizar? Procuram o meio termo? o ponto justo? Lançam os homens da bigorna contra os chefes. E quando o drama vai para um fim em que o operário tem tudo a perder, eles assistem de camarote, felizes e contentes.<sup>587</sup>

Além do anticomunismo, com o peso da religião católica e da negação dos conflitos na sociedade, em específico os de classes, Gardelin, assim como os demais integralistas, assumiria um discurso de classe média, que ecoava interesses do empresariado regional. Vez ou outra, fazendo elogios às indústrias Renner e citando as maravilhas que viu em visitas feitas, tecia loas a A. J. Renner, que inclusive já havia assinado artigos no *Pioneiro*<sup>588</sup>. Se maravilhava com:

A assistência social dada por meio da creche, farmácia, secção média, a instituição da Cooperativa de Consumo e de Crédito: a organização do refeitório, que dá refeições abundantes a CrS 4,00; os prêmios estímulo, os bons salários, as Instalações modernas, são fruto da mentalidade do fundador das empresas, e uns auxiliares.<sup>589</sup>

E citava de variadas formas a genialidade que via no empresário<sup>590</sup>. Além de elogios feitos a que entendia como avanços trazidos pelo empresariado regional, em certo momento também criticaria a utilização feita por “determinadas organizações materialistas”<sup>591</sup> quando denunciavam os abusos de empresários na cidade; para o autor

Nada mais errado, e nada mais injusto. A indústria e o comércio de nossa cidade, analisados sob um prisma sereno, sem prejuízos a priori, possui IMENSA BENEMERÊNCIA (sic). Aqui não existe o capital cuja função é proporcionar rendas para manter pessoas distantes, entregues a festins.<sup>592</sup>

Afirmaria ainda:

Estranha-me profundamente ouvir ataques virulentos desfechados contra industrialistas de Caxias. Como são poucos, infelizmente, que sabem o que é

<sup>586</sup> Os tubarões das águas sujas, *O Pioneiro*, 15/04/1950, p. 07.

<sup>587</sup> *Idem*.

<sup>588</sup> O Sr. A. J. Renner, *O Pioneiro*, 09/12/1948, p. 01; Eletrificação do estado e sua influência na Zona Colonial, *O Pioneiro*, 30/12/1948, p. 01; Agricultura e Indústria, *O Pioneiro*, 26/03/1949, p. 03; O problema entre empregados e empregadores, *Pioneiro*, 01/05/1953, p. 03; Lucros extraordinários, *O Pioneiro*, 06/06/1953, p. 03.

<sup>589</sup> Renner, *Pioneiro*, 05/04/1952, p. 01.

<sup>590</sup> Vale lembrar que Egon Renner, filho de A. J. Renner, foi eleito deputado estadual pelo PRP em 1958.

<sup>591</sup> O direito da benemerência, *Pioneiro*, 14/03/1953, p. 03.

<sup>592</sup> *Idem*.

MONTAR, ORGANIZAR E DIRIGIR uma empresa. Quantos são os tropeços que se deparam. Quanta análise do mercado, e quanto risco importa a indústria, que, no país, é uma aventura, e não um sólido negócio.<sup>593</sup>

Ao fim, reconhecia que a situação atual não era perfeita, mas que pior ainda era o “bolchevismo”. Afirmava ser urgente que o poder público reconhecesse a importância desses empresários, apresentados como os líderes do progresso da região. Gardelin, portanto, mesmo que vez ou outra falasse da necessidade de melhorias das condições da sociedade em geral, dedicava especial atenção aos interesses da burguesia industrial caxiense e rio-grandense, tal qual feito pelo *Pioneiro* nos editoriais que analisamos.

Ainda em relação ao comunismo, cita uma publicação de um jornal que circulava na capital do estado sulino e que trazia nomes de comunistas que não honraram como deveriam as ações do partido. Dentre os nomes, segundo o autor, três seriam reconhecidamente membros do partido em Caxias do Sul e aponta as pessoas que “tudo fizeram para tornar menos brilhante a Festa da Uva, renegando desta maneira as homenagens que os colonizadores italianos merecem pelos seus feitos”<sup>594</sup>, o que demonstraria a “inqualificável e bárbara intolerância, unicamente digna dum regime policial”<sup>595</sup>. Para Gardelin, ainda, isso seria prova de que o comunismo era de uma

Intolerância suprema. E, mais ainda, a escravização total do indivíduo à máquina esmagadora do Estado. Eis aí o maior e mais aviltante totalitarismo. Não é lícito discordar! Não é lícito divergir! Não é lícito opinar! Todos devem pôr-se sob a mesma canga e caminhar sob o estalido do chicote do todo poderoso Stalin.<sup>596</sup>

O evento foi comentado em tom de aviso. O jornal comunista de Porto Alegre estaria denunciando os que não se comportaram como o esperado: “Comunistas sinceros, e anticomunistas, sirva-vos de lição este fato! E não esqueçais a sorte dos expurgados”<sup>597</sup>, afinal “A hidra devora seus filhos, o fim justifica e sanciona todos os meios”<sup>598</sup>.

Apontamos que, mesmo que não se possa pensar um periódico como uma totalidade em si, é inviável pensar que o que era publicado em suas páginas não tivesse um diálogo interno possível. Raramente, opiniões profundamente divergentes e posicionamentos que não se relacionassem circulariam em um mesmo jornal. Dentro dessa premissa, Mário Gardelin se utilizaria, tal qual os editoriais, de acontecimentos internacionais para legitimar o combate aos materialistas. Diversos seriam os acontecimentos no exterior que seriam prova do perigo pelo qual passaria a sociedade. Segundo ele,

<sup>593</sup> *Idem.*

<sup>594</sup> A hidra devora os próprios filhos, *O Pioneiro*, 08/04/1950, p. 12.

<sup>595</sup> *Idem.*

<sup>596</sup> *Idem.*

<sup>597</sup> *Idem.*

<sup>598</sup> *Idem.*

Temos a guerra comunista espanhola, a conquista da China, os massacres praticados após guerra nas nações que caíram sob a órbita russa; as revoluções praticadas nas Américas; todos os atentados e enfim todos aqueles que gemem nos campos de concentração. Não será exagerar, se se afirma que Stalin tem seu trono sustentado por mais de 30 milhões de caveiras.<sup>599</sup>

Essas batalhas já perdidas deveriam mobilizar a luta pela salvação do Brasil, visto já com evidentes passos rumo à decadência, principalmente “Encarando o problema da vitória comunista em todo o globo”<sup>600</sup>. Uma saída possível era apresentada: “há uma ideologia que pode efetivamente solucionar este problema, que vem impondo-se desde o momento em que sobre a terra houve mais do que um homem: é o cristianismo”<sup>601</sup>. O perigo, como sempre, vem do oriente, e mesmo que as pessoas se disfarcem, se escondam, “Os kriptos (sic) continuam a infestar a sociedade. E as nações estão marchando para um encontro decisivo entre o Oriente e o Ocidente. Haverá muito sangue, muita luta e muita morte”<sup>602</sup>.

Esse encontro decisivo, para Mário Gardelin, era inevitável e já se processava de forma evidente – bastava olhar para a realidade do Brasil, já “minado pelo comunismo”<sup>603</sup>. Em meio a profundas críticas a um vereador caxiense<sup>604</sup>, denunciando-o como um possível “cripto-comunista”, lembrava que a constatação dessa situação a nível internacional também era visível:

O mundo que caiu sob a garra vermelha sangra a liberdade, atulha os cárceres de prisioneiros, semeia campos de concentração, levanta processos-farsas, atentando contra toda a dignidade humana. Agride os ocidentais, revoluciona, paralisa as atividades e exalta a sabotagem e a servidão ao estrangeiro, ofendendo aos mais elementares princípios nacionalistas.<sup>605</sup>

Gardelin encerra seu texto-denúncia afirmando que, sem dúvidas, suas linhas encontrariam o “apoio de todos os caxienses de boa vontade”<sup>606</sup>.

O conflito entre Gardelin e o vereador citado acima seguiria. Neste momento, o vice-diretor do jornal usaria do *Pioneiro* para fazer sua defesa, justamente no espaço em que normalmente encontramos o editorial. O vereador, de acordo com Gardelin, teria feito ataques à Igreja Católica e questionado a sua atuação jornalística, o que não seria digno de atenção já que foi feito por “uma pessoa que se presta às manobras dos comunistas”<sup>607</sup>. Em

<sup>599</sup> 25 milhões de caveiras, *O Pioneiro*, 24/06/1950, p. 03.

<sup>600</sup> O homem o maior inimigo, *Diário do Pioneiro*, 26/01/1952, p. 03.

<sup>601</sup> O que é e o que faz a Scan, *O Pioneiro*, 15/07/1950, p. 01.

<sup>602</sup> Ainda os kriptos, *O Pioneiro do Sul*, 29/07/1950, p. 01.

<sup>603</sup> Ver. Stedile quer os comunistas na câmara, *Diário do Pioneiro*, 15/03/1952, p. 12.

<sup>604</sup> Acreditamos que Mário Gardelin se refira a Geraldo Daniel Stédile, eleito pelo Partido Social Progressista (PSP), para a legislatura de 1952-1955. Em função de não estar no recorte de nossa pesquisa no momento, a atenção dada será apenas a título de acompanhar a discussão proposta para essa pesquisa.

<sup>605</sup> Ver. Stedile quer os comunistas na câmara, *Diário do Pioneiro*, 15/03/1952, p. 12.

<sup>606</sup> *Idem*.

<sup>607</sup> O Ver. Stedile ataca a religião católica, *Diário do Pioneiro*, 22/03/1952, p. 03.

sua defesa e, acreditamos que tentando mobilizar a sociedade caxiense em seu apoio, infere que o vereador seria apóstata e que teria utilizado do cargo para o qual tinha sido eleito para “atacar a MINHA RELIGIÃO (sic), a minha Igreja, a minha crença, eu protesto, com toda a veemência, por esse insulto, lançado a esmagadora maioria do povo caxiense”<sup>608</sup>. Entremeados, como em grande parte do jornal, anticomunismo e o discurso espiritualista católico serviam novamente para combater os agentes que eram lidos como oponentes políticos dos que escreviam no *Pioneiro*. Grande foi o espaço dedicado à contenda apresentada a partir do texto escrito por Gardelin e que pode ser conferida a seguir.

---

<sup>608</sup> *Idem.*

Figura nº 33 - Espaço dedicado ao texto "O Ver. Stedile ataca a religião católica", de Mário Gardelin.

DIÁRIO DO PIONEIRO - CAXIAS DO SUL - 22 de Março de 1952 - Pág. 3

# O Ver. Stedile Ataca a Religião Católica

**abundam no horto oratório do Ver. Stedile.**

"Dize-me de onde vens e eu te direi quem és".

Nisto escondia muita similitude. Faço uma análise de sua expressão: ora, quanto ao nascimento, vindo de Ana Rech, e rendi logo aos em Fazienda Souza. Muito bem, não acredito que o serador haja feito uma consideração desprezível, a todos os habitantes daquela zona, que são gente de bem. Quanto ao partido político, também não creio, pois sei que nele há pessoas de nomeada, como o Dr. Osório Machado, que é socialista. E então? Ah! Estudei num seminário católico apostólico romano, até o Liceo de filosofia. Venho, portanto, carregado consigo a mesma mentalidade, a mesma fé, e o mesmo pensamento. E S. S. o sabe muito bem.

Dai, talvez, S. S. queira deduzir tendências mínimas para os "métodos medievais". Ora, ora. E esquece ele que TAMBÉM FOI SEMINARISTA CATORILICO APOSTOLICO ROMANO, e estudou até o SEGUNDO ANO DE TEOLOGIA. Eu, Vereador Stedile, apesar de meus defeitos, continuo com a mesma fé, com a mesma opinião, a qual peço Deus não conserve até o final de meus dias.

Por uma curiosa associação de idéias, venho a mente a figura dum imperador romano, que reinou de 381 a 393 depois de Cristo. Morreu combatendo contra o Rei Sapor, da Pérsia, aparrando o sangue que jorrava das feridas, atirando-o no céu e bradando: Veneste, Galileu. Não sei se o Ver. Stedile sabe quem é este personagem. Citarei, então, sua segunda intenção, seu nome: Juliano, o APOSTATA.

ALLEGRETTO

Vereador Stedile! Até o momento em que se conservava no terreno relacionado com a existência de V. S. para o convite a VOZ DO POVO, não aerei a não ser matéria ligada ao assunto. Agora, como V. S. assumiu a tribuna que o povo lhe confiou, para atacar a MINHA RELIGIÃO, a minha Igreja, a minha crença, eu protesto, com toda a veemência, por esse insulto, lapidado a esmagadora maioria do povo caxiense.

Não citei brigadas, em meu artigo, por um motivo simples, que é o respeito que MINHA RELIGIÃO impõe aos demais. No entanto, abordo no que mais me é caro, não posso silenciar. E é lamentável, que seja a primeira vez que um posto clerical de MEU município seja utilizado para atacar ataques.

PIANISSIMO

V. S. desceba alto e bom som de que epôstor da Igreja Metodista Local. Muito bem! Nada tenho a opor a isto. No entanto, quando V. S., falseando o terreno ouso mais e disse que NOS PAISES PROTESTANTES é onde há menos consumo, todos entenderam a velada censura que V. S. tentou fazer. Não sei exatamente se V. S. se apercebeu disto. No entanto, eu lhe pergunto se a China e a Rússia eram nações católicas? Um pouco de recatificação de matérias escolares que estudou no Gênesio não lhe fariam mal.

E quando V. S. afirmou: Não há de ser assim que se combate o comunismo," eu gostaria de saber se as dezenas de bilhões de dólares gastos pelos Estados Unidos no recrutamento, são boques de Flores e Unidos e a China? V. S. não le o que diretamente se diz da atitude dos comunistas? Acredito que não.

E quando fala em "métodos medievais" usa expressões que muito bem poderiam ser indicadas de "instituição", e quando fala em mentalidade medieval, me lembro certas palavras de V. S. com o clero local.

Que V. S. apresente emendas na hora da votação e em meio à votação, está bem. Isso demonstra ignorância das atividades parlamentares. Pusse, que V. S. me ajude de mentiroso, fôbre por cardeais cristão.

Mas, que V. S. se permita a trevação de lançar palavras duras sobre minha crença católica, é o cúmulo. É a estupidez total.

Eu o repto, pela sua honra, a provar um centil do que afirmou, quando, jogando desdenhosamente, acrescentou no seu arrazoado escrito, uma série de distorções, que, não quis ficarem constando em ata. Eu não ajo assim. Não venha dizer, agora, V. S. que não teve intenção de atacar a quem quer que seja, de vez que não deixou escrito. Então em perguntarei o que significa todas essas palavras, que, não utilizadas nesse sentido, demonstrariam apenas uma ignorância monumental, pois nesse caso, na boca de V. S. não se referiam a nada, enquanto que, tornadas no sentido, em que as entendi, a algo se relacionam, muito em boa verdade.

O fato de fazer não constar tanto me permitiu, logicamente, tirar certas deduções, de primeira ordem. Baseado nisso, não poderia perguntar se toda a história da VOZ DO POVO não foi precedida de caso pensado? E isto não permitiria suplicia de crypto-comunismo? A pergunta fica de pé.

FINALE

Razão, razão às carradas teve o Ver. Almeida quando lamentou ter-se prestado V. S. a um joquete da VOZ DO POVO. E não bastou isso. Permitiu-se usar palavras levianas contra a Igreja Católica, distorcendo em diversas partes, suas próprias palavras.

V. S. apenas está repetindo o que mil vezes foi refutado. Está apenas prevalecendo-se dum tribunal, para descarregar pressões, que tomou quem sabe lá porque.

Vereador Pastor Stedile! Nada tenho contra

## Santa Maria, a Metrópole Estudantil Revive

Escrito por C. H. MARZOTTO

Não posso reprimir o júbilo de minha alma, quando experimento o entusiasmo de poder assistir, como num conto de fadas de um local vibrante, o despertar da vida estudantil em Santa Maria.

É uma cidade que revive. É uma cidade que antes adormecida no silêncio escurente das lutas escolares, desperta a Metrópole Estudantil e dá prosseguimento a magna tarefa, em que se acha empenhada: a de instruir.

A vida que nos oferece, lá há e recalcitrante e apaixonada.

Falo sempre onde o capricho do redilhado das calçadas dista afirmar e vestuário alegre das alunas do Colégio Saint Ana fragmentos coloridos de suas bonézinhas ora em maturação fer suas alegres e divinas.

De um lado é o farrukamento azul e branco da Escola N.º Olavo Bilac, que se chegam com as linhas da moderna S. Maria; enquanto de outra parte manifestam a atividade das alunas do C. Centário que ressa a tula por entre camilhões rufurados.

E em plúvulas gestis sobe o espírito no bojo de dezenas de escolas e grupos, impõe-se com sua grandiosidade o Colégio S. Maria. Em seu farrukamento azul, o aluno deste templo santo e grande faz preclamar suas ruas uma tranquilidade do espetáculo. É todo

Um fato, hoje, não pode ser mais contestado, nem pelos próprios otimistas, imbuídos de todas as prerrogativas do liberalismo: o perigo comunista. As autoridades da nação, em alertadoras palavras, situaram sua verdadeirapropriedade e gravidade, quer pela infiltração que possuem, quer pela organização e eficiência de métodos, em muitos auxiliados pela carência total de escrúpulos.

Alida, o país encontra-se diante dum série de contrastes que causam o maior espanto. Proibese o Partido Comunista, assinando-se os mandatos de seus parlamentares, e no entanto, circula livremente sua imprensa, que semela a criança da incompreensão, do ódio e da mentira.

Acontece ainda a lista a nossa miserável produção agrícola, pecuária, industrial, amoldada por este sistema de circulação da riqueza, onde o governo acoberta de impostos, constituindo-se o sócio mais poderoso de qualquer empresa, pela, bem ou mal, seus "lucros" são sempre garantidos. Muitas vezes um produto é gravado repetidamente, antes de chegar às mãos do consumidor, que evidentemente, pagará todos esses impostos.

A' descuidada agrícola, incoerência pela corrida de industrialismo que se viu no país, sucedeu o deslocamento de populações, dos campos às cidades, engrossando o proletariado e vivendo, em muitas cidades, condições miseráveis. Assistimos, ainda hoje, por causas outras, o calvário do nordestino, sendo transportado para o sul, quer pelo meio da seca, quer pela propagação comunista que se infiltrou em meio dele. Vemos ainda os tumultos entre posses e proprietários, onde não andou estranha a minha vermelha. Somente os liricos podem negar.

Enfim, diante da infiltração que atenua e anesceita tantos pontos nevralgicos da administração pública, não há outro caminho a seguir, se não a vigilância e das medidas rápidas, porque, se não acordarmos a tempo, então será o princípio do fim.

Um mundo que se fecha à fronteira mística e uma impassível beleza que fascina o entendedor.

Rosa é o pensamento primordial singular da Metrópole Estudantil S. Maria é uma variedade profunda e rara de cultura e arte.

Não se pode negar a originalidade do espetáculo. É todo

go capritual, que respeito, para sacor inverdades contra a minha religião. Fala nos "métodos medievais", na "mentalidade tocacha", e nem sequer sabe o que está dizendo.

Definitivamente, Ver. Stedile, lembre esta frase que ouviu muitas vezes nos boscos do seminário católico:

Abyssus abyssum invocat.

MARIO GARDELIN

## A Noite Que Vem do Oriente

de cigarros Continental

uma preferência nacional

nde quer que você esteja...

A suave mistura de fumos selecionados, faz de Continental um cigarro de superior qualidade que todos fumam com prazer.



Em uma situação parecida, Gardelin usaria o espaço do jornal para fazer críticas a Virgílio Zambenedetti<sup>609</sup>, que escrevia no *Diário do Nordeste* de Caxias do Sul. As críticas mobilizaram mais uma vez a Igreja Católica e, nesta edição, o agente já era diretor do impresso ao mesmo tempo que tinha assumido à vereança<sup>610</sup>, visto que tinha sido eleito suplente no pleito anterior. As críticas diziam respeito ao suposto desconhecimento de Zambenedetti em relação ao funcionamento dos votos na câmara de vereadores e, em função disso, “nem vale perder tempo, depois do autor do artigo mostrar-se tão mal informado em coisas tão mezinhas”<sup>611</sup>. Dessa forma, a confusão intencional, que citamos anteriormente, em relação ao papel dos responsáveis pela circulação do *Pioneiro* e sua atuação político-partidária, é evidenciada em diversos momentos por diferentes sujeitos presentes nas páginas do periódico, além de, vez ou outra, deixar transparecer rixas pessoais que acabam aparecendo no que é publicado – como é o caso da discussão com Zambenedetti que continua em outras edições<sup>612</sup> –, mesmo que às vezes afirmasse não procurar polêmicas<sup>613</sup>.

O conflito inarredável com os materialistas, apresentado por Gardelin e que era percebido pelo “cheiro acre da traição ao ocidente”<sup>614</sup>, mesmo que sangrento, seria vencido pelos que estavam ao lado do bem. Afinal, ao lado dos anticomunistas estariam os homens, o que fica explicado na seguinte passagem:

A doutrina comunista esmaga e aniquila o homem, tornando-o um autômato, despersonalizando-o, fazendo-o engrenagem duma máquina. Ora, a natureza humana tudo possui em contrário a esses quesitos. Dai, se deduz que o maior inimigo do comunismo é ainda o homem.<sup>615</sup>

A verdade, baseada no espiritualismo e que atuasse a partir da lógica católica do mundo, em combate aos materialistas, ao fim, seria vitoriosa pela força do homem. Este era, intrinsecamente, anticomunista. Nesse sentido, ainda, cita a pena de morte recebida por um

---

<sup>609</sup> Curioso notar que Virgílio Zambenedetti, na década de 1930, chegou a ser gerente do jornal *O Bandeirante* que citamos no capítulo 2.2. Aparentemente, Zambenedetti ou se afastou do integralismo nesta nova formação, visto que inclusive atuava em outro jornal que não aquele fundado pelos militantes da AIB, ou pelo menos não era do mesmo grupo que agora assumia o PRP em Caxias do Sul. Os conflitos internos no partido, como também acontecia no caso de outras organizações partidárias, não eram raros, o que poderia explicar os ataques feitos por Gardelin nesse contexto, mas não nos aprofundamos neste ponto da pesquisa.

<sup>610</sup> A razão de um voto, *Pioneiro*, 13/07/1952, p. 03.

<sup>611</sup> *Idem*.

<sup>612</sup> Lugar de chorar é na cama, Virgílio, *Pioneiro*, 19/07/1952, p. 04. Além do caso de Zambenedetti, a capa da edição de 26/07/1952 traz uma reportagem sobre uma agressão sofrida por Mário Gardelin ao chegar na redação do *Pioneiro*; essa agressão teria sido feita por Pedro Olavo Hoffman, vereador suplente eleito pelo PTB, e não teria sido justificada. Gardelin teria acionado advogados e estaria iniciando um processo contra o agressor. Na mesma edição, na última página, um texto assinado por “Redator de plantão” — o que não tinha aparecido até o momento — assume a responsabilidade do texto que seria causador da agressão, tirando de Gardelin a autoria. Outras edições seguiram comentando a agressão e citando pessoas e jornais que se compadeciam com a agressão sofrida pelo jornalista.

<sup>613</sup> Por que voltei à minha cidade, *Pioneiro*, 07/03/1953, p. 03.

<sup>614</sup> O repto está de pé Vereador Stédile, *Diário do Pioneiro*, 29/03/1952, p. 10.

<sup>615</sup> O homem o maior inimigo, *Diário do Pioneiro*, 26/01/1952, p. 03.

casal nos Estados Unidos por terem supostamente vendido segredos atômicos à Rússia e frisa que, como vereador, votou contra um pedido que seria feito pela Câmara de Vereadores de Caxias do Sul pela clemência aos condenados. Além de justificar seu voto, aponta que

Gostaria que o mundo não somente deplorasse a morte de duas pessoas, mas deitasse um olhar para Berlim Oriental, onde operários são fuzilados e massacrados sem a mínima consideração. Os russos prenderam grevistas às seis da tarde. Realizaram tribunais de emergência e em sessões que duraram dez minutos. Foram condenados à morte doze operários, e executados ao amanhecer.<sup>616</sup>

Essa seria a tônica de todos os comentários feitos por Gardelin, que traziam a crítica ao que entendia ser o comunismo nesse período que analisamos. Problemas existiam, mas eles sempre eram menores do que aqueles que eram produzidos pelos comunistas e que estavam avançando por toda a sociedade. Estadunidenses sentenciaram à morte um casal, o autor foi o único vereador a votar contra uma moção de clemência e, segundo ele, visto o processo ter sido mais lento do que os Russos, “o Ocidente ainda tem a oportunidade de ser sensível. De ficar horrorizado diante duma morte. Apesar dos pesares, é ainda uma grande consolação”<sup>617</sup>.

Além do anticomunismo religioso latente e de trazer acontecimentos de outros países como exemplo a ser atentado, Gardelin utilizaria de seu espaço no jornal para estimular o voto do eleitorado da região. Afirmaria o jornalista que “A melhor arma de que dispõe um civil na defesa de sua liberdade, não é nenhum fuzil, metralhadora, ou outro apetrecho de guerra. É o voto”<sup>618</sup>. Lembraria que o importante a ser levado em conta é a atuação passada desses candidatos:

Se um deputado, digamos estadual, defendeu denodadamente a agricultura, lutou por melhoramentos, combateu impostos sobre o trigo, viveu em constante contacto com os colonos, defendeu energicamente a produção vinícola e se bateu de toda alma contra a caderneta 830, este é um candidato.<sup>619</sup>

Curiosamente, a descrição feita de um candidato digno a ser votado pelos agricultores da região encaixa-se perfeitamente com a atuação de Luiz Compagnoni, que era candidato a Deputado Federal no ano de 1950. Aquele “candidato natural” dos editoriais é valorizado também nos textos produzidos por Gardelin, e o ato de votar é lido como uma disputa de guerra, em que o voto é a arma possível a ser usada, caso seja bem utilizado.

Em nossa análise, fica evidente a ligação entre o que era defendido pelos editoriais do *Pioneiro* e o que encontramos nos textos assinados por Mário Gardelin, bem como a relação destes dois com o que era defendido por Plínio Salgado e pelos integralistas nesta nova formação. Nossa intenção, ao apresentar o que foi produzido por esse membro do PRP e do

<sup>616</sup> Execução dos Rosenberg, *Pioneiro*, 27/06/1953, p. 03.

<sup>617</sup> *Idem*.

<sup>618</sup> Falando com os agricultores, *O Pioneiro do Sul*, 02/09/1950, p. 03, Mário Gardelin.

<sup>619</sup> *Idem*.

Chefe Nacional dos integralistas, na sequência dos materiais publicados que eram claramente relacionados com o partido, é mostrar como *O Pioneiro* trazia ligações partidárias com o PRP em diferentes espaços. Dessa forma, mesmo que em editoriais e outros textos falasse estar desligado de interesses partidários, os discursos empregados permitem perceber que a ligação com os integralistas ia para além de apenas ter membros do partido envolvidos na publicação.

As pautas e os autores que apareciam nas páginas, bem como as defesas e críticas que eram feitas, para além de estarem dentro do contexto de uma abertura política restrita e dando um espaço muito maior aos atores conservadores e da direita da política nacional, tinham relações evidentes diretas com o que tinha sido defendido pelo integralismo nas décadas iniciais, e mais ainda se analisarmos a tentativa de reformulação que o movimento vinha passando após a derrota do Eixo na Segunda Guerra mundial. Além dos próprios diretores, que em sua maioria eram ligados ao PRP, e dos dois autores que analisamos no capítulo 4.3 que também eram ligados ao integralismo, podemos citar pelo menos os nomes de Raymundo Padilha, Osvaldo S. Reis, Natal Chiarello, Luiz Compagnoni, Guido Fernando Mondin, Geraldo Lindgren, Wolfram Metzler e Nestor Pereira que, apesar de não termos aprofundado as análises de seus textos, traziam discursos que estavam de acordo com o que era pregado pelos integralistas e pelo PRP e que também aparecia no jornal.

## 5. Considerações finais

A partir da análise realizada no jornal *O Pioneiro* entre os anos de 1948 e 1954, é possível apresentar algumas considerações que deem conta da proposta realizada no início da pesquisa. As relações entre imprensa e política no período pesquisado foram a problemática de fundo. É evidente que o fato de o impresso ter uma circulação regional traz algumas limitações para a generalização da análise, mas cremos que justamente essas limitações enriquecem e valorizam o que pesquisamos e os resultados que temos condições de apresentar no momento.

As relações políticas em uma sociedade são múltiplas, dizem respeito a partidos políticos, sindicatos, divulgação de ideias por meio de livros e periódicos; mas dizem respeito, principalmente, às pessoas que são os agentes finais nesta participação na arena política. Essas pessoas têm famílias grandes ou pequenas, professam religiões que se parecem ou às vezes sequer dialogam, são agricultores ou até operários urbanos e, a depender das especificidades de cada cidade, estado ou país, e em função disso, necessitam de análises que coloquem lupas de aumento para compreender relações que não são percebidas na análise do todo. Essas relações se dão também por meio de discursos políticos que, inegavelmente, são resultado do encontro entre a população e os agentes políticos — seja por meio dos partidos ou sindicatos, seja por meio da imprensa —, mesmo que existam evidentes assimetrias entre estes polos. Logo, a atenção aos discursos políticos que são empregados na imprensa nos permite uma maior aproximação das leituras e posicionamentos políticos, não apenas daqueles produzidos pelo *Pioneiro*, mas também dos seus leitores, homens e mulheres que faziam a história.

Dessa forma, o que apresentamos na pesquisa propõe pensar esse grande momento de construção do Estado brasileiro após o fim do Estado Novo e a queda de Vargas em 1945, mas atentando para as especificidades que podem ser vistas a partir de um jornal que circula em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul. Assim como os ares dos grandes centros chegavam à região colonial, desde as novidades na imprensa e na atuação dos jornalistas, até as relações dos grandes partidos políticos como o PTB e o PSD, esses ventos tomavam uma forma característica da região de Caxias do Sul. Entender essas características do local e a forma como os escritos do jornal refletem e adaptam as notícias foi buscado na pesquisa. Mais do que ser um estudo enquadrado na “História Regional” — o que acaba virando demérito, visto que aquela que é nacional, que interessa ao país como um todo, é

outra —, o que tentamos foi enriquecer a leitura da pluralidade das relações políticas em um país com as dimensões do Brasil.

Partindo disso, o que apresentamos sobre *O Pioneiro* permite que o compreendamos como um importante agente na atuação política da região e que podia ter um peso grande no desenrolar dos pleitos estaduais e nacionais. Basta lembrar a constante vinda dos principais agentes políticos do período ao polo industrial que Caxias do Sul já havia se tornado e, mesmo que nossa pesquisa não tenha alcançado o ano de 1958, é importante pontuar que Leonel Brizola é eleito governador pelo PTB com o apoio do PRP, elegendo um senador desse partido na eleição. Se a região era o principal foco eleitoral do PRP, é preciso pensar o peso que o partido tinha como fiel da balança no estado sulino levando em conta a região e a atuação de um impresso que, como apresentamos, servia aos interesses do PRP.

Além do peso da região para os pleitos, vez ou outra retornam as discussões sobre a compreensão da existência do fascismo na América Latina e, em especial, no Brasil. Acreditamos poder agregar um pouco à discussão: defendemos, já no início, que entendemos a AIB como um partido fascista, que se inspirou nos movimentos europeus e tomou forma no contexto de crise da década de 1930 aqui no Brasil. O Partido de Representação Popular é organizado em um momento posterior, mas mantém fortes traços da organização da AIB, o que exige uma reflexão que tenha em mente um recorte majorado para a melhor compreensão do que foi o integralismo. Este foi um movimento de extrema direita nacional que se articulou de diferentes maneiras onde se estabeleceu; mesmo que fosse um movimento voltado à classe média, em alguns lugares era mais urbano e tentava sua entrada — não bem sucedida — no operariado, na tentativa de afastá-lo dos ideais comunistas. Em outros lugares, teve uma cara mais rural, voltada aos pequenos agricultores e ecoando discursos religiosos, mais tradicionais dos meios interioranos — como no caso de Caxias do Sul. Da mesma forma em que se adequava aos espaços diferentes, quando se reorganiza após a abertura de 1945, passa a compor uma leitura do integralismo viável para circular nesse novo contexto.

Consequentemente, as diferenças que existiam entre as leituras que eram feitas do integralismo na década de 1930 continuarão sendo feitas agora. O Rio Grande do Sul, dessa forma, como importante reduto para o movimento, deve continuar sendo estudado para compreendermos essas relações que são estabelecidas nesse momento da política nacional. O fato de Plínio Salgado ter sido lançado ao Senado em 1950 pelo RS demonstra que o estado trazia especificidades para a organização integralista que, para nós, não se limita ao número de votos. Ademais, alguns pesquisadores costumam acusar o fechamento da AIB por Vargas como o ocaso definitivo do integralismo e, sem qualquer demérito de suas pesquisas,

acreditamos que o movimento não se encerra com o seu fechamento e exílio de seu líder. A constante propaganda de que o movimento não se resumia ao partido, a articulação feita por importantes lideranças para a criação e atuação do PRP e os discursos empregados por seus atores políticos, como aqueles que analisamos no *Pioneiro*, permitem perceber uma continuidade de atuação dos integralistas para além da década de 1930.

Outra questão importante em nossos resultados está ligada às funções que são assumidas pelo *Pioneiro*. Compreender o que o jornal entendia como sua função e de que forma mobilizava isso para intervir na sociedade, atentar para como este apresentava suas pautas e de que forma se imbuía de formador de uma elite que deveria guiar os rumos da sociedade, que não tinha capacidade de ser autônoma, é um dado importante na análise dos discursos que circularam no jornal. Ao mesmo tempo em que tentava formar essa elite, o periódico buscava se legitimar como um espelho da sociedade caxiense e, portanto, um representante legítimo dos interesses desta. Essa contradição entre formador das elites, tradutor de seu pensamento e espelho que refletia a sociedade que precisava ser guiada é percebida, principalmente, quando apresentavam resoluções para os problemas, sempre ecoando interesses da burguesia regional.

Esse discurso voltado à classe média, tradicional do integralismo e de outros fascismos, e que servia aos interesses dos grandes industriais e comerciários de Caxias e região, pode ser visto também ao atentar para os sujeitos que faziam parte dos cotistas do jornal. O levantamento por nós feito encontrou sujeitos que, em sua maioria, eram ligados às grandes indústrias caxienses, e as preocupações apresentadas no jornal normalmente apresentavam apenas as visões destes. Os investimentos na eletrificação regional visavam a maior produção industrial, a preocupação com as condições da região tinha os produtores rurais como centrais, a possível diminuição para 40 horas semanais de trabalho prejudicaria as indústrias ao dar mais tempo livre aos trabalhadores, que certamente gastariam-no com coisas supérfluas. Enfim, as preocupações apresentadas pelo jornal raramente levavam em conta a situação de vida ou melhorias necessárias para os trabalhadores caxienses, e o discurso elitista, de defesa da necessidade de uma elite pensante que realmente soubesse o que está fazendo e que, em função disso, deveria definir os rumos da nação, serviria bem aos interesses da burguesia que eram representados no *Pioneiro*.

Acreditamos, ainda, que analisar *O Pioneiro* tenha ampliado a compreensão das complexidades que envolvem o integralismo nessa nova forma. Um jornal que é fundado em 1948 com importantes agentes da AIB, que dá um considerável espaço ao PRP e que deixa transparecer em vários momentos a ideologia integralista, traz pistas do pensamento político

que é mais bem recebido na região. Assim como Miguel Bodea faz um importante estudo ao mostrar que o PTB estadual tem características bem demarcadas que o diferenciam da atuação do partido em nível nacional, nossa pesquisa mostra como o PRP se colocou no contexto político e organizou discursivamente essa inserção e adaptação ao novo momento político vivenciado nos pós 1945.

Não limitada apenas ao integralismo, inclusive, analisar como *O Pioneiro* circulava, as pautas que encampou — como o combate ao que apresentava como materialismo, a crítica ao divórcio, à demagogia, a defesa da moral, a concepção de que uma elite deveria guiar o restante da população, dentre os demais apresentados —, enfim, pensar em quais assuntos eram mobilizados para tentar interferir no debate público do período é também compreender parte daquilo que nomeamos por cultura política no andamento da pesquisa. Levar em conta o fato de que boa parte do que foi apresentado pelo jornal também circulava a partir de outros movimentos e partidos nos ajuda a entender a facilidade com que o PRP venceu os processos que pediam a cassação do registro partidário e o quanto o partido foi bem acolhido neste novo momento da dita democracia brasileira.

Os estudos da imprensa nacional também permitem levantar algumas questões relevantes para analisar a atuação dos meios de comunicação nos diferentes contextos. É paradoxal que o período seja de abertura à democracia e, ao mesmo tempo, sejam constantes os posicionamentos golpistas na imprensa e, como no caso do *Pioneiro*, discursos autoritários fossem utilizados atrás de uma roupagem de defesa da democracia. O golpe de 1964, por exemplo, posteriormente ao que pesquisamos, é saudado como a salvação de uma sociedade decadente tal qual o espiritualismo salvaria essa sociedade na década de 1940 e 1950.

Esse contrassenso, no entanto, acaba se mostrando presente também nos períodos mais recentes, e a História, para nós, é produzida com os pés fincados no presente. O retorno — ou ao menos a maior evidência — de discursos autoritários desde pelo menos 2013, e que se relacionam com a extrema direita nacional, fez com que refletíssemos sobre a permanência desse tipo de discurso. Aliás, as relativizações dos ataques feitos à democracia quando vindos de movimentos à direita e a legitimação de parte desses discursos nos meios de comunicação segue sendo atual. Analisar o *Pioneiro* na década de 1950 serve, também, para pensar o quanto temos dificuldade em dar nome às coisas, principalmente quando elas estão ligadas à direita nacional. Passamos anos repensando palavras, criando eufemismos e evitando nomear as coisas, em especial na imprensa brasileira. Nessa mesma perspectiva, os ataques feitos pelo jornal contra os órgãos estatais e também aos funcionários do Estado, com o cuidado necessário para com a anacronia, são presentes ainda atualmente.

Ao apresentarmos as relações entre o *Pioneiro* e o PRP, acreditamos ter ficado claro o quanto discursos que eram presentes nos editoriais do jornal, se pretendendo como neutro, isento de interesses político-partidários, constantemente apresentava pautas, candidatos e discussões políticas que eram sempre feitas a partir do que defendiam o integralismo e o PRP. Não chegamos a afirmar, peremptoriamente, que *O Pioneiro* é um órgão do Partido de Representação Popular, mas vemos como viável a compreensão de que, na maioria das situações, o periódico servia sim aos interesses partidários no recorte 1948-1954.

Como apresentamos, tendo *O Pioneiro* como objeto de pesquisa, o integralismo não só não teve sua desarticulação definitiva na década de 1930, como permaneceu ativo e atuante nos contextos que se apresentavam. O esforço de articulação do movimento e o repensar de suas pautas e discursos é uma constante desde o nascedouro da AIB. Logo, tomar sua nova forma de organização — por meio do PRP — como sendo o início de um livro completamente diferente acaba por ignorar todos os capítulos anteriores que acabam compondo uma mesma obra. A eleição de 1958, obviamente, traz questionamentos à nossa proposta de continuidade entre AIB e PRP, pois a coligação com o PTB é heterogênea se levarmos os discursos integralistas em conta. Acreditamos, no entanto, que a heterogeneidade permite o aprofundamento das compreensões acerca da política regional e estadual e, partindo delas, podemos complexificar a análise sobre a História Política nacional.

Como proposto por Giron e Pozenato (2004), na obra produzida sobre os 100 anos de imprensa regional e que teve recorrentes referências nossas, também esperamos que o que produzimos ajude a contar um pouco da História da região, o que conseqüentemente ajuda a contar a História do país em que vivemos. Em meio às suas contradições, debates e discussões, junto com o eterno retorno de discursos que parecem sempre ter passado até que se fazem presentes novamente, esperamos ter contribuído para a reflexão sobre os assuntos a que nos propomos.

Se, como afirmado pelas pesquisadoras, o jornal que analisamos foi fundado com duas funções definidas – “Uma, voltada à valorização das raízes socioculturais da cidade, e outra, político-partidária, ligada à Ação Integralista Brasileira” (Pozenato; Giron, 2004, p. 114), ao mesmo tempo encontramos sujeitos que tiveram grande influência em suas páginas afirmando que “a política partidária foi a que menos influenciou, porque, se você pega o nome dos acionistas, na verdade ‘O Pioneiro’, veio e se fortaleceu porque ele logo abraçou a causa das raízes da cidade, este é o segredo” (Gardelin *apud* Pozenato; Giron, 2004, p. 115). Acreditamos, por fim, que nossa pesquisa tenha trazido dados que permitam afirmar que não só as relações com o integralismo e o PRP eram evidentes entre 1948 e 1954 no jornal

*Pioneiro*, como negar essas relações e apagar a importância do peso político na atuação do jornal e dos agentes que dele fizeram parte acaba por esconder um importante lado para o aprofundamento do entendimento das relações políticas de Caxias do Sul e do estado do Rio Grande do Sul.

Como apontado pelo próprio *Pioneiro* e utilizado por nós em epígrafe, “não admira se, um dia, o historiador do futuro, vier buscar em suas páginas a verdadeira fisionomia e o verdadeiro caráter do povo que fez a grandeza desta região de Caxias do Sul”<sup>620</sup>; é nessa tentativa de compreensão do povo caxiense que apresentamos as páginas que se seguiram. Ao fim, esperamos que a análise tenha permitido uma atenção aprofundada ao impresso, abrindo mais questões do que àquelas que nos propomos a seguir e a pesquisar. A atualidade, sem qualquer determinismo, é o fim — ainda em processo — do passado analisado; atentar para os discursos, as discussões e os posicionamentos políticos do jornal fala muito sobre os acontecimentos recentes. Olhar o passado com os pés bem fincados no presente — por mais instável que este seja — permite compreender melhor o processo histórico que se deu e abre questionamentos longos sobre os caminhos tomados pela sociedade em meio às possibilidades que se apresentavam. Em nosso caso, temos a ajuda de o tempo já percorrido permitir percepções mais bem definidas do que a dos participantes do período que analisamos. Esperamos, ao fim e ao cabo, não sermos taxados como os “invejosos” e “recalcados”, os únicos que fazem “censuras” e “apôdos”<sup>621</sup> (sic) ao *Pioneiro*.

---

<sup>620</sup> Segunda Jornada, *O Pioneiro do Sul*, 04/11/1950, p. 1.

<sup>621</sup> Quatro Anos de Labutas, *Pioneiro*, 01/11/1952, p. 03.

## Fontes

### *Obras*

CHIARELLO, Antonio. **Natal Chiarello: vida e obra**. Caxias do Sul: Educs, 1995.

LOUREIRO JÚNIOR, *et al* (org.). **Enciclopédia do Integralismo: V - Estudos e Depoimentos**. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1957.

MORETTO, Paulina Soldatelli. **Minhas memórias**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser

### *Jornais:*

Jornal *O Bandeirante*, 19/01/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 26/01/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 02/02/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 09/02/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 16/02/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 23/02/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 02/03/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 16/03/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 23/03/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 30/03/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 06/04/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 13/04/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 27/04/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 04/05/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 11/05/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 18/05/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 25/05/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 08/06/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 15/06/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 22/06/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 29/06/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 06/07/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 13/07/1935, DELFOS/PUCRS.

Jornal *O Bandeirante*, 20/07/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 27/07/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 03/08/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 10/08/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 17/08/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 24/08/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 07/09/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 14/09/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 28/09/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 12/10/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 19/10/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 26/10/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 09/11/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 30/11/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 14/12/1935, DELFOS/PUCRS.  
Jornal *O Bandeirante*, 15/05/1937, BNDigital.  
Jornal *O Bandeirante*, 17/07/1937, BNDigital.  
Jornal *O Bandeirante*, 24/07/1937, BNDigital.  
Jornal *O Bandeirante*, 31/07/1937, BNDigital.  
Jornal *O Bandeirante*, 18/12/1937, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 04/11/1948, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 07/11/1948, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 11/11/1948, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 18/11/1948, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 24/11/1948, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 04/12/1948, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 09/12/1948, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 16/12/1948, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 24/12/1948, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 30/12/1948, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 27/01/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 03/02/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 12/02/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 19/02/1949, BNDigital.

Jornal *O Pioneiro*, 26/02/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 05/03/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 12/03/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 26/03/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 02/04/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 09/04/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 16/04/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 21/05/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 28/05/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 04/06/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 16/07/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 06/08/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 13/08/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 20/08/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 17/09/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 24/09/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 01/10/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 05/11/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 03/12/1949, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 07/01/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 21/01/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 08/04/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 15/04/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 22/04/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 03/06/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 10/06/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 17/06/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 24/06/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 01/07/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 15/07/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro*, 22/07/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 29/07/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 12/08/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 19/08/1950, BNDigital.

Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 26/08/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 02/09/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 09/09/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 16/09/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 23/09/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 30/09/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 07/10/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 21/10/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 04/11/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 11/11/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 18/11/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 25/11/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 02/12/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 23/12/1950, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 27/01/1951, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 10/02/1951, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 24/02/1951, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 03/03/1951, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 10/03/1951, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 24/03/1951, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 31/03/1951, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 07/04/1951, BNDigital.  
Jornal *O Pioneiro Do Sul*, 21/04/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 28/04/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 09/05/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 16/06/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 09/06/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 07/07/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 14/07/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 28/07/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 14/08/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 15/09/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 22/09/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 29/09/1951, BNDigital.

Jornal *Diário do Pioneiro*, 06/10/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 27/10/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 03/11/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 10/11/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 17/11/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 08/12/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 29/12/1951, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 05/01/1952, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 26/01/1952, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 02/02/1952, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 08/03/1952, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 15/03/1952, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 22/03/1952, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 29/03/1952, BNDigital.  
Jornal *Diário do Pioneiro*, 05/04/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 12/04/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 19/04/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 31/05/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 14/06/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 28/06/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 13/07/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 19/07/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 26/07/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 16/08/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 30/08/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 27/09/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 04/10/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 11/10/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 01/11/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 13/12/1952, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 17/01/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 07/03/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 14/03/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 27/03/1953, BNDigital.

Jornal *Pioneiro*, 28/03/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 04/04/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 18/04/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 01/05/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 06/06/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 20/06/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 27/06/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 15/08/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 05/09/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 12/09/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 19/09/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 10/10/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 17/10/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 06/11/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 07/11/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 05/12/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 12/12/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 19/12/1953, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 16/01/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 30/01/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 06/02/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 13/02/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 13/03/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 30/03/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 03/04/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 17/04/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 24/04/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 15/05/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 29/05/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 12/06/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 19/06/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 03/07/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 10/07/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 17/07/1954, BNDigital.

Jornal *Pioneiro*, 31/07/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 04/08/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 07/08/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 14/08/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 21/08/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 11/09/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 18/09/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 02/10/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 16/10/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 23/10/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 06/11/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 18/12/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 25/12/1954, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 12/02/1955, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 02/04/1955, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 07/05/1955, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 10/09/1955, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 19/11/1955, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 24/12/1955, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 07/07/1956, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 01/09/1956, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 08/09/1956, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 06/10/1956, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 07/11/1956, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 10/11/1956, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 08/12/1956, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 10/08/1957, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 21/09/1957, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 05/10/1957, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 19/10/1957, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 02/11/1957, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 23/11/1957, BNDigital.  
Jornal *Pioneiro*, 30/11/1957, BNDigital.

*Fotografias:*

Fotografia KAP ESP 083, AHMJSA.

Fotografia KAP CIV 018, AHMJSA.

Casamento Integralista - Olimpíada Nacional de História do Brasil (ONHB).

*Entrevistas:*

Elvo Janir Marcon, AHMJSA.

Ivo Carlos Compagnoni, AHMJSA.

## Referências Bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de. **Desafios da notícia**: o jornalismo brasileiro ontem e hoje. São Paulo: FGV Editora, 2017.

ALMEIDA JÚNIOR, Antonio Mendes de. Do declínio do Estado Novo ao suicídio de Getúlio Vargas. *In*: FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**: o Brasil Republicano - 3 Sociedade e Política (1930-1964). 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1991. Cap. 4. p. 225-255.

ANGELI, Douglas Souza. **O candidato do povo**: as campanhas eleitorais de Alberto Pasqualini e a construção do eleitor na experiência democrática (1945-1954). 2020. 343 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2020.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Chauvinismo e Extrema Direita**: crítica aos herdeiros do sigma. São Paulo: Editora da Unesp Digital, 2015.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: brasil - 1900-2000. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARBOSA, Marialva. **História da Comunicação no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013. *E-book* (não paginado).

BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2023.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. **A UDN e o udenismo**: ambiguidades do liberalismo brasileiro (1945-1965). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

BEOZZO, José Oscar. A Igreja entre a Revolução de 1930, o Estado Novo e a Redemocratização. *In*: FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira**: o Brasil Republicano - 4 Economia e Cultura (1930-1964). 2. ed. São Paulo: Difel, 1986. Cap. 6. p. 271-341.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. *In*: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). **Para uma História Cultural**. Lisboa: Estampa Lda, 1998. p. 349-364.

BODEA, Miguel. **Trabalhismo e Populismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1992.

BRANDALISE, Carla. **Dimensões do fascismo**: a ação integralista brasileira. Curitiba: Editora Crv, 2021.

BRANDALISE, Carla. O fascismo extra-europeu: o caso do integralismo no Rio Grande do Sul. *In*: GRIJÓ, Luiz Alberto; KÜHN, Fábio; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos (org.). **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004. p. 321-346.

BRANDALISE, Carla. Camisas-Verdes: o integralismo no sul do Brasil. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 17-36, jul. 1997.

BRASIL. Ibge. Conselho Nacional de Estatística. **VI Recenseamento Geral do Brasil**: estado do Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro, 1955. 28 v.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a revolução francesa da historiografia. 2. ed. São Paulo: Unesp, 1992. *E-book* (não paginado)

CALDEIRA NETO, Odilon. **Integralismo, Neointegralismo e Antissemitismo**: entre a relativização e o esquecimento. 2011. 234 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, 2011.

CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro**: o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda de ordem burguesa. 2005. 819 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em História, UFF/Unioeste, Niterói, 2005.

CARDOSO, Claudira do Socorro Cirino. **O integralismo no processo político gaúcho**: a máquina partidária do PRP e seus dirigentes (1945/1965). 2009. 292 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. **Ruptura e permanência**: as tendências antiliberais do udenismo. 2009. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

CHALOUB, Jorge Gomes de Souza. **O liberalismo entre o espírito e a espada**: a UDN e a república de 1946. 2015. 285 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência Política, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, UERJ, Rio de Janeiro, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado**: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. *In*: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. **Ideologia e mobilização popular**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 17-150.

CHIARELLO, Antonio. **Natal Chiarello**: vida e obra. Caxias do Sul: Educs, 1995.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **A Enciclopédia do Integralismo**: lugar de memória e apropriação do passado. 2010. 279 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Política e Bens Culturais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

CHRISTOFOLETTI, Rodrigo. **Enciclopédia do Integralismo**: o dogma do sigma. Juiz de Fora: Editora Uff, 2021.

COMPAGNONI, Luiz. Por que me tornei e continuo integralista. In: LOUREIRO JÚNIOR, *et al* (org.). **Enciclopédia do Integralismo**: V - Estudos e Depoimentos. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Brasileira, 1957. p. 72-88.

CRUZ, Mariana Gomes da. **As tensões entre pós-estruturalismo e marxismo na obra de Norman Fairclough**. 2019. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2007.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano - 3: o tempo da experiência democrática - da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. p. 127-154.

ELMIR, Cláudio Pereira. Uma aventura com o Última Hora: o jornal e a pesquisa histórica. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 19, n. 36, p. 67-90, dez. 2012.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing Discourse**: textual analysis for social research. London: Routledge, 2003. *E-book* (não paginado)

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. Coordenadora da Tradução: Izabel Magalhães.

FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. 10. ed. New York: Longman Inc., 1996.

FAIRCLOUGH, Norman. **Critical discourse analysis**: the critical study of language. New York: Longman Publishing, 1995.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**: historiografia e história. 16. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela Maria de Castro. Brasil, 1945-1964: uma democracia representativa em consolidação. **Locus**: Revista de História, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 251-275, 2018.

FLACH, Ângela. **"Os vanguardistas do anticomunismo"**: o PRP e os perrepistas no Rio Grande do Sul (1961-1966). 2003. 252 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2003.

GARCIA BARBOSA, Clarice. Fontes Históricas: cotidiano e história por meio dos periódicos. **Revista Discente Offícios de Clio**, Pelotas, v. 03, n. 05, p. 38-53, jul- dez. 2018.

GIRON, Loraine Slomp. **As sombras do Littorio**: o fascismo no Rio Grande do Sul. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2017.

GONÇALVES, Leandro Pereira. **Entre Brasil e Portugal**: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português. 2012. 669 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, PUCSP, São Paulo, 2012.

GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. **O fascismo em camisas verdes**: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2020. *E-book* (não paginado)

GROSSI, Yonne de Souza; FARIA, Maria Auxiliadora. Em Belo Horizonte operários vestem camisas verdes? *In*: PIMENTA, Everton Fernando; GONÇALVES, Leandro Pereira (org.). **Ação Integralista Brasileira em Minas Gerais**: estudos e historiografia. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021. p. 66-85.

HENRICHES, Liliana Alberti (org.) **Histórias da Imprensa em Caxias do Sul**. Museu Municipal/Arquivo Histórico de Caxias do Sul/Pioneiro, 1988.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX - 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KRILOW, Leticia Sabina Wermeier. **Cidades de Papel**: as representações sobre as favelas na imprensa carioca durante o segundo governo Vargas (1951-1954). 2018. 221 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em História, PUCRS, Porto Alegre, 2018.

KRILOW, Leticia Sabina Wermeier. **Democracia e discurso autorreferencial**: representações em disputa nas páginas da grande imprensa carioca (1955-1960). 2022. 395 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, PUCRS, Porto Alegre, 2022.

LIA, Cristine Fortes. História das religiões e religiosidades: contribuições e novas abordagens. **Aedos**, Porto Alegre, v. 4, n. 11, p. 549-563, set. 2012.

LOPES, Rodrigo. **Recordações impressas na memória**. Disponível em: <http://especiais-pio.clicrbs.com.br/almanaque/829/central.html>. Acesso em: 21 abr. 2023.

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano 2 - O tempo do nacional-estatismo**: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo - Segunda República (1930-1945). 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019. p. 35-60.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (org.). **História da Imprensa no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013. (*E-book*) (não paginado)

MARTINS, Luis Carlos dos Passos. História dos conceitos e conceitos na história: a imprensa como fonte/objeto da história conceitual do político. *In*: DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BATISTELLA, Alessandro; ANGELI, Douglas Souza (org.). **Capítulos de História Política**: fontes, objetos e abordagens. São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 53-74.

MERG, Camila Ventura. **"Saberei sustentar a Cruz de Cristo e a bandeira da Pátria"**: o espiritualismo integralista na doutrina do partido de representação popular (1945-1950). 2007. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2007.

MORETTO, Paulina Soldatelli. **Minhas memórias**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o perigo vermelho**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 2000. 368 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História Econômica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O perigo é vermelho e vem de fora: o Brasil e a URSS. **Locus**: Revista de História, Juiz de Fora, v. 13, n. 2, p. 227-246, nov. 2007.

NOGUEIRA, Maristel Pereira. **O anticomunismo nos jornais**: correio do povo, diário de notícias e última hora, uma perspectiva de análise. 2009. 298 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História, Programa de Pós-Graduação em História, PUCRS, Porto Alegre, 2009.

NOLL, Maria Izabel; TRINDADE, Hélió. **Estatísticas Eleitorais do Rio Grande da América do Sul**: 1823/2002. Porto Alegre: Editora Ufrgs/Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, 2004.

NOLL, Maria Izabel; TRINDADE, Hélió. **Rio Grande da América do Sul**: partidos e eleições (1823-1990). Porto Alegre: Editora Sulina/Editora Ufrgs, 1991.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **Imprensa Integralista, Imprensa Militante (1932-1937)**. 2009. 388 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A evolução dos estudos sobre o integralismo. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 118-138, jan./jun. 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PANDINI, Carmen Maria Cipriani. Ler é antes de tudo compreender... uma síntese de percepção e criação. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 5, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1242>. Acesso em: 03 jun. 2022. (não paginado)

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira; SOUZA, Beatriz Muniz de; CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. Igreja Católica: 1945-1970. In: FAUSTO, Boris. **História Geral da Civilização Brasileira**: o Brasil Republicano - 4 Economia e Cultura (1930-1964). 2. ed. São Paulo: Difel, 1986. Cap. 7. p. 343-380.

PORTO, Erick da Silva. **"Quer acender uma vela a Deus e outra ao diabo"**: as (não) mudanças discursivas do integralista Luiz A. Compagnoni - jornal Pioneiro 1948-1950. 2021. 61 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em História, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2021.

POZENATO, Kenia Maria Menegotto; GIRON, Loraine Slomp. **100 anos de imprensa regional**: 1897-1997. Caxias do Sul: Educs, 2004.

PROST, Antoine. As palavras. *In*: RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. 2. ed. São Paulo: Editora FGV, 2003. p. 295-330.

RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RESENDE, Maria Efigênia Lage de. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano - 1: o tempo do liberalismo oligárquico - da proclamação da república à revolução de 1930 - 1889-1930**. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022. p. 81-110.

SAES, Décio A. M.. Classe média e política no Brasil: 1930 - 1964. *In*: FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano - 3 Sociedade e Política (1930-1964)**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1991. Cap. 9. p. 448-506.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SERAFINI FILHO, Mansueto de Castro. **História das eleições municipais de Caxias do Sul**: dados estatísticos, comentários e depoimentos. Caxias do Sul: Educus, 2016.

SILVA, Vandrê Aparecido Teotônio da. **A Noite do Estado Novo**: um jornal a serviço da ditadura e vice-versa (1940-1946). 2018. 530 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SIMÕES, Renata Duarte; SIMÕES, Ricardo Duarte; SILVA, Ticiania Ribeiro da. Mulheres Integralistas: enfermeiras "blusas-verdes" a serviço da nação. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 140-149, jan. 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. **Estado e Partidos Políticos no Brasil (1930-1964)**. 2. ed. São Paulo: Alfa-Omega Ltda, s/d.

STARLING, Heloísa *in* CAFÉ DA MANHÃ: **Qual é a força da Democracia brasileira?** Entrevistada: Heloísa Starling. Spotify Studios, 11 set. 2023. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/1M3aq8wd5q1Zv8jPE5NxuV?si=ZZayyq-dScG7GbfgLNUMDg>. Acesso em: 26 set. 2023.

TRINDADE, Hélió. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes integralistas. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2016.

TRINDADE, Hélió. Integralismo: teoria e práxis nos anos 30. *In*: FAUSTO, Boris (org.). **História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil republicano - 3 sociedade e política (1930-1964)**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1991. Cap. 6. p. 298-335.

TRINDADE, Hégio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 1930. 2. ed. São Paulo: Difel, 1979.

TRINDADE, Hégio. Padrões e tendências do comportamento eleitoral no Rio Grande do Sul. In: LAMOUNIER, Bolívar; CARDOSO, Fernando Henrique (org.). **Os partidos e as eleições no Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. p. 153-204.

## Anexos

### 1 - Tabelas do Corpus documental

<b>Corpus Documental</b>		
	Número de Edições acessadas	Edições com editoriais
1948	9	6
1949	52	35
1950	71*	24
1951	54	52
1952	49	32
1953	54	52
1954	53	52

\*Importante notar que no ano de 1950 aconteceu a tentativa de circulação diária do impresso, por isso o aumento nas edições e a adaptação da metodologia para que fosse utilizada apenas as edições de sábado, com maior número de páginas e com editorial no espaço que identificamos e citamos nos demais períodos analisados.

<b>Corpus Documental</b>			
	<b>Data</b>	<b>Editorial</b>	<b>Citado diretamente na dissertação*</b>
<b>1948</b>	04/11/1948	Aos nossos leitores	S
	11/11/1948	Educação e personalidade	S
	18/11/1948	Triste Revelação	S
	02/12/1948	A Nossa Posição	S
	09/12/1948	Pelo Merito	N
	16/12/1948	Um ano de Governo	S
	24/12/1948	Licença inoportuna	S
	30/12/1948	Feliz Ano Novo...	N
<b>1949</b>	06/01/1949	Consequências	N
	13/01/1949	Deshumanização de um Serviço Público	N
	20/01/1949	Caxias Espera...	N
	27/01/1949	Transporte e progresso	N
	12/02/1949	Com os transportes urbanos	N
	19/02/1949	Conservatorio de Música	N

	26/02/1949	A Extinção do 9º BC	N
	05/03/1949	Fale o Povo	N
	12/03/1949	Em defeza do povo	S
	19/03/1949	Tolerância não quer dizer passividade	N
	26/03/1949	Ainda os Transportes Urbanos	N
	02/04/1949	Fatos e não Palavras	N
	09/04/1949	Significado da Eletrificação	S
	14/04/1949	Ainda com o Colegio a ser instalado	N
	14/04/1949	A Reunião dos Prefeitos	N
	23/04/1949	Apelo e advertência	N
	07/05/1949	E o jogo continua	N
	21/05/1949	O Declínio das Feiras Livres	S
	28/05/1949	As estradas municipais	S
	04/06/1949	Impostos municipais	N
	11/06/1949	O Exito de uma iniciativa	N
	18/06/1949	Imprensa licenciosa e imoral	N
	02/07/1949	Estradas Rurais	N
	30/07/1949	D. Vicente Scherer adverte os católicos	N
	20/08/1949	Reflexões	S
	27/08/1949	A semana da Pátria	N
	03/09/1949	O Fogo Simbolico	N
	10/09/1949	Pátria Imensa e Bela	N
	08/10/1949	O mercado livre municipal e o barateamento do custo da vida	N
	29/10/1949	O mercado livre municipal	N
	05/11/1949	Centenário do nascimento de Rui Barbosa	N
	12/11/1949	Proclamação da Republica	N

	19/11/1949	A bandeira brasileira	N
	03/12/1949	Ainda a energia elétrica	S
	10/12/1949	A dotação orçamentária e o interior do Município	N
<b>1950</b>	07/01/1950	Pedido de Licença do Sr. Prefeito	N
	21/01/1950	Ditadura, o clima ideal para o bolchevismo	S
	25/03/1950	Os forjadores da Festa da Uva de 1950	N
	13/05/1950	As estradas rurais e os inspet. de quarteirão	N
	24/06/1950	A responsabilidade do Censo de 1950	N
	01/07/1950	As quotas devidas pelo Estado ao Município	N
	15/07/1950	As estradas rurais e a Economia Municipal	N
	22/07/1950	A alternativa na presente crise mundial	S
	22/07/1950	O dever de votar	S
	09/09/1950	Mais iluminação	N
	23/09/1950	Passageiros em Caminhões de carga	N
	30/09/1950	Tiradas maçônicas	S
	07/10/1950	Candidatos eleitos	S
	14/10/1950	Semana da criança	N
	21/10/1950	Providencias indispensáveis	N
	21/10/1950	Consciência vigilante	S
	04/11/1950	Seguindo para a meta	N
	11/11/1950	Políticos de Mesa de Café	S
	18/11/1950	Coveiros de iniciativas	N
	25/11/1950	Fome de impostos	S
02/12/1950	Previdência social	S	

	09/12/1950	Mais escolas secundárias para Caxias do Sul	N
	16/12/1950	Escola de Economia Doméstica	N
	23/12/1950	Dissídio coletivo	N
	30/12/1950	Colaboração com o Plano Diretor	N
<b>1951</b>	06/01/1951	Mais uma Escola Isolada	N
	13/01/1951	Estradas rurais	N
	20/01/1951	A industria do imposto	N
	27/01/1951	Candidatos de conciliação	S
	03/02/1951	Fundação de bibliotecas rurais	N
	10/02/1951	Aumento da produção agricola	S
	17/02/1951	Caxias: Cidade estudantil	N
	24/02/1951	Moralização da Imprensa	N
	03/03/1951	Politica de Grupo economico	S
	10/03/1951	Oponham-se fatos ao comunismo	S
	24/03/1951	Que as chagas sejam expostas á luz para que seja possivel a cura	N
	31/03/1951	Danosa especulação em terrenos urbanos	S
	07/04/1951	Congresso Regional Rural	N
	14/04/1951	Não se regulamenta o crime	N
	21/04/1951	Lançamento do candidato unico	S
	28/04/1951	Diario do Pioneiro	S
	19/05/1951	Associativismo Rural	N
	02/06/1951	Lições do Congresso Rural	N
	09/06/1951	Os burgueses assassinaram a democracia	S

	16/06/1951	Espirito burguês	S
	23/06/1951	Cooperativismo	N
	30/06/1951	Rio Branco e a CEEE	N
	07/07/1951	Pleito Municipal	S
	14/07/1951	Elites Catolicas	S
	21/07/1951	Benemeritos educadores	N
	28/07/1951	Representantes do povo	S
	18/08/1951	Estudemos os problemas da Colonia	N
	25/08/1951	Candidatos a vereadores	N
	01/09/1951	Serviço social rural	N
	07/09/1951	Independencia nacional	N
	15/09/1951	Catolicos, votai em...	N
	22/09/1951	Para vereador, Mario Gardelin	S
	29/09/1951	Duas realidades economicas	S
	06/10/1951	Nos berços está o futuro do mundo	N
	13/10/1951	Seguros de produção agricola	N
	20/10/1951	Plano Nacional de adubação experimental de trigo	N
	27/10/1951	Cumpramos o dever do voto	S
	03/11/1951	Quatro anos de Jornalismo	S
	03/11/1951	Aspectos Eleitorais	N
	10/11/1951	Exame de Consciencia Ocidental	N
	01/12/1951	O sangue de novembro de 35 clama pela vigilancia total	N
	08/12/1951	Novos objetivos para uma humanidade nova	S
	15/12/1951	Batalhemos pelo Seguro Rural	N

	22/12/1951	Auxilio as vitimas do vale do Pó	N
	29/12/1951	Fim de ano	N
1952	05/01/1952	Colaboração com o Governo	N
	12/01/1952	Ambiente Cultural em Caxias	N
	19/01/1952	Turma de salvamento	N
	26/01/1952	Comissão Municipal de Preços	N
	02/02/1952	Depositos Bancarios	N
	16/02/1952	Agricultor, auxilia os bancos que os bancos te auxiliarão	N
	25/02/1952	Cel. Arcy da Rocha Nobrega	N
	01/03/1952	Incompleto	N
	08/03/1952	Abastecimento a Cidade	N
	15/03/1952	Os deposito da Caixa Economica	N
	22/03/1952	A noite que vem do Oriente	N
	29/03/1952	O Comunismo avança! Onde está a reação?	S
	05/04/1952	Serviço social de menores	N
	12/04/1952	A agressão ameaça o mundo	S
	19/04/1952	Uma solução que tarda	S
	26/04/1952	Nossos vinhos devem ser conhecidos	N
	10/05/1952	Incompleto	N
	05/07/1952	D. Benedito Zorzi	N
	19/07/1952	25 de Julho: dia do Imigrante	N
	16/08/1952	A infiltração comunista	S
	23/08/1952	Medidas contra a imoralidade	N
	30/08/1952	As universidades catolicas	N
06/09/1952	A pátria	N	

	13/09/1952	Nossa posição	N
	20/09/1952	Loteamentos	N
	27/09/1952	O custo da vida	S
	04/10/1952	Decomposição da sociedade	S
	11/10/1952	Vinte anos de ideias vivas	S
	01/11/1952	Quatro anos de labutas	S
	22/11/1952	Colégio noturno	N
	29/11/1952	Casa popular	N
	06/12/1952	Estradas - Rodovia Caxias-Canela	N
	13/12/1952	O futuro do comunismo	S
1953	02/01/1953	Impulso cada vez maior	N
	04/01/1953	Nosso Municipio	N
	10/01/1953	O destino do nosso trigo	N
	17/01/1953	Assistencia Social em Caxias do Sul	N
	17/01/1953	Democracia e finalidade nacional	S
	24/01/1953	A fiscalização do imposto de renda e o contribuinte	N
	31/01/1953	O Novo campo de aviação	N
	07/02/1953	Os herois da terra	N
	14/02/1953	Mendicancia o problema de hoje e de amanhã	N
	28/02/1953	Estradas para a Colonia	N
	07/03/1953	Preço da Uva: criterio que decepciona	N
	14/03/1953	Um caminho a percorrer	N
	21/03/1953	Marco Suplementar - a proxma festa da uva	N
	27/03/1953	Javé e o Bezerro de Ouro	S
	28/03/1953	Custo de vida - Precisamos de maior produção	N

	04/04/1953	Um simbolo - Janio Quadros	S
	10/04/1953	Imposto de renda	N
	18/04/1953	Situação Nacional - Os habitantes do nirvana preferem fumar o opio	S
	25/04/1953	S. Marcos: Municipio	N
	01/05/1953	O novo aeroporto municipal	N
	09/05/1953	Os juris e a pena de morte	N
	16/05/1953	Acumulam-se as tragédias	N
	23/05/1953	Quinze de maio	N
	30/05/1953	Inscrição de nomes da Cripta do Monumento - Os cavienses estarão ausentes?	N
	06/06/1953	A pequena propriedade não é conhecida no Brasil	N
	13/06/1953	Os vinhos gauchos dão azia e dor de cabeça	N
	20/06/1953	Será aumentado o preço da Farinha?	N
	18/07/1953	Reflorestamento 1?	N
	26/07/1953	Espirito Publico	N
	01/08/1953	Propaganda de Caxias do Sul	N
	08/08/1953	Policiamiento de Caxias	N
	15/08/1953	Não planteis a árvore, se não quereis que produza frutos	S
	22/08/1953	As Greves de Caxias	N
	29/08/1953	Intensifica-se o exodo rural	N
	05/09/1953	Sete de Setembro	S
	12/09/1953	O Povo alemão mostra-se á altura de seu destino	S

	19/09/1953	Município: Primo Pobre	S
	26/09/1953	Necessitamos impulsionar a construção do abrigo de menores São José	N
	03/10/1953	Semana da Criança	N
	10/10/1953	Mundo Novo	S
	07/11/1953	Sexto ano	S
	21/11/1953	Segura Agrícola	N
	28/11/1953	Bibliotecas Rurais	N
	05/12/1953	Ainda as anexações e emancipações	N
	12/12/1953	Preço do Trigo	N
	19/12/1953	A arma poderosa do voto	N
	25/12/1953	Este natal	N
<b>1954</b>	09/01/1954	Maior atenção ao Nordeste do estado	N
	16/01/1954	Aniversário de Administração	N
	23/01/1954	Sinaleira	N
	30/01/1954	IV Centenário de S. Paulo	N
	06/02/1954	Brasil: País recordista	S
	13/02/1954	Instabilidade total	S
	20/02/1954	Planos concretos para a nossa viticultura	N
	27/02/1954	Pagina Civica: Monumento ao Imigrante	N
	06/03/1954	Honra ao merito	N
	13/03/1954	Uma mensagem	S
	20/03/1954	Transporte urbano	N
	27/03/1954	Javé e o Bezerra de Ouro	S
	03/04/1954	Mentalidade Super-partidária	S
	10/04/1954	O genio e a nacionalidade	N
	17/04/1954	Excessos	S
	24/04/1954	A palavra do pontifice	S
	01/05/1954	Dia do trabalho	N

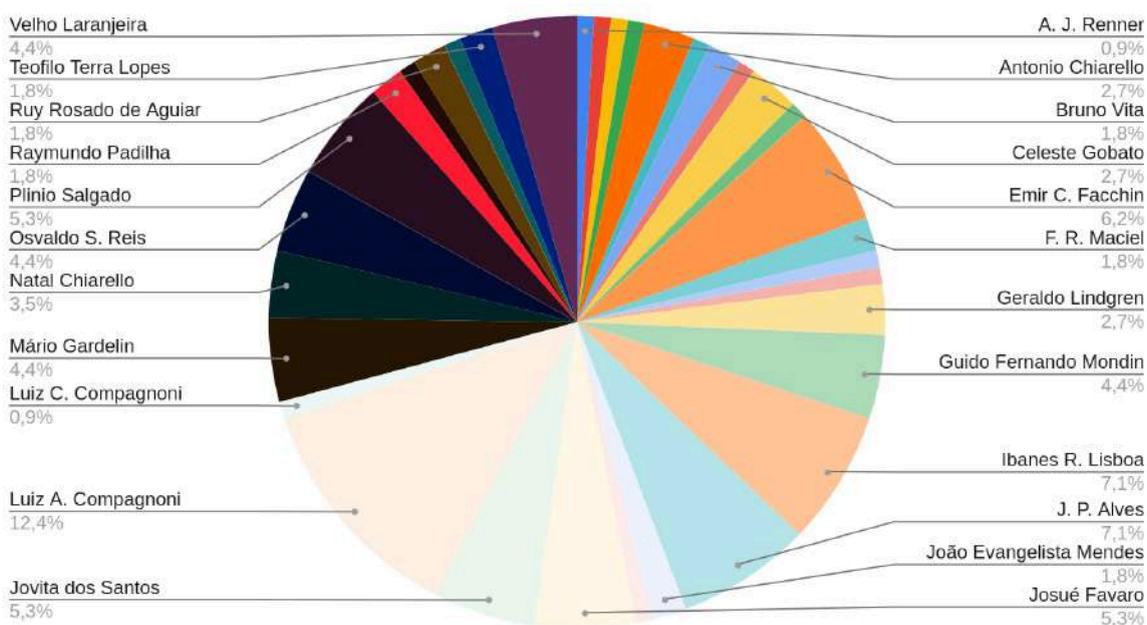
	08/05/1954	O dia das mães	N
	15/05/1954	Abstenção eleitoral	S
	22/05/1954	Uma meritoria campanha	N
	29/05/1954	Reporter Nestor Moreira	N
	05/06/1954	Contribuições aos institutos de Previdência Social	N
	12/06/1954	Indenizações agrícolas	N
	19/06/1954	Transportes; vitalidade econômica	N
	26/06/1954	O sentido de uma homenagem	N
	10/07/1954	Colegio Murialdo	N
	17/07/1954	Piedade para os velhos e pelas crianças	N
	24/07/1954	Comunicações rodoviárias	N
	31/07/1954	Campanha eleitoral decente	S
	14/08/1954	Goa, um simbolo	S
	21/08/1954	Estímulo à iniciativa privada	S
	04/09/1954	Pacificação dos espíritos neste sete de setembro	N
	11/09/1954	Participação nos lucros	S
	18/09/1954	Critérios do voto	S
	25/09/1954	Ainda não há programas para a nossa agricultura	N
	02/10/1954	O Rio Grande precisa do teu voto	S
	09/10/1954	Produção agrícolas	N
	16/10/1954	Em face ao novo governo	S
	23/10/1954	Mercancia de votos	S
	30/10/1954	Monopólio estatal de petróleo	N
	06/11/1954	Pioneiro	S
	13/11/1954	O Brasil está se devorando	N

	20/11/1954	A cultura e o progresso de Caxias do Sul	N
	27/11/1954	Integração das mocidades nos problemas nacionais	N
	04/12/1954	Deflação e crise	N
	11/12/1954	Austeridade	N
	18/12/1954	Gerações novas	S
	25/12/1954	Semana de 40 horas	S

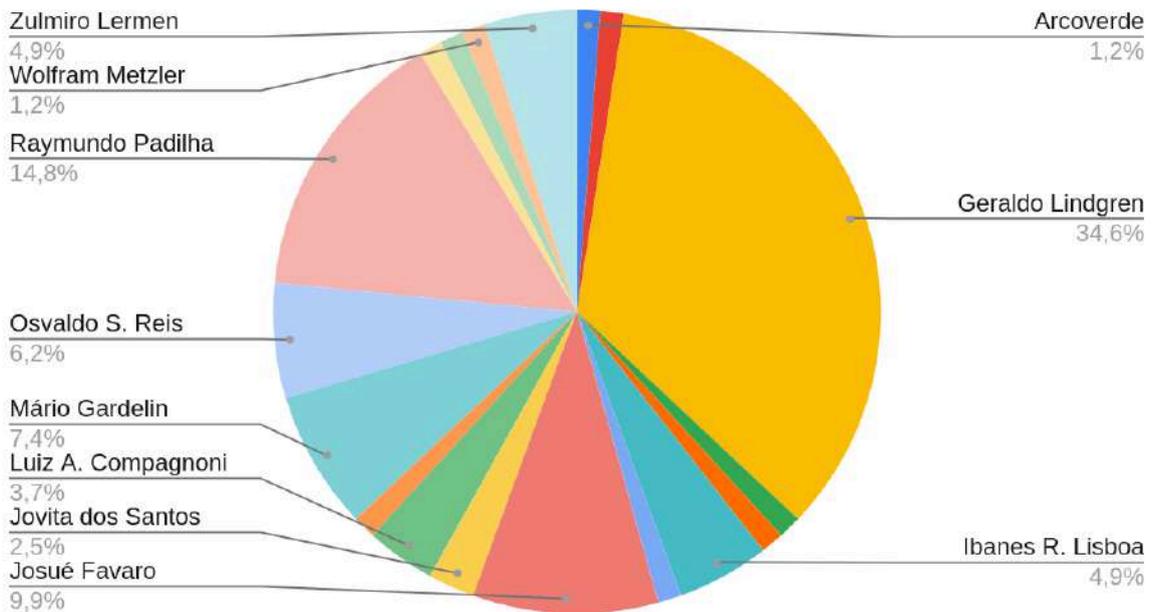
\* Localizamos como “S” os editoriais que foram utilizados diretamente na dissertação e com “N” os que, mesmo que compoem a pesquisa, não tenham sido utilizados diretamente na feitura. A tabela foi produzida pelo autor mantendo a grafia em que se encontravam nas fontes.

## 2 - Gráficos sobre a presença dos autores no Pioneiro.

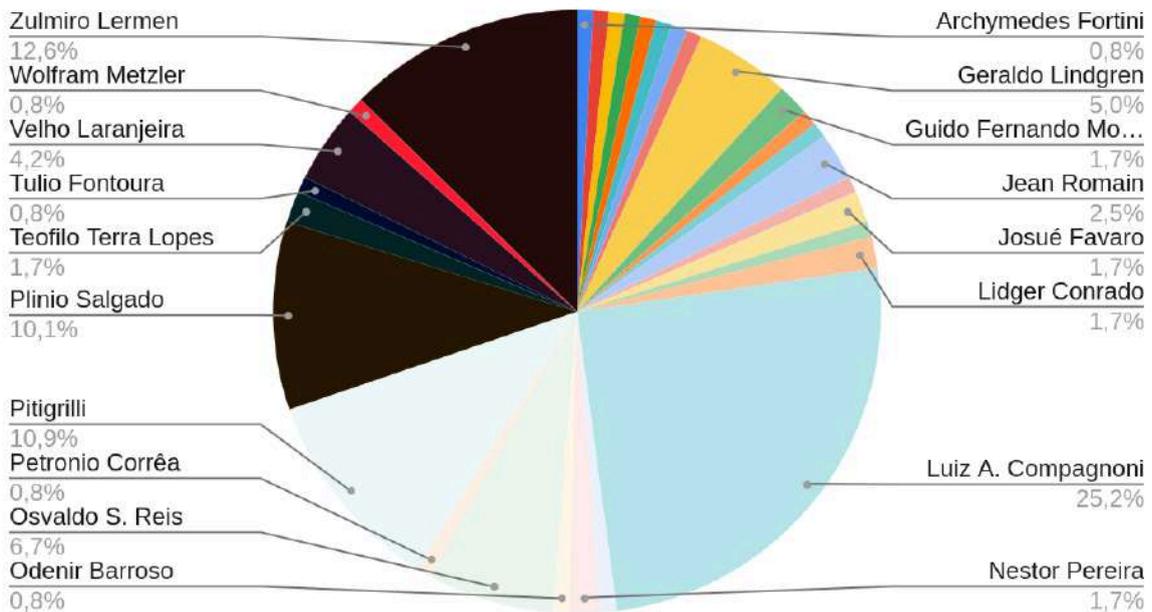
Publicações Ano 1 - Novembro de 1948 a Novembro de 1949



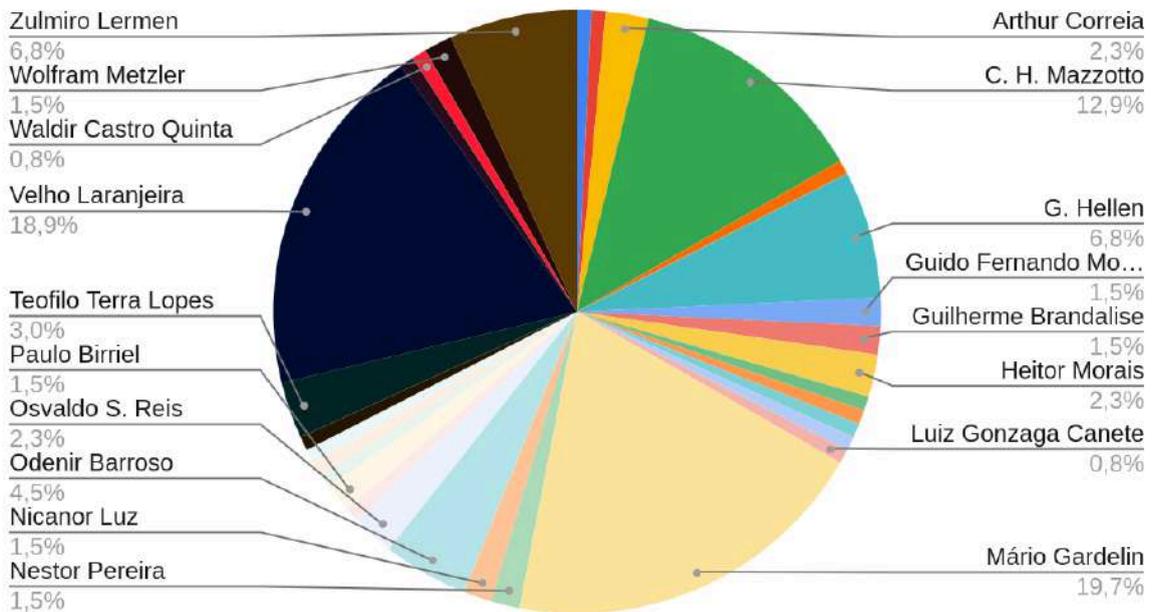
## Publicações Ano 2 - Novembro de 1949 a Novembro de 1950



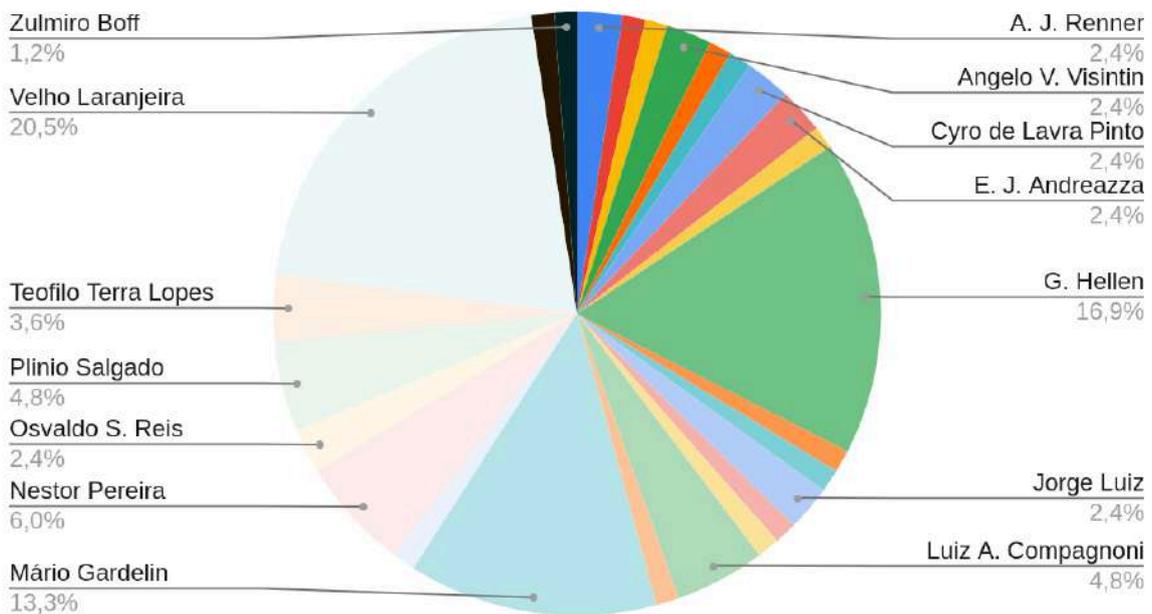
## Publicações Ano 3 - Novembro de 1950 a Novembro de 1951



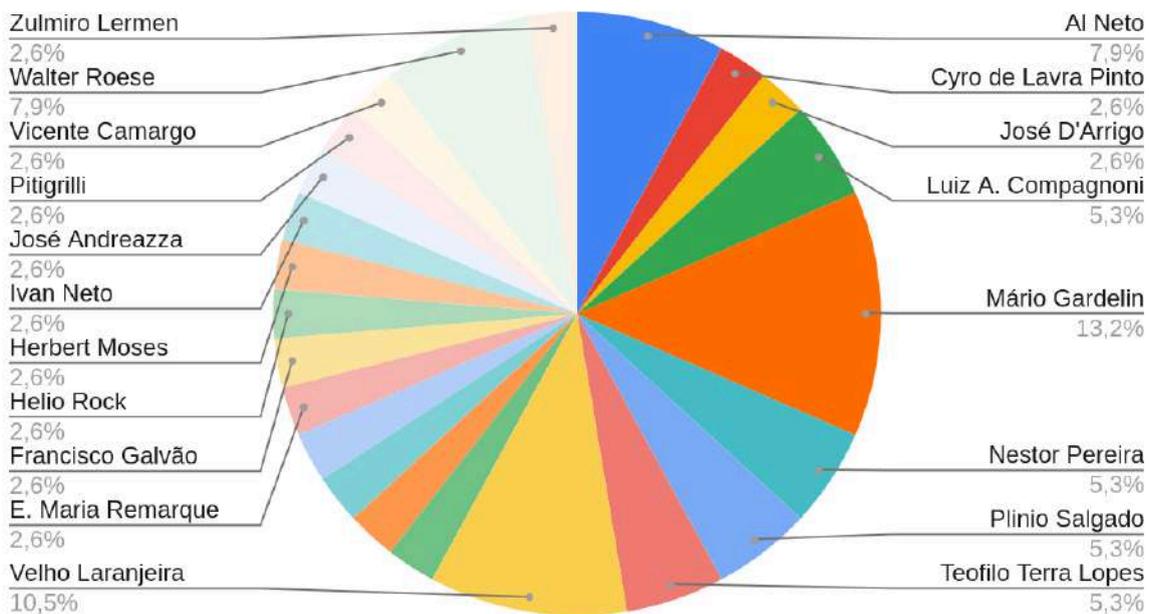
## Publicações Ano 4 - Novembro de 1951 a Novembro de 1952



## Publicações Ano 5 - Novembro de 1952 a Novembro de 1953



## Publicações Ano 6 - Novembro de 1953 a Novembro de 1954



**Fonte:** Todos os gráficos foram produzidos a partir de levantamento de dados pelo próprio autor.



1957	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho	Agosto	Setembr o	Outubr o	Novembr o	Dezembr o
<b>Diretor</b>	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi
<b>Vice-direto r</b>												
1958	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho	Agosto	Setembr o	Outubr o	Novembr o	Dezembr o
<b>Diretor</b>	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi	A. Rossi
<b>Vice-direto r</b>						J. B. Larre						

**Fonte:** Tabelas produzidas pelo autor a partir do impresso *O Pioneiro* durante os anos de 1948 a 1958 (PORTO, 2023).